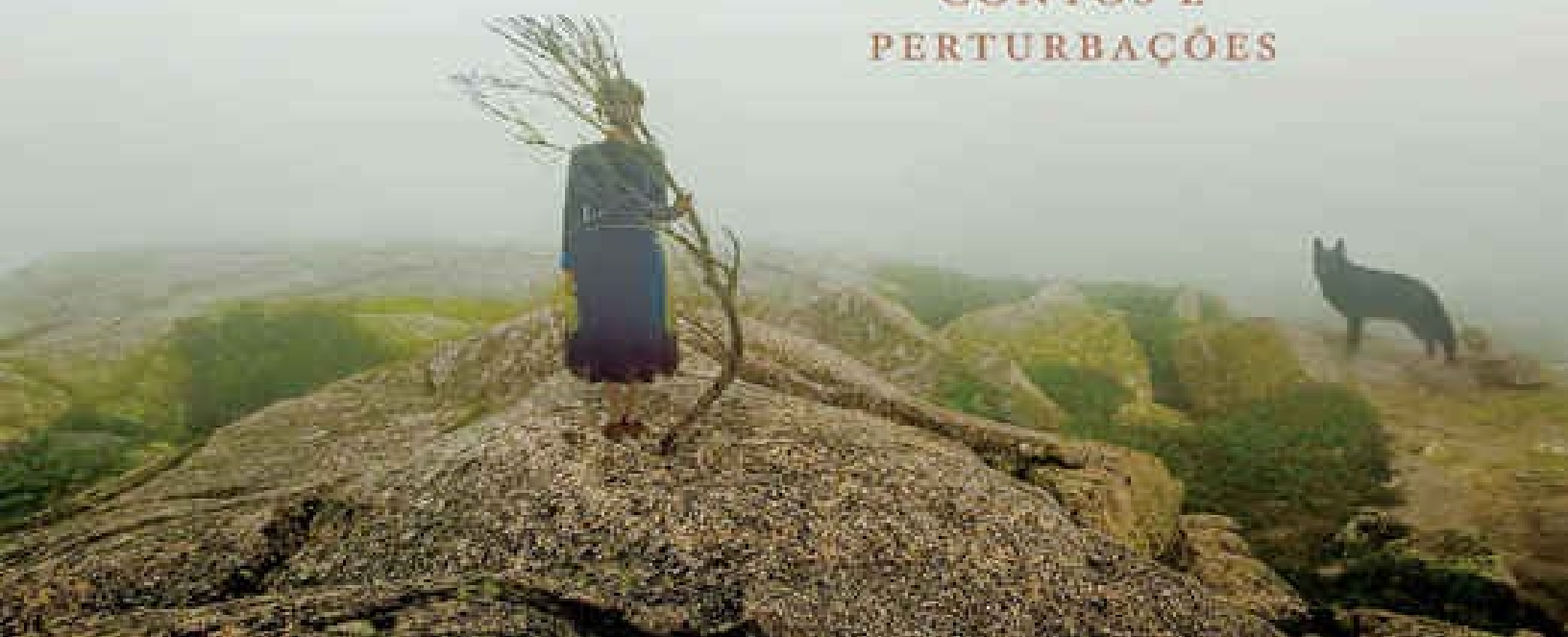
NEIL

GAIMAN

ALERTA DE RISCO

CONTOS E PERTURBAÇÕES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NEIL

GAIMAN

ALERTA DE RISCO

CONTOS E
PERTURBAÇÕES

TRADUÇÃO DE
AUGUSTO CALIL



intrínseca

Copyright © 2015 by Neil Gaiman

“Hora nenhuma” © 2013 by Neil Gaiman e BBC Worldwide Limited. Publicado originalmente na coletânea *Doctor Who: 11 Doctors, 11 Stories*, por Puffin. BBC, DOCTOR WHO (marca registrada, logomarca e produtos derivados), TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (marca registrada, logomarca e produtos derivados) são marcas registradas da British Broadcasting Corporation e seu uso foi autorizado. Logomarca da BBC © BBC, 1996. Logomarca do *Doctor Who* © BBC, 2012. Autorizado por BBC Worldwide.
Todos os direitos reservados.
Os créditos de cada conto já publicado estão listados aqui.

TÍTULO ORIGINAL
Trigger Warning: Short Fictions and Disturbances

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Juliana Werneck
Rayssa Galvão

ARTE DE CAPA
Adam Johnson

IMAGENS DE CAPA E MIOLO
Paisagem © Jennie Ross/Gallery Stock; Mulher © Bodil Frendberg/Millennium Images, UK; Pássaros/Cachorro © Ealisa/ANP/Shutterstock; Árvore com pássaros (miolo) © Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0031-1

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Não sei ao certo como foi que acabei trabalhando com um honorável agente literário de Hollywood que lê livros por prazer, mas foi o que aconteceu, dezoito anos atrás. Ele ainda é meu agente, ainda é honorável e ainda acha que contos são o melhor tipo de história. Este livro é para Jon Levin.

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Introdução
Fazendo uma cadeira
Um labirinto lunar
Detalhes de Cassandra
Às profundezas de um mar sem sol
A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras
Minha última senhoria
História de aventura
Laranja
Um calendário de contos
Caso de morte e mel
O homem que esqueceu Ray Bradbury
Jerusalém
Xique-xique Chocalhos
Invocação da indiferença
“E vou chorar, como Alexandre”
Hora nenhuma
Diamantes e pérolas: um conto de fadas
A volta do magro Duque branco
Terminações femininas
Respeitando as formalidades
A Bela e a Adormecida

Obra de bruxa
Em *Relig Odhráin*
Cão negro
Créditos
Sobre o autor
Conheça outros títulos do autor

Introdução

I. Pequenos gatilhos

CERTAS COISAS NOS incomodam. Mas não é bem a essas que vou me referir aqui. Na verdade, tenho em mente aquelas imagens, palavras ou ideias que se abrem como alçapões sob nossos pés, nos arrancando do nosso mundo calmo e confortável para nos lançar em um mundo sombrio e nada acolhedor. O coração dá um salto vertiginoso no peito, a respiração fica difícil. O sangue foge do rosto e das mãos, nos deixando pálidos e ofegantes, em choque.

E o que aprendemos sobre nós mesmos nesses momentos em que o gatilho é apertado é que o passado não morre. Certas coisas ficam à espreita, esperando pacientemente por nós, em passagens sombrias da nossa vida. Acreditamos que ficaram para trás, que as ultrapassamos, que lá vão ressecar e encolher e serão levadas pelo vento — mas estamos enganados. Elas permaneceram lá na escuridão, à espera, se exercitando, praticando seus golpes mais potentes, o soco impetuoso, duro e insensível no estômago, só aguardando o momento em que voltaríamos por aquele caminho.

Os monstros que habitam nossos armários e nossa cabeça jamais deixam a escuridão, como o mofo que cresce sob a tábua corrida e atrás do papel de parede. E há tanta escuridão… remessas incessantes de escuridão. O universo e seu vasto estoque de sombras.

Do que precisamos ser alertados? Todos temos nossos pequenos gatilhos.

A primeira vez que vi a expressão “alerta de risco” foi na internet [derivada do inglês *trigger warning*], onde é usada geralmente quando há links para imagens ou ideias que podem ser perturbadoras e desencadear lembranças traumáticas, ansiedade ou pânico. A intenção é que as pessoas identifiquem essas imagens e ideias em meio a outros conteúdos e possam evitá-las ou se preparar

mentalmente para se deparar com tais gatilhos.

Fiquei fascinado quando soube que os alertas de risco tinham cruzado a fronteira que separa a internet do mundo tangível. Muitas universidades estavam considerando incluir alertas de risco em livros, obras de arte e filmes, para precaver os estudantes contra o que os esperava. A ideia me pareceu ao mesmo tempo atraente (é claro que desejamos informar pessoas suscetíveis de que algo pode vir a perturbá-las) e preocupante: *Sandman* foi publicado originalmente como um quadrinho mensal, que sempre trazia um aviso ao mundo dizendo que era *conteúdo adulto*, e isso me parecia adequado. Era um recado para os leitores em potencial, informando que aquilo não se tratava de um quadrinho infantil e que continha imagens ou ideias possivelmente perturbadoras e sugerindo que o leitor adulto (seja lá quem se encaixe nessa categoria) lidaria sozinho com as consequências. Quanto ao que haveria ali de perturbador, chocante ou capaz de suscitar pensamentos incomuns, eu achava que avaliar isso era responsabilidade do leitor. Se somos adultos, cabe a nós decidir o que queremos ler ou não.

Na minha opinião, o que escolhemos ler quando adultos deveria vir sem nenhum alerta, ou, no máximo, com um "prossiga por sua própria conta e risco". Precisamos descobrir o que é a ficção, encontrar o significado de uma experiência que será diferente da experiência de qualquer outra pessoa.

Construímos as histórias na nossa mente. Pegamos palavras e lhes conferimos poder, e nos colocamos atrás de outros olhos, enxergando e vivenciando o que os outros veem. Eu me pergunto: *A ficção é um lugar seguro?* E, em seguida: *Deveria ser?* Quando criança, li algumas histórias que, depois de terminar, lamentei tê-las encontrado, pois não estava pronto e elas me deixaram transtornado: histórias que continham desamparo extremo, ou que mostravam pessoas sendo constrangidas ou mutiladas, em que adultos eram retratados como vulneráveis e pais em nada podiam ajudar. Essas histórias me perturbaram e assombraram meus sonhos — os noturnos e os diurnos —, provocando em mim preocupação e incômodo em níveis profundos, mas também me ensinaram que, ao ler ficção, eu só descobriria os limites da minha zona de conforto se saísse dela. Hoje, já adulto, eu não optaria por não as ter lido, nem se pudesse.

Ainda há coisas que me perturbam profundamente quando encontro essas histórias, seja na internet, no texto ou no mundo. Nunca se tornam mais fáceis, nunca deixam de fazer meu coração bater mais forte, nunca me permitem

escapar ileso. No entanto, elas me ensinam, abrem meus olhos e, se me machucam, o fazem de maneira que me leva a pensar, crescer e mudar.

Ao ler a respeito daqueles debates universitários, me perguntei se um dia minhas obras de ficção viriam acompanhadas de um alerta de risco. Será que haveria justificativa para tanto? Então, decidi colocá-lo antes que alguém o fizesse.

Este livro, assim como a vida, contém elementos capazes de perturbá-lo. Aqui você vai encontrar morte e dor, lágrimas e desconforto, violência de todos os tipos, crueldade e até abuso. Há também gentileza de vez em quando, espero. Até um punhado de finais felizes. (Afinal, poucas histórias terminam mal para todos os participantes.) E mais: conheço uma mulher chamada Rocky que tem forte sensibilidade a tentáculos e realmente precisa de alertas para coisas que contenham tentáculos, especialmente tentáculos com ventosas, e que, se encontrar um pedaço inesperado de lula ou polvo, vai se esconder atrás do sofá mais próximo, tremendo. Há um tentáculo imenso em algum lugar nestas páginas.

Muitas das histórias terminam mal para pelo menos um dos envolvidos. Considere-se alertado.

II. Procedimentos de segurança para o voo

ÀS VEZES, IMENSAS verdades são proferidas em contextos inusitados. Eu viajo demais de avião — uma ideia e uma frase que eu seria incapaz de compreender na juventude, quando cada voo era um evento empolgante e milagroso, quando eu olhava pela janela e imaginava que as nuvens eram uma cidade ou um mundo, algum lugar onde eu pudesse caminhar tranquilamente. Mas mesmo hoje, no início de cada voo, me vejo meditando e ponderando sobre os conselhos oferecidos pela tripulação como se fossem um *koan*, uma pequena parábola ou o ápice de toda a sabedoria humana.

Os comissários de bordo dizem:

Coloque sua máscara antes de ajudar os outros.

E penso em nós, todo mundo, e nas máscaras que usamos, as máscaras atrás

das quais nos escondemos e aquelas que revelamos. Imagino as pessoas fingindo ser o que não são e descobrindo que os outros são muito mais e muito menos do que o papel que representam e do que a imaginação permite conceber. Então penso na necessidade de ajudar os outros, em como nos mascaramos para fazer isso e em como nos tornamos vulneráveis se tiramos a máscara…

Estamos todos usando máscaras. É isso que nos torna interessantes.

Estas histórias tratam dessas máscaras e dos indivíduos que vivem sob elas.

Nós, escritores, que vivemos da ficção, somos um *continuum* daquilo que vimos e ouvimos e, ainda mais importante, de tudo o que lemos.

Tenho amigos que esbravejam, rosnam e explodem de frustração porque as pessoas não conhecem as referências, não sabem o que está sendo indicado, esqueceram autores, histórias e mundos. Tendo a observar isso de uma perspectiva diferente: também já fui uma folha em branco, esperando pela escrita. Foram as histórias que me ensinaram sobre as coisas e pessoas, e foram as histórias que me apresentaram outros autores.

Muitos dos contos deste livro — talvez a maioria — fazem parte desse mesmo *continuum*. Existem porque outros autores, outras vozes, outras mentes existiram. Espero que você não se importe se, nesta introdução, eu aproveitar a oportunidade para indicar alguns dos autores e lugares sem os quais estas histórias talvez jamais vissem a luz do dia.

III. Pura sorte

ESTA É MINHA terceira coletânea de contos, e sei como tenho sorte por isso.

Cresci adorando e respeitando os contos. Eu os via como as mais puras e mais perfeitas criações possíveis: nos melhores, nenhuma palavra era desperdiçada. Um autor fazia um gesto com a mão e subitamente surgia um mundo, pessoas, ideias. Um início, um meio e um fim que nos levavam aos confins do universo e nos traziam de volta. Eu adorava todos os tipos de coletâneas de contos, desde as histórias de fantasmas e terror que eu lia quando menino até as autorais, que reformulariam tudo dentro da minha cabeça.

Minhas coletâneas favoritas não me davam apenas os contos, também me

contavam coisas a respeito das histórias ali contidas e da própria arte da escrita. Eu respeitava os autores que não escreviam introduções, mas não conseguia amá-los — não como amava os autores que me faziam entender que cada um dos contos da antologia fora escrito e de fato inventado palavra por palavra, registrado por um ser humano que pensava, respirava, andava e, provavelmente, cantarolava no banho, como eu.

Dizem no mercado editorial que as coletâneas de contos não vendem bem. Geralmente são vistas como projetos vaidosos e publicadas por editoras menores, não recebem o mesmo tratamento que os romances. Para mim, no entanto, os contos são os espaços em que posso alçar voo, experimentar, brincar. Tenho a oportunidade de cometer erros e embarcar em pequenas aventuras, e o processo de reunir uma coletânea como esta é ao mesmo tempo assustador e esclarecedor: quando reúno histórias, temas se mostram recorrentes, ganhando novos contornos e mais clareza. Descubro qual foi o tema dos textos que escrevi na década anterior.

IV. Pedido geral de desculpas

ACREDITO FIRMEMENTE QUE as coletâneas de contos devem trabalhar a mesma matéria do início ao fim. Não devem, de modo desordenado e aleatório, reunir histórias que obviamente não foram criadas para estar entre as mesmas capa e quarta capa. Em resumo, não devem ser histórias de terror e fantasmas, ficção científica e contos de fadas, fábulas e poesia, tudo no mesmo lugar. Devem ser respeitáveis.

Esta coletânea não passa nesse teste.

Por isso e por tantos outros motivos, solicito sua complacência e seu perdão, e espero apenas que em algum lugar destas páginas você encontre uma história que talvez jamais chegasse a ler de outra forma. Veja. Eis uma bem pequena, esperando por você agora mesmo:

Sombreador

ALGUMAS CRIATURAS CAÇAM. Outras colhem frutos das árvores. Um Sombreador não: ele espreita. É verdade que de vez em quando eles também se escondem. Mas, em geral, apenas espreitam.

Um Sombreador não faz teias. O mundo é sua teia. Um Sombreador não cava tocas. Se você está aqui, é porque já caiu em sua armadilha.

Alguns animais perseguem você, correm velozes como o vento, incansáveis, até fincar as garras em sua carne e arrastá-lo para as profundezas. Um Sombreador não persegue. Eles simplesmente vão até o lugar onde você estará quando a perseguição chegar ao fim e ali montam vigília, em algum lugar escuro e indeterminado. Eles encontram o lugar derradeiro e esperam pelo tempo que for necessário, até aquele se tornar o último lugar para onde você olha, e então você o vê.

É impossível se esconder de um Sombreador. Eles estavam ali primeiro. É impossível correr de um Sombreador. Ele nos espera no fim da nossa jornada. É impossível lutar contra um Sombreador, pois eles são pacientes e se demoram até o último dos dias, o dia em que o espírito de combate já não está mais com você, o dia em que cansou de lutar, o dia em que o último golpe foi desferido, a última facada foi dada, a última palavra cruel foi dita. Então, e só então, um Sombreador sai de seu esconderijo.

Eles não comem nada que não esteja pronto para ser devorado. Olhe para trás agora.

V. Do conteúdo deste livro

BEM-VINDO A ESTAS páginas. A partir daqui você pode ler a respeito dos contos que vai encontrar neste livro ou pode pular esta parte, ler as histórias e só então voltar para ver o que tenho a dizer sobre elas. Por mim, tanto faz.

Fazendo uma cadeira

HÁ DIAS EM que as palavras não vêm. Quando isso acontece, normalmente tento

revisar algo que já existe. Naquele dia, fiz uma cadeira.

Um labirinto lunar

CONHECI GENE WOLFE há mais de três décadas, quando eu era um jornalista de vinte e dois anos e o entrevistei a respeito de seu romance em quatro partes, *The Book of the New Sun*. No decorrer dos cinco anos seguintes, nos tornamos amigos, e continuamos amigos desde então. Ele é um bom homem e um ótimo escritor, profundo, sempre complicado, sempre sábio. Seu terceiro romance, *Peace*, escrito quando eu era praticamente um menino, é um dos meus preferidos. Seu romance mais recente, *The Land Across*, foi o que li com mais prazer em 2014, tão desnorteador e perigoso quanto suas outras obras.

Um dos melhores contos de Gene, "A Solar Labyrinth", trata de um labirinto feito de sombras, e é mais sombrio do que sua superfície permite ver.

Escrevi essa história para Gene. Se existem labirintos solares, deve haver também labirintos lunares, assim como um autor como Wolfe para uivar para a lua.

Detalhes de Cassandra

QUANDO EU TINHA cerca de catorze anos, era muito mais fácil imaginar uma namorada do que ter uma de verdade — afinal, para isso eu teria que falar com uma menina. Então, decidi escrever o nome de uma garota na capa dos meus cadernos e negar tudo quando me perguntassem quem era. Imaginei, ingenuamente, que assim todos pensariam que eu tinha mesmo uma namorada. Acho que não funcionou. Jamais cheguei a criar outros atributos dela além do nome.

Escrevi esse conto em agosto de 2009, na Ilha de Skye, enquanto minha então namorada, Amanda, dormia para tentar se recuperar de uma gripe. Quando ela acordava, eu lhe levava sopa e bebidas com mel e lia para ela o que escrevera. Não sei ao certo de quanto Amanda se lembra.

Dei essa história a Gardner Dozois e George R. R. Martin para a antologia *Songs of Love and Death* e fiquei extremamente aliviado quando eles demonstraram ter gostado.

Às profundezas de um mar sem sol

O JORNAL *The Guardian* estava celebrando o Dia Mundial da Água com uma semana de reportagens sobre o tema. Eu estava em Austin, Texas, durante o festival South by Southwest, gravando os audiolivros de *O oceano no fim do caminho* e minha primeira coletânea de contos, *Fumaça e espelhos*.

Estava pensando no Grand Guignol, em monólogos de partir o coração proferidos por artistas solitários diante de um público atento, e lembrando algumas das histórias mais dolorosas de *The Newgate Calendar*. E em Londres, na chuva, muito longe do Texas.

A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

HÁ HISTÓRIAS QUE construímos e há histórias que montamos, e há, ainda, as histórias que arrancamos da pedra, removendo tudo que não faz parte dela.

Eu queria organizar uma antologia de histórias que formassem leituras excelentes, talvez com um quê de fantasia ou ficção científica, mas que, acima de tudo, mantivessem as pessoas com os olhos grudados nas páginas. Al Sarrantonio foi meu coeditor no projeto, e o batizamos de *Stories* — que talvez tivesse sido um bom título antes do advento do Google. Organizar o livro não era o bastante; eu precisava escrever um conto exclusivo.

Visitei muitos lugares peculiares no mundo, lugares capazes de agarrar com força sua consciência e sua alma sem deixá-las escapar. Alguns desses lugares são exóticos, outros são comuns. O mais estranho de todos, ao menos para mim, é a Ilha de Skye, na costa oeste da Escócia. E sei que não sou o único. Há pessoas que descobrem Skye e não a deixam mais, e, mesmo para aqueles que vão embora, como eu, a brumosa ilha se aferra a nós e nos assombra à sua

maneira. É o lugar onde fico mais feliz e onde estou mais sozinho.

Otta F. Swire escreveu livros a respeito das ilhas Hébridas, Skye em particular, e os encheu com conhecimentos estranhos e arcanos. (Sabia que três de maio é o dia em que o diabo foi expulso do paraíso e que, por isso, é imperdoável cometer crimes nessa data? Aprendi isso no livro dela sobre os mitos das Hébridas.) E, em outro de seus livros, a autora mencionava a caverna nas montanhas Black Cuillins onde os corajosos poderiam buscar ouro, sem nenhum custo, mas cada visita à caverna os tornaria mais malignos, devorando sua alma.

Aquela caverna e sua promessa começaram a me assombrar.

Reuni várias histórias verídicas (ou ao menos que as pessoas alegam ser verídicas, o que dá quase no mesmo), entreguei-as a dois personagens, coloquei-os num mundo que era quase o nosso mas não exatamente e contei uma história sobre vingança e sobre viagem, sobre cobiça por ouro e sobre segredos. Essa história ganhou o prêmio Shirley Jackson de melhor romance curto (*Stories* ganhou como melhor antologia) e o Locus, de melhor romance curto. Fiquei muito orgulhoso dela.

Antes da publicação, eu ia me apresentar no palco da Sydney Opera House, e perguntaram se eu poderia fazer algo com o quarteto de cordas australiano FourPlay (eles são o que há de mais rock’n’roll entre os quartetos de cordas, um grupo incrível e versátil cultuado pelos fãs): talvez algo envolvendo arte que pudesse ser projetada no palco.

Pensei em *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras*: seriam necessários cerca de setenta minutos para ela ser lida por completo. Imaginei o que aconteceria se um quarteto de cordas criasse uma trilha sonora gloriosa e sombria para tocar enquanto eu a narrava, como se fosse um filme. E se o artista escocês Eddie Campbell — que desenhou *Do inferno*, de Alan Moore, e que escreveu e ilustrou *Alec*, minha obra em quadrinhos preferida — criasse peças que representassem visualmente aquela minha história tão escocesa e as projetasse acima de mim enquanto eu a lia?

Tive medo de subir no palco da Sydney Opera House, mas a experiência foi incrível: a história foi aplaudida de pé, e demos sequência ao evento com uma entrevista (Eddie Campbell foi o entrevistador) e um poema, também com o FourPlay.

Seis meses depois, repetimos a apresentação com mais pinturas de Eddie, em Hobart, Tasmânia, diante de três mil pessoas, sob a imensa tenda de um festival. Mais uma vez, o público adorou.

Tínhamos então um problema. As únicas pessoas que assistiram às nossas apresentações estavam na Austrália. Isso me parecia injusto. Precisávamos de um pretexto para viajar, levar o quarteto FourPlay para rodar o mundo (são músicos brilhantes e conhecedores da cultura pop: me apaixonei pela versão deles do tema de *Doctor Who* antes mesmo de conhecê-los). Felizmente, Eddie Campbell tinha pegado suas pinturas e muitas outras que fizera desde então e as combinado com o texto de uma maneira que o resultado ficou entre uma história ilustrada e uma graphic novel. A HarperCollins a publicaria nos Estados Unidos e a Headline Publishing, na Grã-Bretanha.

Partimos em turnê — o FourPlay, Eddie e eu. Visitamos São Francisco, Nova York, Londres e Edimburgo. Fomos aplaudidos de pé no Carnegie Hall, e não há sensação muito melhor do que essa.

Ainda me pergunto até que ponto eu escrevi essa história e até que ponto ela estava simplesmente esperando por mim, como as rochas cinzentas que jazem feito ossos nas colinas baixas de Skye.

Minha última senhoria

ESSE CONTO FOI escrito para uma publicação da World Horror Convention, que naquele ano foi realizada em Brighton. Hoje em dia, Brighton é uma metrópole costeira agitada, artística, positiva e animadora, mas quando eu era menino e íamos lá fora de temporada, o lugar era deprimente, frio e homicida.

Obviamente, essa história se passa na Brighton já desaparecida, não na atual. Hoje em dia não há por que ter medo de se hospedar em uma pousada na cidade.

História de aventura

IRA GLASS ME pediu para escrever uma história para o programa de rádio *This*

American Life. Ele gostou, mas os produtores, não, e por isso escrevi a eles um artigo a respeito de como “as aventuras têm seu lugar e estão muito bem nele, mas há muito a ser dito a respeito das refeições em horários regulares e uma vida resguardada de sofrimento”. A história acabou publicada na *McSweeney’s Quarterly*.

Naquela época, eu andava pensando muito na morte e em como as pessoas levam consigo suas histórias quando morrem. Esse conto é uma espécie de companheiro do meu romance *O oceano no fim do caminho*, acho, ao menos nesse aspecto.

Laranja

JONATHAN STRAHAN É um bom homem e um ótimo editor. Mora em Perth, na Austrália Ocidental. Tenho o péssimo hábito de partir seu coração escrevendo algo para uma antologia organizada por ele e, em seguida, pegando o texto de volta. Sempre tento compensar escrevendo outra coisa. Essa história é uma dessas outras coisas.

A forma como se conta uma história é tão importante quanto o simples ato de contá-la, embora as formas das narrativas costumem ser mais sutis do que a escolhida para esse conto. Eu tinha uma história na cabeça, mas foi apenas quando pensei na estrutura de um questionário que tudo se encaixou. Escrevi nos aeroportos e no avião a caminho da Austrália, onde participaria do Sidney Writer’s Festival, e, cerca de um dia depois de chegar, eu a li para um público de muitas pessoas e para minha pálida e assustada afilhada, Hayley Campbell, cujas queixas por causa das manchas alaranjadas na geladeira podem ter servido de inspiração para esse conto.

Um calendário de contos

ESSA FOI UMA das coisas mais estranhas e gratificantes que fiz nos últimos anos.

Quando eu era jovem, lia com deleite os contos de Harlan Ellison. Adorava

suas histórias na mesma medida que adorava seus relatos de como tinham sido escritas. Aprendi muito com ele, mas o que provocou o maior impacto em mim em suas introduções foi justamente a ideia de que escrever histórias era botar a mão na massa. Comparecer ao trabalho e cumprir sua função.

Isso nunca me pareceu mais óbvio do que quando Harlan explicava que havia escrito tal e tal contos sentado na vitrine de uma livraria, ou enquanto falava ao vivo no rádio, ou em situação semelhante; que as pessoas tinham sugerido títulos e palavras. Ele estava mostrando ao mundo que literatura é um ofício, não magia. Em algum lugar, alguém estava sentado escrevendo. Adorei a ideia de tentar produzir algo estando na vitrine de uma loja.

Porém, pensei, o mundo mudou. Hoje em dia, é possível ter uma vitrine que permita que centenas de pessoas encostem o rosto no vidro e assistam enquanto você trabalha.

A BlackBerry me consultou para saber se eu estaria disposto a fazer um projeto de mídia social, qualquer coisa que eu quisesse, e me pareceu bastante satisfeita quando indiquei que gostaria de escrever “Um calendário de contos”, cada história partindo de respostas a uma mensagem no Twitter a respeito dos meses do ano — perguntas como “Por que janeiro é perigoso?”, “Qual foi a coisa mais estranha que você já viu em julho?” (alguém chamado @mendozacarla respondeu “Um iglu feito de livros”, e eu soube qual seria minha história), “Quem você gostaria de rever em dezembro?”.

Fiz as perguntas, recebi dezenas de milhares de respostas e escolhi doze.

Escrevi as doze histórias (março foi o primeiro; dezembro, o último) e convidei as pessoas a criar sua própria forma de arte com base no que eu havia escrito. Cinco curtas-metragens foram feitos sobre o processo, e tudo foi mostrado em blogs e mensagens do Twitter e posto no mundo de graça, na internet. Foi uma alegria criar histórias em público. Harlan Ellison não é muito fã de Twitter e afins, mas lhe telefonei quando o projeto terminou, disse que tinha sido culpa dele e que esperava que aquilo inspirasse alguém tanto quanto seus contos de vitrine de livraria me haviam inspirado.

(Minha mais sincera gratidão a @zyblonius, @TheAstralGypsy, @MorgueHumor, @_NikkiLS_, @StarlingV, @DKSakar, @mendozacarla, @gabiottasnest, @TheGhostRegion, @elainelowe, @MeiLinMiranda e @Geminitm, por seus tweets inspiradores.)

Caso de morte e mel

DESCOBRI AS HISTÓRIAS de Sherlock Holmes quando era menino e me apaixonei por elas. Nunca esqueci Holmes nem o formidável dr. Watson, cronista de seu trabalho de detetive, nem Mycroft Holmes, irmão de Sherlock, nem Arthur Conan Doyle, a mente por trás de tudo. Eu adorava o racionalismo, a ideia de uma pessoa inteligente e observadora ser capaz de partir de uma série de pistas e com elas construir um mundo. Adorava desvendar quem eram aquelas pessoas, uma história de cada vez.

Holmes dava cor a tudo. Quando comecei a criar abelhas, sempre tive a consciência de estar apenas seguindo os passos do grande detetive. Mas eu me perguntava por que ele tinha começado na apicultura. Afinal, entre os hobbies para aposentados, esse não é o que mais ocupa o tempo. E Sherlock Holmes nunca ficava feliz se não estivesse trabalhando em um caso: indolência e inatividade eram a morte para ele.

Conheci Les Klinger na primeira reunião dos Baker Street Irregulars à qual compareci, em 2002. Gostei muito dele. (Gostei de todos: homens e mulheres que, quando não se ocupavam de ser eminentes juristas, jornalistas, cirurgiões e perdulários, tinham escolhido acreditar que em algum lugar era sempre 1889 no número 221b da Baker Street e que a sra. Hudson logo subiria com o chá, levando algum cliente importante).

Essa história foi escrita para Les e para a coletânea de Laurie King *A Study in Sherlock*. Foi inspirada em uma jarra de mel branco como a neve que me foi oferecida perto de uma montanha na China.

Foi escrita no decorrer de uma semana, em um quarto de hotel, enquanto minha esposa, minha filha mais nova e uma amiga dela estavam na praia.

“Caso de morte e mel” foi indicado para os prêmios Anthony, Edgard e para o Silver Dagger da Crime Writers’ Association. O fato de não ter ganhado nenhum deles não me fez menos feliz: eu nunca tinha sido indicado para um prêmio na categoria policial, e isso dificilmente voltará a acontecer.

O homem que esqueceu Ray Bradbury

ESQUECI MEU AMIGO. Ou melhor, eu me lembrava de tudo sobre ele, exceto o nome. Ele morrera havia mais de uma década. Eu me lembrava de nossas conversas ao telefone, nosso tempo juntos, sua maneira de falar e gesticular, os livros que escrevera. Decidi que não iria à internet pesquisar. Simplesmente lembraria. Caminhei tentando rememorar seu nome e comecei a me sentir assombrado pela ideia de que seria como se ele jamais tivesse existido caso eu não conseguisse lembrar. Bobagem, eu sabia, mas ainda assim…

Escrevi "O homem que esqueceu Ray Bradbury" como um presente de nonagésimo aniversário para Ray Bradbury e como um modo de comentar o impacto que ele teve sobre mim — não só quando eu era menino, mas quando adulto — e, no limite de minhas capacidades, também aquilo que ele fizera pelo mundo. Esse conto é uma carta de amor, um agradecimento e um presente de aniversário a um autor que me fez sonhar, que me ensinou a respeito das palavras e daquilo que podiam realizar e nunca me decepcionou enquanto leitor ou pessoa.

Minha editora na William Morrow, Jennifer Brehl (ela trabalhou neste livro e em todos os outros que fiz para o público adulto desde *Os filhos de Anansi*), se aproximou da cama de Bradbury e leu a história em voz alta. A mensagem de agradecimento que o autor me enviou em vídeo significou muito para mim.

Meu amigo Mark Evanier me disse que conheceu Ray Bradbury ainda menino, aos onze ou doze anos. Quando Bradbury descobriu que Mark queria ser escritor, convidou-o a visitar seu escritório e passou metade do dia explicando a ele o mais importante: se quer ser escritor, é preciso escrever. Todos os dias. Estando com vontade ou não. Não se pode escrever um só livro e parar. Escrever é um trabalho, mas é o melhor tipo de trabalho. Mark cresceu e se tornou escritor, do tipo que tira o próprio sustento da escrita.

Ray Bradbury era de fato alguém que dedicaria metade de seu dia a um menino interessado em se tornar escritor.

Descobri suas histórias quando era criança. A primeira foi "Homecoming", sobre uma criança humana que vivia em um mundo do tipo *A família Addams* e só queria se sentir normal. Foi a primeira vez que uma história me tocou tão profundamente. Havia um exemplar de *The Silver Locusts* (título britânico de *As crônicas marcianas*) jogado em casa; eu li, adorei e comprei tudo de Bradbury disponível na livraria itinerante que se instalava na minha escola uma vez a cada

ano letivo. Foi com Bradbury que aprendi sobre Poe. Havia poesia nos contos, e não importava que me escapasse tanta coisa: o que eu aproveitava das histórias bastava.

Alguns autores que li e apreciei muito quando menino me desapontaram quando cheguei à idade adulta; Bradbury, jamais. Suas histórias de terror continuaram arrepiantes; suas fantasias sombrias, fantasticamente assombradas; sua ficção científica (ele nunca se importou com a ciência, apenas com as pessoas, daí suas histórias funcionarem tão bem), uma experiência de deslumbre tão forte quanto tinha sido quando eu era criança.

Ele era um bom escritor e escreveu bem em muitos gêneros. Foi um dos primeiros autores de ficção científica a ser elevado dos fanzines para os livros. Escreveu roteiros para filmes de Hollywood. Bons filmes foram produzidos a partir de seus romances e contos. Muito antes de eu me tornar escritor, outros já se espelhavam em Bradbury.

As histórias de Ray Bradbury exerciam um efeito especial — que não resultava do tema, mas da atmosfera, da linguagem, de algum tipo de magia escapando para o mundo. *A morte é uma transação solitária*, seu romance policial, é uma história tão típica de Bradbury quanto *Algo sinistro vem por aí* e *Fahrenheit 451* ou qualquer outra obra de suas obras de terror, ficção científica, realismo mágico ou o realismo das coletâneas de contos. Ele era um gênero em si — e em seus próprios termos. Jovem de Waukegan, Illinois, que foi para Los Angeles, estudou sozinho em bibliotecas e escreveu até ser bom nisso, ele transcendeu os gêneros e se converteu num gênero de um só autor, com frequência emulado, mas absolutamente inimitável.

Conheci-o quando eu era um jovem autor e ele estava na Grã-Bretanha para celebrar seu septuagésimo aniversário, comemorado no Museu de História Natural. Tornamo-nos amigos de uma maneira estranha, inusitada: sentando lado a lado nas sessões de autógrafos de livros, nos eventos. Por anos, eu sempre estava lá, ouvindo suas palavras. Às vezes eu o apresentava à plateia. Fui o mestre de cerimônias quando ele recebeu o Grand Master Award da Science Fiction and Fantasy Writers of America: Bradbury contou que um dia viu uma criança ser provocada pelos amigos pois queria um brinquedo que os outros diziam que era para crianças mais novas, e que teve vontade de persuadir a criança a ignorar os amigos e brincar com o brinquedo mesmo assim.

Falava das praticidades da vida de um autor (“É necessário escrever!”, dizia ele. “Escrever todos os dias! Ainda escrevo todo dia!”) e de ser uma criança por dentro (dizia ter memória fotográfica, desde os tempos de bebê, e talvez tivesse mesmo), da alegria, do amor.

Era doce e gentil, com aquela afabilidade do Meio-Oeste americano que é algo positivo, e não ausência de personalidade. Era entusiasmado, e parecia que o entusiasmo sempre lhe daria forças para seguir em frente. Gostava de verdade das pessoas. Fez do mundo um lugar melhor, assim como deixou no mundo lugares melhores: as areias vermelhas e os canais de Marte, os Dias das Bruxas do Meio-Oeste, as cidades pequenas e os sombrios parques de diversões. E continuou escrevendo.

“Olhando para a vida, em retrospectiva, vemos que o amor era a resposta para tudo”, disse Ray certa vez, numa entrevista.

Ele deu às pessoas muitos motivos para amá-lo. Nós amamos. E, até hoje, não o esquecemos.

Jerusalém

ESSE CONTO FOI encomendado pela BBC para a William Blake Week. Pediram que eu escrevesse algo inspirado num poema de Blake para ser lido na Radio Four.

Eu tinha visitado Jerusalém havia pouco tempo e imaginei o que seria realmente necessário para erguê-la na terra verde e agradável da Inglaterra. E que tipo de pessoa desejaria fazê-lo.

Invento muitas coisas, mas a síndrome de Jerusalém é real.

Xique-xique Chocalhos

ESCREVI ESSE CONTO na casa dos amigos Peter Nicholls e Clare Coney, em Surrey Hills, Melbourne, Austrália. Era Natal. Estranhamente, apesar das temperaturas altíssimas, foi um Natal branco: uma chuva densa de granizos do tamanho de

bolas de gude caiu durante a ceia e cobriu o gramado dos Coney-Nicholls. Escrevi o conto para um livro sobre novos monstros organizado por Kasey Lansdale, mas foi lançado primeiro como audiolivro, pela Audible, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. A empresa distribuiu a história de graça no Dia das Bruxas e reverteu o número de downloads em doações em dinheiro para causas sociais. Assim, todos ficaram felizes, menos os que escutaram a história no meio da noite e tiveram que sair acendendo todas as luzes de casa.

A casa do conto é inspirada na de minha amiga Tori, em Kinsale, Irlanda, que obviamente não é de fato mal-assombrada, e, provavelmente, o som de uma pessoa arrastando armários no andar de cima quando estamos no andar de baixo, sozinhos, é algo que as casas velhas fazem quando acham que ninguém está olhando.

Invocação da indiferença

AS CRIANÇAS SÃO impelidas por uma sensação de injustiça que perdura conforme envelhecemos; no entanto, tentamos enterrá-la. Ainda me ressinto do fato de, quase quatro décadas atrás, quando eu tinha quinze anos, ter escrito um conto para minha aula de inglês que teve a nota rebaixada de A para C com um comentário do professor, à guisa de explicação, dizendo que era: "Demasiadamente original. Com certeza foi copiado de algum lugar." Muitos anos depois, peguei a ideia que mais ne agradava naquele conto e a transformei nessa história. Tenho certeza de que a ideia era original, mas senti prazer em colocá-la numa história dedicada a Jack Vance e situada no mundo de *A agonia da Terra*.

Autores moram em casas construídas pelos outros.

Eram gigantes, os homens e as mulheres que fizeram as casas que habitamos. Começaram numa terra desolada e construíram a Ficção Especulativa, sempre deixando a construção inacabada para que aqueles que chegassem após sua partida pudessem acrescentar um cômodo, ou outra história. Clark Ashton Smith fundou os alicerces das narrativas de *A agonia da Terra*, e então veio Jack Vance, que as ergueu, altas e gloriosas, construindo um mundo no qual toda

ciência passa a ser magia, bem no fim de tudo, com o sol emitindo um brilho fraco e se preparando para morrer.

Descobri *A agonia da Terra* quando tinha treze anos, numa antologia chamada *Flashing Swords*. A história se chamava “Morreion” e me fez começar a sonhar. Encontrei uma edição de bolso britânica de *A agonia da Terra*, repleta de estranhos erros de impressão, mas as histórias estavam ali, e eram tão mágicas quanto “Morreion”. Em um sebo escuro onde homens de sobretudo compravam pornografia de segunda mão, encontrei um exemplar de *The Eyes of the Overworld* e pequenos livros empoeirados de contos — “The Moon Moth” é o conto de ficção científica de construção mais perfeita já escrito, impressão que tive na época e tenho até hoje. Os livros de Jack Vance começavam a ser publicados na Grã-Bretanha naquela época, e, de repente, tudo que eu tinha que fazer para ler Jack Vance era comprá-los. Foi o que fiz: *Star King: A saga dos príncipes-demônios*, a trilogia *Alastor* e o restante. Adorava as digressões, adorava sua imaginação e, principalmente, adorava sua maneira de escrever tudo aquilo: com sarcasmo, graça, divertindo-se como se divertiria um deus, mas nunca de maneira a diminuir aquilo que escrevia — como fazia James Branch Cabell, mas com o coração além do cérebro.

De tempos em tempos, reparo que estou criando uma frase ao estilo de Vance e sempre fico feliz quando o faço — mas ele não é um escritor que eu ousaria imitar. Não acho que seja imitável. São bem poucos os autores que eu adorava aos treze anos que consigo me imaginar revisitando daqui a outros vinte anos. Vou reler Jack Vance para sempre.

“Invocação da indiferença” recebeu o Locus de melhor conto, algo que me encantou, embora considere que o prêmio foi dado tanto ao conto quanto a Jack Vance, o que entusiasmou e vingou o adolescente da aula de inglês que vive em mim.

“E vou chorar, como Alexandre”

FAZ TEMPO QUE me sinto perplexo diante do fato de nenhuma das invenções que nos foram prometidas quando eu era menino, aquelas que deveriam tornar nossas

vidas muito mais divertidas e interessantes no mundo do amanhã, ter chegado. Conseguimos computadores, e telefones que fazem tudo aquilo que os computadores costumavam fazer, mas nada de carros voadores, nada de gloriosas espaçonaves, nada de viagens interplanetárias banais (como diria Ted Mooney).

Essa história foi escrita como parte de um livro para captar recursos para o Arthur C. Clarke Award. O livro, *Fables from the Fountain*, editado por Ian Whates e adaptado a partir de *Tales from the White Hart*, de Arthur C. Clarke, por sua vez moldado ao estilo das histórias dos clubes do início do século XX (as aventuras de Joseph Jorkens, criadas por lorde Dunsany, são minhas favoritas dentro da tradição de contadores de histórias). Peguei o nome Obediah Polkinghorn emprestado de uma das histórias de Arthur C. Clarke, e como tributo ao próprio autor (eu o conheci e entrevistei nos idos de 1985; e me lembro de ter ficado surpreso com seu sotaque arrastado do oeste da Inglaterra).

A história é muito boba, por isso dei um título levemente pomposo.

Hora nenhuma

SEMPRE FUI FÃ declarado da série de tevê *Doctor Who* desde que eu era uma criança de três anos na escola da sra. Pepper, em Portsmouth, e William Hartnell interpretava o Doutor. Escrever roteiros para os episódios do programa, quase cinquenta anos depois, foi uma das coisas mais divertidas que já fiz. (Um deles chegou a receber um Hugo Award.) Àquela altura, Matt Smith interpretava o décimo primeiro Doutor. A editora Puffin Books perguntou se eu escreveria um conto para *Doctor Who: 12 Doutores, 12 Histórias*. Decidi situar meu texto na primeira temporada de Matt como protagonista.

Talvez você pense que precisa conhecer muito de *Doctor Who* — já que o programa existe há cinquenta anos — para gostar dessa história, mas não é necessário. O Doutor é um alienígena, um Senhor do Tempo, o último de sua raça, que viaja pelo tempo-espaço numa caixa azul com um interior muito maior do que parece por fora. Às vezes ele a pousa onde ele quer. Se há algo errado, é bem capaz que ele resolva. O Doutor é muito inteligente.

Há uma brincadeira na Inglaterra, ou ao menos havia quando eu era jovem, chamada “Que horas são, sr. Lobo?”. É uma brincadeira divertida. Às vezes o sr. Lobo nos diz as horas; outras vezes, responde algo muito mais inquietante.

Diamantes e pérolas: um conto de fadas

CONHECI A MULHER que se tornaria minha esposa na época em que ela queria fazer um livro de fotos de si mesma morta, para acompanhar o álbum *Who Killed Amanda Palmer?*. Desde os dezoito anos ela posava como morta para seus autorretratos. Escreveu para mim e destacou que ninguém compraria um livro de fotos de uma mulher morta que nem mesmo estava morta de verdade, mas que, se eu escrevesse algumas legendas, talvez o público se interessasse.

O fotógrafo Kyle Cassidy, Amanda e eu nos reunimos em Boston para alguns dias de trabalho. As fotografias tiradas por Kyle eram como *stills* de filmes perdidos, e eu escrevia histórias para acompanhá-las. Infelizmente, a maioria das histórias não funciona quando separada das imagens (minha preferida era um conto de mistério de assassinato envolvendo uma mulher morta por uma máquina de escrever).

Gosto dessa história, e, neste caso, não precisamos da fotografia (a jovem Amanda de boca aberta e o chão coberto por bijuterias) para compreendê-la.

A volta do magro Duque branco

O TÍTULO DESSE conto é uma citação de uma canção de David Bowie, e tudo começou alguns anos atrás, quando uma revista de moda pediu ao notável artista japonês Yoshitaka Amano que fizesse algumas ilustrações de Bowie e sua esposa, Iman. O sr. Amano perguntou se eu gostaria de escrever uma história para acompanhá-las. Escrevi a primeira metade, com planos de concluir na edição seguinte da revista. Contudo, o veículo perdeu o interesse antes mesmo de publicar a parte inicial, e a história foi esquecida. Para esta antologia, pensei que seria uma aventura terminá-la e descobrir o que ia acontecer, e para onde

tudo estava se encaminhando. Se um dia eu soube a resposta (já *devo* ter sabido), ainda assim me peguei lendo seu desenrolar como um desconhecido e caminhando sozinho através da neblina para descobrir aonde ela me levaria.

Terminações femininas

A VIDA IMITA a arte, mas de maneira desajeitada, copiando seus movimentos quando pensa que ela não está reparando.

Há histórias que você coloca no papel com uma sensação quase herética, temendo permitir que seus elementos influenciem o mundo real.

Pediram-me para escrever uma carta de amor para um livro de cartas de amor. Lembrei-me de uma estátua viva que eu vira numa praça na Cracóvia, cidade sob a qual há um dragão feito de fumaça.

Quando conheci a mulher com quem um dia me casaria, trocamos histórias de vida. Ela me contou que tinha sido estátua viva certa vez. Mandei essa história para ela, que não fugiu com medo de mim.

No meu aniversário, pouco depois de nos conhecermos, ela me encontrou de surpresa em um parque caracterizada com sua encarnação de estátua viva. Quando fazia essa performance, ela usava um vestido de casamento que comprara por vinte dólares e ficava de pé sobre uma caixa. As pessoas a chamavam de Noiva de Dois Metros e Meio. Ela usou esse mesmo vestido no dia em que nos casamos. Ninguém mais o viu desde então.

Respeitando as formalidades

NÃO TENHO MEDO de pessoas ruins, de malfeitores cruéis, de monstros e criaturas da noite.

As pessoas que me assustam são aquelas que acreditam estar certas, sem a menor sombra de dúvida. Aquelas que sabem como se comportar e também o que seus vizinhos precisam fazer para ficar do lado do bem.

Somos todos heróis das nossas próprias histórias.

Nesse caso, *Bela adormecida*, que, observada de outro ponto de vista, é também o tema de…

A Bela e a Adormecida

ESSE CONTO FOI escrito para *Rags and Bones*, a antologia de Melissa Marr e Tim Pratt, cuja intenção era dar uma abordagem nova a contos de fadas clássicos. Pediram que criássemos narrativas com base em histórias que tivessem nos influenciado. Escolhi dois.

Adoro contos de fadas. Lembro-me do primeiro com o qual me deparei, *Branca de Neve e os sete anões*, num lindo livro ilustrado que minha mãe lia para mim quando eu tinha apenas dois anos. Adorava tudo naquela história e naquelas imagens. Ela lia para mim, e logo comecei a ler sozinho. Foi só quando fiquei mais velho que comecei a ponderar a respeito das partes mais estranhas da história, e escrevi "Neve, vidro e maçãs" (publicado em *Fumaça e espelhos*).

Também adorava *Bela Adormecida*, em todas as suas encarnações. Quando era um jovem jornalista e lia dezenas de best-sellers, percebi que poderia recontar *Bela Adormecida* em um super best-seller repleto de sexo e compras, com direito a uma maligna corporação multinacional, um nobre e jovem cientista e uma garota em um misterioso coma. Decidi não escrevê-lo: parecia demasiadamente calculado, o tipo de coisa que poderia na verdade me afastar da carreira que eu almejava como autor.

Quando Melissa e Tim me pediram um texto, eu estava pensando no que aconteceria se duas histórias se passassem ao mesmo tempo. E se as mulheres que já eram as protagonistas das histórias tivessem um pouco mais para fazer, e fossem mais ativas, não passivas…?

Gosto desse conto, talvez mais do que deveria. (Atualmente, o conto tem uma merecida versão ilustrada com artes do formidável Chris Riddell.)

Obra de bruxa

QUANDO ERA CRIANÇA e lia livros de poemas, eu me questionava (mais do que seria saudável) a respeito da pessoa que contava a história. Ainda o faço, mesmo com meus próprios poemas. Nesse, há uma bruxa e há um observador. Como outros textos, foi escrito como presente de desculpas a Jonathan Strahan, depois que percebi que *O oceano no fim do caminho* estava se transformando em um romance.

Em Relig Odhráin

ESSA É UMA história verídica. Quer dizer, o mais verídica possível em se tratando de uma história sobre um santo irlandês do século VI. O pátio da igreja está lá, em Iona. Você pode visitá-lo.

A ideia não era escrever um poema, mas a métrica surgiu na minha cabeça e, depois disso, simplesmente não havia mais o que fazer.

Costumava-se enterrar pessoas vivas nas muralhas ou nos alicerces das construções, para garantir que continuassem de pé. Inclusive santos.

Cão negro

CONHECEMOS BALDUR "SHADOW" Moon em *Deuses americanos*, quando ele se viu envolvido numa guerra entre os deuses nos Estados Unidos. Em "O monarca do vale", história da coleção *Coisas frágeis*, Shadow se viu como leão de chácara numa festa no norte da Escócia.

Ele está voltando para os Estados Unidos, mas, nessa nova história, só consegue chegar a Peak District, em Derbyshire. (Esse foi o último texto de *Alerta de risco* a ser escrito, e, como se diz nas orelhas dos livros, foi criado originalmente para esta coletânea.)

Quero agradecer aos amigos Colin Greenland e Susanna Clarke por me levarem ao pub Three Stags Heads, em Wardlow, que, com o gato, o vira-latas e tudo o mais, inspirou o início do conto, e a Colin por me dizer que Black Shuck caminhou por Trot Lane, quando indaguei a ele a respeito de cachorros pretos.

Há uma última história a ser contada, sobre o que ocorre com Shadow quando ele chega a Londres. Se ele sobreviver a isso, será hora de mandá-lo de volta aos Estados Unidos. Afinal, muito coisa mudou desde que ele foi embora.

VI. Alerta final

HÁ MONSTROS NESTAS páginas, mas, como Ogden Nash apontou em minha primeira coletânea, *Fumaça e espelhos*, onde há um monstro, há também um milagre.

Algumas das histórias são longas, e outras, curtas. Há um punhado de poemas, que talvez precisem de um alerta próprio para aqueles que se sentem assustados, perturbados ou terminantemente perplexos diante da poesia. (Na minha segunda coletânea, *Coisas frágeis*, tentei explicar que os poemas são um presente para o tipo de pessoa que não precisa se preocupar com ocasionais poemas espreitando em meio aos seus contos.)

Pronto. Considerem-se alertados. Há muitos pequenos gatilhos por aí, sendo disparados na escuridão, enquanto escrevo isto. O alerta está feito. Agora temos que nos preocupar apenas com os outros livros e, é claro, com a vida, que é imensa e complicada e não dá nenhum alerta antes de nos ferir.

Obrigado por vir. Desfrute das coisas que nunca aconteceram. Ajuste novamente sua própria máscara depois de ler estas histórias, e não se esqueça de ajudar os outros.

Neil Gaiman
Em um chalé numa floresta sombria, 2014

Fazendo uma cadeira

Hoje eu pretendia começar a escrever.
Histórias esperam como tempestades distantes
rugindo e fulgurando no horizonte cinzento
e há e-mails e introduções
e um livro, um maldito livro inteiro
que fala de um país e uma jornada e crença
e que estou aqui para escrever.

Fiz uma cadeira.
Abri uma caixa de papelão com um cortador
(montei o cortador)
retirei as peças, carreguei-as com cuidado escada acima.

“Assentos funcionais para o ambiente de trabalho contemporâneo”
Pressionei quatro rodinhas contra a base,
descobri que elas se encaixam com um estalo bastante satisfatório.
Afixei os apoiadores dos braços com parafusos,
tentando diferenciar esquerda e direita,
os parafusos não são o que deveriam ser
de acordo com o descrito nas instruções. E então a base
sob o assento,
a ser afixada com seis parafusos de 40mm (que, estranhamente
eram seis parafusos de 45mm).

Então o encosto da cabeça às costas da cadeira,
as costas da cadeira ao assento, que é onde os problemas começam
quando o parafuso do meio de um dos lados se recusa
a entrar e girar.

Tudo isso leva tempo. Orson Welles é Harry Lime
no antigo rádio enquanto monto minha cadeira. Orson conhece uma dama
e um vidente charlatão, e um homem gordo,
e um líder exilado das gangues de Nova York,
e dorme com a dama, soluciona o mistério,
lê o roteiro
e embolsa o dinheiro
antes de eu ter montado minha cadeira.

Fazer um livro é um pouco como fazer uma cadeira.
Talvez deva ser acompanhado de alertas,
como as instruções da cadeira.
Um pedaço de papel dobrado incluído em cada exemplar,
alertando-nos:
“Para uma pessoa de cada vez.”
“Não use como apoio nem suba nela.”
“A não observação desses alertas pode resultar em ferimentos graves.”

Um dia vou escrever outro livro, e, quando terminar
vou subir nele,
como um apoio ou uma escada,
ou uma alta e antiga escada de madeira apoiada contra a lateral de uma ameixeira,
no outono,
e vou partir.
Mas, por enquanto, seguirei esses alertas,
e terminarei de fazer a cadeira.

Um labirinto lunar

Caminhávamos pela subida leve de uma colina em um anoitecer de verão. Já passava das oito e meia, mas ainda parecia fim de tarde. O céu estava azul. O sol ia baixo no horizonte e banhava as nuvens de dourado, salmão e lilás.

— E como acabou? — perguntei ao meu guia.

— Nunca acaba — respondeu ele.

— Mas você disse que não existe mais. O labirinto.

Eu tinha descoberto o labirinto lunar pela internet, uma pequena nota de rodapé em um site sobre coisas interessantes e dignas de atenção que existem por perto, não importa o lugar do mundo em que você esteja. Atrações locais incomuns, quanto maior a intervenção humana e a cafonice, melhor. Não sei por que me sinto atraído a elas: círculos megalíticos feitos de carros ou ônibus escolares amarelos em vez de pedras, maquetes de imensos pedaços de queijo feitas em poliestireno, dinossauros pouco convincentes feitos de concreto esfarelento, entre tantas outras coisas.

Preciso delas, pois me proporcionam um pretexto para parar de dirigir e conversar com as pessoas, onde quer que eu esteja. Já fui convidado a entrar nos lares e nas vidas das pessoas porque demonstrei uma sincera admiração pelos zoológicos construídos com peças de motor, as casas que ergueram com latas e blocos de pedra e depois cobriram com papel-alumínio, a encenação de momentos históricos feita com manequins com a pintura do rosto descascando. E essas pessoas, as que faziam as atrações de beira de estrada, me aceitavam do jeito que sou.

* * *

— NÓS O QUEIMAMOS — disse meu guia.

Ele era idoso e caminhava com uma bengala. Eu o conhecera sentado num banco diante da loja de ferramentas da cidade, e ele concordara em me mostrar o

local onde o labirinto lunar fora construído. O caminho pelo mato não foi rápido.

— O fim do labirinto lunar. Foi fácil. As cercas de alecrim pegaram fogo e daí ficaram estalando e queimando. A fumaça era espessa e desceu pela colina, fazendo a gente pensar em cordeiro assado.

— Por que era chamado de labirinto lunar? Era por causa da aliteração?

Ele pensou nisso.

— Não sei dizer ao certo — respondeu. — Acho que nem uma coisa, nem outra. Nós o chamávamos de labirinto, mas estava mais para um dédalo…

— Um emaranhado de caminhos, então.

— Havia tradições — disse ele. — Começávamos a caminhar nele no dia *seguinte* à lua cheia. Partindo da entrada. Encontrando um caminho até o centro, e então dando meia-volta e refazendo o mesmo caminho. Como disse, só começávamos a andar no dia em que a lua começava a minguar. Ainda era claro o bastante para isso. A gente o percorria em qualquer noite que a lua brilhasse o suficiente para enxergar. Vir até aqui. Caminhar. Geralmente, casais. Era assim até a escuridão da lua.

— Ninguém caminhava pelo labirinto no escuro?

— Ah, alguns, sim. Mas não eram como a gente. Eram jovens e traziam lanternas quando a lua ficava escura. Eles caminhavam pelo labirinto, os garotos maus, as sementes ruins, aqueles que queriam assustar os outros. Para esses garotos, todo mês tinha um Dia das Bruxas. Adoravam ficar com medo. Alguns deles disseram ter visto um torturador.

— Que tipo de torturador?

A palavra me surpreendera. Não era do tipo que se ouvia assim, numa conversa.

— Apenas alguém que torturava pessoas, acho. Eu nunca o vi.

Uma brisa desceu em nossa direção vinda do alto da colina. Farejei o ar, mas não senti cheiro de ervas queimadas, nem cinzas, nada que parecesse incomum em uma noite de verão. Havia gardênias em algum lugar.

— Quando a lua virava escuridão, eram só jovens. Quando a lua crescente aparecia, então as crianças ficavam mais novas, e seus pais vinham até a colina e caminhavam com elas. Pais e filhos. Caminhavam pelo labirinto juntos até o centro, e os adultos apontavam para a lua nova, falando que ela se parecia com um sorriso no céu, e os pequenos Rômulo e Remo, ou seja lá qual fosse o nome

deles, sorriam e gargalhavam, e mexiam as mãos como se estivessem tentando tirar a lua do céu para colocar sobre seus rostinhos. Então, quando a lua crescia, os casais vinham. Jovens casais subiam até aqui, galanteadores, e casais mais velhos também, confortáveis na companhia um do outro, aqueles que já tinham esquecido havia muito tempo os dias de cortejo. — Ele se apoiava bastante na bengala. — Esquecido, não. Disso nunca se esquece. Deve ficar em algum lugar dentro da gente. Mesmo que o cérebro tenha esquecido, talvez os dentes se lembrem. Ou os dedos.

— Eles levavam lanternas?

— Em algumas noites, sim. Em outras, não. As noites populares eram sempre aquelas em que não havia nuvens cobrindo a lua, e era possível caminhar pelo labirinto tranquilamente. E, mais cedo ou mais tarde, todos caminhavam. Conforme a lua crescia, dia após dia, ou noite após noite, melhor dizendo. Aquele mundo era tão maravilhoso. Estacionavam seus carros lá embaixo, onde você estacionou, no limite da propriedade, e subiam a colina a pé. Sempre a pé, a não ser aqueles que usavam cadeiras de rodas, ou aqueles que eram carregados pelos pais. Então, no alto da colina, alguns paravam para ficar de chamego. Eles também caminhavam pelo labirinto. Havia bancos, lugares para fazer uma pausa na caminhada. E eles paravam e ficavam mais um pouco de chamego. Seria de se pensar que apenas os jovens ficassem se agarrando, mas os mais velhos também ficavam. Corpo com corpo. Dava para ouvir, às vezes, do outro lado da cerca viva, fazendo barulho como animais, e esse sempre era nosso aviso para diminuir o passo, ou talvez explorar outro ramo do caminho por algum tempo. Já não ocorre comigo com muita frequência, mas, quando acontece... acho que hoje sei dar mais valor a isso do que naquela época. Lábios tocando a pele. Sob o luar.

— Durante quantos anos exatamente o labirinto lunar existiu antes de queimar? Construíram a casa antes ou depois de ele existir?

Meu guia fez um ruído desinteressado.

— Antes, depois… tudo isso é antigo. Falam do labirinto de Minos, mas não era nada se comparado a este. Nada além de alguns túneis com um sujeito de chifres na cabeça caminhando sozinho, com medo e fome. Ele não tinha realmente cabeça de touro. Sabia?

— Como você sabe?

— Dentes. Touros e vacas são ruminantes. Não comem carne. O minotauro comia.

— Nunca tinha pensado nisso.

— Ninguém pensa.

A colina estava mais íngreme agora.

Pensei: *Não há torturadores, não mais*. E eu não era um torturador. Mas tudo que disse foi:

— Qual era a altura dos arbustos que formavam os caminhos? Eram cercas vivas de verdade?

— Eram de verdade. Tão altos quanto tinham que ser.

— Não sei a altura que o alecrim alcança por aqui.

Não sabia mesmo. Estava longe de casa.

— Temos invernos amenos. O alecrim se desenvolve bem por aqui.

— E por que exatamente as pessoas o incendiaram?

Ele fez uma pausa.

— Você vai ter uma ideia melhor de como as coisas se situam quando a gente chegar no alto da colina.

— Como as coisas se situam?

— No alto da colina.

A colina ficava cada vez mais íngreme. Eu tinha sofrido uma lesão no joelho esquerdo durante o inverno anterior, um tombo no gelo, o que significava que não conseguia mais correr rápido e, hoje em dia, achava as colinas e os degraus extremamente penosos. A cada passo, meu joelho dava uma pontada de dor, me fazendo lembrar, furioso, da sua existência.

Muitas pessoas, ao saberem que a curiosidade local que desejavam visitar se incendiara alguns anos atrás, teriam simplesmente voltado ao carro e dirigido até o destino final. Não sou dissuadido tão facilmente. As coisas mais admiráveis que vi eram lugares mortos: um parque de diversões desativado onde entrei certa noite depois de subornar o vigia com o valor de uma bebida; um celeiro abandonado onde, segundo o fazendeiro, meia dúzia de Pés-Grandes tinham morado no verão anterior. Ele disse que as criaturas uivavam à noite e cheiravam mal, mas já tinham ido embora fazia quase um ano. Havia um odor animal impregnado no lugar, mas podem ter sido apenas coiotes.

— Quando a lua minguava, eles caminhavam pelo labirinto lunar com amor

— disse meu guia. — Conforme ela ia crescendo, eles caminhavam com desejo, não amor. Preciso explicar a diferença para você? As ovelhas e os bodes?

— Acho que não.

— Os doentes também vinham, às vezes. Os feridos e deficientes vinham, e alguns deles precisavam ser empurrados na cadeira de rodas pelo labirinto, ou carregados. Mas até estes tinham que escolher o caminho a percorrer, não as pessoas que os carregavam ou empurravam. Ninguém podia escolher o caminho para o outro. Quando eu era menino, as pessoas os chamavam de aleijados. Fico feliz por não os chamarmos mais assim. Vieram também os mal-amados. Os solitários. Os lunáticos... Eram trazidos aqui, às vezes. Eram chamados assim por causa da lua, e era justo que a lua tivesse uma oportunidade de consertar as coisas.

Estávamos nos aproximando do topo da colina. Chegava o crepúsculo. O céu estava cor de vinho, e as nuvens a oeste brilhavam com a luz do sol poente, embora, observando do ponto onde estávamos, ele já tivesse se escondido no horizonte.

— Você vai ver quando chegarmos lá em cima. É perfeitamente plano, o topo da colina.

Eu quis fazer uma contribuição, e disse:

— De onde venho, quinhentos anos atrás o lorde local foi visitar o rei. E o rei exibiu sua imensa mesa, suas velas, o lindo teto pintado, e. conforme cada uma dessas coisas era mostrada, o lorde simplesmente dizia: “Tenho uma maior, mais bela e melhor.” O rei quis desmascarar o blefe, dizendo que, no mês seguinte, ia visitar e comer à mesa do lorde, maior e mais bela, iluminada com velas em candelabros maiores e mais belos que os do rei, sob uma pintura também maior e mais bela.

Meu guia disse:

— Por acaso ele estendeu uma toalha sobre a planície de uma colina, ordenou a vinte homens corajosos que segurassem velas, e jantaram sob as estrelas do próprio Deus? Contam uma história parecida por aqui também.

— É a mesma história — admiti, um pouco frustrado por minha contribuição ter sido dispensada tão facilmente. — E o rei reconheceu que o lorde estava certo.

— Então o chefe não mandou prender e torturar o sujeito? — indagou meu

guia. — Foi isso o que aconteceu na versão da história que se conta por essas bandas. Dizem que o homem nunca chegou nem sequer à sobremesa *Cordon-bleu* que seu cozinheiro tinha preparado. Eles o encontraram no dia seguinte com as mãos decepadas, a língua cortada e devidamente guardada no bolso da camisa e um derradeiro buraco de bala na testa.

— Aqui? Na casa ali atrás?

— Por Deus, não. Deixaram o corpo na boate dele. Na cidade.

Fiquei surpreso com quão rapidamente o crepúsculo tinha chegado ao fim. Ainda havia um brilho a oeste, mas o restante do céu se transformara em noite, de um roxo majestoso.

— Os dias antes da lua cheia, no labirinto — disse ele. — Eram reservados para os enfermos e aqueles em necessidade. Minha irmã sofria de um mal feminino. Disseram que ela morreria se não fizesse uma raspagem interna e, ainda assim, poderia ser fatal. A barriga estava inchada como se ela estivesse carregando um bebê, não um tumor, embora já estivesse perto dos cinquenta. Veio aqui quando faltava um dia para a lua cheia e caminhou pelo labirinto. Caminhou de fora para dentro, à luz da lua, e caminhou do centro para fora, sem vacilar nem errar o caminho.

— O que aconteceu?

— Ela viveu — respondeu ele, de forma sucinta.

Chegamos ao topo da colina, mas não dava para ver o que havia ali. Estava escuro demais.

— Eles a livraram da coisa que havia dentro dela. Que também viveu, por algum tempo. — Fez uma pausa. Então, tocou em meu braço. — Veja ali.

Eu me virei e olhei. O tamanho da lua me impressionou. Sei que é uma ilusão de ótica, que a lua não diminuiria conforme subisse pelo céu, mas essa lua parecia ocupar tanto do horizonte ao se erguer que me vi pensando nos antigos desenhos de Frank Frazetta, com a silhueta de homens empunhando suas espadas diante de imensas luas, e me lembrei de quadros de lobos uivando no alto de montanhas, sombras negras recortadas contra o círculo da lua branca como a neve que as emoldurava. A enorme lua que nascia era de um amarelo difuso, como um farol em noite de neblina.

— A lua está cheia? — perguntei.

— Essa é uma lua cheia, sim. — Ele parecia satisfeito. — E ali está o

labirinto.

Caminhamos na direção dele. Eu esperava ver cinzas no chão, ou nada. Em vez disso, sob o luar viscoso, vi um labirinto complexo e elegante, feito de círculos e espirais dentro de um imenso quadrado. Não conseguia calcular corretamente as distâncias naquela luz, mas me pareceu que cada lado do quadrado deveria ter sessenta metros ou mais.

No entanto, as plantas que delimitavam o labirinto eram rasteiras. Nenhuma delas tinha mais que trinta centímetros de altura. Eu me abaixei, apanhei uma folha parecida com uma agulha, preta sob o luar, e a esmaguei entre o indicador e o polegar. Inspirei, e pensei em cordeiro cru, cuidadosamente desmembrado, temperado e colocado num forno sobre uma cama de ramos e folhas pontiagudas com esse exato aroma.

— Pensei que vocês tivessem queimado o lugar — comentei.

— Nós o queimamos. Não são cercas vivas, não mais. Mas as coisas crescem de novo, em seu próprio tempo. É impossível matar certas coisas. O alecrim é resistente.

— Onde é a entrada?

— Exatamente onde você está — disse ele.

Ele era um velho que andava com uma bengala e falava com desconhecidos. Seria impossível não reparar nele.

— E o que acontecia aqui em cima quando a lua estava cheia?

— Nessas ocasiões, os moradores não caminhavam pelo labirinto. Era justamente a noite que pagava por todas as outras.

Entrei no labirinto com um passo. Não havia nada de difícil nele, não com os arbustos que o demarcavam chegando até as canelas, tão baixos quanto uma horta. Caso me perdesse, poderia simplesmente passar por cima das moitas e sair. Mas comecei seguindo o caminho que levava ao interior do labirinto. Era fácil enxergá-lo à luz da lua cheia. Ouvi meu guia, que continuou a falar.

— Alguns pensavam até que o preço era alto demais. Foi por isso que viemos aqui, por isso que queimamos o labirinto lunar. Subimos aquela colina com a escuridão da lua, trazendo tochas acesas, como nos antigos filmes em preto e branco. Todos nós. Até eu. Mas é impossível matar certas coisas. Não é assim que funciona.

— Por que alecrim? — perguntei.

— O alecrim é para lembrar — disse ele.

A lua subia mais rápido do que eu havia imaginado ou esperado. Agora era um rosto pálido e fantasmagórico no céu, calmo e bondoso, branca como um osso.

— Sempre existe a possibilidade de sair em segurança — disse o guia. — Até na noite de lua cheia. Primeiro, é necessário chegar ao centro do labirinto. Há uma fonte ali. Você vai ver. Não tem como se enganar. Então é preciso fazer o caminho de volta a partir do centro. Sem hesitar, nenhum beco sem saída, nada de erros no caminho de ida e volta. Deve ser mais fácil agora do que quando os arbustos estavam altos. É uma possibilidade. Caso contrário, o labirinto vai expurgar de você tudo que o aflige. Claro, você vai ter que correr.

Olhei para trás. Não consegui ver meu guia. Não mais. Havia algo na minha frente, além do caminho desenhado pelas moitas, uma sombra escura se movendo silenciosamente ao longo dos limites do quadrado. Era do tamanho de um cachorro grande, mas não se mexia como um cão.

A criatura jogou a cabeça para trás e uivou para a lua com gosto e satisfação. O alto da colina, uma grande mesa plana, ecoou uma série de uivos alegres, e, com o joelho esquerdo doendo por causa da longa caminhada colina acima, avancei, cambaleante.

O labirinto seguia um padrão, e consegui identificá-lo. Acima, a lua brilhava, clara como o dia. Ela sempre aceitou meus presentes, no passado. Não me trairia no final.

— Corra — disse uma voz que era quase um rugido.

Corri como um novilho para o abate, ao som de sua gargalhada.

Detalhes de Cassandra

E ali estávamos, Scallie e eu, usando perucas de Starsky e Hutch, com costeletas e tudo, às cinco da madrugada ao lado de um canal em Amsterdã. Tínhamos começado aquela noite num grupo de dez pessoas, incluindo Rob, o noivo, visto pela última vez algemado a uma cama no Bairro da Luz Vermelha com creme de barbear cobrindo os países baixos e o futuro cunhado rindo e dando tapinhas na bunda da prostituta que segurava o aparelho de barbear, momento em que olhei para Scallie e ele olhou para mim e disse:

— Quer mesmo ver isso?

Balancei a cabeça para dizer que não, pois há certas questões que é melhor não ser capaz de responder quando uma noiva começa a fazer perguntas incisivas a respeito da despedida de solteiro, e, por isso, fugimos para beber alguma coisa, deixando oito homens com peruca de Starsky e Hutch (um deles praticamente nu, preso a uma cama por algemas de pelúcia cor-de-rosa, com cara de quem começava a se arrepender dessa aventura) para trás, num quarto com cheiro de desinfetante e incenso barato, e fomos nos sentar à margem de um canal e beber latas de cerveja holandesa, falando dos velhos tempos.

Scallie — cujo nome verdadeiro é Jeremy Porter, e hoje em dia todos o chamam de Jeremy, mas ele era chamado de Scallie quando tínhamos onze anos — e o noivo, Rob Cunningham, tinham sido meus colegas de escola. Perdemos contato, mais ou menos, e nos encontramos da maneira preguiçosa dos dias de hoje, com o Facebook e coisas do tipo, e agora Scallie e eu estávamos juntos pela primeira vez desde os dezenove anos. As perucas de Starsky e Hutch, ideia de Scallie, davam a impressão de estarmos interpretando irmãos em algum filme produzido para a tevê — ele era o irmão baixinho e atarracado de bigode grosso, e eu, o irmão alto. Lembrando que, depois da época da escola, ganhei boa parte da minha renda trabalhando como modelo, eu diria que era o irmão alto e bonito, mas ninguém fica bonito usando uma peruca de Starsky e Hutch, com costeletas e tudo.

Além disso, a peruca dava coceira.

Sentamos perto do canal e, quando a cerveja acabou, continuamos conversando e assistimos ao nascer do sol.

Da última vez que eu vira Scallie, ele tinha dezenove anos e grandes sonhos. Havia acabado de ingressar na Força Aérea como cadete. Ia pilotar aviões em dupla função, usando os voos para contrabandear drogas, tornando-se incrivelmente rico ao mesmo tempo em que ajudava seu país. Era o tipo de ideia louca que ele costumava ter o tempo todo durante a escola. Normalmente, o esquema inteiro dava errado. Às vezes, ele conseguia nos meter em encrenca no caminho.

Agora, doze anos mais tarde, após os seis meses na Força Aérea terem terminado cedo por causa de um problema não especificado com seu tornozelo, Scallie me disse que era executivo sênior numa empresa fabricante de janelas com isolamento, morando numa casa menor desde o divórcio, pequena demais em relação à que acreditava merecer, acompanhado apenas de um golden retriever.

Estava dormindo com uma mulher da empresa de janelas com isolamento, mas não tinha expectativas de que ela terminasse com o namorado para ficar com ele, e assim lhe parecia melhor.

— É claro que há dias em que acordo chorando, desde o divórcio. Bem, acontece — disse ele em certo ponto.

Não consegui imaginá-lo chorando, e, além disso, ele mantinha um imenso sorriso típico de Scallie enquanto contava.

Falei sobre mim: ainda trabalhando como modelo, ajudando na loja de antiguidades de um amigo para me manter ocupado, pintando cada vez mais. Eu tinha sorte: as pessoas compravam meus quadros. Todos os anos, eu fazia uma pequena exposição na Little Gallery, em Chelsea, e embora no começo os únicos a comprar algo fossem pessoas que eu conhecia — fotógrafos, antigas namoradas e similares —, atualmente tenho até colecionadores. Falamos de dias que apenas Scallie parecia lembrar, quando ele, Rob e eu formávamos um trio inviolável e inquebrável. Falamos dos corações partidos da adolescência, de Caroline Minton (que agora é Caroline Keen, casada com um pastor), da primeira vez que tivemos coragem de assistir a um filme para maiores de dezoito anos, embora nenhum de nós conseguisse lembrar qual era o filme em cartaz.

Então, Scallie disse:

— Tive notícias de Cassandra outro dia.

— Cassandra?

— Sua antiga namorada, Cassandra. Lembra?

— … não.

— Aquela de Reigate. Você escreveu o nome dela em todos os seus livros.

Devo ter passado a impressão de ser muito limitado ou de estar bêbado ou sonolento, porque ele disse:

— Você a conheceu durante as férias que passou esquiando. Ora, vamos. *Sua primeira vez*. Cassandra.

— Ah! — falei, me lembrando, me lembrando de tudo. — Cassandra.

E eu lembrava.

— Pois é — disse Scallie. — Ela me mandou uma mensagem no Facebook. Está administrando um teatro comunitário na área leste de Londres. Você devia falar com ela.

— Mesmo?

— Acho que sim, quer dizer, lendo nas entrelinhas da mensagem, talvez ela ainda esteja interessada. Perguntou de você.

Imaginei quanto ele estava bêbado, quanto eu estava bêbado, olhando para o canal nas primeiras luzes do dia. Falei algo, não lembro o quê, e então perguntei se Scallie lembrava onde ficava nosso hotel, pois eu tinha esquecido, e ele disse que não, mas que Rob sabia todos os detalhes do hotel, e o melhor era ir atrás dele e resgatá-lo das garras da simpática prostituta com as algemas e o aparelho de barbear, e percebemos que isso seria mais fácil se soubéssemos voltar até onde o tínhamos deixado, e, na busca de uma pista de onde tínhamos deixado Rob, encontrei um cartão com o endereço do hotel no bolso de trás. Voltamos para lá, e a última coisa que fiz antes de me afastar do canal e de toda aquela estranha noite foi arrancar da cabeça a irritante peruca de Starsky e Hutch e arremessá-la no canal.

Flutuou.

Scallie disse:

— Eu deixei um depósito pela peruca, sabia? Se não queria usar, eu teria carregado. — Então, ele disse: — Você devia mandar uma mensagem para Cassandra.

Balancei a cabeça afirmativamente. Imaginei com quem ele teria falado na

internet, quem ele teria confundido com ela, sabendo com certeza que não era Cassandra.

O detalhe a respeito de Cassandra é o seguinte: eu a inventei.

* * *

EU TINHA QUINZE anos, quase dezesseis. Era um esquisitão. Acabara de passar pelo estirão da adolescência e, de uma hora para outra, estava mais alto que a maioria dos meus amigos, consciente da própria altura. Minha mãe era dona e administradora de uma pequena escola de equitação, onde eu era ajudante, mas as garotas — do tipo competente, sensível e equestre — me intimidavam. Em casa, eu escrevia poesia ruim e pintava aquarelas, geralmente de pôneis nos campos; na escola — havia apenas meninos na minha escola —, eu jogava críquete com competência, atuava um pouco no teatro, passava o tempo com os amigos ouvindo discos (o CD era novidade, mas os tocadores de CD eram caros e raros, e todos nós tínhamos herdado toca-discos e vitrolas dos pais e irmãos mais velhos). Quando não falávamos de música ou esportes, falávamos de garotas.

Scallie era mais velho que eu. Rob também. Gostavam que eu fizesse parte da turma, mas também gostavam de me provocar. Agiam como se eu fosse um moleque, e eu não era. Os dois já tinham transado com garotas. Bem, isso não é inteiramente verdadeiro: os dois tinham transado com a mesma garota, Caroline Minton, famosa pela liberalidade nos favores e sempre disposta a umazinha, desde que o acompanhante tivesse uma mobilete.

Eu não tinha uma mobilete. Não era velho o bastante para ter uma, mamãe não tinha dinheiro para comprar. (Meu pai morreu quando eu era pequeno, de uma superdose acidental de anestesia, quando estava no hospital para fazer uma pequena operação em um dedo do pé infeccionado. Até hoje, evito hospitais). Já tinha visto Caroline Minton nas festas, mas ela me assustava e, mesmo se tivesse uma mobilete, não queria que minha primeira experiência sexual fosse com ela.

Scallie e Rob também tinham namoradas. A namorada de Scallie era mais alta que ele, tinha seios enormes e se interessava por futebol — o que significava que Scallie precisava fingir interesse por futebol, principalmente pelo Crystal Palace —, enquanto a namorada de Rob achava que eles deveriam ter coisas em

comum, e, consequentemente, Rob parou de ouvir o electropop de meados dos anos 1980 que o restante de nós gostava e começou a ouvir bandas hippies de antes de termos nascido, o que era ruim, mas, em compensação, Rob pôde saquear o incrível acervo de programas de tevê antigos gravados em vídeo pelo pai dela, o que era bom.

Eu não tinha namorada.

Até minha mãe começou a comentar.

Deve ter surgido de algum lugar, o nome, a ideia, mas não me recordo. Lembro-me apenas de escrever "Cassandra" nos livros de exercícios. E, em seguida, de tomar o cuidado de não dizer nada a respeito.

— Quem é Cassandra? — perguntou Scallie, no ônibus até a escola.

— Ninguém — respondi.

— Deve ser alguém. Você escreveu o nome dela no livro de matemática.

— É só uma garota que conheci nas férias de inverno.

Mamãe e eu tínhamos ido esquiar com minha tia e meus primos um mês antes, na Áustria.

— Vamos conhecer?

— Ela é de Reigate. Imagino que sim. Mais para frente.

— Bem, espero que sim. E você *gosta* dela?

Fiz uma pausa, torcendo para acertar na duração, e disse:

— Ela beija muito bem.

Então Scallie riu, e Rob quis saber se era beijo na boca com língua e tudo.

— O que vocês *acham*? — respondi, e, até o fim do dia, os dois já acreditavam na existência dela.

Mamãe ficou feliz em saber que eu tinha conhecido alguém. Suas perguntas como "o que os pais de Cassandra fazem", por exemplo, eu respondia simplesmente dando de ombros.

Saí com Cassandra em três "encontros". Em cada um deles, peguei o trem até Londres e fui sozinho ao cinema. Foi emocionante, à sua maneira.

Voltei da primeira viagem com mais histórias de beijos e mãos bobas nos seios.

Nosso segundo encontro (na verdade, passado sozinho numa sessão de *Mulher Nota 1000* em Leicester Square) consistiu em, como contei à minha mãe, apenas ficar de mãos dadas durante aquilo que ela ainda chamava de

“cineminha”, mas, relutantemente, disse a Rob e Scallie — que juraram nada revelar (e, durante aquela semana, tive que fazer o mesmo a muitos outros amigos de escola que ouviram boatos de Rob e Scallie, e agora precisavam descobrir se alguma daquelas histórias era verdadeira) — que na verdade fora o Dia em que Perdi a Virgindade, no apartamento da tia de Cassandra, em Londres: a tia estava fora, Cassandra tinha a chave. Eu tinha (como prova) uma caixa de três camisinhas sem a que eu jogara fora e uma tirinha com quatro fotos em preto e branco que encontrei em minha primeira viagem a Londres, abandonada no lixo de uma cabine fotográfica em Victoria Station. A tirinha mostrava uma menina mais ou menos da minha idade com o cabelo longo e liso (não se via direito a cor. Louro-escuro? Ruivo? Castanho-claro?) e um rosto amigável, sardento, até bonitinho. Guardei-a no bolso. Na aula de artes fiz um esboço a lápis da terceira das fotos, a minha favorita, com a cabeça dela meio virada, como se chamasse um amigo que não podemos ver do lado de fora da cortina. Parecia uma garota doce e charmosa. Adoraria que fosse minha namorada.

Preguei o desenho na parede do quarto, onde podia vê-lo da cama.

Depois do terceiro encontro (foi para ver *Uma Cilada para Roger Rabbit*), voltei à escola com más notícias: a família de Cassandra ia para o Canadá (lugar que me soava mais convincente que os Estados Unidos), alguma coisa ligada ao trabalho do pai dela, e eu não a encontraria mais por um tempo. Não queríamos terminar, mas decidimos ser práticos: estávamos na era em que os telefonemas transatlânticos eram caros demais para adolescentes. Era o fim.

Fiquei triste. Todos repararam em quanto eu estava triste. Disseram que adorariam tê-la conhecido, quem sabe quando ela voltar, no Natal? Eu sabia que, até o Natal, ela teria sido esquecida.

E foi. Quando a data chegou, eu estava saindo com Nikki Blevins, e a única prova que Cassandra fizera parte da minha vida era seu nome, escrito em alguns dos meus livros escolares, e o retrato dela a lápis na parede do meu quarto, com “Cassandra, 19 de fevereiro de 1985” escrito logo abaixo.

Quando minha mãe vendeu a escola de equitação, o desenho se perdeu na mudança. Eu estava na faculdade de artes na época, considerava meus antigos desenhos a lápis tão constrangedores quanto o fato de um dia ter inventado uma namorada, e não me importei.

Por vinte anos, não pensei uma única vez sobre Cassandra.

* * *

MAMÃE VENDEU O estábulo, a casa anexa e os campos a uma incorporadora, que construiu um imóvel residencial onde antes tínhamos morado e, como parte do negócio, deu a ela uma pequena casa avulsa no fim da Seton Close. Visito-a ao menos uma vez a cada quinze dias, chegando na noite de sexta e partindo na manhã de domingo, rotina tão regular quanto o relógio da minha avó no corredor.

Mamãe se preocupa com a minha felicidade. Começou a comentar que muitas de suas amigas têm filhas interessantes. Na última viagem, tivemos um diálogo muito constrangedor que começou com ela me perguntando se eu gostaria de conhecer o organista da igreja, um jovem muito simpático mais ou menos da minha idade.

— Mãe. Não sou gay.

— Não há nada de errado com isso, querido. Gente de todo o tipo faz essas coisas. Eles até se casam. Bem, não é um casamento de verdade, mas dá no mesmo.

— Ainda assim, não sou gay.

— É que pensei: ainda não se casou, pinta e trabalha como modelo.

— Tive namoradas, mãe. Você até foi apresentada a algumas delas.

— Nada que tenha durado muito tempo, querido. Apenas achei que você talvez quisesse me contar.

— Não sou gay, mãe. Eu lhe diria se fosse. — E então falei: — Beijei Tim Carter numa festa na época da faculdade de artes, mas estávamos bêbados e a coisa nunca foi adiante.

Ela cerrou os lábios.

— Chega disso, jovenzinho. — E então, mudando de assunto, como se quisesse se livrar de um gosto ruim na boca, disse: — Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei no supermercado semana passada.

— Não vou mesmo. Quem?

— Sua antiga namorada. A primeira, eu diria.

— Nikki Blevins? Espere aí, ela se casou, não foi? Nikki Woodbridge?

— Antes dela, querido. Cassandra. Estava atrás dela, na fila. Estaria na frente, mas esqueci de pegar o creme e voltei para procurar, e ela estava na minha frente, e percebi que o rosto dela era familiar. Primeiro, pensei que fosse a filha mais nova de Joanie Simmond, que tinha um problema na fala que a gente chamava antigamente de gagueira, mas parece que não se pode mais falar assim, mas então pensei, *já sei* de onde conheço este rosto, ficou sobre sua cama durante cinco anos, é claro, daí perguntei "Seu nome é Cassandra?", e ela respondeu "Sim", e eu disse "Você vai rir quando ouvir isso, mas sou a mãe de Stuart Innes". Ela disse "Stuart Innes?" e seu rosto se iluminou. Bem, ela ficou esperando enquanto eu colocava as compras na sacola, e disse que já tinha entrado em contato com seu amigo Jeremy Porter no Bookface, e conversaram a seu respeito…

— Você quer dizer no Facebook? Ela conversou com Scallie no Facebook?

— Sim, querido.

Bebi meu chá e me perguntei com quem minha mãe teria falado. Eu disse:

— Tem certeza absoluta que era a mesma Cassandra da parede sobre a cama?

— Ah, sim, querido. Ela me contou de quando você a levou a Leicester Square, e de como ficou triste quando tiveram que mudar para o Canadá. Foram para Vancouver. Perguntei a ela se chegou a conhecer meu primo Leslie, que foi para Vancouver depois da guerra, mas ela disse que não, e parece que o lugar na verdade é bem grande. Contei a ela sobre o desenho a lápis que você fez, e ela parecia bem atualizada quanto às suas atividades. Ficou animada quando contei que sua exposição começaria essa semana na galeria.

— Você contou *isso* a ela?

— Sim, querido. Pensei que ela gostaria de saber. — Então mamãe disse, quase melancólica: — Ela é muito bonita, querido. Acho que faz algo no teatro comunitário.

Depois disso, a conversa passou à aposentadoria do dr. Dunnings, que atendia nossa família desde antes de eu nascer, ao fato de ele ser o último médico não indiano que restava no consultório, e a como minha mãe se sentia em relação a isso.

Deitei na cama naquela noite no meu pequeno quarto na casa de mamãe e fiquei remoendo a conversa na cabeça. Não estou mais no Facebook, e pensei em voltar à rede social para investigar as amigas de Scallie e descobrir se essa

pseudo-Cassandra não seria uma delas. Mas havia pessoas demais que eu preferia não rever, e deixei pra lá, certo de que, quando surgisse uma explicação, seria simples, e dormi.

* * *

JÁ FAZ MAIS de uma década que exponho minhas obras na Little Gallery, de Chelsea. Nos velhos tempos, eu recebia um quarto de parede e nenhuma obra tinha preço superior a trezentas libras. Agora tenho minha própria exposição a cada outubro, durante todo o mês, e seria justo dizer que basta vender uma dúzia de telas para saber que minhas necessidades, aluguel e custos básicos estarão cobertos por mais um ano. As pinturas que não são vendidas permanecem nas paredes da galeria até serem compradas, e sempre são compradas até o Natal.

O casal que é dono da galeria, Paul e Barry, ainda me chama de "bonitão", como fazia doze anos atrás, quando inaugurei minha primeira exposição com eles, na época em que o elogio talvez fosse verdadeiro. Naquele tempo, eles usavam camisas floridas de colarinho aberto e correntes de ouro. Agora, na meia-idade, usam ternos caros e não param de falar no mercado de ações, o que é demais para o meu gosto. Ainda assim, gosto da companhia deles. Vejo-os três vezes ao ano: em setembro, quando vêm ao estúdio ver o material no qual estou trabalhando e escolher as telas para a exposição; em outubro, na galeria, participando da abertura; e em fevereiro, quando acertamos as contas.

Barry administra a galeria. Paul é coproprietário, participa das festas, mas também trabalha no departamento de figurino da Royal Opera House. O *vernissage* seria na noite de sexta. Eu tinha passado dois dias de nervosismo pendurando as telas. Agora, minha parte estava pronta, e não havia nada a fazer além de esperar, torcer para que as pessoas gostassem da minha arte e não fazer papel de bobo. Fiz como nos doze anos anteriores, seguindo as instruções de Barry:

— Devagar com o champanhe. Mate a sede com água. Para o colecionador, não há nada pior que encontrar um artista bêbado, a não ser que este seja famoso pelas bebedeiras, o que não é seu caso, querido. Seja amigável e enigmático, e quando perguntarem a respeito da história por trás de uma tela, diga: "Não posso revelar." Mas, pelo amor de Deus, dê a entender que *há* uma história. É a história

que eles estão comprando.

Hoje, raramente convido gente para o *vernissage*: alguns artistas o fazem, considerando a ocasião um evento social. Eu não. Embora leve minha arte a sério enquanto arte, e tenha orgulho do meu trabalho (a exposição mais recente era chamada “Pessoas em paisagens”, que basicamente diz tudo a respeito do meu trabalho), compreendo que a festa existe apenas como evento comercial, um chamariz para compradores e aqueles que podem dizer a coisa certa a outros possíveis compradores. Digo isso para que não haja surpresa diante do fato de Barry e Paul cuidarem da lista de convidados, não eu.

O *vernissage* sempre começa às seis e meia da tarde. Tinha passado a tarde pendurando quadros, garantindo que tudo estivesse o mais bonito possível, como faço todo ano. A única coisa diferente a respeito do dia deste evento específico era a animação de Paul, que parecia um menininho lutando contra o desejo de revelar ao aniversariante o que comprou como presente para ele. Isso, e também Barry, que, enquanto pendurávamos tudo, disse:

— Acho que a exposição de hoje vai colocar você no mapa.

— Acho que há um erro de digitação naquele de Lake District — falei. Um quadro demasiadamente grande de Windermere ao pôr do sol, com duas crianças encarando o observador com olhar perdido a partir da margem. — Deveria custar trezentas libras. Aqui diz trezentas mil.

— É mesmo? — disse Barry, sem ânimo. — Que coisa.

Mas não fez nada para mudar aquilo.

Foi surpreendente, mas os primeiros convidados chegaram um pouco mais cedo, e o mistério podia esperar. Um jovem me convidou para comer um canapé de uma bandeja prateada. Peguei minha taça de champanhe-para-consumo-lento da mesa no canto e me preparei para socializar.

Todos os preços estavam altos, e duvidei que a Little Gallery seria capaz de vender as telas com aqueles valores, então fiquei preocupado com o ano que teria pela frente.

Barry e Paul sempre assumem a responsabilidade de me circular pela sala, dizendo “Este é o artista, o bonitão que faz todas essas telas lindas, Stuart Innes”, e eu cumprimento e sorrio. Até o fim da noite já terei conhecido a todos, e Paul e Barry são muitos bons em dizer “Stuart, lembra-se de David, que escreve sobre arte para o *Telegraph*…”, e eu, da minha parte, sou bom em

responder “Claro, como vai? Fico feliz que tenha vindo”.

No momento em que a sala estava mais cheia, uma mulher chamativa de cabelo vermelho a quem eu ainda não tinha sido apresentado começou a gritar.

— Besteirada figurativa!

Eu estava conversando com o crítico de arte do *Daily Telegraph*, e ambos nos viramos para ver.

— Amiga sua? — perguntou ele.

— Acho que não — respondi.

Ela continuava gritando, embora o barulho da festa tivesse silenciado.

— Ninguém se interessa por essa merda! Ninguém! — bradou ela. Então, pôs a mão no bolso do casaco e sacou um frasco com tinta. — Tentem vender isto agora! — gritou, jogando a tinta no *Windermere Sunset*. A tinta era azul-escuro, quase preta.

Paul já estava ao lado dela, tirando o frasco de tinta das mãos da mulher.

— Essa é uma pintura de trezentas mil libras, mocinha! — exclamou ele.

— Acho que a polícia vai querer ter uma palavra com você — ameaçou Barry e a apanhou pelo braço, levando-a até o escritório.

— Não tenho medo! — gritou ela contra nós, no caminho. — Tenho orgulho! Artistas como ele, se aproveitando de vocês, volúveis compradores de arte. Não passam de ovelhas! Besteirada figurativa!

E então ela se foi, e os frequentadores da festa se agitaram, inspecionando a pintura manchada pela tinta e olhando para mim, e o sujeito do *Telegraph* me perguntava se eu teria algo a comentar e como me sentia ao ver um quadro de trezentas mil libras destruído, e resmunguei algo a respeito de sentir orgulho de ser pintor, falei alguma coisa da natureza transiente da arte, e ele disse achar que o evento daquela noite tinha sido um *happening* artístico em si, e concordamos que, independentemente de *happenings* artísticos, a mulher não estava bem da cabeça.

Barry reapareceu, indo de grupo em grupo, explicando que Paul estava lidando com a jovem, e o destino dela caberia a mim. Os convidados ainda estavam conversando animados quando ele os conduziu à porta. Barry pediu desculpas ao fazê-lo, concordou que vivemos em tempos muito estressantes, explicou que abriria no horário de sempre no dia seguinte.

— Deu tudo certo — disse ele, quando estávamos sozinhos na galeria.

— *Certo?* Foi um desastre.

— Senhor “Stuart Innes, aquele que teve um quadro de trezentas mil libras destruído”. Temos que perdoar certas coisas, não? Ela era uma colega artista, embora tivesse objetivos diferentes. Às vezes, precisamos de algo a mais para nos levar ao patamar seguinte.

Fomos até os fundos.

— De quem foi a ideia? — perguntei.

— Nossa — disse Paul. Estava bebendo vinho branco na sala dos fundos com a mulher ruiva. — Bem, a maior parte foi de Barry. Mas precisávamos de uma boa atriz para fazer a coisa funcionar, e eu a encontrei.

Ela abriu um sorriso modesto. Conseguiu parecer ao mesmo tempo constrangida e satisfeita consigo mesma.

— Se isso não garantir a atenção que você merece, bonitão — disse Barry, sorrindo para mim —, nada mais vai. *Agora* você é importante a ponto de ser atacado.

— O quadro de Windermere está arruinado — constatei.

Barry olhou para Paul, e eles riram.

— Já foi vendido, com manchas de tinta e tudo, por setenta e cinco mil — disse Barry. — É como sempre digo, as pessoas pensam que estão comprando a arte, mas, na verdade, estão comprando a história.

Paul encheu nossas taças.

— E devemos tudo a você — disse ele à mulher. — Stuart, Barry, gostaria de propor um brinde. *A Cassandra*.

— Cassandra — repetimos, e bebemos.

Dessa vez não fui com calma na bebida. Precisava dela.

Então, enquanto ainda estava processando aquele nome, Paul disse:

— Cassandra, este jovem ridiculamente atraente e talentoso é, como você deve saber, Stuart Innes.

— Eu sei. Na verdade, somos velhos amigos.

— É mesmo? — perguntou Barry.

— Bem — respondeu Cassandra —, vinte anos atrás, Stuart escreveu meu nome no seu livro de exercícios de matemática.

Ela parecia a garota do meu desenho, sim. Ou a garota das fotografias, agora adulta. Rosto anguloso. Inteligente. Segura.

Eu nunca a tinha visto na vida.

— Olá, Cassandra — falei.

Não consegui pensar em mais nada para dizer.

* * *

ESTÁVAMOS NA ADEGA no térreo do meu prédio. Também servem comida lá. É mais que um bar de vinhos.

De repente estava conversando com ela como se fosse alguém que eu conhecesse desde a infância. E, repeti a mim mesmo, não era. Tinha acabado de conhecê-la, naquela mesma noite. Ainda havia manchas de tinta em suas mãos.

Demos uma olhada no cardápio, pedimos a mesma coisa (a entrada vegetariana) e, quando o prato chegou, ambos começamos com as *dolmades*, passando em seguida para o *homus*.

— Eu inventei você — disse a ela.

Não foi a primeira coisa que falei: antes conversamos a respeito do teatro comunitário dela, de como ela conhecera Paul, a oferta dele (mil libras pelo espetáculo da noite) e como precisava de dinheiro, mas aceitara principalmente porque parecia ser uma aventura divertida. De todo modo, não pôde recusar depois de ouvir meu nome ser mencionado. Pensou que era obra do destino.

Foi então que eu disse aquilo. Tive medo que ela pensasse que eu era louco, mas falei mesmo assim.

— Eu inventei você.

— Não — respondeu ela. — Não inventou. Quer dizer, é óbvio que não inventou. Estou aqui. Quer encostar em mim?

Olhei para ela. O rosto, a postura, os olhos. Era tudo o que eu tinha sonhado numa mulher. Tudo o que eu procurava sem sucesso nas outras mulheres.

— Sim — respondi. — Quero muito.

— Primeiro, vamos jantar — disse Cassandra. Então, continuou: — Quanto tempo faz que esteve com uma mulher?

— Não sou gay — protestei. — Tive namoradas.

— Eu sei. Quando foi a última?

Tentei lembrar. Teria sido Brigitte? Ou a estilista que a agência de publicidade mandou comigo para a Islândia? Não sabia ao certo.

— Dois anos — respondi. — Talvez três. Ainda não encontrei a pessoa certa, só isso.

— Encontrou uma vez.

Abriu então sua sacola, um objeto roxo e cheio de dobras, tirou dela uma pasta de papelão, abriu-a e retirou um pedaço de papel, amarelado pela fita adesiva nos cantos.

Eu lembrava. Como poderia esquecer? Tinha ficado acima de minha cama durante anos. Ela olhava para o lado, como se falasse com alguém atrás da cortina. Estava escrito *Cassandra, 19 de fevereiro de 1985*. E estava assinado *Stuart Innes*. Há algo ao mesmo tempo constrangedor e terno quando revemos nossa caligrafia de adolescente.

— Voltei do Canadá em 1989 — disse ela. — O casamento dos meus pais desabou lá, e mamãe quis retornar para casa. Imaginei onde você estaria, o que estaria fazendo, e fui até o seu antigo endereço. A casa estava vazia. As janelas estavam quebradas. Era óbvio que não havia mais ninguém morando lá. Os estábulos da escola de equitação já tinham sido derrubados, coisa que me deixou muito triste, pois adorava cavalos quando menina, obviamente, mas caminhei pela casa até encontrar o seu quarto. Era sem dúvida o seu quarto, embora a mobília não estivesse mais lá. Ainda tinha seu cheiro. E isto ainda estava preso à parede. Achei que ninguém sentiria falta.

Ela sorriu.

— *Quem* é você?

— Cassandra Carlisle. Trinta e quatro anos. Ex-atriz. Dramaturga fracassada. Agora administradora de um teatro comunitário em Norwood. Terapia teatral. Salão para alugar. Quatro peças por ano, mais oficinas, e uma pantomima fixa. Quem é *você*, Stuart?

— Você sabe quem eu sou. Sabe que nunca nos encontramos antes, certo?

Ela assentiu.

— Pobre Stuart. Você mora no andar de cima, não? — perguntou ela.

— Sim. Às vezes, o barulho incomoda. Mas fica perto do metrô. E o aluguel não é doloroso.

— Vamos pagar a conta e subir.

Fiz menção de tocar o dorso da mão dela.

— Ainda não — negou, afastando a mão antes que eu pudesse tocá-la. —

Primeiro temos que conversar.

Então, subimos.

— Gosto do seu apartamento. Parece exatamente o tipo de lugar que imagino para você.

— Acho que é hora de começar a procurar algo um pouco maior. Mas o lugar me serve bem. Há uma bela luz nos fundos, para o estúdio. Não dá para ver o efeito agora, de noite. Mas é ótimo para pintar.

É estranho trazer alguém para casa. Faz com que enxerguemos o lugar onde vivemos como se não tivéssemos estado ali antes. Há duas pinturas a óleo na sala me retratando, frutos da minha breve carreira como modelo artístico (não tinha paciência para ficar numa pose durante horas, defeito que reconheço); fotos publicitárias ampliadas na pequena cozinha e no banheiro, dos tempos de modelo; capas de livros (romances, em geral) acima das escadas, para as quais posei.

Mostrei a ela o estúdio, e depois o quarto. Ela examinou a cadeira de barbeiro do período eduardiano que resgatei de um antigo estabelecimento que fechou em Shoreditch. Ela se sentou na cadeira, tirou os sapatos.

— Quem foi o primeiro adulto de quem você gostou? — perguntou.

— Pergunta estranha. Minha mãe, imagino. Não sei. Por quê?

— Eu tinha três anos, talvez quatro. Ele era um carteiro chamado Sr. Cartinhas. Chegava com o furgãozinho do correio e me trazia coisas adoráveis. Não todo dia. Apenas de vez em quando. Pacotinhos de papel marrom com meu nome escrito. Dentro deles, havia brinquedos, doces ou algo do tipo. Tinha um rosto engraçado e amigável, e o nariz parecia uma maçaneta.

— Era real? Parece algo que uma criança inventaria.

— Ele pilotava um furgão do correio dentro de casa. Não era muito grande.

Ela começou a desabotoar a blusa. Era cor de creme, ainda suja dos respingos da tinta.

— Qual é a primeira coisa de que você se lembra? Não algo que tenham lhe dito que fez. Algo de que você realmente se lembra.

— Ir para o litoral quando tinha três anos, com minha mãe e meu pai — respondi.

— Você se lembra disso? Ou se lembra de terem lhe contado essa história?

— Não entendo onde quer chegar…

Ela se levantou, remexeu o corpo, deu um passo para fora da saia. Usava um sutiã branco e um calcinha verde-escura velha. Muito humana: não era algo que se usa para impressionar um novo amante. Imaginei como seriam os seios dela quando tirasse o sutiã. Quis acariciá-los, tocá-los com meus lábios.

Ela andou da cadeira até a cama, onde eu estava sentado.

— Agora, deite-se. Daquele lado da cama. Ficarei ao seu lado. Não toque em mim.

Deitei-me, com os braços estendidos ao longo do corpo. Ela me observava.

— Você é tão bonito — comentou. — Mas, sinceramente, não sei se faz meu tipo. Faria se eu tivesse quinze anos. Simpático, doce e nada ameaçador. Artístico. Pôneis. Uma escola de equitação. E aposto que nunca tenta nada com uma garota a não ser que tenha certeza de que ela está pronta, não é?

— Não. Acho que nunca tento.

Ela se deitou ao meu lado.

— Pode me tocar agora — disse Cassandra.

* * *

TINHA VOLTADO A pensar em Stuart no final do ano passado. Acho que era o estresse. O trabalho ia bem, até certo ponto, mas eu tinha terminado com Pavel — que pode ou não ter sido um marginal, embora certamente estivesse se metendo num grande número de roubadas no Leste Europeu —, e estava considerando usar sites de relacionamento. Tinha passado uma semana idiota aderindo ao tipo de site que nos coloca em contato com velhos amigos, e daí foi fácil chegar em Jeremy “Scallie” Porter — e Stuart Innes.

Não sei se ainda consigo. Me falta a concentração, a atenção aos detalhes. Coisas que perdemos quando ficamos mais velhos.

O Sr. Cartinhas costumava chegar com seu furgão quando meus pais não tinham tempo para mim. Ele abria seu grande sorriso de gnomo, piscava o olho para mim, me entregava um pacote de papel marrom com *Cassandra* escrito em grandes letras de forma, e dentro haveria um chocolate, uma boneca ou um livro. Seu presente final foi um microfone cor-de-rosa de plástico, e eu andava pela casa com ele fingindo cantar ou estar na tevê. Foi o melhor presente que já ganhei.

Meus pais não faziam perguntas sobre os presentes. Eu não me indagava a respeito de quem os estaria mandando. Chegavam com o Sr. Cartinhas, que pilotava seu furgãozinho pelo corredor até a porta do meu quarto e sempre batia três vezes. Eu era uma garota que demonstrava os sentimentos que sentia e, por isso, quando o vi pela primeira vez depois de ganhar o microfone de plástico, corri até ele e abracei suas pernas com meus braços.

É difícil descrever o que ocorreu em seguida. Ele se desfez como se fosse de neve ou de cinzas. Num instante eu estava abraçando uma pessoa, e então havia apenas um pó branco, e nada mais.

Depois daquele dia, continuei esperando que o Sr. Cartinhas voltasse, mas isso nunca aconteceu. Acabou. Algum tempo depois, tornou-se constrangedor me lembrar dele: eu tinha me apaixonado por *aquilo*.

É tão estranho, esse cômodo.

Me pergunto por que pensei que uma pessoa que me fez feliz quando eu tinha quinze anos poderia me fazer feliz agora. Mas Stuart era perfeito: a escola de equitação (com pôneis), e as pinturas (mostrando que era sensível), e a inexperiência com as garotas (para que eu fosse sua primeira) e quanto ele se tornaria alto, muito alto, sombrio e bonito. Gostava do nome também: era vagamente escocês e (aos meus ouvidos) soava como o herói de um romance.

Escrevi o nome de Stuart nos meus livros escolares.

Não contei às minhas amigas o detalhe mais importante a respeito de Stuart: eu o tinha inventado.

E agora estou levantando da cama e olhando para a silhueta de um homem, um vulto feito de farinha, cinzas ou poeira sobre o lençol de cetim preto, e estou vestindo minhas roupas.

As fotografias na parede também estão desbotando. Não esperava por isso. Eu me pergunto o que restará do mundo dele daqui a algumas horas, se seria melhor tê-lo deixado em paz, usado apenas como fantasia masturbatória, algo que trouxesse segurança e conforto. Ele teria passado a vida inteira sem jamais tocar em alguém de fato, apenas uma foto e um quadro e uma meia lembrança para um punhado de pessoas que quase não pensavam mais nele.

Deixo o apartamento. O bar do andar de baixo ainda tem gente. Estão sentadas na mesa, no canto, onde Stuart e eu tínhamos nos sentado mais cedo. A vela diminuiu bastante, mas imagino que quase poderia ser a gente. Um homem

e uma mulher, conversando. E logo os dois vão se levantar da mesa e ir embora, e a vela será apagada e as luzes também, encerrando mais uma noite.

Chamo um táxi. Entro. Por um momento — pela última vez, espero — me pego com saudades de Stuart Innes.

Então relaxo no assento do táxi e o abandono. Espero que possa pagar a corrida, e me pergunto se haverá um cheque na minha bolsa de manhã, ou apenas outra folha de papel em branco. Então, mais satisfeita que insatisfeita, fecho os olhos e espero chegar em casa.

Às profundezas de um mar sem sol

O Tâmisa é uma fera imunda, atravessa Londres em zigue-zague como uma cobra-cega ou uma serpente marinha. Todos os rios correm para ele, o Fleet, o Tyburn e o Neckinger, carregando toda a imundície, a escória e o esgoto, os corpos de cães e gatos e os ossos de ovelhas e porcos para a água marrom do Tâmisa, que os leva para o leste até o estuário e, de lá, para o Mar do Norte e o esquecimento.

Chove em Londres. A chuva remove a sujeira para os bueiros e incha córregos, transformando-os em rios, e os rios em coisas poderosas. A chuva é barulhenta, chapinhando, tamborilando e chacoalhando telhados. Se a água é limpa quando cai do céu, basta tocar Londres para virar sujeira, misturando pó e fazendo lama.

Ninguém bebe essa água, seja da chuva ou do rio. Há piadas dizendo que a água do Tâmisa mata instantaneamente, e isso não é verdade. Há meninos de rua que mergulham nas profundezas do rio em busca de moedas arremessadas e voltam à superfície cuspindo a água, tremendo e mostrando as moedas. Eles não morrem, é claro, ou não disso, embora não haja nenhum com mais de quinze anos.

A mulher não parece se importar com a chuva.

Ela caminha pelas docas de Rotherhithe, como tem feito há anos, há décadas — ninguém sabe quantos anos, porque ninguém se importa. Ela caminha pelas docas, ou encara o mar. Examina os navios, que balançam ancorados. Precisa de alguma coisa que impeça corpo e alma de dissolver sua parceria, mas ninguém nas docas tem a menor ideia do que fazer.

Você procura refúgio do dilúvio sob um toldo armado por um fabricante de velas. Assume de início que está sozinho ali embaixo, pois ela está imóvel como uma estátua e olha na direção da água, embora não seja possível ver nada com a cortina de chuva. A margem oposta do Tâmisa desapareceu.

E, então, ela o vê. Ela o vê e começa a falar — não com você, ah, não, mas com a água cinzenta que cai do céu cinzento dentro do rio cinzento.

— Meu filho queria ser marinheiro — diz.

E você não sabe o que responder, ou como responder. Seria necessário gritar para se fazer ouvir em meio ao rugido da chuva, mas ela fala, e você escuta. E se estica e se distende para entender as palavras dela.

— Meu filho queria ser marinheiro.

“Pedi a ele para não partir para o mar. ‘Sou sua mãe’, eu disse. ‘O mar não vai amá-lo como eu amo, o mar é cruel.’ Mas ele respondeu: ‘Ó, mãe, preciso ver o mundo. Preciso ver o sol nascer nos trópicos e a aurora boreal dançando no céu do ártico, e, acima de tudo, preciso fazer minha fortuna, e, quando ela estiver feita, vou voltar para você e vou construir uma casa, e você terá criados, e vamos dançar, mãe, ah, como vamos dançar…’

“‘E o que eu faria numa casa sofisticada?’, perguntei a ele. ‘Você é um tolo com esse belo discurso.’ Contei-lhe a respeito do pai, que nunca voltou do mar: alguns dizem que morreu e se perdeu nas águas, enquanto outros juraram ter visto ele administrando um bordel em Amsterdã.

“Não faz diferença. O mar o levou.

“Quando tinha doze anos, meu menino fugiu rumo às docas e embarcou no primeiro navio que encontrou. Foi até Flores, nos Açores, me contaram.

“Há navios de mau agouro. Navios ruins. Dão uma demão de tinta neles depois de cada desastre, e um novo nome, para tapear os incautos.

“Os marinheiros são supersticiosos. Os boatos circulam. O navio havia sido encalhado de propósito pelo capitão a mando dos proprietários, para fraudar a seguradora; então, remendado e quase novo, foi tomado por piratas; em seguida, recebeu um carregamento de cobertores e se tornou um navio pestilento tripulado por mortos, e apenas três homens o trouxeram ao porto de Harwich…

“Meu filho partiu num navio agourento. Foi na viagem de volta que a tempestade os atingiu, quando ele me trazia seus ganhos, pois era jovem demais para gastar em mulheres e bebida feito o pai.

“Ele era o menor no bote salva-vidas.

“Dizem que o sorteio foi justo, mas eu não acredito. Ele era menor que os outros. Depois de oito dias à deriva no barco, estavam com tanta fome. E, se de fato sortearam, então trapacearam.

“Roeram até limpar os ossos, um por um, e os entregaram à sua nova mãe, a água. Ela não derramou lágrimas e o recebeu sem nenhuma palavra. Ela é cruel.

“Há noites em que desejo que ele não tivesse me contado a verdade. Poderia ter mentido.

“Deram os ossos do meu filho para o mar. Mas o imediato do navio, além de conhecer meu marido, também me conhecia. E mais do que pensara meu marido, para dizer a verdade. O imediato guardou um osso como recordação.

“Quando voltaram a terra, todos jurando que meu menino tinha se perdido na tempestade que afundou o navio, o imediato veio de noite e me contou a verdade do ocorrido. Ele me deu o osso, em nome do amor que existiu entre nós.

“Eu disse: ‘Você fez algo terrível, Jack. Foi seu filho que você comeu.’

“O mar também o levou, naquela noite. Ele caminhou em direção à água, com os bolsos cheios de pedras, e seguiu andando. Nunca tinha aprendido a nadar.

“E coloquei o osso numa corrente para me lembrar dos dois, na madrugada, quando o vento quebra as ondas do mar e as faz desabar na areia, quando o vento uiva ao redor das casas como um bebê chorando.”

A chuva começa a amainar, e você pensa que a mulher terminou, mas agora, pela primeira vez, ela olha para você. Parece estar prestes a falar. Puxa algo preso ao pescoço e lhe estende as mãos.

— Aqui — diz ela. Os olhos da mulher, ao cruzar com os seus, são marrons como o Tâmisa. — Quer tocar nele?

Você tem vontade de arrancar aquilo do pescoço dela, arremessar no rio para os meninos de rua, que encontrem ou percam. Porém, em vez disso, você deixa a proteção do toldo armado, e a água da chuva corre pelo seu rosto como as lágrimas de outra pessoa.

A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

Indaga se sou capaz de me perdoar? Posso me perdoar por muitas coisas. Por onde o deixei. Por aquilo que fiz. Mas não vou me perdoar pelo ano em que detestei minha filha, quando pensei que ela tivesse fugido, talvez para a cidade. Durante aquele ano proibi que seu nome fosse mencionado, e quando o nome dela vinha às minhas preces enquanto eu orava, era para pedir que ela um dia percebesse o que fizera, a desonra que trouxera à minha família, o vermelho que tingia os olhos da mãe.

Odeio a mim mesmo por isso, e nada pode aliviar essa sensação, nem mesmo o que aconteceu naquela noite, na montanha.

Minha busca durara quase dez anos, embora o rastro estivesse frio. Diria que o encontrei por acaso, mas não acredito no acaso. Se seguirmos a trilha, no fim chegaremos à caverna.

Mas isso foi depois. Antes, havia o vale no continente, a casa branca cercada por um campo delicado cortado por um córrego, uma casa que repousava contra o verde da grama e as urzes que começavam a arroxear.

E havia um menino do lado de fora, recolhendo a lã emaranhada em um arbusto espinhoso. Ele não notou minha aproximação, e não olhou para cima até que eu dissesse:

— Eu costumava fazer isso. Recolher a lã dos espinheiros e galhos secos. Minha mãe as lavava e depois fazia coisas para mim com os fios. Uma bola ou um boneco.

Ele se virou. Parecia chocado, como se eu tivesse surgido do nada. E não era verdade. Eu tinha caminhado muitas léguas, e ainda havia muitas mais a percorrer.

— Ando silenciosamente — disse-lhe. — Essa é a casa de Calum MacInnes?

O menino concordou com a cabeça, levantou-se até ficar de pé, sendo talvez dois dedos mais alto que eu, e afirmou:

— Eu sou Calum MacInnes.

— Há mais alguém com esse nome? O Calum MacInnes que procuro é um homem feito.

O menino nada respondeu, apenas soltou outro tufo espesso de lã de ovelha emaranhando nos galhos do espinheiro. Eu insisti:

— Talvez seu pai? Por acaso o nome dele também é Calum MacInnes?

O menino me observava atentamente.

— O que é você? — indagou.

— Sou um homem pequeno, mas ainda assim um homem. E vim aqui para ver Calum MacInnes.

— Por quê? E por que é tão pequeno?

— Porque desejo perguntar algo ao seu pai. Negócios de homem.

Vi um sorriso despontar nos cantos dos lábios dele.

— Não é ruim ser pequeno, jovem Calum. Houve uma noite em que os Campbell bateram à minha porta, um grupo enorme, doze homens com facas e porretes, e exigiram que minha esposa, Morag, me chamasse, pois tinham vindo me matar, como vingança por algum delito inventado. E ela disse: “Johnnie, meu querido, corra para o prado mais distante e diga ao seu pai para voltar para casa, que estou chamando por ele.” E os Campbell observaram enquanto o menino saía pela porta. Eles sabiam que eu era perigosíssimo. Mas ninguém havia lhes dito que eu era um anão, ou se disseram, não acreditaram.

— O menino o chamou? — disse o rapaz.

— Não era um menino — revelei —, era eu. Eles tinham me encurralado, mas mesmo assim escapei andando pela porta, escapando entre seus dedos.

Ele riu.

— Por que os Campbell estavam atrás de você?

— Foi uma desavença envolvendo gado. Eles pensaram que as vacas lhes pertenciam. Argumentei que a posse dos Campbell sobre as vacas tinha chegado ao fim na primeira noite em que elas vieram comigo pelas colinas.

— Espere aqui — disse o jovem Calum MacInnes.

Sentei-me ao lado do córrego e olhei para a casa. Era uma casa de bom tamanho: suporia ser a residência de um médico ou um homem das leis, e não de um *border reaver*. Havia seixos no chão, e construí uma pilha com eles e os arremessei no córrego, um por um. Enxergo bem, e me diverti jogando as

pedrinhas por sobre o prado e para dentro da água.

Já havia arremessado uma centena de pedras quando o menino voltou, acompanhado por um homem alto de andar firme. O cabelo dele tinha mechas grisalhas, o rosto era longo e lupino. Não há mais lobos naquelas colinas, não mais, e os ursos também se foram.

— Bom dia, meu senhor — falei.

Ele nada respondeu, apenas olhou fixamente para mim. Estou acostumado a ser encarado.

— Procuro Calum MacInnes. Se é você, diga, para que eu o cumprimente. Se não for, conte logo, e seguirei meu caminho.

— O que deseja com Calum MacInnes?

— Desejo contratá-lo, como guia.

— E aonde gostaria de ser levado?

Encarei-o.

— É difícil dizer. Pois há quem ache que o lugar não existe. Soube de uma certa caverna na Ilha das Brumas.

Ele nada disse. Então, se dirigiu ao filho:

— Calum, volte para casa.

— Mas, pa...

— Diga à sua mãe que lhe dê algum doce, a meu pedido. Sei que você gosta. Vá.

Diferentes expressões cruzaram o semblante do menino: perplexidade, fome, alegria… e então ele se voltou e correu em direção à casa branca.

— Quem o mandou? — perguntou Calum MacInnes.

Apontei para o córrego que passava por nós em sua jornada colina abaixo.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Água.

— Dizem que há um rei além dela.

Eu não o conhecia na época, e jamais o conheci bem, mas seu olhar se armou, defensivo, e sua cabeça se inclinou para o lado.

— Como posso saber se você é quem diz? — perguntou.

— Não aleguei nada. Disse apenas que há quem tenha ouvido falar da existência de uma caverna na Ilha das Brumas, e talvez você conheça o caminho.

— Não vou lhe dizer onde fica a caverna.

— Não vim aqui atrás de instruções. Busco um guia, e viajar acompanhado é mais seguro que sozinho.

Ele me olhou de cima a baixo, e aguardei a piada sobre meu tamanho, mas Calum não fez nenhuma brincadeira, e por isso me senti grato.

Ele apenas disse:

— Não entrarei na caverna. Você terá que carregar o ouro sozinho.

— Não faz diferença para mim — disse eu.

— Só poderá levar aquilo que conseguir carregar. Não tocarei em nada. Mas aceito ser seu guia.

— Será bem recompensado pelo trabalho. — Abri a bolsa, peguei uma sacola entreguei-a para ele. — Isso é por me levar. Receberá outra, duas vezes maior, quando voltarmos.

Ele derramou as moedas da sacola na imensa mão e assentiu. — Prata — comentou. — Ótimo. Vou me despedir da minha mulher e do meu filho.

— Não há nada que precise levar?

— Eu era *reaver* na juventude, e os *reavers* viajam com pouco. Trarei uma corda, para as montanhas.

Tocou na adaga, que pendia do cinto, e voltou para a casa branca. Nunca vi a mulher dele, naquele dia ou em algum outro. Não sei de que cor era o cabelo dela.

Arremessei outras cinquenta pedrinhas no córrego enquanto esperava, até que ele voltou, com um rolo de corda pendurado no ombro, e então caminhamos juntos para longe da casa grande demais para um *reaver*, e seguimos para o oeste.

* * *

AS MONTANHAS ENTRE o resto do mundo e a costa são colinas graduais, visíveis a distância como vultos graciosos, roxos e enevoados, como nuvens. Convidativas. São montanhas pouco íngremes, do tipo que podem ser escaladas facilmente com uma caminhada, porém se leva mais de um dia inteiro na jornada. Andamos montanha acima e, ao final do primeiro dia, sentimos frio.

Vi neve nos picos acima de nós, embora estivéssemos em pleno verão.

Nada dissemos um ao outro naquele primeiro dia. Não havia nada a dizer.

Sabíamos para onde estávamos indo.

Fizemos uma fogueira usando excremento seco de ovelha e galhos mortos; fervemos água e preparamos nosso mingau, cada um jogando um punhado de aveia e uma pitada de sal na panelinha que eu trouxera. O punhado dele era enorme, e o meu era pequeno, como minhas mãos, o que o fez sorrir e dizer:

— Espero que não queira comer metade do mingau.

Eu neguei e, de fato, não o fiz, pois meu apetite é menor do que o de um homem feito. Mas acredito que isso seja uma vantagem, pois posso sobreviver na floresta comendo frutos e sementes que não impediriam uma pessoa maior de passar fome.

Uma espécie de trilha cruzava as colinas altas, e nós a seguimos sem encontrar quase ninguém: um funileiro viajante e seu burro, carregando uma alta pilha de panelas velhas, e uma menina conduzindo o animal. Ela sorriu para mim ao pensar que eu fosse uma criança e depois franziu a testa ao perceber o que sou realmente, e teria arremessado uma pedra em mim se o funileiro não tivesse batido na mão dela com a vareta que vinha usando para incentivar o burro. Depois, encontramos uma velha com um homem que ela dizia ser seu neto, descendo a colina. Comemos com ela, que nos disse ter ajudado no nascimento do primeiro bisneto, e que o parto fora bom. Ela falou que leria nossa sorte na palma das mãos se tivéssemos moedas para as mãos dela. Dei à velhota um *penny* surrado, e ela leu minha mão.

— Vejo morte no seu passado e morte no seu futuro — disse ela.

— A morte aguarda no futuro de todos nós — respondi.

Ela fez uma pausa, ali no ponto mais alto das Highlands, onde os ventos do verão trazem o inverno no hálito e uivam e chicoteiam e cortam o ar como facas.

— Havia uma mulher em uma árvore. Haverá um homem em uma árvore — disse ela.

— Isso quer dizer alguma coisa?

— Um dia, talvez. Tome cuidado com o ouro. A prata é sua amiga.

E, então, ela havia terminado comigo.

A Calum, ela disse:

— Sua palma foi queimada. — Ele afirmou que aquilo era verdade. — Dê-me sua outra mão, a esquerda.

Ele obedeceu. A velha observou a palma atentamente e proclamou:

— Retorna para onde começou. Estará mais alto do que a maioria dos homens. E não há túmulo esperando você para onde estão indo.

— Está dizendo que não vou morrer?

— É a sorte da mão esquerda. Sei apenas o que lhe disse, e nada mais.

Ela sabia mais. Vi em seu rosto.

Esse foi o único episódio interessante do segundo dia.

Dormimos ao relento naquela noite. A madrugada foi clara e fria, e o céu estava repleto de estrelas que pareciam tão brilhantes e próximas a ponto de eu acreditar que poderia pegá-las como frutinhas, se estendesse o braço.

Deitamos lado a lado sob as estrelas, e Calum disse:

— A velha revelou que a morte o aguarda. Mas a morte não espera por mim. Acho que a minha sorte é melhor.

— Talvez.

— Ah — disse ele. — Tudo isso não passa de bobagem. Conversa de velha. Não é verdade.

Acordei em meio à neblina da alvorada e vi um cervo nos observando, curioso.

No terceiro dia, chegamos ao cume das montanhas e começamos a caminhar colina abaixo.

— Quando eu era menino, a adaga do meu pai caiu no fogo em que cozinhávamos. Eu a tirei de lá, mas o punho de metal estava tão quente quanto as chamas. Levei um susto, mas não a soltei. Afastei-a do fogo e mergulhei a lâmina na água. Saiu vapor. Lembro-me disso. Minha palma ficou queimada, e minha mão, curvada, como se tivesse que empunhar uma espada até o final dos tempos — disse meu companheiro.

— Você e sua mão. Eu, apenas um homem pequenino. Belos heróis nós somos, buscando nossa sorte na Ilha das Brumas.

Ele soltou uma gargalhada, curta e sem humor.

— Belos heróis — foi tudo o que disse.

A chuva começou a cair pouco tempo depois, e não parou mais. Naquela noite passamos por uma pequena casa de pedra. Havia um fio de fumaça saindo da chaminé. Chamamos o proprietário, mas não houve resposta.

Abri a porta e chamei mais uma vez. O lugar estava escuro, mas senti cheiro de cera, como se uma vela acesa tivesse sido apagada recentemente.

— Ninguém em casa — afirmou Calum.

Mas balancei a cabeça e avancei, então me abaixei na escuridão sob a cama.

— Poderia sair daí? — pedi. — Somos viajantes buscando calor, abrigo e hospitalidade. Compartilharemos com você nossa aveia e nosso uísque. E não lhe faremos mal.

De início, a mulher escondida embaixo da cama não disse nada, mas depois, falou:

— Meu marido está nas colinas. Ele disse para eu me esconder caso desconhecidos se aproximassem da casa, por medo do que poderiam fazer comigo.

— Sou apenas um homenzinho, minha senhora, do tamanho de uma criança. Você poderia me derrubar com um só golpe. Meu companheiro é um homem feito, mas juro que ele não lhe fará mal. Vai apenas partilhar da sua hospitalidade e secar o corpo. Por favor, saia daí.

Ela emergiu de debaixo da cama coberta de pó e teias de aranha, mas, mesmo com o rosto sujo, era linda, e o cabelo, mesmo cheio de teias e com uma camada cinzenta de poeira, ainda era comprido e espesso, de um tom acobreado. Por um instante, ela me fez lembrar da minha filha, mas minha filha olharia um homem nos olhos, enquanto aquela mulher encarava apenas o chão, temerosa, como se esperasse levar uma surra.

Dei a ela um pouco da nossa aveia, e Calum sacou do bolso tiras de carne-seca, e ela foi ao campo e voltou com um par de nabos magros e preparou o jantar para nós três.

Comi até ficar satisfeito. Ela não estava com fome. Acredito que Calum continuava com fome ao terminar a refeição. Ele serviu uísque a nós três: ela tomou apenas um pouco, e com água. A chuva batucava no telhado da casa, e uma poça se formava no canto do cômodo, e por mais desconfortável que fosse, fiquei contente por estar ali dentro.

Foi então que um homem entrou pela porta. Ele nada disse, apenas nos olhou fixamente, desconfiado e bravo. Tirou a capa de estopa encerada e o chapéu, e os largou no chão de terra. Estavam ensopados e formaram poças. O silêncio era opressivo.

— Sua mulher nos ofereceu abrigo quando a encontramos. Mas foi difícil achá-la — disse Calum MacInnes.

— Pedimos hospitalidade — falei. — Como a pedimos agora do senhor.

O homem nada disse, apenas grunhiu.

Nas Highlands, as pessoas poupam palavras como se fossem moedas de ouro. No entanto, os costumes são fortes ali: os desconhecidos que solicitam hospitalidade precisam recebê-la, por mais que haja alguma disputa de sangue entre os clãs.

A mulher — não mais que uma menina, enquanto a barba do marido era grisalha e branca, a ponto de eu me perguntar em certo momento se ela não seria sua filha, mas não: havia apenas uma cama, onde mal cabiam dois — a mulher saiu e foi até o cercado das ovelhas ao lado da casa, voltando com pães de aveia e presunto curado que ela deve ter escondido ali, cortando-os em fatias finas e servindo-as em uma travessa de madeira colocada diante do homem.

Calum serviu uísque ao homem e disse:

— Procuramos a Ilha das Brumas. Sabe se ela está lá?

O homem olhou para nós. Os ventos são amargos nas Highlands, e poderiam arrancar as palavras da boca de um homem. Ele comprimiu os lábios e, em seguida, falou:

— Sim, eu a vi do cume esta manhã. Está lá. Não posso dizer se vai estar lá amanhã.

Dormimos no chão de terra batida daquele casebre. O fogo se apagou, e não havia calor vindo do fogão a lenha. O homem e sua esposa dormiram na cama, por trás da cortina. Ele fez o que queria com ela, sob a pele de ovelha que cobria a cama, e antes disso, ele a surrou por ter nos alimentado e deixado entrar. Eu os ouvi, não pude deixar de ouvi-los, e foi difícil pegar no sono aquela noite.

Já dormi na casa de pessoas pobres, e já dormi em palácios, e já dormi sob as estrelas, e teria dito que, antes daquele dia, todos esses lugares eram iguais para mim. Mas despertei antes do amanhecer, convencido de que seria melhor ir embora dali, mesmo sem saber por quê, e acordei Calum tocando em seus lábios com o dedo, e silenciosamente deixamos aquela casa de pedra na montanha sem nos despedirmos, e nunca me senti mais aliviado ao deixar um lugar para trás.

Já estávamos a quase dois quilômetros de lá quando eu disse:

— A ilha. Você perguntou se ela estaria lá. Bem, ou a ilha está lá, ou não está.

Calum hesitou. Parecia estar escolhendo as palavras, e então disse:

— A Ilha das Brumas não é como as outras. E as brumas que a cercam não

são como as outras brumas.

Pegamos uma trilha aberta pela passagem de centenas de cascos de ovelhas e cervos, e poucos homens.

— Também a chamamos de Ilha Alada. Alguns dizem que é porque, quando vista de cima, a ilha parece ter o formato de asas de borboleta. Não sei qual é a verdade disso — falou Calum. — "Que é a Verdade?", disse Pilatos.

É mais difícil descer do que subir.

— Às vezes, acho que a verdade é um lugar. Para mim, é como uma cidade: pode haver uma centena de estradas, uma centena de caminhos que, no fim, vão nos levar ao mesmo lugar. Não importa de onde venhamos. Se seguirmos na direção da verdade, vamos alcançá-la, independentemente do rumo que tomarmos.

Calum MacInnes olhou para mim e nada disse. Então:

— Você está enganado. A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras. Há somente um caminho até lá, e um caminho apenas. Um caminho árduo e traiçoeiro. E, se seguir na direção errada, vai morrer sozinho na montanha.

Chegamos ao cume e olhamos para baixo, na direção da costa. Vi os vilarejos lá embaixo, perto da água. E vi as altas Montanhas Negras diante de mim, do outro lado do mar, despontando em meio à neblina.

— Lá está sua caverna, naquelas montanhas — disse Calum.

Ao vê-las, pensei serem aqueles os ossos da terra. E então senti um desconforto ao pensar em ossos e, para me distrair, perguntei:

— Quantas vezes já foi até lá?

— Só uma. Procurei a caverna quando tinha dezesseis anos, pois ouvira as lendas e acreditava que a encontraria se a buscasse. Tinha dezessete quando cheguei a ela e me apossei de todas as moedas de ouro que consegui carregar.

— Não teve medo da maldição?

— Quando eu era jovem, não tinha medo de nada.

— O que fez com o seu ouro?

— Parte dele foi enterrada e só eu sei onde. Usei o restante para pagar o dote da mulher que eu amava, e construir uma boa casa.

Ele se calou como se já tivesse falado demais.

Não havia balseiro no píer. Apenas um barco pequeno, que mal daria para três homens, amarrado ao tronco de uma árvore retorcida e meio morta na praia e um

sino ao lado dele.

Toquei o sino e, pouco depois, um homem gordo veio à praia.

— O transporte vai lhe custar um xelim, e ao seu filho, três *pence* — disse ele a Calum.

Endireitei as costas. Não sou tão grande quanto os outros homens, mas tenho tanto orgulho quanto qualquer um deles.

— Também sou um adulto — afirmou. — Pagarei um xelim.

O balseiro me olhou de cima a baixo, e então coçou a barba.

— Peço desculpas. Meus olhos já não são mais os mesmos. Vou levá-los à ilha.

Dei a ele o xelim. Ele o pesou na mão.

— São nove *pence* que você preferiu não roubar de mim. Nove *pence* não são pouca coisa nesses tempos sombrios.

A água era da cor da ardósia, embora o céu estivesse azul, e cristas brancas de espuma trombavam na superfície. O balseiro desamarrou o barco e arrastou-o, oscilante, pelas pedrinhas da praia até a beira da água. Ele entrou no mar frio e subiu no barco.

Remos golpearam a água do mar, e o barco avançou na direção da ilha com facilidade. Sentei-me perto do balseiro.

— Nove *pence*. É um bom dinheiro. Mas soube de uma caverna nas montanhas da Ilha das Brumas que é cheia de moedas de ouro, o tesouro dos antigos.

Ele balançou a cabeça, desinteressado.

Calum olhava fixamente para mim, comprimindo os lábios com tanta força que estavam brancos. Ignorei-o e continuei:

— Uma caverna cheia de moedas de ouro, um presente dos nórdicos, ou dos povos do Sul, ou daqueles que dizem ter estado aqui muito antes de todos nós: aqueles que fugiram para o Oeste quando as pessoas chegaram.

— Já ouvi falar — respondeu o balseiro. — E também soube da maldição. Para mim, que um cuide do outro. — Ele cuspiu no mar. Então, continuou: — Você é uma pessoa honesta, anão. Vejo no seu rosto. Não procure a caverna. Nada de bom pode vir dela.

— Estou certo de que tem razão — falei a ele, sem malícia.

— Sei que tenho — respondeu ele. — Pois não é todo dia que levo um *reaver*

e um anãozinho à Ilha das Brumas. — E completou: — Nessa parte do mundo, acreditamos que dá azar falar daqueles que foram para o Oeste.

Fizemos o resto da jornada em silêncio, apesar de o mar ter ficado mais agitado, e as ondas, começado a estourar contra a lateral do barco a ponto de eu me agarrar com as duas mãos por medo de ser derrubado.

Depois do que pareceu metade de uma vida, o barco foi amarrado a um comprido píer de pedras pretas. Caminhamos pelo atracadouro, enquanto as ondas estouravam ao nosso redor e as gotas salgadas beijavam nosso rosto. Havia um corcunda ao chegarmos à praia, vendendo pão de aveia e ameixas tão secas que pareciam pedras. Dei a ele um *penny* e enchi a bolsa com eles.

Então adentramos a Ilha das Brumas.

Estou velho agora, ou, ao menos, não sou mais jovem, e tudo que vejo me lembra de outra coisa que já vi, de modo que não vejo nada pela primeira vez. Uma menina bonita, com cabelos cor de fogo, me lembra de outras centenas de moças assim, e suas mães, e como eram enquanto cresciam e quando morreram. É a maldição da idade: todas as coisas viram reflexos de outras.

Digo isso, mas o tempo que passei na Ilha das Brumas não me faz lembrar de nada além do próprio período que passei lá.

A partir do atracadouro, é necessário um dia inteiro de caminhada para chegar às Montanhas Negras.

Calum MacInnes olhou para mim, com metade do seu tamanho ou menos, e partiu em uma série de passos largos, como se me desafiasse a acompanhar seu ritmo. As pernas o impulsionavam pelo chão, que estava molhado e cheio de samambaias e urzes.

Acima de nós, nuvens baixas flutuavam no vento, cinzentas, brancas e pretas, ocultando umas às outras, revelando-se para então se esconderem.

Deixei que ele tomasse a dianteira, que avançasse na chuva até ser engolido pela névoa úmida e cinzenta. Foi somente então que corri.

Esse é um dos meus segredos, uma das coisas que não revelei a ninguém, a não ser Morag, minha esposa, e Johnnie e James, meus filhos, e Flora, minha filha (que as Sombras acalentem sua pobre alma): consigo correr, e correr muito bem, e, se necessário, posso correr mais rápido, por mais tempo e com passos mais seguros do que qualquer homem de estatura normal; e foi assim que corri, então, em meio à névoa e à chuva, indo pelo caminho mais alto das colinas de

rocha negra, mas me mantendo abaixo das nuvens.

Ele estava na minha frente, mas logo o avistei, e continuei correndo até ultrapassá-lo, ainda pelo caminho mais alto, com o cume da colina entre nós. Abaixo havia um riacho. Posso correr por dias sem parar. Esse é o primeiro dos meus segredos; porém, há um segredo que não revelei a ninguém.

Já tínhamos discutido sobre onde acampar naquela primeira noite na Ilha das Brumas, e Calum me dissera que descansaríamos sob a rocha conhecida como Homem e Cachorro, pois dizem que se parece com um velho ao lado de um cão, e cheguei ao ponto de encontro no fim da tarde. Havia um abrigo sob a pedra, que era protegido e seco, e alguns dos que tinham estado ali antes deixaram lenha, galhos, gravetos e raminhos. Fiz uma fogueira para me secar, afastando o frio dos ossos. A fumaça da lenha soprou pelas urzes.

Estava escuro quando Calum chegou ofegante ao abrigo e olhou para mim como se não esperasse me ver antes da meia-noite.

— Por que demorou tanto, Calum MacInnes?

Ele nada disse, apenas me encarou.

— Temos truta cozida em água da montanha e uma fogueira para aquecer os ossos.

Calum assentiu. Comemos a truta e bebemos uísque para esquentar o corpo. Havia um monte de urzes e samambaias, secas e marrons, empilhadas no fundo do abrigo, e dormimos sobre isso, bem embrulhados em nossos mantos úmidos.

Acordei no meio da noite. Senti o aço frio contra minha garganta: a lateral da lâmina, não o fio.

— Por que decidiria me matar agora, Calum MacInnes? Nosso caminho é longo, e nossa jornada ainda não acabou.

— Não confio em você, anão.

— Não é em mim que você deve confiar — afirmei —, e sim naqueles a quem sirvo. E se voltar sem mim, há quem ficará sabendo do nome de Calum MacInnes, fazendo com que este seja dito nas sombras.

A lâmina fria permaneceu na minha garganta.

— Como conseguiu chegar antes de mim?

— E cá estava eu, recompensando sua má conduta, pois preparei-lhe o fogo e a comida. Sou um homem difícil de despistar, Calum MacInnes, e um guia jamais deveria fazer o que você fez hoje. Agora, afaste a adaga do meu pescoço

e me deixe dormir.

Ele nada disse, mas, após alguns instantes, guardou a lâmina. Obriguei-me a não suspirar nem respirar, torcendo para que ele não ouvisse meu coração martelando no peito; e não consegui mais dormir naquela noite.

Para o café da manhã, preparei mingau, e joguei nele algumas ameixas secas para amolecê-las.

As montanhas eram negras e cinzentas contra o branco do céu. Vimos águias imensas e de asas esfarrapadas circulando sobre nossas cabeças. Calum estabeleceu um ritmo sóbrio, e eu caminhei ao seu lado, dando dois passos para acompanhar cada passada dele.

— Quanto tempo mais? — perguntei-lhe.

— Um dia. Talvez dois. Depende do clima. Se as nuvens baixarem, serão dois dias, ou talvez três…

As nuvens desceram ao meio-dia, e o mundo foi coberto por uma neblina pior que a chuva: gotículas de água pairavam no ar, umedecendo roupas e pele. As rochas sobre as quais caminhávamos se tornaram traiçoeiras, e Calum e eu diminuímos o ritmo da subida, com passos cuidadosos. Não estávamos escalando, e sim andando montanha acima, usando trilhas abertas por bodes e caminhos ásperos e acidentados. As rochas eram escuras e escorregadias: caminhamos, escalamos, cambaleamos e nos agarramos, escorregamos, deslizamos, tropeçamos e perdemos o equilíbrio, e mesmo em meio à bruma, Calum sabia aonde estava indo, e eu o segui.

Ele parou quando nos aproximamos de uma cachoeira que cortava nosso caminho, espessa como o tronco de um carvalho. Sacou a corda fina que trazia no ombro e amarrou-a em uma rocha.

— Isso não estava aqui antes — disse-me. — Vou primeiro.

Calum amarrou uma extremidade da corda na cintura e se esgueirou pela trilha, entrando na queda d’água, pressionando o corpo contra o paredão de pedra molhada, avançando aos poucos e com determinação, atravessando o véu da cachoeira.

Tive medo do que poderia acontecer a ele, medo do que poderia acontecer a nós dois: prendi a respiração enquanto ele atravessava, e só voltei a respirar quando meu guia chegou ao outro lado da cachoeira. Calum testou a corda, puxou-a e fez um gesto para que eu o seguisse, quando uma rocha cedeu sob seu

pé e ele escorregou na superfície molhada, caindo no abismo.

A corda resistiu, e a rocha ao meu lado também. Calum MacInnes ficou pendurado. Ele olhou para mim, e eu suspirei, ancorei o corpo numa protuberância na pedra e puxei a corda até erguê-lo. Trouxe-o de volta à trilha, pingando e amaldiçoando.

— Você é mais forte do que parece — disse ele, e eu amaldiçoei minha própria tolice. Ele deve ter visto algo no meu rosto, pois, depois de se chacoalhar como um cão, lançando gotas por toda parte, acrescentou: — Meu filho Calum me relatou a história que você contou a ele a respeito dos Campbell, que eles foram atrás de você, e sua mulher o mandou para o campo, fazendo-os pensarem que se tratava da sua mãe, e você, de uma criança.

— Foi apenas uma anedota. Algo para passar o tempo.

— Ah, é mesmo? Pois eu soube de um grupo grande da família Campbell que partiu alguns anos atrás em busca de vingança contra alguém que teria roubado seu gado. Eles partiram, e nunca voltaram. Se um sujeito pequeno como você é capaz de matar uma dúzia desses Campbell… bem, você deve ser forte, e rápido.

Devo ser *estúpido*, pensei comigo mesmo, amargurado por ter contado aquela história ao menino.

Eu os tinha abatido um por um, como coelhos, conforme vinham fazer xixi ou ver o que acontecera com os companheiros: já havia matado sete deles antes de a minha mulher matar o primeiro. Nós os enterramos no bosque, construímos um pequeno marco de pedras empilhadas sobre as covas, para que o peso impedisse seus fantasmas de caminhar, e ficamos tristes: pelo fato de os Campbell terem chegado ao ponto de tentar me matar, e por termos sido obrigados a matá-los por isso.

Não tiro nenhum prazer do ato de matar: nenhum homem e nenhuma mulher deveria fazê-lo. Às vezes, a morte é necessária, mas é sempre ruim. Isso é algo do qual não tenho dúvida, mesmo após os eventos que relato aqui.

Tomei a corda de Calum MacInnes e escalei a rocha, até a nascente da cachoeira, e o feixe de água que brotava da montanha era estreito o bastante para que eu o atravessasse. Era escorregadio, mas consegui chegar ao outro lado sem nenhum incidente, amarrei a corda com firmeza, desci por ela, arremessei-a para o meu companheiro e ajudei-o a atravessar.

Ele não me agradeceu nem por salvá-lo, nem por nos fazer cruzar a queda

d’água, e eu não esperava nenhum agradecimento. Tampouco esperava o que ele disse em seguida:

— Você não é um homem inteiro e é feio. E sua mulher: por acaso é baixinha e feia, como você?

Decidi não me ofender, se é que a intenção dele era essa. Respondi:

— Ela não é nada disso. É uma mulher alta, quase tão alta quanto você, e quando era jovem… quando nós dois éramos jovens… ela era tida por muitos como a moça mais linda dos vales. Os bardos compunham canções em homenagem aos seus olhos verdes e ao seu longo cabelo acobreado.

Pensei tê-lo visto tensionar o corpo ao ouvir isso, mas é possível que tenha apenas imaginado, ou, mais provável, preferiria ter imaginado que vi aquilo.

— Então, como fez para conquistá-la?

Contei-lhe a verdade:

— Eu a desejei, e sempre consigo o que quero. Não desisti. Ela disse que eu era sábio e gentil, e que sempre a sustentaria. E assim tem sido.

Mais uma vez, as nuvens começaram a baixar, e o mundo ficou com os contornos borrados e macios.

— Ela disse que eu seria um bom pai. E fiz meu melhor para criar as crianças. Que também são de estatura normal, caso esteja se perguntando.

— As surras colocaram algum juízo na mente do pequeno Calum — disse o Calum pai. — Ele não é um mau menino.

— Só podemos fazer isso enquanto eles estão conosco.

E então fiquei em silêncio, e comecei a me lembrar daquele longo ano, e também de Flora quando era pequena, sentada no chão com o rosto sujo de geleia, olhando para mim como se eu fosse o homem mais sábio do mundo.

— Fugiu, é? Eu fugi de casa quando era criança. Tinha doze anos. Cheguei até a corte do rei, o rei além das águas, o pai do rei atual.

— Isso não é o tipo de coisa que se comenta em voz alta.

— Não tenho medo. Não aqui. Quem vai nos ouvir? As águias? Eu o vi. Era um gordo que falava bem o idioma dos estrangeiros, mas tinha dificuldade para falar a própria língua. Porém, ainda era nosso rei. E, se ele pretende voltar para nós, vai precisar de ouro para os navios, as armas e para alimentar os soldados que conseguir reunir.

— É nisso que acredito. É por isso que procuramos a caverna.

— Esse ouro é ruim. Não vem de graça. Tem um preço.

— Tudo tem um preço.

Eu tomava nota de cada marco: escalar ao ver o crânio de ovelha, atravessar os três primeiros riachos e então caminhar ao longo do quarto até chegar aos cinco seixos empilhados e encontrar o ponto onde a pedra se parece com uma gaivota, caminhando entre dois paredões íngremes de rocha escura, então descer a ladeira...

Eu conseguiria me lembrar daquilo, sabia que conseguiria. O bastante para encontrar de novo o caminho de volta. Mas as brumas me confundiam, e eu não podia ter certeza.

Chegamos a um pequeno lago, e bebemos água fresca, pescamos imensas criaturas brancas que não eram camarões nem lagostas, e as comemos cruas feito linguiças, pois não encontramos madeira seca para a fogueira.

Dormimos na superfície ampla ao lado da água gelada e acordamos em meio à neblina antes do amanhecer, quando o mundo era cinzento e azul.

— Você chorou enquanto dormia — disse Calum.

— Tive um sonho — respondi.

— Nunca tenho pesadelos — disse Calum.

— Foi um sonho bom.

Era verdade. Eu sonhara com Flora ainda viva. Ela reclamava dos garotos da vila e me contava do tempo que passou nas colinas com o gado e de coisas triviais, sorrindo seu grande sorriso e mexendo o cabelo enquanto falava, acobreado como o da mãe, embora Morag agora tenha mechas brancas.

— Sonhos bons não deveriam fazer um homem gritar daquele jeito. —Após uma pausa, acrescentou: — Não tenho sonhos, nem bons, nem ruins.

— Não?

— Não, desde quando era jovem.

Levantamo-nos. Um pensamento me ocorreu:

— Parou de sonhar depois de entrar na caverna?

Ele nada disse.

Caminhamos pela montanha, bruma adentro, enquanto o sol se erguia. A neblina pareceu ficar mais espessa e cheia de luz, banhada pelo sol, mas não se desfez, e percebi que deveria ser uma nuvem. O mundo reluzia. Então, tive a impressão de estar encarando um homem da minha altura, pequeno e atarracado,

com uma sombra cobrindo o rosto, de pé bem diante de mim, como um fantasma ou anjo, movendo-se conforme eu me movia. Havia um halo de luz cintilante em torno dele, e era impossível dizer se estava perto ou longe. Já vi milagres e já vi coisas malignas, mas nunca vi nada parecido com aquilo.

— Isso é mágica? — indaguei, apesar de não sentir o cheiro de magia no ar.

— Não é nada — respondeu Calum. — Uma propriedade da luz. Uma sombra. Um reflexo. Nada mais. Também vejo um homem. Os movimentos dele acompanham os meus.

Olhei na direção de Calum, mas não vi ninguém ao seu lado.

Então o homenzinho brilhante desvaneceu no ar, e também a nuvem, e era dia, e estávamos sozinhos.

Escalamos a montanha durante toda a manhã. Calum torcera o tornozelo no dia anterior, ao escorregar na cachoeira. Eu o via inchar bem diante dos meus olhos, cada vez mais vermelho, mas ele jamais diminuiu o ritmo, e, se sentia dor ou desconforto, seu semblante não revelava.

— Quanto mais? — perguntei, enquanto o crepúsculo começava a borrar os contornos do mundo.

— Uma hora, talvez menos. Chegaremos à caverna e passaremos a noite lá. Pela manhã, você entrará. Pode trazer tanto ouro quanto conseguir carregar, e faremos o caminho de volta até deixar a ilha.

Então, olhei para ele: cabelo com mechas cinzentas, olhos acinzentados, um homem grande e lupino, e disse:

— Pretende dormir do lado de fora da caverna?

— Sim. Não há monstros na caverna. Nada que possa sair para nos atacar durante a noite. Nada que vá nos devorar. Mas você não deve entrar antes do amanhecer.

Então contornamos as pedras de um deslizamento, pretas e cinzentas, bloqueando nosso caminho, e vimos a entrada da caverna.

— Isso é tudo?

— Esperava pilares de mármore? Ou a caverna de um gigante das histórias contadas ao pé da fogueira?

— Talvez. Parece comum demais. Um buraco na pedra. Uma sombra. E não há guardas?

— Não há guardas. Apenas a caverna, e o que ela é.

— Uma caverna cheia de tesouros. E você é o único capaz de encontrá-la?

Calum riu. Sua risada era como o latido de uma raposa.

— Os ilhéus sabem onde ela está. Mas são sábios o bastante para não virem até aqui buscar seu ouro. Dizem que a caverna nos torna maus: a cada vez que a visitamos, a cada vez que entramos para levar o ouro, ela devora o bem de nossas almas, e por isso eles não entram.

— E é verdade? Ela nos torna maus?

— Não. A caverna se alimenta de outra coisa. Não é do bem, nem do mal. Outra coisa. Pode levar seu ouro, mas, depois, tudo fica... — ele fez uma pausa — tudo fica *vazio*. Há menos beleza no arco-íris, menos significado em um sermão, menos alegria em um beijo… — Ele olhou para a entrada da caverna e pensei ter visto o medo em seus olhos. — Menos.

— Há muitos para quem a sedução do ouro pesa mais do que a beleza de um arco-íris.

— Eu, quando jovem, por exemplo. Ou você, hoje.

— Então, entraremos ao amanhecer.

— Você vai entrar. Eu vou esperar aqui. Não tenha medo. Não há monstros protegendo a caverna. Nenhum encanto que fará o ouro desaparecer caso não conheça algum verso ou feitiço.

Assim, preparamos nosso acampamento; ou melhor, sentamos no escuro, contra a parede fria de pedra. Não conseguiria dormir aquela noite.

— Você tirou o ouro de lá, como eu farei amanhã. Usou-o para comprar uma casa, uma noiva e um bom nome.

A voz dele veio da escuridão.

— Sim, e eles nada significaram para mim uma vez que os obtive, ou menos do que nada. E se seu ouro financiar o retorno do rei além das águas para que nos governe e crie uma terra de alegria, prosperidade e acolhimento, ainda assim isso nada significará para você. Será como algo que teria ocorrido a um personagem de uma história.

— Dediquei minha vida a trazer o rei de volta.

— Leve o ouro para ele. Seu rei vai exigir mais, porque reis sempre desejam mais. É o que fazem. A cada vez que voltar, o significado será menor. O arco-íris não significará nada. Matar um homem não significa nada.

Na escuridão, seguiu-se o silêncio. Não ouvia pássaros: apenas o vento que

assobiava e soprava pelos picos como uma mãe procurando seu bebê.

— Nós dois já matamos homens. Já matou uma mulher, Calum MacInnes?

— Não. Nunca matei uma mulher ou uma menina.

Corri os dedos pela minha adaga na escuridão, buscando a madeira do centro do punho, o aço da lâmina. Estava ali, nas minhas mãos. Jamais pretendi contar-lhe, apenas atacar quando partíssemos das montanhas, atacar apenas uma vez, um golpe preciso, mas agora eu sentia as palavras sendo arrancadas de mim, como em um ímpeto.

— Dizem que havia uma menina. E um espinheiro.

Silêncio. O assobio do vento.

— Quem lhe disse? — perguntou ele. — Não importa. Jamais mataria uma mulher. Nenhum homem honrado mataria uma mulher…

Eu sabia que, se dissesse mais alguma coisa, ele se calaria e não voltaria mais a falar naquilo. Assim, eu nada disse. Apenas esperei.

Calum MacInnes começou a falar, escolhendo as palavras com cuidado, e seu tom era como se estivesse se lembrando de uma lenda quase esquecida que ouvira quando criança.

— Disseram-me que o gado dos vales era gordo e bonito, e que um homem poderia ganhar honra e glória aventurando-se pelo Sul e retornando com belas vacas vermelhas. Assim, fui para lá, mas nunca encontrei vacas boas o bastante, até o dia em que me deparei com as vacas mais vermelhas, gordas e belas que já se viu em uma colina. Então, comecei a levá-las comigo, retornando por onde viera.

“A garota veio atrás de mim com um porrete. Dissera que o gado era do pai dela e que eu não passava de um bandido, um salteador e todo tipo de palavras chulas. Mas ela era linda, mesmo furiosa, e se eu não tivesse uma jovem esposa, talvez tivesse sido mais gentil. Em vez disso, saquei uma faca, aproximei-a de sua garganta e ordenei que parasse de falar. E ela parou.

“Não poderia matá-la. Não poderia matar uma mulher, essa é a verdade. Assim, amarrei-a pelos cabelos a um espinheiro e tirei a faca do seu cinto, afundando a lâmina contra o chão, de modo a atrasá-la. Amarrei-a ao espinheiro pelos longos cabelos e não pensei mais nela enquanto partia com o gado.

“Um ano se passou até que eu seguisse pelo mesmo caminho. Não estava procurando vacas naquele dia, mas caminhei até aquele lado do rio… era um

lugar afastado, e alguém que não o tivesse procurado talvez não o visse. Talvez ninguém tenha procurado por ela.”

— Soube que procuraram. Embora alguns pensassem que ela fora levada por *reavers*, e outros acreditassem que ela tinha partido com um funileiro viajante, ou fugido para a cidade. Mesmo assim, procuraram.

— Sim. Eu vi o que vi… Talvez fosse necessário estar onde eu estava. Para ver o que vi. Foi uma coisa maligna, o que fiz. Talvez.

— Talvez?

— Levei o ouro da caverna das brumas. Não sei mais dizer se existe bem ou mal. Enviei uma mensagem, por meio de uma criança, para uma estalagem, dizendo onde ela estava e onde poderiam encontrá-la.

Fechei os olhos, mas o mundo não se tornou mais sombrio.

— O mal existe — falei.

Vi em minha mente: o esqueleto dela já limpo das roupas, já limpo da carne, tão nu e branco quanto poderia ser, pendendo do espinheiro como a marionete de uma criança, amarrado a um galho pelo cabelo acobreado.

— Ao raiar do dia — disse Calum MacInnes, como se estivéssemos conversando sobre as provisões ou o clima —, você deixará sua adaga para trás, como é o costume, entrará na caverna e tirará dela tanto ouro quanto puder carregar. E vai levá-lo de volta consigo até o continente. Por aqui, não há ninguém que ousaria tirá-lo de você, sabendo o que é e de onde vem. Então, mande o ouro para o rei além das águas, e ele pagará seus soldados, e os alimentará, e comprará suas armas. Um dia, ele vai voltar. Nesse dia, diga-me que o mal existe, homenzinho.

* * *

QUANDO O SOL nasceu, entrei na caverna. Era úmido lá dentro. Eu podia ouvir a água escorrendo pela parede, e senti um vento no rosto, o que era estranho, pois não havia vento dentro da montanha.

Na minha imaginação, a caverna estaria cheia de ouro. Barras de ouro empilhadas como lenha, com sacos cheios de moedas entre as pilhas. Haveria correntes, anéis e pratos de ouro em abundância como porcelana na casa de um homem rico.

Eu tinha imaginado fortunas, mas não havia nada do tipo ali. Apenas sombras. Apenas pedra.

Mas havia algo. Algo que esperava.

Tenho segredos, mas há um segredo que jaz além de todos os meus outros segredos, e nem mesmo meus filhos o conhecem, embora eu acredite que minha esposa suspeita dele: minha mãe era uma mulher mortal, filha de um moleiro, mas meu pai veio do Oeste, e ao Oeste retornou depois de ter se divertido com minha mãe. Não posso ser sentimental em relação a ele: tenho certeza de que não pensa nela, e duvido que saiba da minha existência. Mas herdei dele um corpo que é pequeno, rápido e forte; e talvez eu tenha puxado outros de seus traços… não sei. Sou feio, e meu pai era bonito, ou foi o que minha mãe disse certa vez, embora ache que talvez ela tenha sido enganada.

Imaginei o que eu estaria vendo naquela caverna se meu pai fosse um dono de estalagem nos vales.

Estaria vendo ouro, disse um sussurro que não era um sussurro, vindo das profundezas do coração da montanha. Era uma voz solitária, distraída e entediada.

— Veria ouro — falei em voz alta. — Seria real ou uma ilusão?

O sussurro achou graça. *Você está pensando como um mortal, querendo saber se as coisas são isso ou aquilo. É ouro que veriam e tocariam. É ouro que levariam de volta consigo, sentido seu peso durante toda a jornada, ouro que trocariam com outros mortais por aquilo de que precisassem. O que importa se está ali ou não quando eles podem vê-lo, tocá-lo, roubá-lo, matar por ele? É de ouro que precisam, e é ouro que lhes dou.*

— E o que recebe em troca pelo ouro que oferece a eles?

Pouca coisa, pois não necessito de muito, e sou velha; velha demais para seguir minhas irmãs para o Oeste. Saboreio o prazer e a alegria dos que me visitam. Alimento-me um pouco daquilo que eles não precisam e a que não dão valor. Um gostinho do coração, uma lambida ou mordida da sua consciência tranquila, um pedacinho da alma. E, em troca, um fragmento de mim deixa esta caverna ao lado deles e vê o mundo por seus olhos, enxerga o mesmo que eles até que suas vidas cheguem ao fim e eu receba de volta aquilo que me pertence.

— Pode se revelar a mim?

Eu era capaz de enxergar no escuro melhor do que qualquer pessoa nascida de

homem e mulher. Vi algo se mover nas sombras, que então se solidificaram e se transformaram, revelando formas indistintas no limite da minha percepção, onde esta encontra a imaginação. Perturbado, falei aquilo que se deve dizer em momentos como aquele:

— Apareça diante de mim em uma forma que não seja ameaçadora nem ofensiva a mim.

É isso que deseja?

O pingar distante da água.

— Sim — respondi.

Surgiu das sombras, e me encarou com órbitas vazias, sorriu para mim com dentes lapidados pelo tempo. Era só ossos, com exceção do cabelo, que era acobreado, enrolado no galho de um espinheiro.

— Isso ofende os meus olhos.

Tirei-a da sua consciência, disse o sussurro que envolvia o esqueleto. O maxilar não se movia. *Escolhi algo que você amasse. Essa era sua filha, Flora, na última vez em que a viu.*

Fechei meus olhos, mas a imagem permaneceu.

O reaver *o aguarda na entrada da caverna. Ele espera que você saia, desarmado e carregado de fortunas. Vai matá-lo e arrancar o ouro das mãos do seu cadáver.*

— Mas não vou sair com ouro, não é?

Pensei em Calum MacInnes, no cinzento lupino do seu cabelo, o cinza de seus olhos, no fio da sua adaga. Ele era maior do que eu, mas todos os homens são. Talvez eu fosse mais forte, mais rápido, mas ele também era rápido e forte.

Ele matou minha filha, pensei, e em seguida indaguei se o pensamento era meu ou se tinha se esgueirado das sombras para dentro da minha cabeça. Em voz alta, perguntei:

— Há outra maneira de sair da caverna?

A saída é por onde entrou, pela boca do meu lar.

Fiquei ali sem me mexer, mas, na minha cabeça, sentia-me como um animal encurralado, inquieto, a mente saltando de ideia em ideia, sem encontrar saída, nem alívio, nem solução.

— Estou desarmado. Ele me disse que não poderia entrar aqui com uma arma. Que esse não era o costume.

Agora é costume entrar aqui sem armas. Mas nem sempre foi assim. Siga-me, disse o esqueleto da minha filha.

Eu o segui, pois podia enxergá-lo, mesmo estando tão escuro que era impossível ver qualquer outra coisa.

Das sombras, veio a voz.

Está sob a sua mão.

Agachei e tateei. O punho da arma parecia ser de osso… talvez um chifre. Toquei a lâmina com cuidado na escuridão e descobri que estava segurando algo que parecia mais um furador do que uma faca. Era fino e afiado na ponta. Seria melhor do que nada.

— Há algum preço?

Sempre há um preço.

— Então vou pagá-lo. E peço mais uma coisa. Você diz que pode ver o mundo através dos olhos dele.

Não havia olhos naquele crânio oco, mas este assentiu.

— Então, avise-me quando ele estiver dormindo.

Não houve resposta. O esqueleto se misturou à escuridão, e senti que estava sozinho naquele lugar.

O tempo passou. Segui o som da água pingando, encontrei uma poça na caverna e bebi. Molhei os últimos grãos de aveia e os comi, mastigando até se dissolverem na boca. Dormi e acordei e dormi outra vez, e sonhei com minha esposa, Morag, esperando por mim enquanto as estações mudavam, esperando como tínhamos esperado por nossa filha, esperando por mim para sempre.

Algo tocou minha mão, talvez um dedo: não era ossudo nem duro. Era macio, parecia humano, mas frio demais. *Ele está dormindo*.

Saí da caverna sob o céu azulado que precede a aurora. Calum dormia feito um gato, e eu sabia que o menor toque o despertaria. Empunhei a arma diante de mim, um punho de osso e uma lâmina semelhante a uma agulha de prata escurecida, estendi o braço e tomei aquilo que desejava, sem acordá-lo.

Então me aproximei um pouco, e a mão dele tentou agarrar meu tornozelo e seus olhos se abriram.

— Onde está o ouro? — perguntou Calum MacInnes.

— Não está comigo.

O vento soprava frio no alto das montanhas. Recuei com um meneio,

escapando do alcance dele, quando tentou me agarrar. O homem permaneceu no chão, erguendo-se sobre um cotovelo.

— Onde está minha adaga? — perguntou.

— Eu a tomei — respondi-lhe. — Enquanto você dormia.

Ele olhou para mim, sonolento.

— E por que faria uma coisa dessas? Se quisesse matá-lo, eu o teria feito no caminho até aqui. Poderia tê-lo matado dezenas de vezes.

— Mas eu ainda não tinha o ouro, não é?

Ele ficou calado.

— Se você achou que conseguiria me fazer trazer o ouro da caverna, e que não tê-lo carregado para fora teria salvado sua alma miserável, então não passa de um tolo.

Ele não parecia mais sonolento.

— Acha que sou um tolo?

Calum estava pronto para lutar. Quando a pessoa fica pronta para lutar, convém irritá-la.

— Um tolo, não — disse eu. — Já conheci idiotas e tolos, todos satisfeitos em sua imbecilidade mesmo com o cabelo sujo de palha. Você é esperto demais para tolices. Busca apenas a infelicidade, traz a infelicidade consigo e a atrai para tudo em que toca.

Então, ele se levantou brandindo uma rocha como um machado, e veio até mim. Sou pequeno, e Calum não conseguia me acertar como teria feito com um homem como ele. Ele se inclinou para me atacar. Foi um erro.

Segurei com força o punho de osso e fiz um movimento ascendente, um golpe rápido com a ponta afiada do furador. Eu sabia onde queria acertar, e qual seria o resultado.

Ele soltou a pedra e agarrou o ombro direito.

— Meu braço — disse Calum. — Não consigo sentir o braço.

Então começou a xingar, poluindo o ar com maldições e ameaças. A luz da aurora no alto da montanha tornava tudo lindo e azul. Naquela luz, até o sangue que começava a encharcar as roupas dele ficou roxo. Calum MacInnes deu um passo para trás, colocando-se entre a caverna e eu. Senti-me exposto, com o sol nascente às minhas costas.

— Por que não trouxe o ouro? — indagou ele. Seu braço pendia ao lado do

corpo, inerte.

— Não havia ouro lá para alguém como eu — respondi.

Ele então se lançou para a frente, correu em minha direção e tentou me chutar.

O furador saiu voando da minha mão. Joguei os braços em torno da perna de Calum e o segurei enquanto rolávamos montanha abaixo.

A cabeça dele estava acima de mim, e vi o triunfo em seu rosto, e então vi o céu e depois o chão do vale no alto, e eu estava subindo em sua direção, e então o vale estava embaixo de mim e eu despencava rumo à morte.

Um choque e uma trombada, e estávamos rodopiando montanha abaixo, o mundo um redemoinho desorientador de pedras, dor e céu, e eu sabia que era um homem morto, mas continuei agarrado à perna de Calum MacInnes.

Vi uma águia dourada em voo, mas não soube mais dizer se estava abaixo ou acima de mim. Estava ali, no céu da aurora, nos fragmentos estilhaçados do tempo e da percepção, na dor. Não tive medo: não havia tempo nem espaço para isso; não havia espaço na minha consciência nem no meu coração. Estava caindo pelo céu, segurando com força a perna do homem que tentava me matar. Estávamos rolando nas pedras, que nos arranhavam e machucavam, e então…

… paramos. Paramos com tanta força que levei um tranco, e quase fui jogado para longe de Calum MacInnes, rumo à minha morte logo abaixo. Ocorrera um desabamento ali, muito tempo antes, um bloco inteiro, deixando para trás uma superfície de rocha nova, lisa e homogênea como o vidro. Mas isso era abaixo de nós. Onde estávamos havia uma protuberância, e nela, um milagre: sufocada e retorcida, muito acima da copa das árvores no vale, onde nenhuma árvore tem o direito de crescer, havia um espinheiro, pouco maior que um arbusto, embora fosse velho. Suas raízes cresciam na lateral da montanha, e foi esse espinheiro que nos apanhou em seus braços cinzentos.

Soltei a perna, afastei-me cambaleante do seu corpo, e fui na direção da lateral da montanha. Subi na protuberância estreita e olhei para a queda abaixo. Não havia como descer dali. Nenhuma saída.

Olhei para cima. Talvez fosse possível, pensei, escalando lentamente, com a sorte ao meu lado, chegar ao alto da montanha. Se não chovesse. Se o vento não estivesse muito voraz. E que escolha eu tinha? A única alternativa era a morte.

— Vai me abandonar aqui para morrer, anão?

Eu nada disse. Nada tinha a dizer.

Os olhos dele estavam abertos.

— Não consigo mover o braço direito, já que o esfaqueou. Acho que quebrei uma perna. Não posso escalar com você — disse ele.

— Talvez eu consiga, ou talvez eu caia.

— Vai conseguir. Já o vi escalar. Depois de me resgatar, atravessando aquela cachoeira. Subiu naquelas pedras como um esquilo trepando em uma árvore.

Eu não tinha tanta confiança em minhas próprias habilidades de escalada.

— Jure por tudo que considera sagrado. Jure pelo seu rei, que espera no além-mar como tem feito desde que expulsamos seus súditos desta terra. Jure pelas coisas que vocês, criaturas, consideram importantes… Jure pelas sombras e penas de águia e pelo silêncio. Jure que vai voltar para me salvar — disse ele.

— Sabe o que sou? — perguntei.

— Não sei de nada. Sei apenas que quero viver.

— Juro por essas coisas... Pelas sombras e penas de águia e pelo silêncio. Juro pelas colinas verdes e pelas pedras imóveis. Eu voltarei.

— Eu o teria matado — falou o homem no espinheiro, e falou com humor, como se fosse a maior piada que um homem já contara. — Planejava matá-lo e levar o ouro de volta como se fosse meu.

— Eu sei.

O cabelo emoldurava seu rosto como um halo cinzento. Havia sangue na sua bochecha, que arranhara na queda.

— Você pode voltar com cordas. Minha corda ainda está lá em cima, perto da entrada da caverna, mas vai precisar de mais.

— Sim, voltarei com cordas.

Olhei para cima, para a pedra acima de nós, examinando-a atentamente. Para escaladores, às vezes, bons olhos podem ser a diferença entre a vida e a morte. Vi aonde eu deveria chegar conforme subisse, a trilha da minha jornada montanha acima. Pensei ver a plataforma do lado de fora da caverna, de onde tínhamos caído enquanto lutávamos. Era para lá que eu iria. Sim.

Assoprei as mãos para secar o suor antes de começar a escalar.

— Voltarei para buscá-lo — falei. — Com cordas. Eu jurei.

— Quando? — perguntou ele, fechando os olhos.

— Em um ano. Voltarei daqui a um ano.

Comecei a escalar. Os gritos do homem me seguiram enquanto eu subia, rastejando e me puxando e me espremendo montanha acima, misturando-se aos gritos das aves de rapina; e me seguiram no caminho de volta da Ilha das Brumas, sem nada para exibir em troca das minhas dores e do meu tempo, e vou ouvi-lo gritar no limiar da minha mente, ao adormecer ou nos momentos antes de despertar, até o dia em que morrer.

Não choveu, e o vento me golpeou e chacoalhou, mas sem me derrubar. Escalei, e escalei com segurança.

Quando cheguei à plataforma de pedra, a entrada da caverna parecia mais escura sob o sol do meio-dia. Dei as costas a ela, dei as costas à montanha e às sombras que já se formavam nas rachaduras e ranhuras e nas profundezas do meu crânio, e comecei a lenta jornada para longe da Ilha das Brumas. Havia centenas de estradas e milhares de caminhos que me levariam de volta ao meu lar nos vales, onde minha mulher estaria esperando.

Minha última senhoria

Minha última senhoria? Ela não era nada parecida com você, nem um pouco. Os
cômodos
eram úmidos. O café da manhã, desagradável: ovos oleosos,
linguiça cheia de pele, um caldo laranja de feijões.
O rosto dela era capaz de azedar o feijão. Não era gentil.
Você me parece uma pessoa gentil. Espero que seu mundo seja gentil.
Bem, quer dizer, soube que vemos o mundo não como ele é,
mas como nós somos. Um santo vê um mundo de santos; um assassino
vê apenas assassinos e vítimas. Eu vejo os mortos.
Minha senhoria me disse que não andaria voluntariamente na praia,
pois estava repleta de armas: imensas pedras que cabem na mão,
todas prontas para o ataque. Tinha só um pouco de dinheiro na pequena bolsa,
ela me contou, mas eles pegariam as notas, ensebadas por seus dedos,
e deixariam a bolsa escondida sob uma pedra.
E a água, dizia ela: prende qualquer um
sob a superfície, água fria e salgada, cinzenta e marrom. Pesada como o pecado,
pronta para nos arrastar para longe: crianças se iam tão fácil no mar
quando excediam o que lhes era pedido, ou descobriam
fatos estranhos que poderiam se sentir inclinadas a repassar
para quem estivesse interessado em ouvir. Havia
pessoas no Píer Oeste, disse ela, na noite do incêndio.

As cortinas eram de renda, empoeiradas, e bloqueavam cada janela com sujeira
da cidade.
Vista do mar: que piada. Na manhã que me viu levantando
as cortinas para ver se estava mesmo chovendo, ela me repreendeu.
“Senhor Maroney”, disse ela. “Nesta casa,
não olhamos das janelas para o mar. Isso traz
azar. As pessoas vêm à praia para esquecer seus problemas.

É o que fazemos. É o que os ingleses fazem. Esquartejamos as amantes
quando engravidam, se tememos o que a esposa diria se descobrisse.
Ou envenenamos o banqueiro com quem estamos dormindo,
pois queremos o seguro: é só casar com uma dúzia de homens numa dúzia de
pequenas cidades costeiras.
Margate. Torquay. O Senhor as ama, mas por que precisam ficar tão imóveis?
Quando lhe perguntei quem, quem ficava tão imóvel, ela me disse
que não era da minha conta, e que eu precisava deixar
a casa entre meio-dia e quatro, pois a faxineira viria
e eu ficaria no caminho, atrapalhando.

Já estava naquela pensão havia três semanas, procurando um lugar permanente.
Pagava em dinheiro. Os outros hóspedes eram gente sem amor passando férias,
e não se importavam se estávamos em Hove ou se aquilo era o inferno.
Comíamos juntos
nossos ovos gordurentos. Eu os observava passeando se o tempo
estivesse bom, ou encolhidos sob tendas armadas caso chovesse. Minha senhoria
só se importava que ficassem fora de casa até a hora do chá.
Um dentista aposentado de Edgbaston estava passando uma semana
de solidão e garoa ao mar. Ele acenava para mim durante o café,
ou quando nos cruzávamos no calçadão. O banheiro era no corredor. Eu estava
acordado de noite. Ele estava de roupão, eu vi. Ele bateu
na porta dela, eu vi. Ela abriu, eu vi. Ele entrou. Não há mais nada a contar.
Minha senhoria estava ali no café da manhã, alegre e sorridente. Disse que
o dentista havia partido mais cedo, por causa de uma morte na família.
Era verdade.

Naquela noite a chuva chacoalhou as janelas. Uma semana passou,
e era hora: disse à minha senhoria que tinha encontrado um lugar
para onde me mudaria e paguei o que era devido.
Naquela noite, ela me deu um copo de uísque, depois outro, e disse que
eu sempre fora seu favorito, que ela tinha necessidades de mulher,
e sorriu, era uma flor pronta para ser colhida, e o uísque me fez concordar,
pensando que ela talvez fosse um pouco menos azeda de rosto e formas. E assim

bati na porta dela, naquela noite. Ela a abriu: lembro-me
da brancura da sua pele. A brancura da camisola. Não posso esquecer.
“Senhor Maroney”, sussurrou.
Estendi a mão na direção dela e foi para sempre.
O canal estava frio, salgado e molhado, e ela encheu meus bolsos com pedras
para me manter afundado. Assim, quando me encontrarem — se me encontrarem —
serei qualquer um. Caranguejos vão comer minha carne, e meus ossos serão lavados pelo mar.

Acho que vou gostar do novo lar, aqui na praia. E você
fez com que eu me sentisse bem-vindo. Todos vocês fizeram com que eu me sentisse tão bem-vindo.

Quantos somos? Posso nos enxergar, mas não consigo contar.
Aglomerados na praia olhando fixamente para a luz no cômodo mais alto
da casa dela. Vemos as cortinas se mexendo, vemos um rosto branco
olhando através da sujeira. Ela parece assustada, como se, numa noite sem amor, pudéssemos
subir pelas pedrinhas na direção dela, para repreendê-la pela falta de hospitalidade,
para rasgá-la por seus cafés da manhã ruins e suas férias azedas e nossos destinos.

Permanecemos tão imóveis.
Por que temos que ficar tão imóveis?

História de aventura

Na minha família, a palavra “aventura” tende a ser usada para se referir a “qualquer pequeno desastre ao qual tenhamos sobrevivido” ou mesmo “qualquer quebra de rotina”. Exceto por minha mãe, que ainda emprega a expressão com o sentido de “o que ela fez hoje de manhã”. Entrar na parte errada do estacionamento de um supermercado e, enquanto procura o carro, iniciar uma conversa com alguém cuja irmã ela conheceu na década de 1970 seria, para minha mãe, uma aventura e tanto.

Ela está ficando velha. Não sai mais de casa com tanta frequência. Desde que papai morreu.

Na minha visita mais recente, fizemos uma limpa de alguns dos pertences dele. Mamãe me deu uma caixa de couro preto com abotoaduras desgastadas e me convidou para escolher como recordação qualquer um dos velhos suéteres e cardigãs de papai. Eu amava meu pai, mas não consigo me imaginar usando um de seus suéteres. Ele sempre foi muito maior que eu, a vida toda. Nada dele serviria em mim.

— O que é aquilo? — perguntei à minha mãe.

— Ah. É algo da época do exército, de quando seu pai voltou da Alemanha.

A figura tinha sido esculpida numa pedra vermelha do tamanho do meu polegar, cheia de pintas. Era uma pessoa, um herói ou talvez um deus, com uma expressão de dor no rosto entalhado grosseiramente.

— Não parece muito alemão — falei.

— Não é, querido. Acho que veio de… Bem, hoje em dia é o Cazaquistão. Não sei ao certo qual era o nome naquela época.

— O que papai estava fazendo pelo exército no Cazaquistão?

Teria sido mais ou menos na década de 1950. Meu pai chefiava o clube dos oficiais na Alemanha durante o período em que serviu e, em nenhuma das histórias que ele contava no jantar sobre os tempos de exército no pós-guerra, jamais relatou nenhum feito digno de nota, nada além de pegar um caminhão emprestado sem permissão ou aceitar uma garrafa de uísque que talvez não tenha

sido endereçada a ele.

— Oh! — exclamou, com a expressão de quem falou demais. — Nada, querido. Ele não gostava de tocar no assunto.

Coloquei a estatueta junto às abotoaduras e à pequena pilha de fotos em preto e branco, curvadas pelo tempo, que decidira levar para casa e digitalizar.

Dormi no quarto de hóspedes no fim do corredor, na cama estreita.

Na manhã seguinte, fui até o cômodo que tinha sido o escritório do meu pai, para dar uma última olhada. Então, caminhei pelo corredor até a sala, onde mamãe já tinha posto o café da manhã.

— O que houve com aquela estatuazinha de pedra?

— Guardei, querido.

Os lábios dela estavam retesados.

— Por quê?

— Bem, seu pai sempre dizia que não deveria ter trazido aquilo.

— Por que não?

Ela despejou o chá com a mesma chaleira de porcelana que a vi usar por toda a minha vida.

— Havia gente à procura da pedra. No fim, a aeronave deles explodiu. No vale. Por causa daquelas coisas voadoras batendo contra as hélices.

— Coisas voadoras?

Ela pensou por um momento.

— Pterodátilos, querido. Foi o que seu pai contou. É claro, ele disse que as pessoas na aeronave mereceram tudo o que aconteceu a elas, depois do que fizeram aos astecas em 1942.

— Mãe, os astecas morreram séculos atrás. Muito antes de 1942.

— Ah, sim, querido. Os da América. Não os daquele vale. Esses outros, os que estavam na aeronave, bem, seu pai disse que não eram pessoas de verdade. Mas se pareciam com pessoas, embora viessem de um lugar com um nome bem engraçado. Como era mesmo? — Ela pensou um pouco. — É melhor beber seu chá, querido.

— Sim. Não. Espere aí. Como eram essas pessoas? E os pterodátilos estão extintos há cinquenta milhões de anos.

— Se você diz, querido. Seu pai nunca falava nisso. — Ela fez uma pausa. — Havia uma garota. Isso foi no mínimo cinco anos antes do seu pai e eu

começarmos a namorar. Ele era muito bonito na época. Bem, sempre o achei bonitão. Ele a conheceu na Alemanha. Ela estava se escondendo de pessoas que procuravam a estatueta. Era a rainha ou princesa deles, ou xamã, ou coisa assim. Eles a sequestraram, e, como ele estava junto, o levaram também. Não eram alienígenas, na verdade. Pareciam mais aquela gente que vira lobo na televisão…

— Lobisomens?

— Imagino que sim, querido. — Ela parecia em dúvida. — A estátua era um oráculo, e quem a possuísse, mesmo que momentaneamente, era considerado o governante dessa gente. — Ela mexeu o chá. — O que seu pai disse mesmo? A entrada do vale era por uma pequena trilha a pé e, depois da garota alemã, bem, ela não era alemã, é claro, mas eles explodiram a trilha usando uma… máquina de raios, para interromper o caminho para o outro mundo. Desse modo, seu pai teve que encontrar o caminho de casa sozinho. Teria se metido em muita encrenca, mas o homem que escapou com ele, Barry Anscome, era do setor de espionagem do exército e…

— Espere aí. Barry Anscome? Aquele que vinha passar o fim de semana aqui quando eu era criança? Sempre me dava uma moedinha de cinquenta *pence*. Fazia péssimos truques com moedas. Roncava. Tinha um bigode bobo.

— Sim, querido. Barry. Foi para a América do Sul quando se aposentou. Equador, acho. Foi assim que eles se conheceram. Quando seu pai estava no exército.

Meu pai dissera certa vez que mamãe nunca tinha gostado de Barry Anscome, que era muito chegado ao meu pai.

— E? — insisti para que continuasse.

Ela serviu outra xícara de chá.

— Faz tanto tempo, querido. Seu pai me falou sobre isso só uma vez. Mas não me contou a história assim que a gente se conheceu. Só quando já estávamos casados. Disse que eu precisava saber. Estávamos na lua de mel. Fomos a um pequeno vilarejo de pescadores espanhóis. Hoje em dia é uma grande cidade turística, mas, na época, ninguém conhecia o lugar. Como era o nome? Ah, sim. Torremolinos.

— Posso ver de novo? A estátua?

— Não, querido.

— Já a guardou?

— Joguei fora — disse minha mãe, fria. Então, como se quisesse me impedir de revirar o lixo, acrescentou: — Os lixeiros passaram de manhã.

Não falamos mais nada.

Ela bebericou seu chá.

— Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei na semana passada. Sua antiga professora, a sra. Brooks, lembra? Esbarrei com ela no supermercado. Saímos para tomar café na livraria porque eu queria conversar a respeito da possibilidade de entrar para a comissão organizadora da feira da cidade. Mas a livraria estava fechada. Em vez disso, fomos na casa de chá. Foi uma aventura e tanto.

Laranja

(Transcrição das respostas do terceiro elemento ao questionário do investigador)

CONFIDENCIAL

1) Jemima Glorfindel Petula Ramsey.

2) Dezessete no dia 9 de junho.

3) Os últimos cinco anos. Antes disso, moramos em Glasgow (Escócia). E, antes, em Cardiff (País de Gales).

4) Não sei. Acho que é editor de revistas atualmente. Não fala mais com a gente. O divórcio foi bem ruim, e mamãe acabou pagando a ele muito dinheiro. O que me parece meio errado. Mas talvez tenha valido a pena só para nos livrarmos dele.

5) Inventora e empreendedora. Ela inventou o Bolinho Recheado® e fundou a rede Bolinho Recheado. Eu gostava bastante quando era criança, mas você acaba enjoando de comer bolinhos recheados em todas as refeições, especialmente porque mamãe usava a gente como cobaia. O Bolinho Recheado de Peru de Natal foi o pior. Mas já faz cerca de cinco anos que ela vendeu sua participação na rede Bolinho Recheado, para começar o trabalho nas Bolhas Coloridas da Mamãe (ainda não é ®).

6) Dois. Minha irmã, Nerys, que tinha apenas quinze anos, e meu irmão, Pryderi,

de doze.

7) Várias vezes por dia.

8) Não.

9) Pela internet. Provavelmente no eBay.

10) Começou a comprar cores e tinturas de tudo quanto é lugar depois de decidir que o mundo implorava por bolhas de cores fosforescentes. Tipo bolha de sabão, mas você sopra uma mistura diferente para fazer as bolhas.

11) Não chega a ser um laboratório. Quer dizer, ela chama de laboratório, mas é só a garagem. No entanto, ela usou parte do dinheiro dos Bolinhos Recheados® e transformou o espaço, que agora tem pias, banheiras, bicos de Bunsen e coisas assim, e azulejos nas paredes e no chão para facilitar a limpeza.

12) Não sei. Nerys costumava ser normal. Quando fez treze anos, começou a ler umas revistas e a pendurar fotos dessas mulheres vulgares e estranhas na parede, tipo Britney Spears e as outras. Desculpe se alguém aí for fã da Britney ;) mas eu simplesmente não entendo. A história do laranja só começou no ano passado.

13) Loção de bronzeamento artificial. Era impossível chegar perto dela mesmo horas depois de ter aplicado o líquido. E ela nunca dava tempo para secar na pele, melecando os lençóis, a porta da geladeira e o chuveiro, deixava manchas laranjas por toda parte. As amigas também usavam loção, mas nunca tanto quanto ela. Quer dizer, ela se enchia de creme, nem tentava ficar da cor de um ser humano, e achava que estava linda. Foi uma vez ao salão de bronzeamento, mas acho que não gostou, já que não voltou mais lá.

14) Garota Tangerina. Oompa-Loompa. Cenourinha. Amarelo-Manga. Laranjinha.

15) Não muito bem. Mas, na verdade, não parecia se importar. Quer dizer, estamos falando de uma menina que não entedia para que servia ciência ou matemática, pois queria ser dançarina de *pole dance* assim que saísse da escola. Eu falei que ninguém ia pagar para ver ela pelada, e ela respondeu “Como você sabe?”, daí contei que vi os filmes que ela fez de si mesma dançando sem roupa, esquecidos na câmera, e ela gritou e disse me dá isso já, e eu respondi que já tinha apagado tudo. Mas, sinceramente, não acho que ela seria a próxima Bettie Page, ou seja lá quem. Ela tem um corpo todo quadrado, para começar.

16) Rubéola, caxumba, e acho que Pryderi teve catapora na época em que estava em Melbourne com os avós.

17) Num pote pequeno. Parecia um pote de geleia, acho.

18) Não, acho que não. Nada que se parecesse com um aviso. Mas havia um endereço para devolução. Veio do exterior, e o remetente estava escrito em um alfabeto estrangeiro.

19) Você precisa entender que mamãe estava comprando cores e tintas do mundo inteiro havia cinco anos. A ideia das bolhas coloridas não é apenas fazer bolhas fosforescentes, mas evitar que elas deixem respingos de tinta quando estourarem. Mamãe diz que isso seria pedir para receber um processo. Por isso, não.

20) Para começar, teve uma gritaria entre Nerys e mamãe, pois mamãe tinha voltado das compras sem trazer nada da lista de Nerys, a não ser o xampu. Mamãe disse que não encontrou a loção de bronzear no supermercado, mas acho que ela só se esqueceu de comprar. Daí Nerys saiu pisando duro e bateu a porta do quarto, colocando uma música da Britney Spears para tocar bem alto. Eu estava nos fundos, alimentando os três gatos, a chinchila e o porquinho-da-índia chamado Roland, que mais parece uma almofada peluda, e não vi nada disso acontecer.

21) Na mesa da cozinha.

22) Quando encontrei o pote vazio no quintal, na manhã seguinte. Estava embaixo da janela de Nerys. Não precisa ser um Sherlock Holmes para deduzir o que houve.

23) Para falar a verdade, não me importei. Pensei que seria apenas outra gritaria, sabe? E logo mamãe daria uma solução.

24) Sim, foi burrice. Mas não foi a maior burrice do mundo, entende? Está mais para uma burrice bem-a-cara-da-Nerys.

25) O fato de ela estar brilhando.

26) Um brilho de laranja pulsante.

27) Quando ela começou a nos dizer que seria adorada como uma deusa, como aconteceu na aurora dos tempos.

28) Pryderi disse que ela estava flutuando a uns três centímetros do chão. Mas não cheguei a ver isso. Pensei que ele estivesse apenas botando mais lenha na fogueira da nova esquesitice dela.

29) Parou de responder ao ser chamada de “Nerys”. Queria ser tratada só como Vossa Imanência ou o Veículo (“É hora de alimentar o Veículo”).

30) Chocolate amargo. Foi estranho, pois eu era a única na casa que gostava um pouco. Mas Pryderi tinha que sair para comprar barras e mais barras para ela.

31) Não. Mamãe e eu pensamos que fosse apenas mais uma maluquice dela. Uma maluquice mais criativa e esquisita do que as de sempre.

32) Naquela noite, quando começou a escurecer. Era possível ver a luz laranja pulsando sob a porta. Como o brilho de um vagalume ou coisa do tipo. Ou um show de luzes. O mais estranho é que, mesmo com os olhos fechados, eu ainda

conseguia ver.

33) Na manhã seguinte. Todos nós.

34) Já tinha ficado bastante óbvio àquela altura. Ela nem mesmo se parecia mais com a Nerys. Tinha uma aparência um pouco *borrada*. Tipo uma miragem. Pensei nisso, e… tudo bem. Imagine que você está olhando para algo muito brilhante, uma coisa azul. Daí, quando você fecha os olhos, não sobra uma imagem alaranjada nos olhos? Era essa a aparência dela.

35) Também não funcionaram.

36) Ela deixava Pryderi sair para buscar mais chocolate amargo. Mamãe e eu não podíamos mais sair de casa.

37) Na maior parte do tempo, eu ficava sentada no quintal lendo um livro. Não dava para fazer quase nada. Comecei a usar óculos escuros, e mamãe também, porque a luz laranja machucava os olhos. Mas nada além disso.

38) Só quando a gente tentava sair ou chamar alguém. Mas tinha comida na casa. E Bolinhos Recheados® no congelador.

39) “Se você tivesse proibido ela de usar aquela porcaria de bronzeador um ano atrás, a gente não estaria nessa situação!” Mas eu estava sendo injusta, e pedi desculpas depois.

40) Quando Pryderi voltou com as barras de chocolate. Ele disse que procurou um guarda de trânsito para contar que a irmã tinha se transformado em um brilho laranja gigantesco que controlava nossas mentes. E que o homem deu uma resposta bem mal-educada.

41) Não tenho namorado. Eu tinha, mas terminamos depois que ele foi ao show dos Rolling Stones com a minha ex-amiga maligna e oxigenada cujo nome não

menciono mais. Além disso… Rolling Stones? Aqueles velhinhos enrugados saltitando pelo palco fingindo que são super rock’n’roll? Faça-me o favor. Então: não.

42) Acho que gostaria de ser veterinária. Mas então lembro que vou precisar sacrificar animais, e fico na dúvida. Quero viajar um pouco antes de me decidir.

43) A mangueira do jardim. Abrimos a torneira toda enquanto ela estava distraída, comendo as barras de chocolate, e jogamos água nela.

44) Só um vapor laranja, para falar a verdade. Mamãe disse que tinha solventes e outras coisas no laboratório, se conseguíssemos chegar até lá, mas Vossa Imanência estava silvando de raiva (literalmente) e meio que nos prendeu ao chão. Não sei explicar. Quer dizer, não fui imobilizada, mas não conseguia ir embora nem mexer as pernas. Simplesmente fiquei onde ela me deixou.

45) Cerca de meio metro acima do carpete. Ela abaixava um pouco para passar pelas portas, para não bater a cabeça. E, depois do incidente da mangueira, não entrou mais no quarto. Ficava flutuando na sala de um lado para o outro, resmungando, da cor de uma cenoura brilhante.

46) Dominar o mundo.

47) Escrevi em um pedaço de papel e entreguei a Pryderi.

48) Ele tinha que levar de volta. Não acho que Vossa Imanência entendia o conceito de dinheiro.

49) Não sei. A ideia foi mais da mamãe do que minha. A ideia dela era de que o solvente removeria o laranja, acho. E, àquela altura, o que podia dar errado? Não tinha como piorar.

50) Nem se importou, bem diferente de quando usamos a mangueira. Tenho

quase certeza de que até gostou. Tive a impressão de que ela mergulhou as barras de chocolate naquilo antes de comer, embora eu tivesse que estreitar os olhos para ver qualquer coisa que estivesse perto dela. Tudo era um grande brilho laranja.

51) Que todos morreríamos. Mamãe disse a Pryderi que, se o Grande Oompa-Loompa o deixasse sair outra vez para comprar chocolate, era melhor não voltar. E eu estava ficando bastante preocupada com os animais: fazia dois dias que não alimentava a chinchila nem Roland, o porquinho-da-índia, porque não podia mais ir ao quintal. Não podia ir a lugar nenhum. Só ao banheiro, e ainda assim, tinha que pedir.

52) Imagino que tenham pensado que a casa estava pegando fogo. Toda aquela luz laranja. Quer dizer, foi um erro bem justificável.

53) Ficamos felizes por ela não ter feito a mesma coisa com a gente. Mamãe disse que isso era prova de que Nerys ainda estava lá, em algum lugar, pois se tivesse o poder de nos transformar em meleca, como fez com os bombeiros, já teria feito isso. Eu disse que talvez ela apenas não fosse poderosa o bastante para nos transformar em meleca no começo, e que agora não se daria ao trabalho.

54) Não dava mais para ver uma pessoa ali. Era apenas uma forte luz laranja pulsante, que às vezes falava dentro da nossa cabeça.

55) Quando a nave pousou.

56) Não sei. Quer dizer, era maior que o quarteirão inteiro, mas não esmagou nada. Meio que se materializou ao nosso redor, e nossa casa inteira foi parar lá dentro. E a rua inteira também.

57) Não. Mas o que mais poderia ser?

58) Uma espécie de azul-claro. Não pulsavam. Piscavam.

59) Mais de seis, menos de vinte. Não é tão fácil dizer se a luz azul inteligente conversando comigo era a mesma que conversou antes.

60) Três coisas. Primeiro, a promessa de que não maltratariam Nerys nem a machucariam. Segundo, se um dia conseguissem fazê-la voltar ao que era, eles nos avisariam e a trariam de volta. Terceiro, a receita de uma mistura para fazer bolhas fluorescentes. (Só posso supor que estavam lendo os pensamentos da mamãe, porque ela não tinha dito nada. Mas é possível que Vossa Imanência tenha contado. Ela certamente tinha acesso a algumas das memórias de "o Veículo".) Além disso, deram a Pryderi algo parecido com um skate de vidro.

61) Foi uma espécie de som líquido. Então, tudo ficou transparente. Eu estava chorando, e mamãe também. E Pryderi disse "Carambolas!", e comecei a rir enquanto chorava, e então voltou a ser apenas a nossa casa.

62) Fomos ao quintal e olhamos para cima. Havia algo piscando, azul e laranja, bem no alto, cada vez menor, e observamos até perder a coisa de vista.

63) Porque eu não quis.

64) Alimentei os animais que restaram. Roland estava bem agitado. Os gatos só pareciam felizes por voltarem a receber comida. Não sei como a chinchila escapou.

65) Às vezes. Quer dizer, é preciso ter em mente que ela era a pessoa mais irritante do planeta, mesmo antes de toda essa história de Vossa Imanência. Mas, sim, acho que sim. Se eu for sincera.

66) Fico sentada do lado de fora, à noite, olhando para o céu, imaginando o que ela está fazendo.

67) Ele quer de volta o skate de vidro. Diz que é dele, e que o governo não tem o direito de pegar. (Vocês são do governo, não são?) Mas mamãe parece feliz em

compartilhar a patente da fórmula das Bolhas Coloridas com o governo. O sujeito disse que esta pode ser a base de todo um novo ramo da sei-lá-o-que molecular. Ninguém me deu nada, então não preciso me preocupar.

68) Uma vez, no quintal, olhando para o céu de noite. Acho que era apenas uma estrela de brilho alaranjado. Talvez Marte, sei que o chamam de planeta vermelho. De vez em quando, imagino que talvez ela tenha voltado a ser como antes e esteja dançando lá no alto, e os alienígenas adoram vê-la praticando *pole dance* porque simplesmente não entendem nada do assunto e acham que é uma nova forma de arte, e nem reparam que ela não sabe nem rebolar.

69) Não sei. Sentada no quintal conversando com os gatos, talvez. Ou assoprando bolhas de cores bobas.

70) Até o dia em que eu morrer.

Declaro que este é um relato fidedigno dos acontecimentos.
Jemima Glorfindel Petula Ramsey

Um calendário de contos

Conto de janeiro

VAPT!

— É sempre assim?

O jovem parecia desorientado. Olhava ao redor pelo cômodo, sem foco. Aquilo o acabaria matando, se não tomasse cuidado.

Doze deu tapinhas em seu ombro.

— Não. Nem sempre. Se tivermos algum problema, ele virá dali, no alto.

Ele apontou para uma porta de sótão, no teto. A porta estava mal encaixada no batente, fechada feito um olho que espera na escuridão atrás dela.

O jovem assentiu. Então, perguntou:

— Quanto tempo temos?

— Juntos? Talvez mais uns dez minutos.

— Teve uma coisa que eu perguntei várias vezes na Base, mas ninguém respondia. Disseram que eu veria com meus próprios olhos. *Quem* são eles?

Doze não respondeu. Algo havia mudado, muito discretamente, na escuridão do sótão acima deles. Trouxe o dedo até os lábios, e então ergueu a arma, indicando ao jovem que fizesse o mesmo.

Eles despencaram do buraco do sótão: cinzentos como tijolos e verdes como bolor, dentes afiados e ágeis, tão ágeis. O jovem ainda estava procurando o gatilho quando Doze começou a atirar; ele os acertou, todos os cinco, antes que o jovem conseguisse dar seu primeiro disparo.

Olhou para a esquerda. O jovem tremia.

— Aí está — disse.

— Acho que a pergunta é: *o que* são eles?

— Quem ou o quê. Dá no mesmo. São o inimigo. Escorregando pelos contornos do tempo. Agora, na transferência, vão sair em grande número.

Desceram juntos as escadas. Estavam numa pequena casa de subúrbio. Havia uma mulher e um homem sentados à mesa da cozinha, sobre a qual repousava uma garrafa de champanhe. Não pareciam reparar nos dois homens uniformizados que atravessaram o cômodo. A mulher estava servindo a bebida.

O uniforme do jovem era bem passado, azul-escuro, e parecia nunca ter sido usado. A ampulheta anual ficava presa ao cinto, cheia de areia clara. O uniforme de Doze estava desgastado e desbotado, numa coloração azul-cinzenta, remendado onde havia sido cortado, rasgado ou queimado. Chegaram à porta da cozinha e…

Vapt!

Estavam do lado de fora, numa floresta, em algum lugar muito frio.

— ABAIXE-SE! — bradou Doze.

Algo afiado passou por cima de suas cabeças e se chocou contra uma árvore atrás deles.

— Você não disse que, às vezes, era diferente? — ironizou o jovem.

Doze deu de ombros.

— De onde estão vindo?

— Do tempo — respondeu Doze. — Estão se escondendo atrás dos segundos, tentando entrar.

Na floresta perto deles, alguma coisa fez *umpf*, e um enorme pinheiro começou a arder com uma chama verde feito o cobre.

— Onde estão?

— Acima de nós outra vez. Costumam ficar acima ou abaixo da gente.

Desceram como faíscas de um sinalizador, lindas e brancas e possivelmente um pouco perigosas.

O jovem estava pegando o jeito da coisa. Dessa vez, os dois atiraram juntos.

— Eles o informaram dos detalhes da missão? — indagou Doze.

Quando aterrissaram, as faíscas pareciam bem menos lindas e muito mais perigosas.

— Na verdade, não. Só disseram que seria por um ano.

Doze recarregou rapidamente a arma. Tinha cabelos grisalhos e cicatrizes. O jovem mal parecia ter idade suficiente para pegar uma arma.

— Explicaram a você que um ano seria uma vida inteira?

O jovem balançou a cabeça em negativa. Doze se lembrou de quando era

assim tão novo, de uniforme limpo e intacto. Será que um dia ele fora tão inocente? De expressão tão ingênua?

Cuidou de cinco dos demônios faiscantes. O jovem deu cabo dos três que restavam.

— Então é um ano de combate.

— Segundo a segundo — disse Doze.

E...

Vapt!

As ondas quebravam na praia. Estava quente, janeiro no hemisfério sul. Mas ainda era noite. Acima deles, fogos de artifício nos céus, imperturbáveis. Doze conferiu a ampulheta anual: restavam apenas alguns grãos. Estava quase terminado.

Correu os olhos atentos pela praia, as ondas, as rochas.

— Não estou vendo — declarou.

— Eu estou — disse o jovem.

Enquanto ele apontava, algo imenso saiu do mar, maior do que a imaginação era capaz de conceber, uma vastidão espessa e malévola, cheia de tentáculos e garras, e rugia conforme se erguia.

Doze apanhou a bazuca que trazia nas costas e apoiou-a sobre o ombro. Disparou e observou as chamas florescerem do corpo da criatura.

— O maior que já vi — disse. — Talvez tenham guardado o melhor para o final.

— Ei — retrucou o jovem —, estou apenas começando.

Então veio na direção deles, as garras de crustáceo se agitando e pinçando, tentáculos açoitando, a grande boca abrindo e fechando ao léu. Saíram correndo em direção ao alto da ribanceira de areia.

O jovem era mais rápido que Doze: era novo, mas às vezes isso é uma vantagem. O quadril de Doze doía, e ele tropeçou. Seu último grão de areia passava pela ampulheta anual quando algo — um tentáculo, pensou ele — envolveu sua perna, e ele caiu.

Olhou para cima.

O jovem estava de pé na ribanceira, com os pés bem firmes, conforme ensinavam no treinamento, empunhando uma bazuca de modelo desconhecido — algo criado depois de sua época de treino, Doze supôs. Começou a se

despedir mentalmente enquanto era arrastado de volta para a praia, areia arranhando o rosto, e, então, uma explosão abafada, e o tentáculo foi arrancado da sua perna com um puxão quando a criatura foi lançada de volta ao mar.

Ele caía pelo ar quando o último grão desceu e a Meia-Noite o levou.

Doze abriu os olhos no lugar para onde vão os anos passados. Catorze o ajudou a descer do palco.

— Como foi? — perguntou Mil Novecentos e Catorze.

Ela usava uma saia branca que chegava ao chão e longas luvas brancas.

— Estão ficando mais perigosos a cada ano — disse Dois Mil e Doze. — Os segundos, e aquilo que espreita por trás deles. Mas gostei do novato, acho que ele vai dar conta.

Conto de fevereiro

CÉUS CINZENTOS DE fevereiro, areias brancas em meio à névoa, rochas pretas. O mar também parecia preto, como uma fotografia monocromática, e apenas a garota de capa de chuva amarela acrescentava cor ao mundo.

Vinte anos atrás, a velha tinha caminhado pela praia em todo o tipo de clima, arqueada. Olhava com atenção para a areia e, às vezes, laboriosamente, se abaixava para erguer uma pedra e olhar sob ela. Quando parou de vir até a areia, uma mulher de meia-idade, que supus ser filha dela, veio caminhar pela praia, com menos entusiasmo que a mãe. Agora a mulher parara de vir, e em seu lugar havia a garota.

Ela veio em minha direção. Eu era a única outra pessoa na praia em meio àquele nevoeiro. Não aparento ser muito mais velha que ela.

— O que está procurando? — indaguei.

Seu rosto formou uma expressão um pouco contrariada.

— O que a faz pensar que estou procurando alguma coisa?

— Você vem aqui todos os dias. Antes de você era a moça, e antes, a velha senhora com o guarda-chuva.

— Era minha avó — disse a garota de capa de chuva amarela.

— O que ela perdeu?

— Um pingente.

— Deve ser muito valioso.

— Na verdade, não. Tem valor sentimental.

— Deve valer mais do que isso, se sua família está procurando por incontáveis anos.

— Sim. — Ela hesitou antes de completar: — Vovó contou que aquilo a levaria de volta para casa. Disse que só veio aqui dar uma olhada. Estava curiosa. E então ficou preocupada por ter trazido o pingente e, por isso, o escondeu embaixo de uma pedra, para que pudesse encontrá-lo quando voltasse. E então, quando voltou, não soube mais dizer ao certo sob qual rocha o tinha escondido. Isso foi há cinquenta anos.

— Onde era a casa dela?

— Vovó nunca nos contou.

O jeito de falar da garota me levou a fazer a pergunta que me assustava.

— Ainda está viva? Sua avó?

— Sim. Mais ou menos. Mas ela não fala mais com a gente hoje em dia. Fica apenas olhando para o mar. Deve ser horrível ser tão velha.

Balancei a cabeça. Não é. Então pus a mão no bolso do casaco e mostrei-o a ela.

— Por acaso era parecido com este? Eu o encontrei na praia há um ano. Embaixo de uma rocha.

O pingente não tinha sido maculado pela areia nem pela água salgada.

A garota parecia surpresa, e então me abraçou e me agradeceu. Correu com o pingente pela praia enevoada em direção à cidadezinha.

Observei-a se afastando: uma mancha dourada num mundo branco e preto, carregando o pingente da avó na mão. Era idêntico ao que eu usava no pescoço.

Eu me indaguei a respeito da avó dela, minha irmã mais nova, pensando se um dia ela voltaria para casa; se poderia me perdoar pela brincadeira, caso um dia voltasse. Talvez escolhesse permanecer na terra, mandando a garota para casa em seu lugar. Seria divertido.

Foi só depois que minha sobrinha-neta se foi, quando me vi sozinha, que comecei a nadar para o alto, deixando o pingente me atrair para casa, rumo à vastidão acima de nós, onde vagamos com as solitárias baleias celestes e onde os céus e os mares são um só.

Conto de março

… sabemos apenas isto: ela não foi executada.
— CHARLES JOHNSON, HISTÓRIA GERAL DOS ROUBOS E ASSASSINATOS DOS PIRATAS MAIS CONHECIDOS

ESTAVA QUENTE DEMAIS na casa grande, e as duas saíram para a varanda. Uma tempestade de primavera se armava ao longe, no oeste. Desde cedo, o fulgor dos raios e as imprevisíveis lufadas frias já as empurravam e refrescavam. Sentaram-se com recato no balanço da varanda, mãe e filha, e falaram do futuro retorno do marido dela para casa, pois ele havia embarcado com uma safra de tabaco rumo à distante Inglaterra.

Mary, que tinha treze anos, tão bela, tão facilmente assustada, disse:

— Afirmo e declaro. Estou contente que todos os piratas tenham sido enviados à forca, e papai voltará para nós em segurança.

O sorriso da mãe era doce, e não se desfez quando disse:

— Não quero falar sobre piratas, Mary.

* * *

FOI VESTIDA DE menino quando era criança, para acobertar o escândalo do pai. Não usou vestidos até estar no navio com o pai e com a mãe — amante que fazia as vezes de servente e a quem ele chamaria de esposa no Novo Mundo —, e partiram de Cork rumo às Carolinas.

Durante aquela jornada, ela se apaixonou pela primeira vez, envolta em tecidos pouco familiares, desajeitada nas estranhas saias. Tinha onze anos, e não foi um marinheiro que lhe arrebatou o coração, mas o próprio navio: Anne se sentava na proa, observando o cinzento Atlântico rolar sob a embarcação, ouvindo o grito das gaivotas, sentido a cada momento a Irlanda se afastar e carregar todas as antigas mentiras.

Deixou seu amor ao desembarcar, lamentando, e, mesmo com o pai prosperando na nova terra, ela sonhava com o rangido e o ricochete das velas.

O pai era um bom homem. Havia se alegrado quando ela voltou, e não falou

do tempo em que ficara afastada, ou do jovem com quem tinha se casado, que a levara a Providence. Ela voltou à família três anos mais tarde, com um bebê no seio. O marido morrera, disse, e embora fossem muitos os boatos e as histórias, nem a mais afiada das línguas fofoqueiras ousou supor que Annie Riley fosse a pirata Anne Bonny, primeira-imediata de Rackham Ruivo.

"Se tivesse lutado como um homem, não teria morrido como um cão." Essas foram as últimas palavras de Anne Bonny dirigidas ao homem que colocou o bebê em seu ventre, ou ao menos era o que diziam.

* * *

A SRA. RILEY assistiu ao espetáculo dos raios e ouviu o primeiro ribombar dos trovões distantes. O cabelo estava ficando grisalho, e a pele era tão bela quanto a de qualquer outra mulher de posses nos arredores.

— Soa como disparos de canhão — disse Mary.

(Anne tinha dado a ela o nome da própria mãe e também da melhor amiga da época em que esteve longe da casa grande).

— O que a leva a dizer algo assim? — indagou a mãe, recatada. — Nesta casa, não se fala de tiros de canhão.

Então, a primeira das chuvas de março caiu, e a sra. Riley surpreendeu a filha ao levantar-se do balanço da varanda e inclinar-se na chuva, permitindo-a que molhasse seu rosto, como os respingos da brisa do mar. Era algo que não condizia com uma mulher tão respeitável.

Com a água molhando o rosto, ela se imaginou naquele lugar: capitã do próprio navio, o bombardeio ao redor, o odor da fumaça da pólvora soprada com a brisa salgada. O convés do navio seria pintado de vermelho, para disfarçar o sangue nas batalhas. O vento encheria o tecido das suas velas com um estalo tão alto quanto o rugido de um canhão, enquanto se preparavam para abordar o navio mercante e tomar tudo que desejassem, joias e moedas — e beijos ardentes com o primeiro-imediato quando a loucura chegasse ao fim…

— Mãe? Você deve estar pensando em um grande segredo. O sorriso no seu rosto é tão estranho.

— Menina boba, *acushla* — disse a mãe. — Estava pensando no seu pai.

Era verdade o que disse, e os ventos de março sopraram a loucura em torno

delas.

Conto de abril

SABEMOS QUE ESTAMOS exagerando com os patos quando eles deixam de confiar em nós, e meu pai estava arrancando tudo o que podia dos patos desde o verão anterior.

Aproximava-se do lago.

— Olá, patos — dizia ele aos patos.

Já em janeiro, eles simplesmente nadavam para longe. Um pato macho particularmente irascível (nós o chamávamos de Donald, mas nunca na sua frente, pois patos são sensíveis a esse tipo de coisa) ficava para trás e ralhava com meu pai.

— Não estamos interessados — dizia a ave. — Não queremos comprar nada que você esteja vendendo: nada de seguro de vida, nem enciclopédias, nem telha de alumínio, nem palito de fósforo, mesmo que seja à prova d'água.

— "O dobro ou nada!" — grasnou um pato-real dos mais indignados. — Aposto que vai nos fazer jogar a moeda. Usando aquela de dois lados iguais…!

Os patos, que tiveram oportunidade de examinar a moeda em questão quando meu pai a tinha jogado no lago, grasnaram em concordância com o pato-real e flutuaram, elegantes e rabugentos, até o outro lado da água.

Meu pai levou para o lado pessoal.

— Aqueles patos — disse ele. — Estão sempre lá. Como uma vaca pronta para ser ordenhada. Eram uns trouxas: o melhor tipo. Do tipo que dá para tapear de novo e de novo. E eu estraguei tudo.

— Precisa fazer com que voltem a confiar em você. Ou, ainda melhor, é só começar a ser honesto. Vire uma nova página. Você tem um emprego de verdade agora.

Ele trabalhava no Village Inn, em frente ao lago dos patos.

Meu pai não virou uma nova página em sua vida. Ele mal virou a página antiga. Roubou pão fresco da cozinha da estalagem, levou garrafas de vinho tinto já abertas, e foi até o lago para reconquistar a confiança dos patos.

Durante todo o mês de março ele os entreteve, os alimentou, contou piadas, fez tudo que pôde para amolecê-los. Foi só em abril, quando havia poças para todo lado e as árvores estavam novas e verdes e o mundo tinha se desfeito do inverno, que ele trouxe um baralho.

— Que tal uma partida amigável? — perguntou meu pai. — Sem apostar dinheiro?

Os patos se entreolharam, nervosos.

— Não sei, não… — murmuraram alguns deles, desconfiados.

Então um pato-real mais velho, que não reconheci, estendeu uma asa graciosamente.

— Depois de tanto pão fresco, depois de tanto vinho bom, seria deselegante da nossa parte recusar sua proposta. Buraco, talvez? Ou mau-mau?

— Que tal pôquer? — perguntou meu pai, com cara de blefe, e os patos disseram sim.

Ele ficou tão feliz. Nem precisou sugerir que começassem a apostar para tornar o jogo mais interessante: o velho pato-real se encarregou disso.

Ao longo dos anos, aprendi um pouco a trapacear na hora de dar as cartas: observava meu pai sentado em nosso quarto à noite, praticando, de novo e de novo, mas o velho pato tinha uma coisa ou outra a ensinar. Dava as cartas do fundo do baralho. Dava as cartas do meio. Sabia onde estava cada carta, e bastava um rápido movimento da asa para conduzi-las exatamente aonde ele as queria.

Os patos limparam meu pai: a carteira, o relógio, os sapatos, a caixinha de rapé e as roupas que estava usando. Se aceitassem um menino como aposta, meu pai também teria me perdido naquele jogo, e talvez, de muitas formas, ele o tenha feito.

Caminhou de volta para a estalagem apenas com a roupa de baixo e as meias. Patos não gostam de meias, disseram as aves. É uma particularidade deles.

— Ao menos você ficou com as meias — comentei.

Aquele foi o abril em que meu pai aprendeu a não confiar em patos.

Conto de maio

EM MAIO, RECEBI um cartão anônimo de Dia das Mães. Isso me deixou intrigada. Eu certamente teria percebido caso tivesse tido filhos, não teria?

Em junho, encontrei um bilhete dizendo “O atendimento será regularizado assim que possível” preso ao espelho do banheiro, junto a várias pequenas moedas de cobre sujas de origem e denominação incertas.

Em julho, recebi três cartões-postais, a intervalos de uma semana, todos com carimbo postal da Cidade Esmeralda de Oz, dizendo-me que a pessoa que os tinha enviado estava se divertindo muito e me pedindo que lembrasse Doreen de trocar a fechadura da porta dos fundos e verificasse se a entrega do leite havia mesmo sido cancelada. Não conheço nenhuma Doreen.

Em agosto, alguém deixou uma caixa de bombons em frente à minha porta. Havia um adesivo preso a ela, dizendo que era evidência em um processo judicial importante, e sob nenhuma circunstância os chocolates dentro da caixa poderiam ser comidos antes de serem submetidos ao levantamento de impressões digitais. Com o calor de agosto, os chocolates tinham derretido, formando uma maçaroca marrom, e joguei fora a caixa inteira.

Em setembro, recebi um pacote contendo um exemplar da edição da revista em que o Superman fez sua primeira aparição, um dos primeiros fólios das peças de Shakespeare e uma edição particular de um romance de Jane Austen que eu não conhecia, intitulado *Wit and Wilderness*. Não tenho grande interesse em quadrinhos, nem em Shakespeare, nem em Jane Austen, e deixei os livros no quartinho dos fundos. Uma semana mais tarde, quando precisei de algo para ler durante o banho de banheira e procurei por eles, não estavam mais lá.

Em outubro, encontrei um bilhete dizendo “O atendimento será regularizado assim que possível. Juro.” preso à lateral do aquário do peixe-dourado. Dois dos peixes pareciam ter sido levados e substituídos por um par idêntico.

Em novembro, recebi um bilhete que me obrigava a cumprir exigências caso eu quisesse voltar a ver meu tio Theobald com vida. Não tenho nenhum tio Theobald, mas, mesmo assim, usei um cravo rosa na lapela e comi apenas salada durante o mês inteiro.

Em dezembro, recebi um cartão de Natal com carimbo postal do Polo Norte, informando que, em decorrência de um equívoco nos registros, eu não tinha sido incluída na lista dos Bonzinhos nem na dos Levados. Vinha assinado por um nome que começava com N. Talvez fosse Noel, mas tinha mais cara de Norman.

Em janeiro, despertei e descobri que alguém havia pintado “Coloque sua máscara primeiro para, em seguida, ajudar os outros” no teto da minha pequena cozinha com tinta coral. Parte da tinta pingara no chão.

Em fevereiro, um homem se aproximou de mim no ponto de ônibus e me mostrou a estátua preta de um falcão em sua sacola de compras. Pediu minha ajuda para mantê-la a salvo do Gordo, e então viu alguém atrás de mim e saiu correndo.

Em março, recebi três correspondências não solicitadas, a primeira dizendo que talvez eu tivesse ganhado um milhão de dólares, a segunda dizendo que eu talvez tivesse sido eleita para a Académie Française e a última me dizendo que eu talvez tivesse sido declarada a líder titular do Sacro Império Romano.

Em abril, encontrei um bilhete no criado-mudo pedindo desculpas pelos problemas no atendimento, garantindo que a partir de então todos os defeitos do universo tinham sido resolvidos para sempre. PEDIMOS DESCULPAS PELA INCONVENIÊNCIA, concluía o bilhete.

Em maio, recebi outro cartão de Dia das Mães. Dessa vez não era anônimo. Estava assinado, mas não conseguia ler o nome. Começava com N, mas tenho quase certeza de que não era Norman.

Conto de junho

MEUS PAIS DISCORDAM. É o que eles fazem. Vão além de discordar. Discutem. A respeito de tudo. Ainda não entendo como eles conseguiram dar um tempo na discussão para se casar, muito menos para conceber minha irmã e eu.

Mamãe acredita na redistribuição de riquezas, e acha que o grande problema do comunismo é não ir longe o bastante. Meu pai tem um retrato emoldurado da Rainha ao lado da cama e vota nos candidatos mais conservadores que encontra. Mamãe queria que meu nome fosse Susan. Meu pai queria que fosse Henrietta, em homenagem à sua tia. Nenhum dos dois cedeu um centímetro. Sou a única Susietta da minha escola e, provavelmente, do mundo. O nome de minha irmã é Alismima, por motivos parecidos.

Não há nenhum ponto em que concordem, nem mesmo em relação à

temperatura. Papai está sempre com calor, mamãe está sempre com frio. Vivem ligando e desligando os aquecedores, abrindo e fechando as janelas assim que o outro sai do cômodo. Eu e minha irmã ficamos resfriadas o ano todo, e achamos que provavelmente este é o motivo.

Não conseguiam concordar nem quanto ao mês em que deveríamos tirar férias. Papai insistia em agosto, e mamãe afirmava com toda a certeza que julho era melhor. Assim, muitas vezes tirávamos as férias de verão em junho, para a infelicidade de todos.

E não conseguiam decidir para onde iríamos. Papai queria andar a cavalo na Islândia, enquanto mamãe se dispunha a fazer uma caravana pelo Saara nas costas dos camelos, e ambos olhavam para nós como se fôssemos umas bobas quando dizíamos que não seria mal sentar numa praia do sul da França ou algum outro lugar. Paravam de discutir tempo o bastante para nos dizer que isso estava fora de questão, bem como uma viagem à Disneylândia, e então voltavam a discutir um com o outro.

A Discussão de Onde Vamos Passar as Férias em Junho chegava ao fim com muitas portas batidas e muitos gritos do tipo “Que seja!” proferidos um para o outro.

Quando chegavam as inconvenientes férias, eu e minha irmã tínhamos certeza de uma coisa: não iríamos a lugar nenhum. Trazíamos uma imensa pilha de livros da biblioteca, tantos quanto nos permitiam retirar, e nos preparávamos para ouvir muitas brigas nos dez dias seguintes.

Então chegaram os homens em furgões, trazendo coisas para a casa, e começaram a instalá-las.

Mamãe mandou que colocassem a sauna no porão. Despejaram areia no chão. Penduraram no teto uma lâmpada de bronzeamento artificial. Ela colocou uma toalha sobre a areia embaixo da lâmpada e se deitou ali. Afixou fotografias de dunas e camelos nas paredes do porão, até que estas descolaram com o calor extremo.

Papai pediu aos homens que colocassem o frigorífico (o maior frigorífico que conseguiu encontrar, tão grande que dava para entrar nele) na garagem. Ocupou tanto espaço que ele teve que começar a deixar o carro do lado de fora do portão. Acordava de manhã, vestia um suéter quente de lã islandês, pegava um livro, sanduíches de pepino e a garrafa térmica cheia de chocolate quente, e entrava lá

com um imenso sorriso no rosto, saindo apenas na hora do jantar.

Eu me pergunto se mais alguém tem uma família tão estranha quanto a minha. Meus pais nunca concordam a respeito de nada, nada.

— Sabia que mamãe tem vestido o casaco e se esgueirado até a garagem durante as tardes? — disse minha irmã de repente, enquanto estávamos sentadas no jardim, lendo os livros que trouxemos da biblioteca.

Não sabia, mas tinha visto papai usando apenas calção de banho e roupão, descendo ao porão naquela manhã para ficar com mamãe, com um grande sorriso bobo na cara.

Não entendo pais. Sinceramente, acho que ninguém entende.

Conto de julho

NO DIA EM que minha mulher me deixou, dizendo que precisava ficar sozinha e ter um tempo para pensar, no dia 1º de julho, quando o sol incidia forte no lago no centro da cidade, quando o milho nos campos que cercavam minha casa estava na altura do joelho, quando crianças demasiadamente entusiasmadas soltaram os primeiros fogos de artifício e bombinhas que nos assustavam e faiscavam no céu de verão, construí um iglu de livros no jardim dos fundos.

Usei livros em brochura para construi-lo, com medo do peso das enciclopédias e edições de capa dura, que poderiam cair se minha construção não fosse firme.

Mas o iglu não ruiu. Tinha quatro metros de altura, e também um túnel, através do qual eu podia rastejar para dentro dele, mantendo afastados os amargos ventos do Ártico.

Levei outros livros ao iglu que construíra com livros, e os li lá dentro. Fiquei maravilhado com o quão aquecido e confortável me sentia ali dentro. Conforme lia os livros, colocava-os no chão, formando um piso, e então buscava mais livros, e me sentava neles, eliminando do meu mundo os últimos vestígios da grama verde de julho.

Meus amigos vieram no dia seguinte. Rastejaram apoiados nas mãos e nos joelhos para entrar no meu iglu. Disseram que eu estava agindo feito um louco.

Respondi que a única coisa me protegendo do frio do inverno era a coleção de livros em brochura dos anos 1950 do meu pai, muitos deles com títulos atrevidos, capas intensas e histórias que desapontavam pela monotonia.

Meus amigos foram embora.

Sentei-me no iglu imaginando a noite do Ártico do lado de fora, indagando se a aurora boreal tomava os céus. Olhei lá fora, mas vi apenas uma noite repleta de estrelas formigantes.

Dormi em meu iglu, feito de livros. Comecei a ficar com fome. Fiz um buraco no chão, desci por ele uma linha de pesca e esperei até que algo fisgasse. Puxei-a: um peixe feito de livros, com as antigas edições de capa verde das melhores histórias de detetive da Penguin. Comi o peixe cru, temendo fazer uma fogueira dentro do iglu.

Quando saí, observei que alguém havia coberto o mundo inteiro com livros: edições de capa clara, de todas as tonalidades de branco e azul e roxo. Caminhei pelos blocos de gelo formados por livros.

Vi alguém que parecia minha esposa lá fora, no gelo. Estava criando uma geleira de autobiografias.

— Pensei que tivesse me deixado — falei a ela. — Pensei que tivesse me deixado sozinho.

Ela nada disse, e percebi que vira apenas a sombra de uma sombra.

Era julho, quando o sol jamais se põe no Ártico, mas eu estava ficando cansado, então comecei a voltar na direção do iglu.

Vi as sombras dos ursos antes de ver os animais em si: eram imensos, de pelo claro, feitos de páginas de livros ferozes: poemas antigos e modernos na forma de ursos rondavam pelos blocos de gelo, cheios de palavras capazes de ferir com sua beleza. Via o papel, e as palavras cortando as páginas, e temi que os ursos pudessem me ver.

Esgueirei-me de volta ao iglu, evitando os animais. Talvez tenha dormido no escuro. E então saí, deitei-me com as costas no gelo e observei as inesperadas cores da reluzente aurora boreal, atento ao estalar do gelo distante como um iceberg de contos de fadas desprendido de uma geleira de livros de mitologia.

Não sei quando tomei consciência da presença de outra pessoa deitada no chão ao meu lado. Podia ouvir sua respiração.

— É lindo, não? — disse ela.

— É a aurora boreal, as luzes do norte.

— São os fogos de artifício do 4 de julho na cidade, querido — disse minha mulher.

Ela segurou minha mão e assistimos juntos ao espetáculo.

Quando o último dos fogos sumiu numa nuvem de estrelas douradas, ela falou:

— Voltei para casa.

Não respondi. Mas segurei sua mão com muita força, deixei meu iglu feito de livros e voltei com ela para a casa onde morávamos, deleitando-me no calor de julho feito um gato.

Ouvi um trovão distante e, durante a noite, enquanto dormíamos, começou a chover, fazendo desabar meu iglu de livros, lavando e levando as palavras do mundo.

Conto de agosto

OS INCÊNDIOS FLORESTAIS começaram cedo naquele agosto. Todas as tempestades que poderiam ter umedecido o mundo seguiram para o sul, levando consigo a chuva. Todos os dias, víamos os helicópteros sobrevoando, prontos para despejar sua carga de água do lago sobre as chamas distantes.

Peter, que é australiano, e também dono da casa em que moro (cozinho e trabalho como caseiro para ele), disse:

— Na Austrália, os eucaliptos usam o fogo para sobreviver. Algumas sementes de eucalipto só germinam depois que um incêndio florestal passa pelo lugar, limpando a mata rasteira. Elas precisam do calor intenso.

— Coisa estranha — comentei. — Algo brotando das chamas.

— Nem tanto. Bem normal. Devia ser mais comum quando a Terra era mais quente.

— Difícil imaginar um mundo mais quente do que esse.

Ele fungou.

— Isso não é nada — falou, contando do calor intenso que vivenciara na Austrália quando era mais jovem.

Na manhã seguinte, o noticiário da tevê alertou que os habitantes da nossa região deveriam abandonar suas propriedades: estávamos numa área de alto risco de incêndio.

— Pura baboseira — resmungou Peter. — Nunca será problema para nós. Estamos num terreno mais alto, e o córrego passa ao nosso redor.

Quando cheio, o córrego chegava a mais de um metro de profundidade, quase um metro e meio. Agora, estava no máximo a meio metro.

No fim da tarde, o cheiro de mato queimado era forte no ar, e a tevê e o rádio diziam a todos para deixar o local imediatamente, se ainda fosse possível. Sorrimos um para o outro, bebemos nossas cervejas, parabenizando-nos por nosso entendimento de uma situação difícil, sem ter entrado em pânico nem fugido.

— Nós, humanos, somos complacentes — falei. — Todos nós. As pessoas. Vemos as folhas assando nas árvores num dia quente de agosto, e mesmo assim acreditamos que nada vai mudar. Nossos impérios viverão para sempre.

— Nada é para sempre — disse Peter, servindo outra cerveja e contando de um amigo na Austrália que havia impedido que um incêndio destruísse a fazenda da família jogando cerveja nas labaredas sempre que surgiam.

O incêndio entrou pelo vale como a chegada do Juízo Final, vindo em nossa direção, e percebemos quanto o riacho seria insignificante como proteção. O próprio ar estava queimando.

Finalmente fugimos, empurrando um ao outro, tossindo na fumaça sufocante, correndo colina abaixo até chegarmos ao riacho e deitamos dentro dele, deixando apenas a cabeça fora da água.

Do inferno nós as vimos nascer das chamas, subir e voar. Lembravam pássaros, bicando as ruínas incendiadas da casa na colina. Vi uma delas erguer a cabeça, bradando em triunfo. Pude ouvi-la em meio ao estalar das folhas ardentes, ao rugido das labaredas. Ouvi o canto da fênix e compreendi que nada dura para sempre.

Uma centena de pássaros de fogo subiu aos céus quando a água do córrego começou a ferver.

Conto de setembro

MINHA MÃE TINHA um anel em formato de cabeça de leão. Usava-o para praticar pequenos encantamentos: encontrar uma vaga para estacionar, fazer sua fila andar um pouco mais rápido no supermercado, levar o casal briguento da mesa ao lado a parar de brigar e voltar a se amar, esse tipo de coisa. Ela o deixou para mim quando morreu.

A primeira vez que o perdi foi num café. Acho que estava remexendo nele, inquieta, tirando do dedo, colocando de novo. Somente ao chegar em casa dei falta dele.

Voltei ao café, mas não havia sinal do anel.

Vários dias mais tarde, a joia me foi devolvida por um taxista, que a tinha encontrado no asfalto do lado de fora do café. Disse que minha mãe havia aparecido em um sonho, dando a ele meu endereço e uma receita de cheesecake à moda antiga.

Na segunda vez que o perdi, estava apoiada no parapeito de uma ponte, jogando pinhas no rio abaixo. Não reparei que estava frouxo, e o anel escapou da minha mão com uma das pinhas. Observei o arco da sua trajetória. Caiu na lama escura e molhada no limiar do rio, fazendo um alto *glop*, e sumiu.

Uma semana mais tarde, comprei um salmão de um homem que conheci no pub: fui buscar o peixe em um refrigerador no porta-malas de seu velho furgão verde. Era para um jantar de aniversário. Quando abri o peixe com a faca, o anel de leão de minha mãe caiu de dentro dele.

Na terceira vez que o perdi, estava lendo e tomando sol no quintal. Era agosto. O anel estava na toalha ao meu lado, junto aos óculos escuros e ao protetor solar, quando um pássaro grande (suspeito que tenha sido uma pega, ou uma gralha, mas posso estar enganada; era algum tipo de corvo com certeza) fez um rasante e, com o bater das asas, retomou altitude com a joia da minha mãe no bico.

O anel foi devolvido na noite seguinte por um espantalho que se movia sem muita habilidade. Ele me deu um susto, parado ali sob a luz da porta dos fundos, e então mergulhou novamente na escuridão assim que apanhei o anel da sua mão de palha enluvada.

— Há coisas que não devem ser guardadas — disse a mim mesma.

Na manhã seguinte, coloquei o anel no porta-luvas do meu velho carro. Dirigi até o ferro-velho e observei, satisfeita, enquanto o carro era esmagado até se

tornar um cubo de metal do tamanho de uma televisão, sendo então colocado num contêiner com destino à Romênia para processamento, onde seria convertido em algo útil.

No início de setembro fechei minha conta no banco. Mudei-me para o Brasil, onde assumi um cargo de web designer usando um nome falso.

Até o momento, nenhum sinal do anel de mamãe. Porém, às vezes, desperto do sono profundo com o coração acelerado, molhada de suor, imaginando de que maneira ela vai me devolver o anel da próxima vez.

Conto de outubro

— QUE SENSAÇÃO BOA — falei, esticando o pescoço para me livrar da contração que restava.

Não era apenas bom, era maravilhoso, na verdade. Tinha passado tanto tempo espremido naquela lâmpada. Já estava pensando que ninguém voltaria a esfregá-la.

— Você é um gênio — disse a jovem com a flanela de limpeza na mão.

— Sou. Você é uma garota esperta, docinho. Como soube?

— Você apareceu numa nuvem de fumaça — disse ela. — E tem cara de gênio, com esse turbante e os sapatos pontudos.

Cruzei os braços e pisquei. Agora estava de calça jeans, tênis cinza e uma blusa cinzenta desbotada: o uniforme masculino deste lugar e desta época. Levei a mão à testa e me inclinei em sinal de profunda reverência.

— Sou o gênio da lâmpada. Alegra-te, ó bem-aventurada. Tenho o poder de conceder-te três desejos. E não adianta tentar o truque do “desejo mais desejos”: além de não funcionar, você perderá um desejo. Certo. Manda ver.

Cruzei os braços novamente.

— Não — respondeu ela. — Quer dizer, muito obrigada e tudo o mais, mas estou bem. Não precisa.

— Querida. Docinho. Boneca. Talvez não tenha me ouvido direito. Sou um gênio. E os três desejos? Pode ser qualquer coisa que você quiser. Já sonhou em voar? Posso lhe dar asas. Quer ser rica, mais rica que Creso? Quer poder? Basta

falar. Três desejos. Qualquer coisa.

— Como já disse, obrigada, mas estou bem. Quer tomar alguma coisa? Deve estar morrendo de sede depois de tanto tempo na lâmpada. Vinho? Água? Chá?

— Humm… — Pensando bem, agora que ela tinha mencionado, percebi que estava com sede. — Tem chá de hortelã?

Ela me preparou um pouco de chá de hortelã numa chaleira que era quase gêmea da lâmpada na qual eu havia passado a maior parte dos últimos mil anos.

— Obrigado pelo chá.

— Imagina.

— Mas não entendo. Todos que conheci começaram a pedir coisas. Uma casa chique. Um harém de mulheres maravilhosas (não que você fosse querer isso, é claro…).

— Quem sabe? — disse ela. — Não pode sair fazendo suposições a respeito das pessoas. Ah, e não me chame de querida, nem docinho, nem nada dessas coisas. Meu nome é Hazel.

— Ah! — exclamei, compreendendo. — Então, quer uma linda mulher? Minhas desculpas. Basta fazer o pedido.

Cruzei os braços.

— Não — interveio ela. — Estou bem. Nada de desejos. Como está o chá?

Disse a ela que o chá de hortelã era o mais gostoso que já tinha provado.

Ela perguntou quando comecei a sentir a necessidade de conceder desejos às pessoas, e se eu sentia uma necessidade desesperada de agradar aos outros. Perguntou da minha mãe, e disse a ela que não poderia me julgar como faria com os mortais, pois eu era um *djinn* poderoso e sábio, mágico e misterioso.

Perguntou se eu gostava de *homus* e, quando respondi que sim, ela tostou um pão sírio e o cortou para que eu passasse no *homus*.

Mergulhei os pedaços de pão no *homus* e comi com grande deleite. O *homus* me deu uma ideia.

— Basta fazer um desejo e posso produzir um banquete digno de um sultão para você — sugeri, esperançoso. — Cada prato seria mais delicioso que o anterior, tudo servido em travessas de ouro. E você poderia ficar com o ouro, depois.

— Não precisa — disse ela, sorrindo. — Gostaria de sair para caminhar?

Andamos juntos pela cidade. Foi bom esticar as pernas depois de tantos anos

na lâmpada. Fomos parar num parque público, sentados num banco perto de um lago. Fazia calor, mas ventava, e as folhas do outono caíam em lufadas cada vez que o vento soprava.

Contei a Hazel sobre a minha juventude como *djinn*, de como costumávamos bisbilhotar as conversas dos anjos, que jogavam cometas em nós quando nos flagravam escutando. Contei a ela dos dias ruins da guerra dos *djinns*, e de como o rei Solimão nos aprisionou dentro de objetos ocos: garrafas, lâmpadas, potes de argila, coisas desse tipo.

Ela me contou dos pais, que tinham morrido no mesmo acidente de avião, deixando a casa para a filha. Contou-me do emprego, ilustrando livros infantis, um trabalho ao qual ela se voltou sem nem reparar, quando percebeu que jamais seria uma ilustradora médica realmente competente, e de quanto ficava contente ao receber novos livros para ilustrar. Contou que ensinava desenho de observação para adultos na universidade comunitária uma noite por semana.

Não vi nenhum defeito óbvio na vida dela, nenhum espaço que pudesse ser preenchido com a realização de um desejo, com uma exceção.

— Sua vida é boa. Mas você não tem ninguém com quem compartilhá-la. Basta desejar, e eu lhe trarei o homem perfeito. Ou mulher. Um astro de cinema. Uma… pessoa rica…

— Não precisa, estou bem — respondeu ela.

Caminhamos de volta à casa dela, passando por outras decoradas para o Dia das Bruxas.

— Não está certo — disse a ela. — As pessoas sempre desejam coisas.

— Eu, não. Tenho tudo de que preciso.

— Então o que *eu* faço?

Ela pensou por um momento. Então apontou para o jardim.

— Pode varrer as folhas?

— É esse o seu desejo?

— Não. Apenas algo que você pode fazer enquanto preparo nosso jantar.

Varri as folhas, formando uma pilha ao lado da cerca, para impedir que o vento as espalhasse. Depois do jantar, lavei a louça. Passei a noite no quarto de hóspedes de Hazel.

Não é que ela não quisesse ajuda. Ela me deixou ajudar. Cuidei de pequenas tarefas, buscando material de artes plásticas e algumas compras. Nos dias em

que ficava pintando por muito tempo, ela me deixava massagear seus ombros e pescoço. Tenho mãos boas, firmes.

Pouco antes do Dia de Ação de Graças, deixei o quarto de hóspedes, do outro lado do corredor, e me mudei para o quarto principal e para a cama de Hazel.

Observei o rosto dela esta manhã enquanto dormia. Olhei para a forma que seus lábios assumem quando ela dorme. A luz do sol foi chegando e tocou o rosto dela, que abriu os olhos, me viu, e sorriu.

— Sabe o que nunca perguntei? — indagou ela. — E quanto a você? O que desejaria se eu lhe perguntasse quais são os seus três desejos?

Pensei por um instante. Coloquei o braço ao redor dela, que acomodou a cabeça no meu ombro.

— Estou bem — disse a ela. — Não preciso de nada.

Conto de novembro

O BRASEIRO ERA pequeno, quadrado e feito de um metal envelhecido e enegrecido pelo fogo. Talvez fosse de cobre ou latão. Tinha chamado a atenção de Eloise na venda de usados porque ostentava pares gêmeos de animais que poderiam ser dragões ou serpentes marinhas. Um deles estava sem cabeça.

Custava apenas um dólar, e Eloise o comprou, e também um chapéu vermelho com uma pena na lateral. Começou a se arrepender de comprar o chapéu antes mesmo de chegar em casa, e pensou que talvez devesse dá-lo de presente a alguém. Mas a carta do hospital a esperava na volta, e ela colocou o braseiro no quintal e o chapéu no armário, ao entrar, e não pensou mais neles.

Os meses se passaram, e também o desejo de sair de casa. A cada dia ela se sentia mais fraca, e cada dia tirava mais dela. Levou a cama para o quarto no andar de baixo, porque doía caminhar, porque estava cansada demais para subir as escadas, porque era mais simples.

Novembro chegou, e com ele a consciência de que jamais veria o Natal.

Há coisas que não se pode jogar fora, coisas que não podemos deixar para serem encontradas pelos entes queridos quando não estivermos mais aqui. Coisas que temos que queimar.

Ela levou uma pasta de papelão preta cheia de papéis e cartas e fotografias antigas até o jardim. Encheu o braseiro com gravetos caídos e sacolas de papel marrons, e ateou fogo usando um acendedor de churrasqueira. Só depois de ver as chamas é que ela abriu a pasta.

Começou com as cartas, particularmente aquelas que não deveriam ser vistas por outras pessoas. Quando estivera na universidade, houve um professor e um relacionamento, se é que poderia ser considerado assim, que tinha enveredado por rumos bastante sombrios muito rapidamente. Ela guardara todas as cartas dele presas com um clipe de papel, e as deixou cair, uma a uma, nas labaredas. Havia uma fotografia dos dois juntos, e ela a lançou no braseiro por último, observando a imagem enrugar e escurecer.

Foi apanhar o objeto seguinte na caixa de papelão quando se deu conta de que não conseguia mais lembrar o nome do professor, nem a matéria que ele lecionava, nem o motivo de o relacionamento a ter ferido tanto a ponto de tê-la feito pensar em suicídio.

O próximo objeto era uma fotografia de sua antiga cadela, Lassie, deitada de costas ao lado do carvalho no quintal. Lassie morreu há sete anos, mas a árvore continuava ali, agora despida de folhas no frio de novembro. Ela jogou a foto no braseiro. Tinha amado aquele cachorro.

Voltou o olhar para a árvore, lembrando…

Não havia árvore no jardim dos fundos.

Não havia nem mesmo um toco de tronco: apenas um gramado esmaecido de novembro, coberto com algumas das folhas secas das árvores dos vizinhos.

Eloise viu, e não se preocupou com a possibilidade de ter enlouquecido. Levantou-se com alguma dificuldade e caminhou até a casa. Seu reflexo no espelho a chocou, coisa comum nos últimos tempos. O cabelo tão fino e ralo, o rosto tão macilento.

Ela apanhou os papéis da mesa ao lado da cama improvisada: uma carta do oncologista estava no topo da pilha, e sob ela havia uma dúzia de páginas de números e palavras. Havia mais papéis por baixo, todos com o logotipo do hospital no alto da primeira página. Ela os apanhou e, aproveitando o ensejo, pegou também as contas hospitalares. O seguro de saúde cobria a maior parte das despesas, mas não todas.

Voltou a sair da casa, parando na cozinha para recuperar o fôlego.

O braseiro a aguardava, e ela jogou suas informações médicas no fogo. Assistiu enquanto estas ficavam marrons e pretas, virando cinzas no vento de novembro.

Quando o último dos registros médicos terminou de arder, Eloise se levantou e entrou em casa. O espelho do corredor mostrou a ela uma Eloise ao mesmo tempo nova e familiar: tinha cabelos castanhos profusos, e sorriu para si mesma no reflexo como se amasse a vida e deixasse atrás de si um rastro de conforto.

Ela foi ao armário do corredor. Havia o chapéu vermelho na prateleira, do qual ela quase não se lembrava, mas a mulher o vestiu, temendo que o vermelho fizesse seu rosto parecer lavado e pálido. Olhou-se no espelho. Estava com boa aparência. Inclinou o chapéu para formar um ângulo mais acentuado.

Do lado de fora, os últimos traços da fumaça saída do braseiro preto envolto em serpentes se dissiparam no frio ar de novembro.

Conto de dezembro

PASSAR O VERÃO nas ruas é difícil, mas pode-se dormir num parque sem morrer de frio. O inverno é diferente. O inverno pode ser fatal. E, mesmo que não o seja, o frio ainda nos acolhe como amigo especial e sem teto, se insinuando por cada parte de nossa vida.

Donna tinha aprendido com os mais velhos. O truque, disseram, é dormir durante o dia onde for possível (a linha de trem circular é uma boa pedida, basta comprar uma passagem e passar o dia no vagão, dormindo, e o mesmo vale para os cafés mais baratos onde ninguém se importa com uma menina de dezoito anos que gasta cinquenta centavos numa xícara de chá e então cochila num canto durante algumas horas, desde que sua aparência seja minimamente respeitável), mas manter-se em movimento durante a noite, quando as temperaturas caem muito, e os lugares mais quentes fecham as portas, trancando-as e apagando as luzes.

Eram nove da noite, e Donna estava caminhando. Procurava pelas áreas mais iluminadas e não tinha vergonha de pedir dinheiro. Não mais. A pessoa sempre podia dizer não, coisa que a maioria fazia.

Não havia nada de familiar a respeito da mulher na esquina. Caso contrário, Donna não a teria abordado. Era seu pesadelo, alguém de Biddenden vê-la assim: a vergonha e o medo de contarem à sua mãe (que nunca falara muito, que dissera apenas “Já vai tarde” quando soube da morte da avó), que então contaria ao pai, que seria capaz de ir até lá procurá-la, tentando levá-la de volta para casa. E isso a destruiria. Ela nunca mais queria vê-lo.

A mulher na esquina havia parado, perplexa, e olhava ao redor como se estivesse perdida. Às vezes, os perdidos são generosos com trocados, bastava saber indicar a eles o caminho desejado.

Donna se aproximou e disse:

— Tem um trocado?

A mulher baixou o olhar até ela. E então a expressão em seu rosto mudou, e ela parecia… Donna entendeu o clichê naquele momento, entendeu por que as pessoas dizem *Parece que ela viu um fantasma*. Tinha mesmo visto. A mulher disse:

— *Você?*

— Eu? — indagou Donna.

Se tivesse reconhecido a mulher, talvez se afastasse, ou até saísse correndo, mas não a conhecia. A mulher parecia um pouco a mãe de Donna, mas um tanto mais gentil, bondosa e rechonchuda, enquanto a mãe era magricela. Era difícil discernir sua verdadeira aparência porque estava usando pesadas roupas pretas de inverno, e um espesso gorro de lã, mas o cabelo sob o gorro era tão alaranjado quanto o da menina.

— Donna — disse a mulher.

A jovem teria corrido, mas não o fez, permanecendo onde estava porque era loucura demais, improvável demais, ridículo demais para descrever em palavras.

— Meu Deus, Donna. É você, não é? Eu lembro.

Então ela parou. Parecia piscar para disfarçar as lágrimas.

Donna olhou para a mulher, enquanto uma ideia improvável e ridícula enchia sua cabeça, e disse:

— Você é quem eu acho que é?

A mulher confirmou com um meneio de cabeça.

— Sou você — disse ela. — Ou serei. Um dia. Estava caminhando por aqui e lembrando de como era quando eu… quando você… — mais uma vez, ela fez

uma pausa. — Ouça. As coisas não vão ser assim para sempre. Nem vão durar muito tempo. Apenas evite fazer algo idiota. E não faça nada de permanente. Juro que vai ficar tudo bem. É como nos vídeos do YouTube, sabe? *Tudo vai melhorar.*

— O que é *iutúb*? — indagou Donna.

— Ah, que gracinha — disse a mulher.

Ela pôs os braços ao redor de Donna, puxou-a para perto e a abraçou com força.

— Vai me levar para casa com você? — perguntou Donna.

— Não posso — respondeu a mulher. — Ainda não há um lar à sua espera. Você ainda não conheceu nenhuma das pessoas que vão ajudá-la a sair das ruas, ou ajudá-la a conseguir um emprego. Ainda não conheceu o homem que será seu parceiro. E os dois vão construir um lugar que seja seguro, para ambos e para seus filhos. Um lugar quente.

Donna sentiu a raiva crescendo dentro de si.

— Por que está me dizendo isso?

— Para que saiba que tudo vai melhorar. Para lhe dar esperança.

Donna recuou um passo.

— Não quero esperança — disse a jovem. — Quero um lugar quente. Quero uma casa. Quero agora. Não daqui a vinte anos.

Uma expressão de mágoa no rosto plácido.

— Não vai demorar vinte an…

— *Não importa!* Não vai ser esta noite. Não tenho para onde ir. E estou com *frio*. Tem um trocado?

A mulher assentiu.

— Aqui está — disse.

Abriu a bolsa e sacou uma nota de vinte libras. Donna a pegou, mas o dinheiro não se parecia com as notas que ela conhecia. Voltou a olhar para a mulher a fim de lhe perguntar algo, mas ela tinha desaparecido, e quando Donna olhou novamente para as mãos, o dinheiro também havia sumido.

Ela ficou ali, tremendo. O dinheiro desaparecera, se é que chegara a existir. Mas ela guardou uma coisa: sabia que as coisas dariam certo um dia. No fim. E sabia que não precisava fazer nada idiota. Não precisava comprar uma última passagem de trem apenas para poder saltar nos trilhos quando visse o trem se

aproximando, perto demais para frear.

O vento do inverno era amargo, mordendo e cortando a carne até os ossos, mas, ainda assim, ela viu algo soprado contra a porta de uma loja, e abaixou-se para apanhar o objeto: uma nota de cinco libras. Talvez o dia seguinte fosse mais fácil. Ela não teria que fazer nenhuma das coisas que se imaginara fazendo.

Dezembro pode ser fatal para quem está nas ruas. Mas não naquele ano. Não naquela noite.

Caso de morte e mel

Durante anos, o destino de um homem foi um mistério naquela região: o velho bárbaro, branco como um fantasma, com sua imensa sacola. Alguns acharam que tinha sido assassinado e, posteriormente, escavaram o chão da pequena cabana do Velho Gao no alto da colina em busca de tesouros, mas encontraram apenas cinzas e travessas de zinco enegrecidas pelo fogo.

Isso foi após o desaparecimento do próprio Gao, perceba, e antes de seu filho voltar de Lijiang para assumir as colmeias na colina.

* * *

O PROBLEMA É esse, *escreveu Holmes em 1899*: o Tédio. E a falta de interesse. Melhor dizendo, tudo se torna demasiadamente fácil. Quando a graça de solucionar crimes é o desafio, a possibilidade de que você pode fracassar, então os crimes têm algo que retêm a atenção. No entanto, se para todo crime há uma solução e, não obstante, de decifração fácil, não há razão alguma para solucioná-los.

Veja: um homem foi assassinado. Logo, alguém o matou. Foi morto em decorrência de um ou mais dentre um punhado de motivos: tornou-se um problema para alguém, ou possuía algo desejado por alguém, ou enfureceu alguém. Onde está o desafio nisso?

Eu lia nas gazetas a respeito de crimes que deixavam a polícia perplexa e me descobria a solucionar o caso, em linhas gerais ou até em detalhes, antes mesmo de chegar ao fim da reportagem. O crime é solúvel demais. Dissolve-se. Por que telefonar à polícia e revelar as respostas para seus mistérios? Deixo de lado, de novo e de novo, como um desafio a eles, já que a mim não desafia.

Sinto-me vivo apenas quando percebo um desafio.

* * *

As abelhas das colinas brumadas, colinas tão altas que, às vezes, eram chamadas de montanhas, zumbiam no fraco sol de verão ao voar de flor

em flor no aclive. O Velho Gao as ouvia, sem prazer. Seu primo, no vilarejo do outro lado do vale, tinha muitas dúzias de colmeias, todas quase cheias de mel, mesmo nessa época do ano; além disso, o mel era branco como a neve. O Velho Gao não achava o mel branco mais saboroso que o mel amarelo e marrom-claro que suas próprias abelhas produziam em quantidades escassas, mas o primo conseguia vender o mel branco a um preço duas vezes maior que o próprio Gao cobrava por seu melhor mel.

No lado da colina pertencente ao primo, as abelhas marrons e douradas eram trabalhadoras aplicadas, esforçadas, que traziam pólen e néctar às colmeias em imensas quantidades. As abelhas do Velho Gao eram mal-humoradas e pretas, reluzentes feito balas, produzindo apenas o mel necessário para sobreviver ao inverno e pouco mais: o bastante para que o Velho Gao vendesse de porta em porta aos demais aldeões, um pequeno pedaço de favo de mel por vez. Sempre que tinha favos de ninho para vender, cobrava mais pela deliciosa iguaria cheia de larvas de abelha e rica em proteína, o que ocorria raramente, pois as abelhas eram irritadiças e taciturnas e, a tudo que faziam, dedicavam-se o mínimo necessário, inclusive para fazer mais abelhas, e o Velho Gao tinha consciência de que cada favo de ninho vendido por ele representava abelhas a menos para fazer o mel que venderia mais tarde ao longo do ano.

O Velho Gao era tão ranzinza e mordaz quanto suas abelhas. Tivera uma esposa, mas ela morreu no parto. O filho que a matara sobreviveu por uma semana e também morreu. Não haveria ninguém para entoar os ritos fúnebres do Velho Gao, ninguém para limpar seu túmulo na época dos festivais nem fazer oferendas. Morreria sem que ninguém se lembrasse dele, tão ignorável e ignorado quanto suas abelhas.

Assim que as estradas se tornaram transitáveis, ao fim da primavera daquele ano, apareceu nas montanhas um desconhecido, um velho homem branco com uma imensa sacola marrom presa aos ombros. O Velho Gao ouviu falar dele antes de ser apresentado ao homem.

— Há um bárbaro observando as abelhas — comentou o primo.

O Velho Gao nada disse. Tinha visitado o primo para comprar um balde de favos de segunda linha, quebrados ou desoperculados, com risco de logo estragarem. Comprou a um preço baixo para alimentar as próprias

abelhas, e, se vendesse parte daquilo em seu vilarejo, ninguém perceberia a diferença. Os dois bebiam chá na cabana do primo de Gao, na colina. A partir do fim da primavera, quando as primeiras gotas de mel começavam a fluir, até a primeira geada, o primo de Gao deixava sua casa na vila e se alojava na cabana da colina, para viver e dormir entre as colmeias, por medo de ladrões. A esposa e os filhos levavam colina abaixo os favos e as garrafas de mel branco como a neve para vender.

O Velho Gao não tinha medo de ladrões. As reluzentes abelhas pretas das colmeias dele não tinham pena de ninguém que as perturbasse. Ele dormia no vilarejo, a não ser que fosse época de coletar o mel.

— Vou enviá-lo ao seu encontro — disse o primo de Gao. — Responda às perguntas dele, mostre-lhe suas abelhas, e ele vai pagá-lo.

— Ele fala nossa língua?

— Sim, mas de maneira medonha. Disse que aprendeu a falar com marinheiros, em sua maioria cantoneses. Mas aprende rápido, embora seja velho.

O Velho Gao grunhiu, desinteressado em marinheiros. A manhã já ia alta, e ainda faltavam quatro horas de caminhada pelo vale até chegar ao seu vilarejo, no calor do dia. Ele terminou seu chá. O chá que o primo bebia era mais refinado que qualquer um que o Velho Gao já pôde pagar.

Chegou às suas colmeias quando ainda havia luz, colocou a maior parte do mel desoperculado nas colmeias mais fracas. Ele tinha onze colmeias. O primo tinha mais de cem. Durante o procedimento, o Velho Gao foi picado duas vezes, nas costas da mão e na nuca. Já fora ferroado mais de mil vezes na vida. Nem saberia dizer quantas. Mal sentia as picadas de outras abelhas, mas a ferroada de suas próprias abelhas pretas sempre doía, ainda que não houvesse mais inchaço nem queimação.

No dia seguinte, um menino veio à casa do Velho Gao no vilarejo para dizer-lhe que havia alguém — um estrangeiro gigante — perguntando por ele. O Velho Gao apenas grunhiu. Atravessou o vilarejo caminhando com seu ritmo constante, enquanto o menino corria na frente e logo se perdia na distância.

O Velho Gao encontrou o estrangeiro bebendo chá, sentado na varanda da Viúva Zhang. O Velho Gao conhecera a mãe da Viúva Zhang, cinquenta

anos atrás. Foi amiga da esposa dele. Agora já fazia tempo que ela morrera. Ele não acreditava que ainda tivesse alguém que conhecera sua mulher. A Viúva Zhang buscou chá para o Velho Gao, apresentou-o ao bárbaro, que tinha tirado a sacola do ombro e se sentado junto à pequena mesa.

Bebericaram o chá. O bárbaro disse:

— Gostaria de ver suas abelhas.

* * *

O ALGOZ DE Mycroft foi o fim do Império, e ninguém sabia disso além de nós dois. Ele jazia naquele cômodo desbotado, coberto apenas com um fino lençol branco, como um fantasma provindo da imaginação popular, faltando para tal apenas dois buracos no lençol fazendo as vezes de olhos para completar a transformação.

Eu imaginara que a doença o minguaria, mas ele parecia maior do que nunca, com os dedos inchados como duas linguiças brancas.

— Boa noite, Mycroft — cumprimentei-o. — O dr. Hopkins me disse que você tem duas semanas de vida e enfatizou que eu não deveria informá-lo disso sob hipótese alguma.

— Um parvo, aquele homem — disse Mycroft, cuja respiração vinha entrecortada por pesados sibilos entre as palavras. — Não viverei até sexta-feira.

— Chegará no mínimo até sábado — retruquei.

— Sempre um otimista. Não, já na noite de quinta passarei a ser apenas um exercício de geometria aplicada para Hopkins e para os diretores funerários da Snigsby e Malterson, que vão enfrentar o desafio de tirar minha carcaça deste cômodo e do prédio, dada a estreiteza das portas e dos corredores.

— Levando em conta a escada, acima de tudo. Mas eles vão remover o batente da janela e baixá-lo até a rua como um grande piano.

Mycroft bufou diante do comentário.

— Tenho cinquenta e quatro anos, Sherlock. Na minha cabeça está o governo britânico. Não aquele disparate de eleições e palanques, mas o funcionamento da coisa. Ninguém mais compreende como a movimentação das tropas nas colinas do Afeganistão afeta as desoladas praias do norte de Gales, ninguém mais

compreende a situação como um todo. Pode imaginar o rebuliço que essa gente e seus filhos vão fazer quando a Índia se tornar independente?

Nunca me dispusera a pensar no assunto.

— Ela *se tornará* independente? — perguntei.

— É inevitável. Em trinta anos, no máximo. Escrevi numerosos memorandos sobre o assunto. Assim como a respeito de tantos outros. Há memorandos sobre a Revolução Russa, que, imagino, deve ocorrer em questão de dez anos, e a questão alemã, e… ah, tantos outros. Não que eu tenha a expectativa de que sejam lidos ou compreendidos. — Outro sibilo. Os pulmões do meu irmão vibravam como as janelas em uma casa vazia. — Sabe, se me fosse possível continuar vivo, o Império Britânico perduraria por mais mil anos, trazendo paz e melhorias ao mundo.

No passado, especialmente quando criança, sempre que ouvia Mycroft fazer um pronunciamento grandioso como aquele, eu dizia algo para atazaná-lo. Mas não agora, não em seu leito de morte. E, além disso, tinha certeza de que ele não se referia ao estado atual do Império, um construto falho e falível criado por gente falha e falível, mas sim de um Império Britânico que existia apenas na sua cabeça, uma gloriosa força de civilização e prosperidade universal.

Não acredito, e nunca acreditei, em impérios. Porém, acreditava em Mycroft.

Mycroft Holmes. Cinquenta e quatro anos de idade. Ele vira a chegada do novo século, mas a rainha ainda viveria muitos meses além dele. Era mais de trinta anos mais velha que ele, e uma senhora de compleição vigorosa sob todos os aspectos. Indaguei em silêncio se este final infeliz não poderia ter sido evitado.

— Você tem razão, Sherlock, é claro — disse meu irmão. — Tivesse eu me obrigado a fazer exercícios. Tivesse eu me alimentado de alpiste e repolho em vez de bisteca. Tivesse eu aprendido a dançar conforme a música com uma esposa e um cãozinho e me comportado de tantas outras maneiras que seriam contrárias à minha natureza. Talvez garantisse mais dez ou doze anos de vida. Contudo, de que vale isso, diante do quadro geral das coisas? Bem pouco. E, mais cedo ou mais tarde, alcançaria meu ocaso. Não. Na minha opinião, seriam necessários duzentos anos para criar um serviço civil funcional, que dirá um serviço secreto…

Eu nada falei.

O cômodo desbotado não tinha nenhum tipo de decoração nas paredes. Nenhuma das condecorações de Mycroft. Nenhuma ilustração, fotografia ou pintura. Comparei seu ambiente austero aos meus próprios cômodos abarrotados em Baker Street e pensei, não pela primeira vez, sobre a mente de Mycroft. Ele não precisava de nada do lado de fora, pois estava tudo do lado de dentro: tudo que ele vira, tudo que vivenciara, tudo que lera. Podia fechar os olhos e caminhar pela National Gallery, ou folhear as obras da Sala de Leitura do British Museum (ou, mais provavelmente, comparar relatórios de espionagem vindos dos confins do Império ao preço da lã em Wigan e às estatísticas de desemprego em Hove, e então, partindo apenas de tais documentos, ordenar a promoção de um homem ou a condenação de um traidor a uma morte discreta).

Mycroft emitiu um sibilo intenso, e então disse:

— É um crime, Sherlock.

— Como?

— Um crime. É um crime, meu irmão, tão monstruoso e hediondo quanto qualquer um dos massacres sensacionalistas que você já investigou. Um crime contra o mundo, contra a natureza, contra a ordem.

— Devo confessar, meu caro, que não entendo bem ao que se refere. Qual é o crime?

— Minha morte, em específico. E a morte, em geral. — Ele olhou nos meus olhos. — Falo sério. Não seria *este* um crime digno de investigação, Sherlock, velho companheiro? Um caso capaz de prender sua atenção por mais tempo que o necessário para determinar que o pobre sujeito que liderava a orquestra de sopro em Hyde Park foi assassinado pelo terceiro corneteiro usando um preparado de estricnina.

— Arsênico — corrigi, quase automaticamente.

— Creio que descobrirá que o arsênico, embora presente, tenha derivado de flocos de tinta verde do coreto que caíram em seu jantar. Os sintomas de envenenamento por arsênico não passam de um engodo. Não, foi a estricnina que deu cabo do pobre sujeito.

Mycroft nada mais me disse naquele dia, e jamais o faria de novo. Seu último suspiro foi na quinta-feira seguinte, no fim da tarde, e, na sexta, os honrados representantes de Snigsby e Malterson removeram o batente da janela do cômodo desbotado, baixando o corpo do meu irmão até a rua, feito um grande

piano.

Os participantes do velório fomos eu, meu amigo Watson, nossa prima Harriet e, atendendo ao desejo explícito de Mycroft, mais ninguém. O Serviço Público, o Ministério das Relações Exteriores, até o Diogenes Club: tais instituições e seus representantes estiveram ausentes. Mycroft vivera como recluso e seria igualmente recluso na morte. Assim, éramos apenas nós três e o pároco, que não conhecera meu irmão e não fazia ideia que estava consignando ao túmulo o braço mais onisciente do Império Britânico.

Quatro homens musculosos seguraram firme nas cordas e baixaram o cadáver de meu irmão até sua jazida final, e devo dizer que se esforçaram ao máximo para não praguejar diante do peso da coisa. Dei a cada um deles uma gorjeta de meia coroa.

Mycroft morreu aos cinquenta e quatro anos e, enquanto seu corpo era depositado na sepultura, na minha imaginação ainda podia ouvir seu sibilo surdo e entrecortado enquanto parecia dizer: “Não seria *este* um crime digno de investigação?”

* * *

Embora seu vocabulário fosse limitado, o sotaque do estrangeiro não era dos piores, e ele falava o dialeto local, ou algo parecido. Aprendia rápido. O Velho Gao arrastou o pé na terra da rua e cuspiu. Nada disse. Não queria subir a colina com o estrangeiro; não queria perturbar suas abelhas. Segundo a experiência do Velho Gao, quanto menos incomodasse as abelhas, melhor o desempenho delas. E se picassem o bárbaro?

O cabelo do estrangeiro era branco platinado e ralo; o nariz, o primeiro nariz bárbaro que o Velho Gao já vira, era imenso e curvado, lembrando o bico de uma águia; a pele era bronzeada, numa tonalidade semelhante à do próprio Velho Gao, com rugas profundas. O Velho Gao não tinha certeza se seria capaz de desvendar a expressão do bárbaro como fazia com a de outras pessoas, mas achou que o homem parecia sério e, talvez, infeliz.

— Por quê?

— Estudo abelhas. Seu irmão disse que você tem grandes abelhas pretas. Abelhas incomuns.

O Velho Gao deu de ombros. Não corrigiu o homem com relação ao parentesco com o primo.

O estrangeiro perguntou ao Velho Gao se ele já comera, e quando Gao respondeu que não, o estrangeiro pediu à Viúva Zhang que lhes trouxesse sopa e arroz e o que mais houvesse de bom na cozinha, e ela voltou com um cozido de cogumelos pretos com legumes e pequenos peixes transparentes de água doce, pouco maiores que girinos. Os dois comeram em silêncio. Quando terminaram, o estrangeiro disse:

— Eu ficaria honrado se me mostrasse suas abelhas.

O Velho Gao nada respondeu, mas o estrangeiro pagou bem à Viúva Zhang e colocou a sacola nas costas. Então esperou, e, quando o Velho Gao começou a andar, o estrangeiro o seguiu. Carregava a sacola como se não sentisse seu peso. Era forte para uma pessoa de idade, pensou o Velho Gao, ponderando se todos os bárbaros seriam assim tão fortes.

— De onde veio?

— Da Inglaterra — disse o estrangeiro.

O Velho Gao se lembrou do pai falando de uma guerra com os ingleses envolvendo o comércio e o ópio, mas isso tinha sido muito tempo antes.

Caminharam pela colina que talvez fosse uma montanha. Era íngreme, e o terreno era rochoso demais para ser transformado em campos. O Velho Gao testou o fôlego do estrangeiro, caminhando num ritmo mais acelerado que o normal, e o estrangeiro o acompanhou, com a sacola nas costas.

No entanto, o estrangeiro parou várias vezes. Parou para examinar flores, as pequenas flores brancas que se abriam no início da primavera no restante do vale, mas que se abriam na encosta da colina apenas no final da estação. Havia uma abelha em uma das flores, e o estrangeiro se ajoelhou para observá-la. Então colocou a mão no bolso, tirou dele uma grande lente de aumento e examinou a abelha com ela, fazendo anotações num pequeno caderno de bolso, com uma escrita incompreensível.

O Velho Gao nunca tinha visto uma lente de aumento, e se aproximou para ver a abelha, tão preta e tão forte e muito diferente das abelhas de outras partes daquele vale.

— Uma de suas abelhas?

— Sim — disse o Velho Gao. — Ou outra do mesmo tipo.

— Então vamos deixar que encontre sozinha o caminho de casa — disse o estrangeiro, que não perturbou a abelha, e guardou a lente de aumento.

* * *

The Croft
East Dene, Sussex,
11 de agosto de 1922

Meu caro Watson,

Pensei longamente em nossa conversa desta tarde, avaliei com calma e me vejo preparado para mudar minhas opiniões anteriores.

Estou receptivo à publicação de seu relato dos incidentes de 1903, especificamente do último caso antes de minha aposentadoria, sob a seguinte condição.

Além das alterações habituais que faríamos para ocultar pessoas e lugares reais, sugiro que substitua todo o cenário que encontramos (refiro-me ao jardim do professor Presbury, sobre o qual não escreverei mais aqui), além de incluir glândulas de macaco, ou algum outro extrato obtido a partir dos testículos de um símio ou lêmure, enviado por algum estrangeiro misterioso. Talvez o extrato de macaco tivesse o efeito de fazer o professor Presbury se mover como um símio (quem sabe possa se tornar algum tipo de "homem das selvas"?) ou talvez o tornasse capaz de trepar nas laterais de prédios e nas árvores. Talvez ganhasse uma cauda, mas isso poderia ser um exagero até mesmo para você, Watson, embora não mais que muitos de seus acréscimos barrocos a histórias envolvendo eventos mais corriqueiros de minha vida e meu trabalho.

Além disso, escrevi o seguinte discurso, que eu mesmo vou proferir, ao término de sua narrativa. Peço que garanta a presença de algo bastante semelhante a essas linhas, nas quais censuro uma vida longa demais e os tolos instintos que levam pessoas tolas a fazer coisas tolas para prolongar suas vidas tolas.

Há um perigo bastante real ameaçando a humanidade. Se pudéssemos

viver para sempre, se a juventude estivesse facilmente ao alcance, o material, o sensual, o mundano, todos desejariam prolongar suas existências sem valor. O espiritual não poderia evitar o chamado a algo mais elevado. Seria a sobrevivência do menos forte. Em que tipo de pocilga nosso mundo poderia se transformar?

Algo nesse sentido deixaria minha consciência em paz, imagino.

Por favor, deixe-me ver o texto final antes de enviá-lo para publicação.

Continuo sendo seu mais obediente servo, velho amigo,

Sherlock Holmes

* * *

Eles chegaram às abelhas do Velho Gao no fim da tarde. As colmeias eram caixas cinzentas de madeira empilhadas atrás de uma estrutura tão simples que mal poderia ser chamada de cabana. Quatro pilares, um telhado e pedaços de tecido embebidos em óleo que serviam para manter afastado o pior das chuvas da primavera e das tempestades de verão. Havia lá um pequeno braseiro de carvão que servia para cozinhar, mas que também fazia as vezes de aquecedor. Um estrado de madeira no centro da estrutura, com um antigo travesseiro de cerâmica, servia como cama nas ocasiões em que o Velho Gao dormia nas montanhas com as abelhas, particularmente no outono, quando recolhia a maior parte do mel. Era pouco se comparado à produção das colmeias do primo, mas o suficiente para quando precisava passar dois ou três dias esperando até que os favos que esmagara e remexera fossem filtrados pelo tecido e recolhidos nos potes e baldes que ele carregara morro acima. O restante era derretido (a matéria pegajosa, os pedaços de pólen e a sujeira e os fluidos das abelhas) num pote, para extrair a cera, e ele devolvia a água doce às abelhas. Então, levava o mel e os blocos de cera colina abaixo para vendê-los no vilarejo.

Mostrou ao estrangeiro as onze colmeias, observando impassível enquanto o homem vestia um véu e abria uma caixa, examinando primeiro as abelhas, depois o conteúdo de uma câmara de cria, e, finalmente, a rainha, usando a lente de aumento. Não demonstrou medo nem desconforto: em tudo que fazia, seus gestos eram graciosos e lentos, e não

levou nenhuma picada, sem ferir nem esmagar qualquer abelha. Isso impressionou o Velho Gao. Supusera que os bárbaros eram criaturas inescrutáveis, ilegíveis e misteriosas, mas esse homem parecia transbordar de alegria por ter encontrado as abelhas de Gao. Seus olhos brilhavam.

O Velho Gao acendeu o braseiro para ferver um pouco de água. Porém, muito antes de o carvão ficar quente, o estrangeiro tirou da sacola um aparato de vidro e metal. Tinha enchido a metade superior com água do riacho, acendeu uma chama, e logo havia uma chaleira de água borbulhando e fumegando. Então, o estrangeiro tirou da sacola duas canecas de estanho e algumas folhas de chá verde envoltas em papel e depositou as folhas na caneca para, em seguida, derramar a água sobre elas.

Foi o melhor chá que o Velho Gao já provara: muito mais saboroso que o chá do primo. Eles o beberam em posição de lótus, sentados no chão.

— Eu gostaria de ficar aqui para o verão, nesta casa — disse o estrangeiro.

— Aqui? Nem chega a ser uma casa — respondeu o Velho Gao. — Fique no vilarejo ao pé da montanha. Há um quarto na casa da Viúva Zhang.

— Ficarei aqui. Gostaria também de alugar uma de suas colmeias.

Fazia anos que o Velho Gao não ria. Havia no vilarejo quem acreditasse que tal coisa fosse impossível. Ainda assim, ele riu, uma gargalhada de surpresa e deleite que parecia ter sido arrancada de seus lábios.

— Falo sério — disse o estrangeiro.

Ele colocou quatro moedas de prata no chão entre os dois. O Velho Gao não viu de onde ele as tinha retirado: três pesos mexicanos de prata, moeda que se tornara popular na China, anos antes, e um grande *yuan* prateado. Era tanto dinheiro que equivalia ao que o Velho Gao ganhava em um ano vendendo mel.

— Por essa quantia, gostaria que alguém me trouxesse comida. A cada três dias seria satisfatório — falou o estrangeiro.

O Velho Gao nada disse. Terminou o chá e se levantou. Afastou os tecidos oleosos até chegar à clareira no alto do aclive. Caminhou até as onze colmeias: cada uma era formada por duas câmaras de cria com um,

dois, três ou, num dos casos, quatro compartimentos acima da base. Ele levou o estrangeiro à colmeia de quatro compartimentos, cada um deles preenchidos por caixilhos.

— Esta é a sua colmeia — disse.

* * *

ERAM EXTRATOS VEGETAIS. Isso era óbvio. Funcionavam, à sua maneira, por um período limitado, mas eram também extremamente tóxicos. Entretanto, observando o pobre professor Presbury durante aqueles derradeiros dias (sua pele, os olhos, o andar), convenci-me de que ele não seguira um rumo completamente equivocado.

Fiquei com sua caixa de sementes, bulbos, raízes e extratos secos, e me pus a pensar. Ponderar. Cogitar. Refletir. Era um problema intelectual, e poderia ser solucionado pelo intelecto, como meu antigo professor de matemática sempre buscou demonstrar a mim.

Eram extratos vegetais, e eram letais.

Os métodos que usei para neutralizar sua letalidade os tornaram bastante ineficazes.

Não precisaria de apenas três cachimbos até resolver o problema. Suspeitava que o problema me levaria a fumar, digamos, trezentos cachimbos, até que me deparei com uma ideia inicial (talvez uma noção) de como processar as plantas de maneira a possibilitar sua ingestão por seres humanos.

Não era um ramo de investigação que desse para explorar sem dificuldade em Baker Street. E foi assim que, no outono de 1903, mudei-me para Sussex, e passei o inverno lendo cada livro, panfleto e monografia já publicados até então, imagino, a respeito dos cuidados na criação de abelhas. E foi assim que, no início de abril de 1904, armado apenas com conhecimento teórico, recebi de um agricultor local minhas primeiras abelhas.

Às vezes, me pergunto se Watson suspeitou de algo. Pensando melhor, a gloriosa natureza obtusa de meu amigo nunca deixou de me surpreender e, de fato, houve ocasiões em que contei com ela. Ainda assim, ele conhecia o estado em que eu ficava quando não tinha trabalho para usar a mente, nenhum caso para solucionar. Conhecia minha lassidão, meus temperamentos mais sombrios

quando não tinha um caso com o qual me ocupar.

Assim, como pôde acreditar que eu tinha realmente me aposentado? Ele conhecia meus métodos.

De fato, Watson estava lá quando recebi minhas primeiras abelhas. Observou de uma distância segura enquanto eu as transferia do pacote para a colmeia vazia que as esperava, como um melaço derramado lentamente, zumbindo com graça.

Viu minha animação, e não deduziu nada.

Os anos se passaram, e assistimos ao Império ruir, observamos o governo incapaz de governar, vimos aqueles pobres e heroicos jovens enviados para a morte nas trincheiras de Flandres, e tudo isso confirmou minhas opiniões. Minha intenção não era fazer a coisa certa. Estava fazendo a única coisa que importava.

Conforme meu rosto se tornava desconhecido, e as juntas de meus dedos inchavam e doíam (mas não tanto quanto poderiam doer, fato que atribuí às muitas picadas de abelha recebidas nos meus primeiros anos de apicultor investigativo), e conforme Watson — o querido, corajoso e obtuso Watson — desbotava com o tempo, empalidecendo e encolhendo, a pele cada vez mais cinzenta, o bigode assumindo o mesmo tom da cor da pele, minha determinação em concluir as pesquisas não diminuiu. Só fez aumentar.

Bem, minhas hipóteses iniciais foram testadas em South Downs, num apiário que eu mesmo criei, com cada colmeia feita a partir do modelo de Langstroth. Creio ter cometido todos os erros que um apicultor iniciante já cometeu e, além disso, em decorrência das investigações, erros suficientes para encher outra colmeia, erros que nenhum outro apicultor jamais cometera e, espero, nem chegarão a cometer um dia. *O caso da colmeia envenenada* poderia ser o nome dado por Watson a muitas delas, embora *O mistério do instituto de mulheres aturdidas* teria chamado mais atenção para minhas pesquisas se alguém tivesse interesse a ponto de fazer uma investigação. (Quanto a isso, repreendi a sra. Telford por ter simplesmente apanhado um vasilhame de mel das prateleiras sem me consultar, e me certifiquei de que, no futuro, ela recebesse vários vasilhames de mel das colmeias mais comuns para cozinhar, mantendo o mel das colmeias experimentais trancado depois de recolhido. Não acredito que isso tenha atraído comentários.)

Fiz experimentos com abelhas holandesas, alemãs e italianas, carnicas e caucasianas. Lamentei a perda de nossas abelhas britânicas para uma praga e, no

caso das sobreviventes, para a reprodução endogâmica, embora tenha encontrado e trabalhado com uma pequena colmeia que comprei e cultivei a partir de um caixilho e uma célula de rainha encontrados em uma velha abadia em St. Albans e que me pareceram ser espécimes britânicos originais.

Meus experimentos consumiram a maior parte de duas décadas, antes de eu concluir que as abelhas que buscava, se existiam, não seriam encontradas na Inglaterra, e não sobreviveriam a distância que teriam que viajar para chegar até mim via postagem internacional. Eu precisaria examinar abelhas na Índia. Talvez até tivesse que viajar ainda mais longe.

Conheço um pouco de alguns idiomas.

Tinha minhas sementes de flor, meus extratos e minhas tinturas como xarope. Não precisava de mais nada.

Reuni tudo, contratei para o chalé de Downs uma faxina semanal para arejá-lo e pedi ao mestre Wilkins (a quem temo ter adquirido o hábito de me referir como "Jovem Villikins") que inspecionasse as colmeias, recolhendo e vendendo o mel excedente no mercado de Eastbourne, e preparando-as para o inverno.

Disse a eles que não sabia quando estaria de volta.

Estou velho. Talvez não esperassem que eu voltasse.

E se esse fosse de fato o caso, eles estariam corretos, tecnicamente.

* * *

O Velho Gao ficou impressionado, fora de si. Tinha passado a vida entre as abelhas. Ainda assim, observar o estrangeiro chacoalhá-las para fora das caixas com um gesto de punho treinado, tão ligeiro e preciso a ponto de as abelhas pretas parecerem mais surpresas do que irritadas, fazendo com que voassem ou rastejassem de volta à colmeia, era impressionante. Então, o estrangeiro empilhou os caixilhos cheios de favos sobre uma das colmeias mais fracas, para que o Velho Gao ainda recebesse o mel da colmeia que estava alugando ao forasteiro.

E foi assim que o Velho Gao ganhou um inquilino.

O Velho Gao deu à neta da Viúva Zhang algumas moedas para que levasse comida ao estrangeiro três vezes por semana (em geral, arroz e legumes, com um pote de barro cheio de sopa, quando sobrava).

A cada dez dias, o próprio Velho Gao subia as colinas. No início, ele ia verificar a situação das colmeias, mas logo descobriu que, sob os cuidados do estrangeiro, todas as onze estavam prosperando como nunca. E, de fato, havia agora uma décima segunda colmeia, de um enxame de abelhas pretas que o estrangeiro encontrou numa caminhada e capturou.

Na visita seguinte à cabana, o Velho Gao trouxe madeira e, com o estrangeiro, passou várias tardes trabalhando em silêncio, fazendo compartimentos adicionais para colocar nas colmeias e preparando mais caixilhos.

Certa noite, o estrangeiro contou ao Velho Gao que o tipo de caixilho que os dois faziam fora inventado por um americano, setenta anos antes. Isso pareceu bobagem para o Velho Gao, que construía as molduras como fizera seu pai, e como faziam em todo o vale, e como tinham feito seu avô e o avô do seu avô, mas nada disse.

Ele gostava da companhia do estrangeiro. Faziam colmeias juntos, e o Velho Gao desejou que o estrangeiro fosse um homem mais jovem. Assim, ficaria por mais tempo, e o Velho Gao teria alguém a quem deixar suas colmeias depois que morresse. No entanto, eram dois velhos fazendo caixas juntos, com o cabelo ralo e branco e os rostos envelhecidos, e nenhum dos dois veria outra dúzia de invernos.

O Velho Gao reparou que o desconhecido plantara um pequeno e organizado jardim ao lado da colmeia que reclamara para si, a qual tinha afastado das demais. Ele a cobrira com uma rede e também criara uma “porta dos fundos” para a colmeia, de modo que as únicas abelhas que podiam chegar até as plantas vinham da colmeia que ele estava alugando. O Velho Gao observou também que por baixo da rede havia numerosas travessas cheias de algo que parecia ser um tipo de solução de açúcar, uma vermelho-brilhante, outra verde, uma de um azul chocante, e outra amarela. Ele apontou para as travessas, mas o estrangeiro apenas sorriu e fez um gesto com a cabeça.

As abelhas estavam recolhendo o xarope, aglomerando-se e reunindo-se com as línguas para fora nas laterais de pratos de estanho, comendo até não poderem mais, e então voltando para a colmeia.

O estrangeiro tinha feito desenhos das abelhas do Velho Gao. Mostrou

os desenhos a ele, tentando explicar ao dono das abelhas as diferenças entre aqueles espécimes pretos e outras abelhas produtoras de mel, falando de abelhas antigas preservadas na pedra durante milhões de anos, mas nesse ponto o chinês do estrangeiro se revelou insuficiente. A verdade é que o Velho Gao não estava interessado. As abelhas eram dele até sua morte, e depois seriam as abelhas na encosta da montanha. Já tinha trazido outras abelhas até lá, mas todas adoeceram e morreram, ou foram atacadas e mortas pelas abelhas pretas, que saquearam seu mel e as abandonaram para morrer de fome.

A última dessas visitas foi no fim do verão. O Velho Gao desceu a colina. Não voltou mais a ver o estrangeiro.

* * *

ESTÁ FEITO.

Funciona. Já sinto uma estranha combinação de triunfo e decepção, como a de uma derrota, ou de nuvens distantes carregadas provocando meus sentidos.

É estranho olhar para minhas mãos, não as mãos com as quais me acostumei nos últimos anos, mas aquelas que eu tive em minha juventude: os nós sem inchaço, pelos escuros em vez dos brancos.

Era uma busca que já derrotara tantos, um problema sem solução aparente. O primeiro imperador da China morreu e quase destruiu seu império nessa busca, há três mil anos. Mas e quanto a mim, eu precisei de quê? Vinte anos?

Não sei se fiz a coisa certa (embora uma "aposentadoria" sem tal ocupação teria sido enlouquecedora, literalmente). Acolhi a solicitação de Mycroft. Investiguei o problema. Era inevitável que eu chegasse à solução.

Vou revelá-la ao mundo? Não.

Ainda assim, tenho na sacola meio vasilhame de mel escuro e marrom; meio pote de mel que vale mais do que nações (senti a tentação de escrever *vale mais que todo o chá da China*, talvez devido à minha situação atual, mas temo que até Watson ridicularizaria tamanho clichê).

E falando em Watson…

Resta uma coisa a fazer. Minha única meta remanescente, pequena o bastante. Vou encontrar o caminho até Xangai e, de lá, navegar a Southampton, a meio

mundo de distância.

E uma vez que estiver lá, vou procurar Watson, se ainda estiver vivo (e imagino que esteja). Reconheço que seja algo irracional, mas tenho certeza de que saberia, de alguma maneira, se Watson tivesse deixado este mundo.

Vou comprar maquiagem teatral e me disfarçar de velho para não sobressaltá-lo, e convidarei meu velho amigo para tomar chá.

Imagino que no chá daquela tarde será servido mel para passar nas torradas amanteigadas.

* * *

Havia boatos sobre um bárbaro que passara pelo vilarejo rumo ao leste, mas as pessoas que diziam isso ao Velho Gao não achavam que era a mesma pessoa que tinha vivido na cabana dele. Este era jovem e orgulhoso, e seu cabelo era escuro. Não foi o único a caminhar por aquelas partes na primavera, embora sua sacola fosse parecida, de acordo com o que uma pessoa contou a Gao.

O Velho Gao subiu a montanha para averiguar, embora já suspeitasse do que iria encontrar antes mesmo de chegar lá.

O estrangeiro havia partido, levando sua sacola.

Entretanto, muita coisa fora queimada. Era evidente. Papéis — o Velho Gao reconheceu a borda de um desenho que o estrangeiro fizera de uma de suas abelhas, mas o restante dos papéis se transformara em cinzas, ou tinha escurecido a ponto de ficar irreconhecível, mesmo se o Velho Gao soubesse ler a escrita dos bárbaros. Os papéis não haviam sido a única coisa queimada: partes da colmeia alugada pelo estrangeiro eram agora apenas cinzas retorcidas; havia ripas enegrecidas e retorcidas de pratos de estanho que um dia talvez tivessem guardado xaropes de coloração viva.

A cor era adicionada aos xaropes para facilitar a distinção entre eles, dissera o estrangeiro, embora o Velho Gao jamais tivesse indagado qual seria o propósito.

Ele examinou a cabana como um detetive, buscando uma pista da natureza e do paradeiro do estrangeiro. No travesseiro de cerâmica, quatro moedas foram deixadas para que ele as encontrasse, dois yuans e dois

pesos de prata, e ele as guardou.

Atrás da cabana, encontrou um monte de restolho, com as últimas abelhas do dia ainda rastejando sobre ele, provando a doçura que havia na superfície da cera ainda pegajosa.

O Velho Gao pensou bastante antes de recolher o restolho, envolvê-lo em panos e colocá-lo num pote, que encheu de água. Aqueceu a água no braseiro, mas não a deixou ferver. Em pouco tempo a cera flutuou até a superfície, deixando as abelhas mortas, a sujeira, o pólen e o própolis dentro do tecido.

Deixou esfriar.

Então, saiu da cabana e olhou para a lua. Estava quase cheia.

Indagou quantos aldeões saberiam que seu filho morrera quando bebê. Lembrava-se da esposa, mas o rosto dela estava distante, e não havia fotografias nem retratos. Percebeu que cuidar das abelhas pretas como balas na encosta daquela altíssima colina era o que sabia fazer de melhor. Não havia outro homem que conhecesse o temperamento delas tão bem.

A água tinha esfriado. Ele ergueu dela o bloco de cera de abelha, agora sólido, colocando-o sobre as tábuas da cama para terminar de resfriar. Então, tirou do pote o pano cheio de sujeira e impurezas. E por também ser um detetive à sua própria maneira, sabia que, após o impossível ser descartado, as hipóteses que restavam, não obstante o quão improváveis pareçam, têm que ser a verdade. Assim, o Velho Gao bebeu a água doce do pote. Afinal, há muito mel no restolho, mesmo após ter sido filtrado com um pano e purificado. A água tinha gosto de mel, mas não de um mel que Gao já tivesse provado. Tinha gosto de fumaça e metal e estranhas flores e perfumes curiosos. O sabor, pensou Gao, tinha certo gosto de sexo.

Ele bebeu tudo, e então dormiu, com a cabeça sobre o travesseiro de cerâmica.

Quando acordasse, pensou, decidiria a melhor maneira de lidar com o primo, que esperaria herdar as doze colmeias na colina quando o Velho Gao desaparecesse.

Ele seria um filho ilegítimo, talvez, o jovem que voltaria dali alguns dias. Ou quem sabe o próprio filho. O Jovem Gao. Quem se lembraria agora? Não importava.

Ele iria à cidade e voltaria, e então cuidaria das abelhas pretas na encosta da montanha enquanto os dias e as circunstâncias o permitissem.

O homem que esqueceu Ray Bradbury

Ando esquecendo as coisas, e isso me assusta.

Estou perdendo palavras, embora não perca os conceitos. Espero não estar perdendo os conceitos. Caso esteja perdendo os conceitos, não tenho consciência disso. Caso esteja perdendo os conceitos, como eu poderia saber?

O que é engraçado, porque minha memória sempre foi ótima. Estava tudo lá. Às vezes, minha memória era tão boa que eu chegava a acreditar ser capaz de lembrar coisas ainda desconhecidas. Lembrar o futuro…

Não acho que exista uma palavra para isso. Lembrar-se de coisas que ainda não aconteceram, será que existe? Procurar por ela não provoca a mesma sensação de quando busco em minha cabeça palavras que já estiveram lá, não dá a impressão de que alguém tenha vindo e a roubado durante a noite.

Quando eu era jovem, morava numa grande casa compartilhada. Era estudante na época. Cada um tinha sua própria prateleira na cozinha, devidamente assinalada com seu nome, e sua própria prateleira na geladeira, onde guardávamos nossos ovos, queijo, iogurte, leite. Sempre tive o escrúpulo de usar apenas meus mantimentos. Os outros não eram tão… aí está. Perdi uma palavra. O termo deveria significar “cuidadosos na observação das regras”. As outras pessoas na casa eram… não eram assim. Quando ia à geladeira, meus ovos tinham sumido.

Estou pensando num céu cheio de naves espaciais, tantas delas que mais parecem uma praga de gafanhotos, prateadas contra o violeta luminoso da noite.

Naquela época, algumas coisas sumiam do meu quarto também. Lembro quando perdi as botas. Ou de “estarem perdidas”, melhor dizendo, já que não me flagrei no ato de perdê-las. Botas não “se perdem”. Alguém “as perdeu”. Assim como meu grande dicionário. Mesma casa, mesma época. Procurei na pequena estante ao lado da minha cama (tudo estava ao lado da minha cama: era meu quarto, mas não era muito maior que um closet com uma cama dentro). Procurei na prateleira, e o dicionário não estava lá; havia apenas um espaço vazio do tamanho de um dicionário para mostrar onde o dicionário não estava.

Todas as palavras e o livro que as trouxera tinham sumido. Nos meses seguintes, também levaram meu rádio, uma lata de creme de barbear, um bloco de papel para anotações e uma caixa de lápis. E o meu iogurte. E, como descobri durante um apagão, minhas velas.

Agora estou pensando num menino com tênis novos, que acredita ser capaz de correr para sempre. Não, isso não vai me trazer a palavra. Uma cidade seca onde choveu para sempre. Uma estrada atravessando o deserto, onde os bons enxergam uma miragem. Um dinossauro que é produtor de cinema. A miragem era a câmara do prazer de Kublai Khan. Não…

Às vezes, quando as palavras se vão, tento alcançá-las por outro caminho, na surdina. Digamos que eu saia à procura de uma palavra: estou debatendo a respeito dos habitantes de Marte, digamos, e percebo que a palavra para designá-los sumiu. Também posso me dar conta de que a palavra perdida figura numa frase ou título. *As crônicas* _____. *Meu* ____ *favorito.* Se isso não me trouxer a palavra, começo a rondar a ideia. Homenzinhos verdes, imagino, ou altos, de pele escura, graciosos: eram escuros e tinham os olhos dourados… e, de repente, a palavra *marciano* está me esperando, como um amigo ou uma amante no fim de um longo dia.

Deixei a casa quando meu rádio sumiu. Era muito desgastante, o lento desaparecimento de objetos (os quais acreditava estar sob minha posse segura), item por item, coisa por coisa, objeto por objeto, palavra por palavra.

Quando tinha doze anos, um idoso me contou uma história que jamais esqueci.

Um homem pobre se encontrava na floresta ao cair da noite e não tinha um livro sagrado para fazer suas orações noturnas. Assim, disse: “Deus, que sabe todas as coisas. Não tenho comigo um livro de orações e não conheço nenhuma prece de memória. Porém, o Senhor conhece todas as orações. É Deus. Assim, eis o que pretendo fazer. Vou recitar o alfabeto, e o Senhor formará as palavras.”

Há coisas ausentes do meu cérebro, e isso me assusta.

Ícaro! Não é que tenha esquecido todos os nomes. Lembro-me de Ícaro. Voou próximo demais do sol. Entretanto, nas histórias, valeu a pena. Sempre vale a pena tentar, mesmo quando falhamos, mesmo que você entre em eterna queda livre como um meteoro. Melhor ter ardido na escuridão, ter inspirado outros, ter *vivido*, do que ter ficado sentado nas trevas, amaldiçoando aqueles que tomaram

emprestado sua vela e não a devolveram.

Mas perdi pessoas.

É estranho quando acontece. Não chego a *perdê-las*. Não das maneiras que perdemos os pais, como crianças ao descobrir que não é da sua mãe a mão que você segura em meio à multidão, ou… mais tarde, quando temos que encontrar as palavras para descrevê-los num velório ou homenagem póstuma, ou quando estamos espalhando cinzas em um jardim de flores ou no mar.

De vez em quando, imagino que gostaria que minhas cinzas fossem espalhadas numa biblioteca. Mas então os bibliotecários teriam que chegar cedo na manhã seguinte, para varrê-las antes que as pessoas entrassem.

Gostaria que minhas cinzas fossem espalhadas numa biblioteca ou, possivelmente, num parque de diversões. Um parque de diversões dos anos 1930, onde andaríamos no… no… aquele preto…

Perdi a palavra. Carrossel? Montanha-russa? Aquilo em que entramos e nos tornamos jovens de novo. A roda-gigante. Isso. Há outro parque de diversões que vem à cidade, trazendo o mal. “Pelo comichar do meu polegar…”

Shakespeare.

Lembro-me de Shakespeare, e lembro-me do nome dele, quem foi e o que escreveu. Está a salvo por enquanto. Talvez existam pessoas que se esquecem de Shakespeare. Teriam que falar a respeito do “homem que escreveu *ser ou não ser*”. (Não o filme, estrelado por Jack Benny, cujo nome verdadeiro era Benjamin Kubelsky, criado em Waukegan, Illinois, a cerca de uma hora de Chicago.) Waukegan, em Illinois, foi posteriormente imortalizada como Green Town, Illinois, numa série de histórias e livros de um autor americano que deixou a cidade e foi morar em Los Angeles. Estou falando, é claro, do homem em que estou pensando. Posso vê-lo mentalmente quando fecho os olhos.

Costumava olhar as fotos dele na orelha de seus livros. Parecia alguém agradável, e parecia sábio, e parecia gentil.

Ele escreveu uma história a respeito de Poe, para impedir que Poe fosse esquecido, a respeito de um futuro no qual livros são queimados e esquecidos, e na história estamos em Marte, embora pudesse perfeitamente ser Waukegan ou Los Angeles, como críticos, como aqueles que reprimiriam e esqueceriam livros, como aqueles que pegassem as palavras, todas as palavras, dicionários e rádios cheios de palavras, como aqueles que são levados para casa e assassinados, um a

um, pelo orangotango, pelo poço e pêndulo, pelo amor de Deus, Montressor…

Poe. Conheço Poe. E Montressor. E Benjamin Kubelsky e sua esposa, Sadie Marks, que não era parente dos irmãos Marx e se apresentava como Mary Livingstone. Todos esses nomes na minha cabeça.

Eu tinha doze anos.

Havia relido os livros, visto os filmes, e descobrir a temperatura em que o papel pega fogo deixou claro para mim que eu precisaria me lembrar deles. Pois, se algumas pessoas começassem a queimar ou esquecer os livros, outras teriam que lembrar. Vamos relegá-los à memória. Vamos nos transformar neles. Tornamo-nos autores. Nós nos tornamos seus livros.

Sinto muito. Perdi alguma coisa lá. É como seguir por uma trilha obstruída, e agora estou sozinho e perdido na floresta, estou aqui e nem sei mais onde é aqui.

Você *deve* decorar uma peça de Shakespeare: pensarei em você como *Tito Andrônico*. Ou *você*, seja lá quem for, poderia decorar um romance de Agatha Christie: vai se tornar *Assassinato no Expresso Oriente*. Outra pessoa pode decorar os poemas de John Wilmot, o Conde de Rochester, e você, seja lá quem for o você que estiver lendo isso, poderá decorar um livro de Dickens e, quando eu quiser saber o que houve com Barnaby Rudge, vou procurá-lo. Você pode me contar.

E contar àquelas pessoas que queimariam as palavras, que tirariam os livros das prateleiras, os bombeiros e ignorantes, àqueles com medo de contos e palavras e sonhos e Dia das Bruxas e pessoas que tatuaram histórias em si e “Venha ao meu porão!”, e, enquanto suas palavras que são pessoas que são dias que são a minha vida, enquanto suas palavras sobreviverem, então você terá vivido e importado e terá mudado o mundo e não consigo me lembrar do seu nome.

Decorei seus livros. Marquei a fogo na minha mente. Para o caso de os bombeiros virem à cidade.

No entanto, perdi quem é você. Espero que volte a mim. Assim como esperei por meu dicionário ou meu rádio, ou minhas botas, também com parcos resultados.

Tudo que restou foi o espaço em minha mente onde você costumava estar.

E não tenho mais tanta certeza nem mesmo quanto a isso.

Estava conversando com um amigo. E disse: “Essas histórias lhe parecem

familiares?” Contei a ele todas as palavras que lembrava, aquelas a respeito dos monstros entrando na casa onde estava a criança humana, aquelas sobre o vendedor de para-raios e o parque de diversões que o seguia, e os marcianos e suas cidades de vidro e seus canais perfeitos. Disse a ele todas as palavras, e ele respondeu que não tinha ouvido falar delas. Que não existiam.

E me preocupo.

Fico preocupado com a possibilidade de as estar mantendo vivas. Como as pessoas na neve no fim da história, caminhando para trás e para a frente, lembrando, repetindo as palavras das histórias, tornando-as reais.

Acho que a culpa é de Deus.

Quer dizer, não podemos esperar que ele se lembre de tudo. Deus não consegue. Sujeito ocupado. Assim, talvez, às vezes, ele delegue as coisas, dizendo: “Você aí! Quero que se lembre das datas da Guerra dos Cem Anos. E você, lembre do ocapi. Você, lembre-se de Jack Benny que era Benjamin Kubelsky de Waukegan, Illinois.” E então, quando esquecemos coisas que Deus nos incumbiu de lembrar, pimba. Acabou-se o ocapi. Resta apenas um vazio no mundo em forma de ocapi, que é algo entre um antílope e uma girafa. Acabou-se Jack Benny. Acabou-se Waukegan. Resta apenas um vazio em nossa cabeça onde a pessoa ou o conceito costumava ficar.

Não sei.

Não sei onde procurar. Teria perdido um autor, assim como certa vez perdi um dicionário? Ou pior: será que Deus me conferiu essa pequena tarefa e, como falhei, o autor desapareceu das prateleiras, sumiu das obras de consulta, e agora existe apenas em nossos sonhos…?

Meus sonhos. Não conheço seus sonhos. Talvez você não sonhe com uma planície do sul da África que não passa de papel de parede, mas que devora duas crianças. Talvez não saiba que Marte é o paraíso, onde nossos entes queridos já falecidos ficam à nossa espera, e então nos consomem à noite. Você não sonha com um homem preso pelo crime de ser pedestre.

Eu sonho com essas coisas.

Se existiu, então o perdi. Perdi o nome dele. Perdi os títulos de seus livros, um por um. Perdi suas histórias.

E temo que esteja enlouquecendo, pois não pode ser apenas um efeito da velhice.

Se eu tiver fracassado nesta tarefa, ó Deus, então permita-me apenas fazer isto, possibilitando, assim, que devolva as histórias ao mundo.

Pois, quem sabe, se isso funcionar, então me lembrarei dele. Todos vão lembrá-lo. Seu nome será novamente sinônimo de pequenas cidades americanas durante o Dia das Bruxas, quando as folhas se espalham pela calçada como pássaros assustados, ou de Marte, ou do amor. E meu nome será esquecido.

Estou disposto a pagar o preço, se o espaço vazio na prateleira da minha mente puder ser preenchido de novo, antes de eu partir.

Ó Deus, ouça minha prece.

A… B… C… D… E… F… G…

Jerusalém

Não deixarei de lutar com a consciência
Nem a espada dormirá em minhas mãos
Até termos erguido Jerusalém
Na verde e agradável terra da Inglaterra.
— WILLIAM BLAKE

Jerusalém, pensou Morrison, era como uma piscina funda, onde o tempo se adensou demais, estagnado. Engolfara ele, engolfara ambos, e ele sentia a pressão do tempo empurrando-o para cima e para fora. Como se nadasse fundo demais.

Ficou feliz ao sair de lá.

No dia seguinte, voltaria ao trabalho. Trabalhar seria bom. Daria a ele algo em que se concentrar. Ligou o rádio e, no meio de uma canção, desligou-o.

— Eu estava gostando da música — disse Delores.

Ela limpava a geladeira antes de enchê-la com comida fresca.

— Desculpe — falou.

Não conseguia pensar direito com a música tocando. Precisava do silêncio.

Morrison fechou os olhos e, por um instante, estava de volta a Jerusalém, sentindo o calor do deserto no rosto, olhando para a cidade velha e compreendendo, pela primeira vez, quanto aquilo tudo era pequeno. A verdadeira Jerusalém, dois mil anos atrás, era menor que uma cidade inglesa do interior.

A guia, uma mulher magra de aproximadamente cinquenta anos cuja pele lembrava couro, destacou:

— Foi aqui que o Sermão da Montanha foi proferido. Jesus foi capturado neste lugar. Foi aprisionado ali. Julgado diante de Pilatos lá, na extremidade mais afastada do Templo. Crucificado naquela colina.

Estritamente factual, ela apontou para as encostas de cima a baixo. Uma caminhada de, no máximo, algumas horas.

Delores tirou fotos. Ela e a guia se tornaram amigas na mesma hora. Morrison não queria visitar Jerusalém. Preferia passar as férias na Grécia, mas Delores insistiu. Jerusalém era *bíblica*, ela disse. Fazia parte da história.

Caminharam pela Cidade Velha, começando pelo Bairro Judeu. Degraus de pedra. Lojas fechadas. Suvenires baratos. Um homem passou por eles trajando um chapéu de pele preto e um casaco pesado.

— Deve estar morrendo de calor — comentou Morrison, com expressão de espanto.

— É a roupa que costumavam usar na Rússia. Eles a usam aqui. Os chapéus de pele são para os feriados. Alguns usam chapéus ainda maiores que aquele — explicou a guia.

Delores colocou uma xícara de chá diante dele.

— Uma moeda pelos seus pensamentos — disse ela.

— Estou só me lembrando das férias.

— Não pense tanto nisso. Melhor deixar para lá. Por que não leva o cachorro para um passeio?

Ele bebeu o chá. Quando foi apanhar a coleira, o cachorro o encarou cheio de expectativa, como se estivesse prestes a falar algo.

— Vamos lá, rapaz — disse Morrison.

Seguiu para a esquerda, na direção do parque Heath. Tudo era verde. Jerusalém era dourada: uma cidade de areia e pedra. Caminharam do Bairro Judeu ao Bairro Muçulmano, passando pelo alvoroço das lojas que tinham pilhas de guloseimas, de frutas ou de roupas chamativas.

— Então os lençóis desaparecem. Síndrome de Jerusalém — disse a guia.

— Nunca ouvi falar. — Dirigindo-se a Morrison, Delores pergunta: — Já ouviu falar disso?

— Minha cabeça estava longe — explica Morrison. — O que significa aquilo? Aquela porta, com todas essas coisas escritas?

— É uma mensagem de boas-vindas a alguém que voltou da peregrinação a Meca.

— Está vendo? Para nós, é Jerusalém. Outras pessoas rumam para outros lugares. Mesmo na Terra Santa ainda há peregrinos — apontou Delores.

— Ninguém vai a Londres. Não para isso — falou ele.

A mulher o ignorou.

— Então, eles desaparecem — disse ela, dirigindo-se à guia. — A esposa retorna das compras, ou do museu, e percebe que os lençóis sumiram.

— Exatamente. Ela vai à recepção e diz ao pessoal do hotel que não sabe onde está o marido — acrescenta a guia.

Delores deu o braço à Morrison, como se para verificar que o marido ainda estivesse ali.

— E para onde eles vão?

— Estão com a Síndrome de Jerusalém. Vão para as ruas usando apenas uma toga. É o que fazem com os lençóis. Viram pregadores. Normalmente, pregam as boas ações, a obediência a Deus, amar-se uns aos outros.

— Venha a Jerusalém e perca o juízo. Não me parece um slogan muito bom — ironizou Morrison.

A guia lançou a ele um olhar severo.

— Na verdade, esse é o único distúrbio mental acarretado por uma localidade específica — disse ela, com um pouco daquilo que Morrison deduziu ser orgulho. — É também a única doença mental fácil de curar. Sabe qual é a cura?

— Tirar os lençóis deles?

A guia hesitou. Então, sorriu:

— Quase. Basta tirar a pessoa de Jerusalém. Eles melhoram imediatamente.

— Boa tarde — disse o homem no fim da rua.

Acenavam um para o outro havia onze anos, e Morrison ainda não tinha ideia do nome dele.

— Está bronzeado. Andou viajando nas férias, hein? — perguntou o homem.

— Jerusalém — respondeu Morrison.

— Brrr. Jamais me veria por lá. Acabaria numa explosão ou num sequestro quando menos percebesse.

— Nada disso aconteceu com a gente — disse Morrison.

— Mesmo assim. Em casa é mais seguro, não?

Morrison hesitou. Depois, falou rapidamente:

— Passamos por um albergue da juventude, seguindo para uma área subterrânea, onde havia uma… — Ele perdeu a palavra. — Havia um local para armazenar água. Do tempo de Herodes. Eles armazenavam a água da chuva debaixo da terra, para que não evaporasse. Cem anos atrás alguém usou um barco a remo para atravessar o subterrâneo de Jerusalém.

A palavra perdida pairava no limiar de sua consciência como um buraco no dicionário. Três sílabas, começa com C, significa um lugar subterrâneo, profundo e ecoante, onde a água é armazenada.

— Pois é — disse o vizinho.

— Pois é — disse Morrison.

O Hampstead Heath era verde e se estendia por graciosas colinas, interrompidas por carvalhos e faias, nogueiras e álamos. Ele imaginou um mundo em que Londres fosse uma cidade dividida, uma Londres atacada por Cruzadas, perdida e conquistada e perdida mais uma vez, de novo e de novo.

Talvez, pensou ele, isso não seja loucura. Talvez as fissuras sejam simplesmente mais profundas lá, ou o céu seja rarefeito o bastante para que possamos ouvir quando Deus fala com Seus profetas. Porém, ninguém mais se dá ao trabalho de escutar.

— Cisterna! — anunciou, em voz alta.

O verde do Heath se tornou seco e dourado, e o calor queimou a pele dele como a porta de um forno ao se abrir. Era como se ele nunca tivesse partido.

— Meus pés estão doendo. Vou voltar para o hotel — disse Delores.

A guia parecia preocupada.

— Só quero colocar os pés para cima um pouco. É muita coisa de uma vez só.

Estavam passando pela lojinha da prisão de Cristo, onde eram vendidos suvenires e tapetes.

— Vou fazer um escalda-pés. Vocês dois podem continuar sem mim. Venham me buscar depois do almoço.

Morrison teria discutido, mas a guia fora contratada para o dia inteiro. Sua pele era escura e marcada pelo sol. Quando sorria, exibia um maravilhoso sorriso branco. Levou-o a um café.

— E então, como vão os negócios? — perguntou Morrison.

— Não temos recebido muitos turistas. Desde o início da Intifada.

— Delores, minha esposa, sempre quis vir para cá. Ver os locais sagrados.

— Temos muitos deles aqui. Independentemente da sua religião. Cristãos, muçulmanos ou judeus. Esta ainda é a Terra Santa. Morei aqui durante toda a minha vida.

— Imagino que esteja ansiosa para que resolvam toda essa situação. Hã, a situação com os palestinos. A política.

Ela deu de ombros.

— Para Jerusalém, não faz diferença — disse ela. — As pessoas vêm. Elas acreditam. Então, matam umas às outras para provar que Deus as ama.

— Bem, como você resolveria isso?

Ela lançou para ele seu sorriso mais branco.

— Às vezes, acho que seria melhor se a cidade fosse bombardeada. Transformada num deserto radioativo — respondeu. — Quem iria querer ficar com ela, então? Mas logo penso que viriam aqui recolher a poeira radioativa que poderia conter átomos do Domo da Rocha, ou do Templo, ou de uma parede na qual Cristo se apoiou a caminho da Cruz. As pessoas brigariam pela posse de um deserto envenenado, se esse deserto fosse Jerusalém.

— Não gosta daqui?

— Você deveria se alegrar por não ter uma Jerusalém de onde você veio. Ninguém quer dividir Londres. Ninguém faz peregrinações à cidade sagrada de Liverpool. Nenhum profeta caminhou por Birmingham. Seu país é jovem demais. Ainda é verde.

— A Inglaterra não é jovem.

— Aqui, as disputas ainda envolvem decisões tomadas dois mil anos atrás. Faz mais de três mil anos que eles brigam para saber a quem pertence a terra, desde que o Rei Davi a tomou na batalha contra os jebuseus.

Ele estava se afogando no Tempo, sentia-se esmagado por ele, como uma floresta ancestral sendo espremida até virar óleo.

— Vocês têm filhos?

A pergunta surpreendeu Morrison.

— Queríamos ter tido filhos. Não funcionou da maneira que gostaríamos — respondeu ele.

— Sua mulher está procurando por um milagre? Elas procuram, às vezes.

— Ela tem… fé. Eu nunca acreditei. Mas não, acho que não. — Ele tomou um gole do café. — Bem, hã, você é casada?

— Perdi meu marido.

— Para uma bomba?

— Como?

— Como você perdeu o marido?

— Uma turista americana. De Seattle.

— Ah.

Eles terminaram o café.

— Vamos ver como estão os pés da sua esposa?

Enquanto caminhavam pela rua estreita, na direção do hotel, Morrison disse:

— Sinto-me bastante sozinho. Trabalho num emprego do qual não gosto e volto para casa para uma mulher que me ama, mas que não gosta muito de mim, e em certos dias tenho a sensação de que não consigo me mexer, e quero apenas que o mundo desapareça.

Ela concordou com um gesto da cabeça.

— Sim, mas você não mora em Jerusalém.

A guia esperou no saguão do hotel enquanto Morrison subiu até o quarto. De alguma maneira, não ficou nada surpreso ao perceber que Delores não estava no quarto, nem no banheiro minúsculo, e os lençóis que vira na cama pela manhã estavam desaparecidos.

O cachorro poderia ter caminhado para sempre pelo parque, mas Morrison estava ficando cansado, e uma garoa fina começou a cair. Fez o caminho de volta pelo mundo verde. Um mundo verde e agradável, pensou, sabendo que não era exatamente assim. A cabeça era como um arquivo de escritório que tivesse caído da escada, e todas as informações ali dentro ficaram bagunçadas e fora de ordem.

Alcançaram sua esposa na Via Dolorosa. Ela de fato vestia um lençol, mas parecia concentrada, não louca. Demonstrava uma calma assustadora.

— Tudo é amor — dizia ela às pessoas. — Tudo é Jerusalém. Deus é amor. Jerusalém é amor.

Um turista tirou uma foto, mas os moradores locais a ignoraram. Morrison pôs a mão no braço dela.

— Vamos, querida. Vamos para casa — falou.

Ela o atravessou com o olhar. Ele se perguntou o que a mulher teria visto, então Delores disse:

— Estamos em casa. Nesse lugar as paredes do mundo são finas. Podemos ouvir Deus chamando através das paredes. Ouça. Você pode ouvi-Lo. Ouça!

Delores não lutou nem protestou quando a levaram de volta ao hotel. Ela não parecia uma profeta. Parecia uma mulher de trinta e muitos anos vestindo um lençol. Morrison suspeitou que a guia estava achando graça, mas, quando seu

olhar cruzou com o dela, viu apenas preocupação.

Foram de carro de Jerusalém a Tel Aviv, e foi na praia diante do hotel deles, depois de dormir por quase vinte e quatro horas, que Delores voltou, apenas um pouco confusa, lembrando-se pouco do dia anterior. Ele tentou conversar a respeito do que tinha visto, do que ela dissera, mas parou quando percebeu que aquilo a estava incomodando. Fingiram que nada acontecera e não comentaram mais o assunto.

Às vezes, ele imaginava qual teria sido a sensação dentro da cabeça da esposa naquele dia, ouvindo a voz de Deus através das pedras de tom dourado, mas, na verdade, não queria saber. Era melhor não saber.

É o único distúrbio mental acarretado por uma localidade específica. *Basta tirar a pessoa de Jerusalém*, pensou, se perguntando, como fizera centenas de vezes nos últimos dias, se aquela distância seria de fato suficiente.

Estava feliz por ter voltado à Inglaterra, feliz por estar em casa, onde não havia Tempo suficiente para esmagá-los, sufocá-los, transformá-los em pó.

Morrison voltou em meio à garoa pela avenida, passando pelas árvores na calçada, pelos jardins, pelas flores de verão e pelo verde perfeito dos gramados, e sentiu frio.

Mesmo antes de dobrar a esquina, mesmo antes de ver a porta da frente aberta batendo ao sabor do vento, Morrison sabia que ela teria sumido.

Ele a seguiria. E, pensou, quase feliz, que a encontraria.

E, desta vez, ele a ouviria.

Xique-xique Chocalhos

— Me conta uma história antes de me botar na cama?

— Precisa mesmo que eu leve você para a cama? — perguntei ao menino.

Ele pensou por um instante. Então, com intensa seriedade, respondeu:

— Sim, acho que sim, de verdade. É que terminei a lição de casa, e é hora de dormir, e estou com medo. Não muito. Só um pouquinho. E tem vezes que as luzes não ligam, e a casa é bem grande, e daí fica meio escuro.

Estendi o braço e ajeitei seu cabelo.

— Ah, entendi. É mesmo uma casa muito grande e velha.

Ele concordou com a cabeça. Estávamos na cozinha, onde era claro e quente. Coloquei a revista na mesa.

— Que tipo de história você quer que eu conte?

— Ih, não sei — disse ele, pensativo. — Não quero história *muito* assustadora, porque senão quando eu for dormir vou ficar pensando em monstros. Mas se não for um *pouquinho* assustadora, eu não vou prestar atenção. Você escreve histórias de medo, né? Ela disse que escreve.

— Ela exagera. É verdade, escrevo histórias. Mas nenhuma delas jamais foi publicada. E escrevo muitos tipos diferentes de histórias.

— Mas escreve história de medo, não escreve?

— Escrevo, sim.

Das sombras da porta onde esperava, o menino olhou para mim.

— Conhece alguma história do Xique-xique Chocalhos?

— Acho que não.

— São as melhores.

— Contam essas histórias na sua escola?

— Às vezes — respondeu ele, dando de ombros.

— O que é uma história de Xique-xique Chocalhos?

Ele era uma criança precoce, e não ficou impressionado com a ignorância do namorado da irmã. Aquilo era visível na expressão de seu rosto.

— Todo mundo conhece.

— Eu, não — disse, tentando não sorrir.

Ele me olhou como se tentasse decidir se eu estava brincando ou não.

— Me leve para o quarto, então, daí você me conta uma história de dormir, mas não pode ser história de susto porque senão eu fico acordado, e lá em cima também é meio escuro.

— Vamos deixar um bilhete para sua irmã, avisando onde estamos?

— Pode deixar. Mas dá para ouvir quando ela volta. A porta da frente é bem barulhenta.

Saímos da cozinha, quente e aconchegante, e chegamos ao corredor da grande casa, onde era frio, escuro e havia uma corrente de ar. Mexi no interruptor de luz, mas o corredor continuou escuro.

— A lâmpada já era — disse o menino. — Isso sempre acontece.

Nossos olhos se acostumaram à escuridão. A lua estava quase cheia, e o luar azul e branco entrava pelas altas janelas na escadaria, iluminando o corredor.

— Vai ficar tudo bem.

— Eu sei — falou o menino, sóbrio. — Estou muito feliz por você estar aqui.

Agora ele parecia menos precoce. Sua mão encontrou a minha, segurando confortavelmente em meus dedos, confiante, como se me conhecesse desde sempre. Senti-me responsável e adulto. Não sabia (ainda) se o que sentia em relação à irmã dele, minha namorada, era amor, mas gostei de ser tratado pela criança como alguém da família. Tive a sensação de ser um irmão mais velho, e endireitei as costas, e, se houvesse algo de perturbador a respeito da casa vazia, eu jamais teria admitido.

Os degraus rangiam sob o carpete que cobria as escadas.

— Os xique-xiques são os melhores monstros.

— São da televisão? — perguntei.

— Acho que não. Ninguém sabe de onde eles são. Eles vêm do escuro.

— Um ótimo lugar para monstros.

— É.

Caminhamos na escuridão pelo corredor de cima, indo de um trecho iluminado pelo luar até o outro. Era mesmo uma casa grande. Senti falta de uma lanterna.

— Eles vêm do escuro — repetiu o menino, segurando a minha mão. — Acho que são feitos de escuro. E chegam quando a gente não presta atenção. Daí eles

aparecem e levam a gente para o… não é ninho. Como é aquela palavra que parece *ninho*, mas não muito?

— *Casa*?

— Não. Não é uma casa.

— *Toca*?

Ele ficou em silêncio, então disse:

— Acho que a palavra é essa, sim. *Toca*.

O menino apertou minha mão. Parou de falar.

— Certo. Bem, eles pegam as pessoas que não prestam atenção e levam para a toca. E o que esses seus monstros fazem com elas? Bebem todo o sangue, como vampiros?

O menino bufou.

— Vampiros não sugam todo o sangue. Só bebem um pouquinho. Só para matar a fome e, sabe… voar por aí. Xique-xiques são muito mais assustadores que vampiros.

— Não tenho medo de vampiros.

— Nem eu. Não tenho medo deles. Quer saber o que os xique-xiques fazem? Eles *bebem* você — disse o menino.

— Como um refrigerante?

— Refrigerante faz mal à saúde. Se a gente deixa um dente no refrigerante, de manhã só fica um pozinho. É isso que o refrigerante faz com a gente, e é por isso que temos que escovar os dentes de noite.

Já tinha ouvido essa história do refrigerante quando era menino e, depois de adulto, soube que não era verdade, mas tenho certeza de que uma mentira que incentiva a higiene bucal é uma mentira boa, então deixei de lado.

— Os xique-xiques bebem você. Primeiro eles mordem, daí você fica todo *molenga* por dentro, e toda a carne, o cérebro e tudo o mais começa a virar uma meleca molhada parecida com um milk-shake, menos o osso e a pele, e aí o xique-xique suga tudo pelos buracos dos nossos olhos.

— Que nojento! — exclamei. — Você inventou isso?

Tínhamos chegado ao último lance de escadas, lá dentro da grande casa.

— Não.

— Fico impressionado com o tipo de coisa que vocês, crianças, inventam.

— Você não perguntou do chocalho.

— É verdade. O que há no chocalho?

Com ar sábio e sóbrio, uma vozinha na escuridão ao meu lado, o menino contou:

— Bem, eles pegam o osso e a pele que sobra e penduram em ganchos, e eles ficam chacoalhando quando o vento passa.

— E qual é a aparência desses xique-xiques?

Ao fazer a pergunta, tive vontade de engolir aquelas palavras e fingir que não tinha falado nada. Pensei: *criaturas imensas que lembram aranhas. Como aquelas no chuveiro, hoje de manhã.* Tenho medo de aranhas.

Fiquei aliviado quando o menino respondeu:

— Parece algo que a gente não espera. Algo que a gente não presta atenção.

Agora estávamos subindo degraus de madeira. Eu segurava no corrimão com a mão esquerda, e a mão dele com a direita, andando lado a lado. O cheiro era de pó e madeira velha, naquele cômodo tão alto da casa. Porém, o passo do menino era firme, apesar da fraca luz do luar.

— Já sabe que história vai me contar antes de dormir? — perguntou ele. — Já falei, né? Não precisa dar susto, de verdade.

— Ainda não sei.

— Me conte sobre hoje. O que você fez?

— Acho que isso não rende uma história muito boa. Minha namorada acaba de se mudar para uma casa nova, nos limites da cidade. Ela a herdou de uma tia ou algo assim. É grande e antiga. Vou passar a primeira noite com ela e, por isso, estou esperando a cerca de uma hora até ela e as colegas voltarem com o vinho e a comida indiana para viagem.

— Viu só? — disse o menino.

Ali estava a atitude precoce, como se ele se divertisse com aquilo; mas todas as crianças têm seus momentos insuportáveis, quando pensam saber de algo que não sabemos. Isso provavelmente é bom para elas.

— Você sabe de tudo isso. Mas não pensa — completou ele. — Simplesmente deixa o cérebro preencher as lacunas.

Ele empurrou a porta do sótão. Agora a escuridão era completa, mas a porta aberta perturbou o ar, e ouvi alguma coisa chacoalhando, como ossos secos em sacolas finas, chocalhos mexendo ao sabor do vento. Xique. Xique. Xique. Xique. Bem assim.

Eu teria me afastado, se ainda pudesse, mas pequenos dedos firmes me puxaram para a frente, implacáveis, para dentro da escuridão.

Invocação da indiferença

Há mercados de pulgas por toda a Flórida, e esse não era o pior deles. Antes fora um hangar, mas o aeroporto local tinha fechado havia mais de vinte anos. Uma centena de vendedores se posicionava atrás de mesas de metal, a maioria oferecendo mercadoria falsificada: óculos de sol, relógios, bolsas e cintos. Uma família africana vendia animais esculpidos na madeira e, atrás deles, uma mulher chula de voz alta chamada Charity Parrot vendia livros sem capa e antigas revistas, todos com papel amarelado caindo aos pedaços, e ao lado dela, no canto, uma mexicana cujo nome eu nunca soube vendia pôsteres de filmes e fotografias *stills* envergadas.

Às vezes, eu comprava livros de Charity Parrot.

Logo a mulher dos pôsteres foi embora, substituída por um homenzinho de óculos escuros, com a toalha de mesa cinzenta aberta sobre a mesa de metal e coberta com pequenas esculturas entalhadas. Parei e as examinei (um conjunto peculiar de criaturas, feitas de osso cinzento, pedra e madeira escura) e, então, estudei o vendedor. Eu me perguntei se ele teria passado por algum acidente horrível, do tipo que só a cirurgia plástica pode consertar: o rosto era estranho, os ângulos, o formato. A pele era demasiadamente clara. O cabelo, escuro demais, parecia ser peruca, talvez feita de pelo de cachorro. Os óculos eram tão escuros que ocultavam completamente seus olhos. Não parecia nem um pouco deslocado num mercado de pulgas da Flórida: todas as mesas eram comandadas por tipos estranhos, e apenas tipos estranhos faziam compras ali.

Não comprei nada dele.

Na minha visita seguinte, Charity Parrot tinha, por sua vez, abandonado o posto, agora assumido por uma família indiana que vendia narguilés e outros apetrechos para fumantes, mas o homenzinho de óculos escuros continuava em seu canto no fundo do mercado de pulgas, com a toalha cinzenta. Sobre ela havia mais criaturas entalhadas.

— Não reconheço esses animais — disse a ele.

— Não.

— São criações suas?

Ele negou com um gesto de cabeça. Num mercado de pulgas, não se pode perguntar onde os vendedores obtêm suas mercadorias. Há poucos tabus num mercado de pulgas, mas esse é um deles: as fontes são invioláveis.

— Vende bastante?

— O suficiente para me alimentar. Manter um teto sobre a cabeça. Valem mais do que o preço que estou pedindo.

Apanhei algo que me lembrou um pouco a aparência que os cervos teriam se fossem carnívoros e perguntei:

— O que é?

Ele voltou o olhar para baixo.

— Acho que é um *thawn* primitivo. É difícil dizer. Era do meu pai.

Ouviu-se então o barulho de uma campainha, indicando que, em breve, o mercado de pulgas seria fechado.

— Quer comer alguma coisa? — perguntei.

Ele me olhou, desconfiado.

— Estou convidando. Nenhuma obrigação. Tem uma lanchonete ali na rua. Ou então um bar.

Ele pensou por um instante.

— Prefiro a lanchonete — respondeu. — Encontro você lá.

Esperei na lanchonete. Depois de meia hora, não acreditei mais que ele viesse, mas o sujeito me surpreendeu e chegou cinquenta minutos depois de mim, trazendo uma sacola marrom de couro presa ao pulso com um longo pedaço de barbante. Imaginei que contivesse dinheiro, pois pendia como se estivesse vazia, e não poderia guardar seu estoque de mercadorias. Logo ele estava abrindo caminho a garfadas num prato com uma pilha alta de panquecas e, mais tarde, durante o café, se pôs a falar.

* * *

O SOL COMEÇOU a se apagar um pouco depois do meio-dia. Primeiro uma crepitação, e depois, iniciando-se pela lateral do astro, um rápido escurecimento que então se estendeu por sua face avermelhada até deixá-lo preto, como um carvão tirado da fogueira, e a noite retornou ao mundo.

Balthasar, o Atrasado, se apressou para descer a colina, deixando suas redes nas árvores, desguardadas e desacolhidas. Não murmurou palavra alguma, conservando o fôlego, avançando tão rapidamente quanto permitia seu notável corpanzil, até chegar ao pé da colina e à porta da frente do seu chalé de um só cômodo.

— Paspalho! Chegou a hora! — bradou.

Então se ajoelhou e acendeu uma lamparina de óleo de peixe, que espirrou, fedeu e queimou com uma chama alaranjada irregular.

A porta do chalé se abriu e o filho de Balthasar apareceu. Era um pouco mais alto que o pai, muito mais magro e não tinha barba. O jovem fora batizado em homenagem ao avô e, enquanto este era vivo, o menino era conhecido como Farfal, o Jovem; agora, referiam-se a ele como Farfal, o Azarado, mesmo na sua presença. Se trouxesse para casa uma gansa na época da postura, ela deixava de colocar ovos; se cortasse uma árvore com o machado, esta cairia no pior lugar possível, causando a maior inconveniência e o menor benefício; se encontrasse um tesouro antigo, meio enterrado em um baú trancado nos confins de um campo, a chave se quebraria assim que ele a girasse na tranca, deixando apenas um distante eco melódico no ar, como se vindo de um coro distante, e o baú se dissolveria em areia. As jovens em quem ele atinha suas afeições se apaixonavam por outros homens ou eram transformadas em *grues* ou levadas embora por *deodands*. Assim são as coisas.

— O sol se apagou — disse Balthasar, o Atrasado, ao filho.

— Então é isso. É o fim — respondeu Farfal.

Fazia mais frio agora que o sol tinha se apagado.

— Logo será o fim — anunciou Balthasar. — Temos apenas um punhado de minutos pela frente. Foi deveras prudente fazer preparativos para esse dia.

Ele ergueu alto a lamparina de óleo de peixe e caminhou de volta ao chalé.

Farfal seguiu o pai dentro da minúscula moradia, que consistia em um cômodo maior e, na extremidade mais distante, uma porta trancada. Foi em direção a esta porta que Balthasar caminhou. Depositou a lamparina diante dela, tirou uma chave que trazia presa ao pescoço e destrancou a porta.

A boca de Farfal ficou escancarada, e ele apenas disse:

— As cores. Não ouso atravessar.

— Menino idiota. Atravesse e caminhe com cuidado ao fazê-lo.

E então, quando Farfal não deu sinais de que iria caminhar, o pai o empurrou pela porta e a fechou.

Farfal ficou ali, piscando os olhos desacostumados à luz.

— Como deve captar, esta sala não existe temporalmente no mundo que conhece — disse o pai, repousando as mãos na enorme barriga e analisando o cômodo no qual se encontravam. — Em vez disso, existe em uma época um milhão de anos antes da nossa, nos dias do último Império Remorano, época marcada pela excelência na música de alaúde, pela culinária magnífica e também pela beleza e docilidade de seus escravos.

Farfal esfregou os olhos, e então olhou para a janela de madeira no meio do cômodo, uma janela através da qual eles tinham acabado de passar, como se fosse uma porta.

— Começo a captar o motivo de sua frequente indisponibilidade — disse o filho. — Pois a mim parece que já o vi atravessar a porta desta sala muitas vezes sem que eu jamais indagasse a respeito, apenas resignando-me durante o tempo que transcorria até seu retorno.

Balthasar, o Atrasado, começou então a remover suas roupas de estopa escura até ficar nu, um homem gordo de barba longa e branca e cabelo branco cortado, em seguida cobrindo-se com uma túnica de seda de cores vivas.

— O sol! — exclamou Farfal, olhando pela janela do pequeno cômodo. — Olhe para ele! É o vermelho alaranjado de um fogo recém-avivado! Sinta seu calor! Pai. Por que nunca me ocorreu perguntar a razão de você passar tanto tempo no outro cômodo do nosso chalé de um só cômodo? Ou de eu não ter indagado sobre a existência desse cômodo, nem para mim mesmo?

Balthasar deu a última volta no cinto, cobrindo a notável barriga com um manto de seda que reluzia com elegantes monstros bordados.

— Talvez isso decorra em parte devido à Invocação da Indiferença de Empusa — reconheceu Balthasar.

Ele apresentou uma pequena caixa preta que trazia em torno do pescoço, com janelas e grades, como uma pequena sala, tão pequena que mal caberia um inseto dentro dela.

— Isto, quando devidamente armado e invocado, impede que outros reparem em nós. Assim como impediu você de questionar a respeito de minhas idas e vindas, as pessoas dessa época e desse lugar não se maravilharam comigo nem

se exasperaram com quaisquer hábitos ou costumes contrários aos estabelecidos no Décimo Oitavo e Último Grande Império Remorano.

— Impressionante — disse Farfal.

— Não importa que o sol tenha se apagado, que em questão de horas ou, no máximo, semanas, toda a vida na Terra estará morta, pois aqui nesta época sou Balthasar, o Sagaz, que negocia com as naves voadoras, mercador de antiguidades, objetos mágicos e maravilhas; e é aqui que você, meu filho, vai ficar. Serás, para aqueles que indagarem a respeito de sua procedência, simples e puramente meu servo.

— Seu servo? Por que não posso ser seu filho? — indagou Farfal, o Azarado.

— Por vários motivos, demasiadamente triviais e pequenos para que nos ocupemos de debatê-los agora.

Pendurou a caixa preta num prego em um dos cantos do cômodo. Farfal pensou ter visto uma perna ou uma cabeça, como se alguma criatura semelhante a um inseto acenasse para ele a partir da caixinha, mas não parou para inspecioná-la.

— Além disso, já tenho vários filhos nessa época, nascidos de minhas concubinas, e elas podem se queixar ao saber de outro. Embora, dada a disparidade nas datas do seu nascimento, tivesse que esperar um milhão de anos até poder herdar minha riqueza.

— Há riqueza? — indagou Farfal, encarando o cômodo em que estava com novos olhos.

Tinha passado a vida num chalé de um só cômodo no final dos tempos, no sopé de uma pequena colina, sobrevivendo apenas com a comida que o pai conseguia apanhar no ar com as redes (normalmente, apenas pássaros marinhos ou lagartos voadores, embora, às vezes, as redes apanhassem outras coisas: criaturas que afirmavam ser anjos, ou grandes seres pedantes parecidos com baratas trajando coroas de metal, ou imensas geleias cor de bronze. Eram tiradas das redes, e então jogadas de volta ao ar ou comidas, ou ainda trocadas com as poucas pessoas que passavam por lá).

O pai sorriu e acariciou a impressionante barba branca, como um homem afagando um animal.

— Há riqueza, sim. Existe nessa época grande demanda por pedras e pequenas rochas do Fim da Terra: há encantos, feitiços e instrumentos mágicos

para os quais elas são quase insubstituíveis. E eu sou um negociante desse tipo de artefato.

Farfal, o Azarado, concordou com um gesto da cabeça, e então disse:

— E se eu não quiser ser um servo e simplesmente pedir para voltar para onde viemos, atravessando a janela? Nesse caso, o que aconteceria?

— Tenho pouca paciência para perguntas desse tipo. O sol se apagou. Em horas, talvez minutos, o mundo terá acabado. Talvez o universo também tenha acabado. Não pense mais nessas coisas. Em vez disso, arranjarei uma criatura para bloquear a janela com um feitiço, lá no mercado de naves. E, enquanto faço isso, você pode colocar em ordem e lustrar todos os objetos que vê neste armário, tomando o cuidado de não colocar os dedos diretamente sobre a flauta verde (que vai lhe dar música, mas também substituir o contentamento em sua alma por uma saudade insaciável), nem deixe molhar o bogadil de ônix. — Balthasar deu tapinhas carinhosos na mão do filho, uma criatura gloriosa e resplandecente em suas sedas multicoloridas. — Eu o salvei da morte, meu menino. Trouxe-o de volta no tempo para uma nova vida. Que importância há se, nessa vida, será servo em vez de filho? Vida é vida, e é infinitamente melhor que a alternativa, ou é o que supomos, pois ninguém volta para esclarecer isso. Esse é o meu lema.

Assim dizendo, ele começou a mexer sob a janela, tirando dali um trapo cinzento, que entregou a Farfal.

— Tome. Ao trabalho! Faça um bom serviço e eu lhe mostrarei quanto os suntuosos banquetes da antiguidade são uma evolução frente às gaivotas defumadas e conservas de raiz de ossaquer. Não mova, sob nenhuma circunstância ou incitação, a janela. Sua posição foi calibrada precisamente. Se movê-la, poderá se abrir para qualquer lugar.

Ele cobriu a janela com um pedaço de tecido tricotado, que tornava menos notável a presença de uma grande janela de madeira sem nenhum suporte no centro do cômodo.

Balthasar, o Atrasado, deixou o cômodo por uma porta na qual Farfal ainda não havia reparado. As trancas se fecharam. Farfal apanhou o trapo e começou, cabisbaixo, a polir as superfícies e limpar o pó.

Depois de muitas horas, ele observou uma luz vindo da janela, tão brilhante a ponto de transpassar o tecido que a cobria, mas ela logo se apagou.

Farfal foi apresentado na casa de Balthasar, o Sagaz, como um novo servo. Ele observou os cinco filhos e as sete concubinas de Balthasar (embora não tivesse permissão de se dirigir a eles), foi apresentado ao mordomo-mor, que cuidava das chaves, e aos camareiros, que se apressavam de lá para cá seguindo as ordens do mordomo, e abaixo dos quais não havia nada naquela casa, a não ser o próprio Farfal.

Os camareiros se ressentiam de Farfal, com sua pele clara, pois era o único além do mestre permitido no Sanctum Santorum, a sala das maravilhas de mestre Balthasar, um lugar que, até então, Balthasar tinha frequentado sozinho.

E assim os dias se passaram, e as semanas, e Farfal deixou de se impressionar com o brilhante sol vermelho-alaranjado, tão grande e notável, e com as cores do céu diurno (predominantemente salmão e violeta), ou com as naves que chegavam ao mercado vindas de mundos distantes e trazendo uma carga de maravilhas.

Farfal vivia infeliz, mesmo cercado de encantos, mesmo numa era esquecida, mesmo num mundo repleto de milagres. Disse isso a Balthasar quando o mercador entrou pela porta do Sanctum novamente.

— É uma injustiça — reclamou o jovem.

— Injustiça?

— Que eu tenha que limpar e polir as maravilhas e os objetos preciosos enquanto você e seus outros filhos frequentam banquetes e festas e jantares e conhecem pessoas e, no geral, aproveitam a vida aqui, na aurora dos tempos.

— O filho mais novo nem sempre goza dos mesmos privilégios que seus irmãos mais velhos, e todos eles são mais velhos que você.

— O ruivo tem apenas quinze anos, o de pele escura tem catorze, os gêmeos não passam de doze, enquanto eu sou um homem de dezessete anos…

— São mais de um milhão de anos mais velhos que você. Não quero mais ouvir bobagens desse tipo.

Farfal, o Azarado, mordeu o lábio inferior para não responder ao pai.

Foi nesse momento que houve uma agitação no pátio, como se uma grande porta tivesse sido arrombada, e ouviu-se o chamado de animais e pássaros domésticos. Farfal correu até a pequena janela e observou.

— Há homens. Posso ver a luz refletida em suas armas.

— É claro — comentou o pai, pouco surpreso. — Agora, tenho uma tarefa

para você, Farfal. Em decorrência de um errôneo otimismo da minha parte, estamos quase sem as pedras sobre as quais minha riqueza se baseia, e tenho a indignidade de me descobrir muito comprometido no momento. Assim, é necessário que você e eu voltemos ao nosso antigo lar para recolher tudo que pudermos. Será mais seguro se formos em dupla. E o tempo urge.

— Vou ajudá-lo, se concordar em me tratar melhor no futuro.

Um grito veio do pátio, uma voz grave e penetrante:

— Balthasar? Salafrário! Trapaceiro! Mentiroso! Onde estão minhas trinta pedras?

— Vou tratá-lo muito melhor no futuro — concordou o pai. — Prometo.

Caminhou até a janela e removeu o pano que a cobria. Nenhuma luz vinha do outro lado, nada dentro da moldura de madeira além de uma escuridão profunda e sem forma.

— Talvez o mundo tenha acabado completamente, e agora não haja nada além do nada — disse Farfal.

— Poucos segundos se passaram desde que atravessamos. Assim é a natureza do tempo. Flui mais rápido quando é jovem, e o curso a seguir é mais estreito: no fim de todas as coisas, o tempo se espalhou e diminuiu de velocidade, como óleo derramado num lago tranquilo.

Então, ele removeu a lerda criatura-encantamento que tinha colocado na janela a título de tranca e fez força contra a moldura interna, que se abriu lentamente. Um vento frio veio na direção deles, fazendo Farfal se arrepiar.

— Está nos mandando para a morte, pai.

— Estamos todos rumando para a morte. Contudo, aqui está você, um milhão de anos antes de nascer, ainda vivo. Realmente somos feitos de milagres. Agora, filho, tome esta sacola, que, como logo descobrirá, foi embebida no Extrato de Notável Capacidade de Swann, e guardará tudo que puser nela, independente do peso, da massa ou do volume. Quando chegarmos lá, você precisa apanhar tantas pedras quanto conseguir e colocá-las aqui. Subirei a colina até as redes para ver se há tesouros nelas, ou coisas que seriam consideradas tesouros se as trouxéssemos de volta ao aqui e agora.

— Devo ser o primeiro a ir? — perguntou Farfal, segurando com força a sacola.

— É claro.

— Faz tanto frio.

Em resposta, o pai usou um dedo firme para cutucar-lhe as costas. O filho cambaleou pela janela, resmungando, e o pai o seguiu.

— Isso é horrível — disse Farfal.

Saíram do chalé no fim dos tempos, e Farfal se inclinou para apanhar pedrinhas. Colocou a primeira na sacola, onde reluziu com uma tonalidade verde. Apanhou outra. O céu estava escuro, mas parecia que havia algo preenchendo o firmamento, algo sem forma.

Houve uma faísca de luz pouco diferente de um raio, e, através dela, Farfal pôde ver o pai recolhendo as redes no alto da colina.

Um estalo. As redes se incendiaram e sumiram. Balthasar correu colina abaixo, atabalhoado e sem fôlego. Apontou para o céu.

— É o Nada! — disse. — O Nada engoliu o alto da colina! O Nada dominou tudo!

Houve, então, um poderoso vento, e o filho observou o pai estalar, sendo erguido no ar para depois desaparecer. Farfal se afastou do Nada, uma escuridão dentro da escuridão com pequenos relâmpagos brincando em seu limiar, e virou-se e correu para dentro da casa, passando pela porta que levava ao outro cômodo. Mas não entrou nele. Ficou ali, parado na soleira da porta, e então se voltou para a Terra Moribunda. Farfal, o Azarado, observou enquanto o Nada consumia as paredes externas, as colinas distantes e os céus, e então observou, sem piscar, enquanto o Nada engolia o sol frio, observou até que não restasse mais nada a não ser uma escuridão disforme que o atraía, como se ansiosa para acabar com tudo.

Só então entrou no cômodo menor do chalé, chegando ao santuário interno do pai, um milhão de anos antes.

Uma batida na porta.

— Balthasar? — dizia a voz vinda do pátio. — Dei a você o dia pelo qual implorou, seu maldito. Agora dê-me as trinta pedras. Quero minhas pedras ou cumprirei o que disse: seus filhos serão levados para outros mundos, para trabalhar nas minas de bdellium em Telb, e as mulheres serão postas para trabalhar como instrumentistas no palácio do prazer de Luthius Limn, onde terão a honra de fazer doce música enquanto eu, Luthius Limn, danço e canto e faço amor apaixonada e atleticamente com minhas *catamites*. Não desperdiçarei meu

fôlego descrevendo o destino que reservo para seus servos. Seu feitiço de ocultamento é fútil, pois, como vê, encontrei esse cômodo com relativa facilidade. Agora, dê-me as trinta pedras antes que eu abra a porta, subjugue sua silhueta obesa e o transforme em banha para cozinhar, jogando seus ossos aos cães e aos *deodands*.

Farfal tremeu de medo. *Tempo*, pensou. *Preciso de tempo*. Fez a voz soar tão grave quanto o possível, e falou:

— Um momento, Luthius Limn. Estou envolvido numa complexa operação mágica para expurgar das pedras as energias negativas. Se for perturbado nesse processo, as consequências serão catastróficas.

Farfal olhou ao redor, pelo cômodo. A única janela era pequena demais para que ele pudesse atravessá-la, enquanto a única porta do cômodo tinha Luthius Limn do outro lado.

— Que azar — comentou, com um suspiro.

Então apanhou a sacola que o pai lhe dera e colocou nela todas as bugigangas, os amuletos e as esquisitices que estavam ao seu alcance, ainda tomando o cuidado de não tocar diretamente na flauta verde. Os objetos desapareceram na sacola, que manteve o mesmo peso e aparência de antes.

Ele olhou para a janela no centro do cômodo. Era a única saída, e conduzia ao Nada, ao fim de tudo.

— Basta! — vociferou aquele que estava do outro lado da porta. — Minha paciência está se esgotando, Balthasar. Meus cozinheiros hão de fritar seus órgãos internos essa noite.

Então, ele ouviu o forte ruído de algo se esmagando contra a porta, como se uma coisa pesada e dura fosse jogada contra ela.

Depois, ouviu-se um grito e, finalmente, silêncio.

A voz de Luthius Limn:

— Está morto?

Outra voz (Farfal achou parecida com a de um de seus meio-irmãos) disse:

— Suspeito que a porta tenha proteções mágicas e sentinelas.

— Então, vamos atravessar a parede! — bradou Luthius Limn, decidido.

Farfal era azarado, mas não burro. Ergueu a caixa preta laqueada do prego onde o pai a tinha pendurado. Ouviu algo se mexendo dentro dela.

— Meu pai me alertou para não mover a janela — disse a si mesmo.

Então colocou o ombro contra ela e a levantou do chão com violência, empurrando a moldura pesada uns poucos centímetros. A escuridão que permeava a janela começou a mudar, enchendo-a com uma luz cinzenta perolada.

Pendurou a caixinha no pescoço.

— É o bastante — disse Farfal, o Azarado, e, enquanto algo se chocava contra a parede do cômodo, apanhou uma tira de tecido e amarrou a sacola de couro que continha todos os tesouros restantes de Balthasar, o Sagaz, ao pulso esquerdo, então atravessou.

E houve luz, tão brilhante que ele fechou os olhos ao passar pela moldura da janela.

Farfal começou a cair.

Agitou-se no ar, com os olhos bem fechados para protegê-los da claridade cegante, sentindo o vento golpear seu corpo.

Algo o atingiu e envolveu: água salobra morna, e Farfal afundou, surpreso demais para respirar. Voltou à superfície, despontando a cabeça da água e inspirando o ar. Então, abriu caminho pela água, até as mãos sentirem algum tipo de planta, e ele se ergueu sobre as mãos e os pés, chegando à esponjosa terra firme, deixando atrás de si um rastro molhado.

* * *

— A LUZ — disse o homem no restaurante. — A luz era cegante. E o sol ainda nem tinha nascido. Mas consegui isso aqui — ele indicou o aro dos óculos —, e fico longe da luz do sol, para que minha pele não queime demais.

— E agora? — perguntei.

— Vendo os entalhes. E busco outra janela.

— Quer voltar para sua época?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Está morta — falou. — E tudo o que eu conhecia, tudo o que era como eu. Tudo morto. Não voltarei à escuridão do fim dos tempos.

— Para quando, então?

Ele coçou o pescoço. Pela abertura na camisa vi uma caixinha preta, pendendo do pescoço, pequena como um medalhão, e dentro da caixa algo se

mexia: um besouro, pensei. Há besouros grandes na Flórida. Não são incomuns.

— Quero voltar ao começo — disse ele. — Quero receber a luz do universo despertando para si, a aurora de tudo. Se devo ficar cego, que seja por essa luz. Quero estar lá quando os sóis estiverem nascendo. Esta luz antiga não é brilhante o suficiente para mim.

Então, ele apanhou um guardanapo com a mão e pescou algo da sacola de couro. Tomando o cuidado de só tocar nele com o tecido, tirou dali um instrumento semelhante a uma flauta, com cerca de trinta centímetros, feito de jade verde ou algo parecido, e o colocou na mesa diante de mim.

— Pela comida — disse. — Um presente de agradecimento.

Ele se levantou e saiu andando, e fiquei ali sentado olhando para a flauta verde por um longo período. Finalmente, estendi a mão e senti sua frieza com as pontas dos dedos, e então, com cuidado, sem ousar um sopro nem tentar fazer a música do fim dos tempos, toquei o bocal com os lábios.

“E vou chorar, como Alexandre”

O homenzinho entrou apressado no Fountain, pediu uma dose generosa de uísque e anunciou aos frequentadores do pub:

— Porque eu mereço!

Ele parecia exausto, suado e desgrenhado, como se não dormisse havia dias. Usava uma gravata, mas estava tão frouxa que o nó mal se mantinha. Tinha o cabelo grisalho de quem já fora ruivo.

— Tenho certeza de que sim — disse Brian.

— Mereço! — confirmou o homem.

Deu um gole no uísque como se quisesse descobrir se gostava ou não do sabor, e então, satisfeito, tomou metade do copo. Por um momento, ficou completamente imóvel, feito uma estátua.

— Ouça. Você consegue escutar? — perguntou o homenzinho.

— O quê? — indaguei.

— Uma espécie de ruído branco, sussurrado no fundo, que na verdade se transforma em qualquer canção que desejemos ouvir ao nos concentrarmos mais nele?

Ouvi com atenção.

— Não — respondi.

— Exatamente — disse o homem, bastante satisfeito consigo mesmo. — Isso não é *maravilhoso*? Ainda ontem, todos no Fountain estavam se queixando do Wispamuzak. O professor Mackintosh aqui resmungava que “Bohemian Rhapsody”, do Queen, grudara na cabeça dele e o seguia por Londres. Hoje, não se ouve mais, como se nunca tivesse existido. Ninguém consegue se lembrar dela. E tudo graças a mim.

— Eu o quê? — questionou o professor Mackintosh. — Algo a respeito de boêmia? Por acaso conheço você?

— Já nos encontramos — disse o homenzinho. — Mas, infelizmente, as pessoas se esquecem de mim. Por causa do meu trabalho.

Ele sacou a carteira, tirou dela um cartão e entregou-o a mim.

OBEDIAH POLKINGHORN

estava escrito, e, logo abaixo, em letras menores,

DESINVENTOR.

— Se me permite a pergunta, o que é um desinventor? — indaguei

— É alguém que desinventa as coisas. — Ele ergueu o copo, que já estava bem vazio. — Ah. Com licença, Sally, preciso de outra dose generosa de uísque.

Os demais frequentadores naquela noite pareciam ter decidido que o sujeito era louco e desinteressante. Tinham voltado aos seus assuntos. Minha atenção, por outro lado, fora atraída.

Resignando-me à conversa que me era destinada, falei:

— Então, faz tempo que é desinventor?

— Desde quando era relativamente jovem. Comecei a desinventar aos dezoito anos. Nunca se perguntou por que não temos mochilas a jato?

Na verdade, já tinha me perguntado.

— Vi uma reportagem sobre elas em *Tomorrow's World*, quando era rapaz — disse Michael, o senhorio. — Um homem subia pelos ares usando isso. Depois descia. Raymond Burr parecia acreditar que logo estariam entre nós.

— Ah, mas não estão, pois eu as desinventei cerca de vinte anos atrás. Foi necessário. Estavam deixando todo mundo louco. Quer dizer, pareciam tão atraentes e baratas, mas não dava para evitar que alguns milhares de adolescentes entediados voassem por toda parte, flutuando perto das janelas de quartos, colidindo com os carros voadores…

— Espere aí — interrompeu Sally. — Não existem carros voadores.

— Verdade, mas só porque eu os desinventei. Vocês não imaginam os congestionamentos que eles provocariam. Ao olhar para cima, veríamos apenas a parte inferior dos malditos carros voadores, de um horizonte até o outro. Em certos dias, não dava nem para ver o céu. Gente jogando lixo da janela dos carros… Eram fáceis de abastecer (usavam força gravitossolar, é claro), mas só percebi a necessidade de dar cabo dos carros voadores quando ouvi uma senhora falando a respeito deles no rádio, e o tom do comentário era: "Por que não ficamos apenas com os carros terrestres?" Ela tinha razão. Algo precisava ser

feito. Eu os desinventei. Fiz uma lista de invenções cuja ausência faria do mundo um lugar melhor e, uma por uma, eu as desinventei.

Agora uma pequena plateia já começava a se reunir para ouvi-lo. Fiquei feliz por ter um bom lugar.

— E foi muito trabalhoso — prosseguiu o homem. — Sabem, é quase impossível *não* inventar o carro voador depois de inventar a Lumenbolha. Assim, tive que desinventá-la também. E sinto falta da Lumenbolha individual: uma fonte de luz portátil e sem massa que flutuava meio metro acima da sua cabeça e se acendia quando você desejava. Um invento maravilhoso. Mas não adianta chorar sobre o leite não derramado, e não se pode desfazer uma omelete sem desquebrar alguns ovos.

— Você não espera que a gente acredite nisso tudo — comentou alguém, acho que Jocelyn.

— É — disse Brian. — Quer dizer, daqui a pouco vai nos dizer que desinventou as naves espaciais.

— Pois desinventei mesmo — afirmou Obediah Polkinghorn. Ele parecia muito satisfeito. — Duas vezes. Fui praticamente obrigado. Sabem, assim que partimos para o espaço em direção aos planetas e além, encontramos coisas que levam a muitas outras invenções. O Teletransportador Instantâneo Polaroid. Esse era o pior. E o Tradutor Telepático Mockett. Também era o pior. No entanto, desde que não seja nada pior que um foguete rumo à lua, posso manter tudo sob controle.

— Então, como se faz para desinventar coisas? — perguntei.

— É difícil. Uma questão de desescolher fios de probabilidade no tecido da criação. Que é um pouco como desachar uma agulha em um palheiro. Mas eles costumam ser longos e emaranhados, como espaguete. Assim, é um pouco como desachar um fio de espaguete em um palheiro.

— Parece um trabalho que dá muita sede — disse Michael. Fiz a ele um sinal para que me servisse outra dose.

— Complicado — continuou o homenzinho. — É verdade. Contudo, me orgulho de fazer o bem. Todos os dias, quando acordo, mesmo se tiver desacontecido algo que poderia ser maravilhoso, penso: Obediah Polkinghorn, o mundo é um lugar melhor por causa de algo que você desinventou.

Olhou para o que restava do uísque e girou o líquido dentro do copo.

— O problema — prosseguiu ele — é que, com o fim do Wispamuzak, acabou-se. Terminei. Foi tudo desinventado. Não há mais horizontes para desdescobrir nem montanhas para desescalar.

— Energia nuclear? — sugeriu “Tweet” Peston.

— Isso foi antes da minha época. Não posso desinventar nada que tenha sido inventado antes do meu nascimento. Caso contrário, poderia desinventar algo que levaria ao meu nascimento, e então o que seria de nós? — Ninguém sugeriu mais nada. — Estaríamos atolados em mochilas a jato e carros voadores. Isso para não falar no Emolumento Marciano de Morisson. — Por um instante, sua expressão ficou sombria. — Ah. Aquilo era terrível. E também curava o câncer. Mas, francamente, pensando no que aconteceu com os oceanos, prefiro o câncer. Não. Já desinventei tudo que estava em minha lista. Vou para casa e vou chorar, como Alexandre, pois não há mais mundos a serem desconquistados. O que restou para desinventar?

Fez-se silêncio no Fountain.

No silêncio, o iPhone de Brian tocou. O toque escolhido por ele era dos Rutles cantando “Cheese and Onions”.

— Alô? Ligo para você mais tarde — disse ele.

É uma pena que o gesto de sacar o telefone tenha tamanho efeito nas pessoas ao redor. Às vezes, acho que é porque nos lembramos de quando podíamos fumar nos pubs, então sacamos os celulares ao mesmo tempo, como antes fazíamos com os maços. Entretanto, provavelmente, é porque nos entediamos com facilidade.

Não importa o motivo, os telefones saíram dos bolsos.

Crown Baker tirou uma foto de todos, e então a publicou no Twitter. Jocelyn começou a ler suas mensagens de texto. “Tweet” Preston informou pelo Twitter que estava no Fountain e tinha conhecido um desinventor pela primeira vez. O professor Mackintosh verificou os resultados dos exames, disse-nos o que significavam e enviou um e-mail ao irmão dele, em Inverness, para resmungar a respeito. Os celulares apareceram e a conversa acabou.

— O que é aquilo? — indagou Obediah Polkinghorn.

— É o iPhone 5 — disse Ray Arnold, mostrando o seu. — Crown tem um Nexus X. Usa o sistema Android. Telefone. Internet. Câmera. Música. Mas está tudo nos aplicativos. Quer dizer, sabia que há mais de mil aplicativos com

efeitos sonoros de peidos só no iPhone? Quer ouvir o aplicativo dos peidos dos Simpsons?

— Não. Tenho certeza absoluta de que não quero. *Não* quero. — Obediah colocou o drinque no balcão, sem terminá-lo. Ajeitou a gravata. Abotoou o casaco. — Não vai ser fácil — disse, como se para si mesmo. — Mas, pelo bem de todos…

E então parou. E sorriu.

— Foi ótimo conversar com vocês — anunciou ao deixar o Fountain, sem se dirigir a ninguém especificamente.

Hora nenhuma

I

Os Senhores do Tempo construíram uma prisão. A época e o lugar de sua construção são igualmente inimagináveis para qualquer entidade que jamais tenha deixado o sistema solar em que nasceu, ou que só tenha vivenciado a jornada ao futuro um segundo por vez. Foi construída apenas para o Kin. Era impenetrável: um complexo de pequenos cômodos agradavelmente equipados (afinal, os Senhores do Tempo não eram monstros; podiam ser clementes, quando lhes convinha), fora de sincronia temporal com o restante do Universo.

Havia, naquele lugar, apenas os cômodos: a lacuna entre os microssegundos era tal que não podia ser transposta. Na prática, os cômodos se tornaram um Universo em si, que pegava emprestados luz, calor e gravidade do restante da criação, sempre a um pequeno momento de distância.

O Kin rondava os cômodos, paciente e perpétuo, sempre esperando.

Esperava por uma pergunta. Poderia esperar até o fim dos tempos. (Porém, mesmo então, com o Tempo Acabado, o Kin jamais o perceberia, aprisionado naquele micromomento além do tempo).

Os Senhores do Tempo mantinham a prisão funcionando por meio de imensos motores construídos no coração de buracos negros inalcançáveis: ninguém conseguiria chegar aos motores, com exceção dos próprios Senhores do Tempo. Os múltiplos motores eram uma garantia. Nada jamais poderia dar errado.

Enquanto os Senhores do Tempo existissem, o Kin estaria aprisionado, e o restante do Universo, a salvo. Assim era, e assim sempre seria.

E, mesmo se alguma coisa desse errado, os Senhores do Tempo saberiam. Mesmo se, por mais impensável que fosse, um dos motores falhasse, então sinais de emergência soariam em Gallifrey muito antes de a prisão do Kin voltar ao nosso tempo e ao nosso Universo. Os Senhores do Tempo tinham feito planos para tudo.

Tinham feito planos para tudo, exceto para a possibilidade de um dia não existirem mais Senhores do Tempo ou Gallifrey. Nada de Senhores do Tempo no Universo, a não ser um.

Assim, quando a prisão sacudiu como em um terremoto e desmoronou, lançando o Kin para baixo, e quando o Kin ergueu o olhar de sua prisão e viu acima de si a luz de galáxias e sóis, sem filtro nem mediação, então soube que tinha voltado ao Universo, soube que seria apenas uma questão de tempo até a pergunta ser feita outra vez.

E, como o Kin era cuidadoso, fez um inventário do Universo no qual se encontrava. Não pensou em vingança: aquilo não fazia parte de sua natureza. Ele queria o que sempre quisera. E, além disso…

Ainda havia um Senhor do Tempo no Universo.

O Kin precisava fazer algo a respeito disso.

II

NA QUARTA-FEIRA, POLLY Browning, de onze anos, meteu a cabeça pelo vão da porta do escritório do pai.

— Papai, tem um sujeito lá fora usando uma máscara de coelho e dizendo que quer comprar a casa.

— Deixe de bobagens, Polly.

O sr. Browning estava sentado no canto do cômodo que gostava de chamar de escritório, descrito com otimismo pelo corretor imobiliário como terceiro quarto, embora mal coubessem nele um arquivo e uma mesa de carteado, sobre a qual repousava um novíssimo computador Amstrad. O sr. Browning inseria com cuidado no computador os números de uma pilha de recibos, fazendo careta. A cada meia hora, ele salvava o trabalho feito até então, e a máquina emitia um barulho de moedor por alguns minutos ao salvar tudo em um disquete.

— Não é bobagem. Ele disse que está oferecendo setecentas e cinquenta mil libras por ela — disse a filha.

— Isso sim é uma tremenda bobagem. Estamos vendendo por cento e cinquenta mil.

E vamos precisar de sorte para conseguir esse valor no mercado atual, pensou ele. Era o verão de 1984, e o sr. Browning estava desesperado para encontrar um comprador para a casinha no fim da Claversham Row.

Polly anuiu, pensativa.

— Acho que você deveria ir falar com ele.

O sr. Browning deu de ombros. De todo modo, precisava salvar o trabalho feito até ali. Enquanto o computador resmungava, o sr. Browning desceu as escadas. Polly, que planejava subir ao quarto para escrever em seu diário, decidiu se sentar nos degraus e descobrir o que aconteceria em seguida.

Parado no jardim da frente havia um homem alto usando máscara de coelho. Não era uma máscara muito convincente. Cobria todo o rosto, e duas orelhas compridas se erguiam da cabeça. O homem tinha uma grande bolsa de couro marrom, que lembrava o sr. Browning das bolsas dos médicos que visitara na infância.

— Ora, veja bem — começou o sr. Browning, mas o homem trouxe um dedo enluvado aos falsos lábios de coelho, e o sr. Browning se calou.

— Pergunte-me que horas são — disse uma voz baixa vinda de trás do focinho imóvel da máscara de coelho.

— Pelo que entendi, o senhor está interessado na casa — prosseguiu o sr. Browning.

A placa de VENDE-SE no portão da frente estava suja e marcada pelos respingos da chuva.

— Talvez. Pode me chamar de Senhor Coelho. Pergunte-me que horas são.

O sr. Browning sabia que era melhor chamar a polícia. Melhor fazer algo para que o homem fosse embora. Que tipo de maluco usa uma máscara de coelho, afinal?

— Por que está usando uma máscara de coelho?

— Essa não foi a pergunta certa. Mas estou usando uma máscara de coelho porque represento uma pessoa extremamente famosa e importante que dá valor à própria privacidade. Pergunte-me que horas são.

O Sr. Browning suspirou.

— Que horas são, Senhor Coelho? — perguntou.

O homem de máscara de coelho endireitou a postura. Sua linguagem corporal era de alegria e deleite.

— Hora de você se tornar o homem mais rico de Claversham Row — disse ele. — Compro sua casa, pagando em dinheiro, por mais de dez vezes o valor dela, porque é simplesmente perfeita para mim no momento. — Abriu a bolsa de couro marrom e tirou de lá maços de dinheiro, cada um contendo quinhentas notas novinhas de cinquenta libras — Pode contar, vamos, conte-as.

Retirou também duas sacolas plásticas de supermercado, nas quais ele colocou os maços de cédulas.

O Sr. Browning examinou o dinheiro. Parecia real.

— Eu… — hesitou ele. O que tinha que fazer? — Preciso de alguns dias. Para depositar o dinheiro. Verificar se é verdadeiro. E teremos que preparar os contratos, é claro.

— O contrato já foi preparado — disse o sujeito com a máscara de coelho. — Assine aqui. Se o banco disser que há algo estranho com o dinheiro, pode ficar com ele e a casa. Voltarei no sábado para assumir a posse do imóvel vazio. Consegue tirar tudo até lá?

— Não sei — disse o sr. Browning. — Tenho certeza de que sim. Quer dizer, *é claro*.

— Estarei aqui no sábado — disse o homem da máscara de coelho.

— Essa é uma maneira muito incomum de fazer negócios — disse o sr. Browning.

Estava na porta de casa segurando duas sacolas contendo setecentos e cinquenta mil libras.

— Sim, de fato — concordou o homem da máscara de coelho. — Vejo-o no sábado, então.

Saiu andando. O sr. Browning ficou aliviado ao vê-lo partir. Ele se convencera irracionalmente de que, se tirasse a máscara de coelho, não haveria nada por baixo.

Polly subiu as escadas para contar ao diário tudo que tinha visto e ouvido.

* * *

NA QUINTA-FEIRA, UM jovem alto com paletó e gravata-borboleta bateu na porta. Não havia ninguém em casa, e seu chamado não foi atendido, e, depois de andar pelo lugar, ele foi embora.

* * *

NO SÁBADO, O Sr. Browning esperava na cozinha vazia. Tinha depositado o dinheiro com sucesso, liquidando todas as suas dívidas. A mobília que quiseram guardar fora colocada em um caminhão de mudança e levada para a casa do tio do sr. Browning, onde havia uma imensa garagem sem uso.

— E se for tudo uma piada? — indagou a sra. Browning.

— Não entendo qual é a graça de dar a alguém setecentas e cinquenta mil libras. O banco diz que o dinheiro é verdadeiro. Não foi roubado. É apenas uma pessoa rica e excêntrica que deseja comprar nossa casa por muito mais do que ela vale.

Eles fizeram uma reserva de dois quartos em um hotel próximo, embora os quartos de hotel tivessem se revelado mais difíceis de encontrar do que o sr. Browning esperava. Além disso, teve que convencer a sra. Browning, uma enfermeira, que agora podiam pagar as diárias de um hotel.

— O que acontece se ele não voltar? — indagou Polly, sentada nas escadas, lendo um livro.

— Que bobagem — disse sr. Browning.

— Não fale assim com a sua filha. Ela tem razão. Não temos um nome, nem um número de telefone, nem nada — disse a sra. Browning.

Não era uma crítica justa. O contrato fora redigido, e o nome do comprador era explicitado nele: N. M. de Plume. Havia também um endereço de uma firma de advocacia, e a sra. Browning tinha telefonado a eles e ouvido que o negócio era de fato legítimo.

— É um excêntrico, um milionário excêntrico — explicava o sr. Browning.

— Aposto que era ele por trás da máscara de coelho. O milionário excêntrico — sugeriu Polly.

A campainha tocou. O sr. Browning foi até a porta da frente, com a esposa e a filha ao seu lado, todos na expectativa de conhecer o novo proprietário da casa.

— Olá — disse uma mulher com máscara de gato.

Não era uma máscara muito realista. Mas Polly viu os olhos dela reluzindo.

— Você é a nova proprietária? — perguntou a sra. Browning.

— Isso, ou uma representante do proprietário.

— Onde está… o seu amigo? Da máscara de coelho?

Apesar da máscara de gato, a jovem (seria ela jovem? Seja como for, sua voz soava jovem) parecia eficiente e quase rude.

— Removeram todos os seus bens? Temo que tudo que for deixado para trás se tornará propriedade do novo dono.

— Pegamos o que importa.

— Ótimo.

— Posso vir brincar no jardim? Não tem jardim no hotel — pediu a menina.

Havia um balanço no carvalho do jardim dos fundos, e Polly adorava se sentar ali para ler.

— Não diga bobagens, querida — ralhou o sr. Browning. — Teremos uma casa nova, e lá você vai ter um jardim com balanços. Vou colocar balanços novos para você.

A mulher com a máscara de gato se agachou.

— Sou a Senhora Gato. Pergunte-me que horas são, Polly.

Polly assentiu.

— Que horas são, Senhora Gato?

— Hora de você e sua família deixarem este lugar e não olharem para trás — disse a sra. Gato, mas de um jeito doce.

Polly acenou em despedida à mulher com máscara de gato quando chegou ao fim do caminho do jardim.

III

ESTAVAM NA SALA de controle da TARDIS, voltando para casa.

— Ainda não entendo — dizia Amy. — Por que o Povo Esqueleto ficou tão furioso com você? Pensei que *quisessem* se livrar do jugo do Rei-Sapo.

— Não foi por *esse* motivo que ficaram furiosos comigo — disse o jovem de paletó e gravata-borboleta. Passou a mão pelos cabelos. — Na verdade, acho que ficaram bastante satisfeitos por se verem livres. — Correu as mãos pelo painel de controle da TARDIS, tocando em alavancas e acariciando reguladores. — Só ficaram um pouco frustrados comigo porque fui embora levando a rebimboca tremelicante.

— Rebimboca tremelicante?

— Está ali na… — Ele fez um gesto vago com os braços que pareciam ser feitos principalmente de cotovelos e juntas. — Naquele tampo sobre pernas, bem ali. Eu a confisquei.

Amy parecia irritada. Não estava irritada, mas, às vezes, gostava de dar a ele a impressão de estar, só para mostrar quem é que mandava ali.

— Por que nunca chama as coisas pelos nomes? *Aquele tampo sobre pernas*? O nome é "mesa".

Ela foi até a mesa. A rebimboca tremelicante era elegante e reluzente: tinha o tamanho e o formato de um bracelete, mas se retorcia de maneiras que desafiavam o olhar.

— É mesmo? Ótimo. — Ele parecia satisfeito. — Vou me lembrar disso.

Amy apanhou a rebimboca tremelicante. Era fria e muito mais pesada do que parecia.

— Por que a confiscou? E por que estamos falando em *confiscar*? Isso parece algo que uma professora faria, quando trazemos à escola alguma coisa que não deveríamos. Minha amiga, Mels, estabeleceu o recorde escolar de objetos confiscados. Certa noite, ela pediu que Rory e eu criássemos uma distração enquanto ela arrombava o armário de material dos professores, onde estavam as coisas dela. Teve que ir pelo telhado e entrar pela janela do banheiro de professores…

Mas o Doutor não estava interessado nas peripécias da amiga de escola de Amy. Nunca esteve.

— Confiscada. Para a segurança deles. Tecnologia que não deveriam ter. Provavelmente roubada. Capaz de criar brechas e acelerações temporais. Poderia resultar em uma bagunça terrível. — Então ele puxou uma alavanca. — E chegamos. Mudança geral.

Fez-se um ruído rítmico de atrito, como se as engrenagens do próprio Universo protestassem, uma lufada de ar deslocado, e uma grande cabine policial azul se materializou no jardim dos fundos da casa de Amy Pond. Era o início da segunda década do século XXI.

O Doutor abriu a porta da TARDIS e disse:

— Que estranho.

Ficou parado na porta, sem fazer nenhuma tentativa de sair. Amy se

aproximou. Ele estendeu um braço para impedi-la de deixar a TARDIS. Era um dia ensolarado perfeito, quase sem nuvens.

— O que há de errado?

— Tudo. Não consegue sentir?

Amy olhou para o seu jardim. Estava abandonado, as plantas crescidas demais, mas sempre fora assim, desde que ela lembrava.

— Não. Está calmo. Nada de carros. Nem pássaros. Nada — observou Amy.

— Nada de ondas de rádio. Nem mesmo a Radio Four — completou o Doutor.

— Você consegue escutar ondas de rádio?

— Claro que não. Ninguém escuta ondas de rádio — disse ele, pouco convincente.

E foi então que a voz disse:

— ATENÇÃO, VISITANTES. VOCÊS ESTÃO ENTRANDO NO ESPAÇO DO KIN. ESTE MUNDO É PROPRIEDADE DO KIN. VOCÊS ESTÃO INVADINDO.

Era uma voz estranha, sussurrada e, principalmente, de acordo com as suspeitas de Amy, estava dentro da sua cabeça.

— Aqui é a Terra — respondeu Amy. — Não lhe pertence. O que você fez com as pessoas?

— NÓS A COMPRAMOS DELAS. MORRERAM DE CAUSA NATURAL POUCO DEPOIS. UMA PENA.

— Não acredito em vocês! — gritou Amy.

— NENHUMA LEI GALÁTICA FOI INFRINGIDA. O PLANETA FOI ADQUIRIDO DE MANEIRA LEGAL E LEGÍTIMA. UMA EXTENSA INVESTIGAÇÃO REALIZADA PELA PROCLAMAÇÃO DAS SOMBRAS VALIDOU PLENAMENTE NOSSA PROPRIEDADE.

— A Terra não pertence a vocês! Onde está Rory?

— Amy? Com quem está falando? — indagou o Doutor.

— Com a voz. Que está na minha cabeça. Não consegue ouvir?

— COM QUEM ESTÁ FALANDO? — indagou a Voz.

Amy fechou a porta da TARDIS.

— Por que fez isso? — perguntou o Doutor.

— Voz estranha, sussurrada, dentro da minha cabeça. Disse que compraram o

planeta. E a… Proclamação das Sombras disse que estava tudo bem. A voz disse que todas as pessoas morreram naturalmente. Você não a escutava. Ela não sabia que você estava aqui. Elemento surpresa. Fechei a porta.

Amy Pond sabia ser bastante eficiente quando estava sob pressão. No momento, sentia-se sob pressão, mas ninguém perceberia isso se não fosse pela rebimboca tremelicante, que ela segurava nas mãos e se torcia e retorcia em formatos que desafiavam a imaginação e parecia estar vagando rumo a dimensões peculiares.

— Chegaram a dizer quem eram?

Ela pensou um instante antes de repetir as palavras que ouvira:

— "Vocês estão agora entrando no espaço do Kin. Este mundo é propriedade do Kin."

— Ah, pode ser qualquer um. O Kin, quero dizer… É como se nos apresentássemos como Pessoas. Basicamente, qualquer nome de raça significa isso. Com exceção de Dalek. Isso significa *Máquinas de Ódio e Morte Revestidas de Metal* em skaroniano. — Então, correu em direção ao painel de controle. — Algo desse tipo… Não pode ocorrer da noite para o dia. As pessoas não morrem e se extinguem, assim do nada. E estamos em 2010. O que significa…

— Significa que fizeram algo com Rory.

— Significa que fizeram algo com todo mundo. — Ele pressionou vários botões em um antigo teclado de máquina de escrever, e padrões visuais cruzaram a tela que pendia acima do console da TARDIS. — Não consegui ouvi-los… nem eles podiam me ouvir. Mas você conseguia ouvir ambos. *A-ha!* Verão de 1984! Eis o ponto de divergência…

Suas mãos começaram a mexer, torcendo e empurrando alavancas, bombas, interruptores e algo pequeno que fazia *ding*.

— Onde está Rory? Quero saber agora mesmo! — exigiu Amy enquanto a TARDIS se lançava no espaço e no tempo.

O Doutor encontrara uma vez o noivo dela, Rory Williams, e apenas brevemente. Amy não achava que o Doutor compreendia o que ela via em Rory. Havia dias que nem *ela* sabia ao certo o que via em Rory. No entanto, tinha certeza de uma coisa: ninguém ia tirar o noivo dela.

— Boa pergunta. Onde está Rory? Além disso, onde estão as outras sete

bilhões de pessoas? — perguntou ele.

— Quero meu Rory.

— Bem, onde quer que esteja o restante delas, ele está junto. E você deveria ter tido o mesmo destino. Tenho o palpite que nenhum dos dois sequer nasceu.

Amy olhou para si mesma, verificando pés, pernas, cotovelos, mãos (a rebimboca tremelicante reluzia em seu punho como um pesadelo de Escher. Largou-a sobre o painel de controle). Ergueu os braços, encheu a mão com o cabelo ruivo e puxou.

— Se ainda não nasci, o que estou fazendo aqui?

— Você é um nexo temporal independente, cronossinclasticamente definida como uma inversão do… — O Doutor viu a expressão dela, e se calou.

— Está me dizendo que é um nó nos nexos, não é?

— Sim — disse ele, sério. — Acredito que sim. Pois bem. Estamos aqui.

Ele ajustou a gravata-borboleta com dedos precisos, inclinando-a para um lado, estiloso.

— Mas, Doutor. A raça humana não se extinguiu em 1984.

— Nova linha temporal. É um paradoxo. Tem alguma coisa familiar nisso tudo.

— O quê?

— Não sei. Hum. Kin. Kin. *Kin*. Me faz pensar em máscaras. Quem usa máscaras?

— Ladrões de banco?

— Não.

— Pessoas muito feias?

— Não.

— Dia das Bruxas? Muita gente usa máscara no Dia das Bruxas.

— *Sim!* É *verdade*!

— E isso é importante?

— Nem um pouco. Mas é verdade. Pois bem. Grande divergência no fluxo temporal. E não é realmente possível tomar um planeta nível cinco de uma forma que iria deixar a Proclamação das Sombras satisfeita, a menos que…

— A menos que…?

O Doutor parou de se mover. Mordeu o lábio inferior.

— Ah! — exclamou ele. — Eles não poderiam.

— Poderiam o quê?

— Não poderiam. Quer dizer, seria completamente…

Amy jogou o cabelo para o lado, e se esforçou ao máximo para manter a calma. Gritar com o Doutor nunca funcionava — a não ser quando funcionava.

— Completamente o quê?

— Completamente impossível. Não se pode tomar um planeta nível cinco. A não ser quando isso é feito de maneira legítima. — No painel de controle da TARDIS, alguma coisa rodopiou e outra coisa fez *ding*. — Chegamos. É o nexo. Venha! Vamos explorar 1984.

— Você está se divertindo. Meu mundo inteiro foi dominado por uma voz misteriosa. Todas as pessoas foram extintas. Rory se foi. E você está se divertindo.

— Não estou, não — disse o Doutor, se esforçando muito para não demonstrar quanto estava se divertindo.

* * *

Os Browning ficaram no hotel enquanto o sr. Browning procurava por uma nova casa. O hotel estava lotado. Por acaso, conversando com outros hóspedes no café da manhã, os Browning descobriram que eles também tinham vendido suas casas e seus apartamentos. Nenhum deles parecia particularmente interessado em revelar quem havia comprado suas antigas residências.

— É ridículo — disse ele, após dez dias. — Não há nada à venda na cidade. Nem nos arredores. Foi tudo comprado.

— Deve ter alguma coisa — retrucou a sra. Browning.

— Não nessa parte do país.

— O que diz a corretora de imóveis?

— Não atende o telefone — respondeu o sr. Browning.

— Bem, vamos lá falar com ela. Você vem conosco, Polly?

A menina negou com a cabeça.

— Estou lendo meu livro — falou.

O sr. e a sra. Browning caminharam até o centro da cidade e encontraram a corretora do lado de fora da imobiliária, afixando um aviso de “Sob nova direção”. Não havia ofertas de imóveis, apenas uma porção de casas e

apartamentos com placas de VENDIDO.

— Fechando a loja? — perguntou o sr. Browning.

— Alguém me fez uma oferta que não pude recusar — disse a corretora.

Ela carregava uma sacola plástica de compras que parecia pesada. Os Browning logo adivinharam o que havia dentro.

— Uma pessoa usando uma máscara de coelho? — perguntou a sra. Browning.

Quando voltaram ao hotel, a gerente os aguardava no saguão, para dizer-lhes que não poderiam continuar nos quartos por muito mais tempo.

— São os novos proprietários — explicou. — Vão fechar o hotel para reformas.

— Novos proprietários?

— Acabaram de comprar o hotel. Pagaram muito dinheiro, pelo que eu soube.

De algum modo, isso não surpreendeu os Browning nem um pouco. Não ficaram surpresos até voltarem ao quarto, de onde Polly tinha desaparecido.

IV

— ANO DE 1984 — ponderou Amy Pond. — Pensei que seria um pouco mais... não sei. Histórico. Não parece ser muito tempo atrás. Meus pais nem tinham se conhecido.

Ela hesitou, como se estivesse prestes a revelar algo a respeito dos pais, mas desviou o foco da atenção. Atravessaram a rua.

— Como eram? — perguntou o Doutor. — Seus pais?

Amy deu de ombros.

— Normais — disse, sem pensar. — Uma mãe e um pai.

— Parece provável — concordou ele, muito prontamente. — Bem, preciso que mantenha os olhos abertos.

— O que estamos procurando?

Era uma pequena cidade inglesa e, até onde Amy podia ver, parecia ser uma pequena cidade inglesa. Exatamente como a que ela deixara para trás, mas sem os cafés e as lojas de celulares.

— Fácil. Estamos procurando alguma coisa que não deveria estar aqui. Ou algo que deveria estar aqui, mas não está.

— Que tipo de coisa?

— Não sei ao certo — disse o Doutor. Coçou o queixo. — Gaspacho, talvez.

— O que é gaspacho?

— Uma sopa fria. Mas a ideia é servi-la assim. Dessa forma, se procurarmos por toda parte em 1984 e não encontrarmos gaspacho, isso seria uma pista.

— Você sempre foi assim?

— Assim como?

— Um louco. Com uma máquina do tempo.

— Ah, não. Demorou um tempão até conseguir a máquina do tempo.

Caminharam pelo centro da cidadezinha, procurando algo incomum, mas sem nada encontrar, nem mesmo gaspacho.

* * *

POLLY PAROU NO portão do jardim em Claversham Row, erguendo o olhar para a casa que fora sua desde os sete anos, quando se mudaram para lá. Caminhou até a porta da frente, tocou a campainha e esperou, e ficou aliviada quando ninguém atendeu. Olhou para a rua, e então caminhou apressada ao redor da casa, passando pelas latas de lixo e entrando no jardim dos fundos.

A janela francesa que se abria para o pequeno jardim dos fundos tinha um fecho que não funcionava direito. Polly pensou que seria muito improvável que os novos donos da casa o tivessem consertado. Caso contrário, ela voltaria quando estivessem ali, e então teria que perguntar, o que seria estranho e constrangedor.

Esse era o problema de esconder coisas. Às vezes, se estamos com pressa, nós as deixamos para trás. Mesmo coisas importantes. E não havia nada mais importante que o diário dela.

Polly o mantinha desde quando chegaram à cidade. Fora seu melhor amigo: ouvira suas confidências, os relatos a respeito das meninas que faziam bullying com ela, das que se tornaram suas amigas, sobre o primeiro menino de quem ela gostou. Era, às vezes, o melhor ombro amigo: ela procurava suas páginas em momentos difíceis, de confusão e dor. Era onde ela vertia os pensamentos.

E estava escondido sob uma tábua solta do tampo inferior do armário embutido do quarto dela.

Polly pressionou a metade esquerda da janela usando a palma da mão, forçando a parte próxima ao batente, e a janela se balançou toda ao abrir.

Entrou. Ficou surpresa ao ver que não haviam substituído nada da mobília que a família levara embora. O cheiro ainda era o da casa dela. Silêncio: ninguém estava no local. Ótimo. Subiu as escadas com pressa, preocupada com a possibilidade de ainda estar lá quando o Senhor Coelho e a Senhora Gato voltassem.

Chegou ao último degrau. No andar de cima, algo roçou contra seu rosto: um leve toque, como uma linha ou uma teia. Olhou para cima. Era estranho. O teto parecia peludo: fios como cabelos, ou cabelos como fios, crescendo dali. Então, ela hesitou, pensou em fugir… mas via a porta do quarto. O pôster do Duran Duran continuava na parede. Por que eles não o tinham removido?

Tentando não olhar para o teto cabeludo, Polly abriu a porta do quarto.

O cômodo estava diferente. Não havia mobília, e, onde antes ficava sua cama, havia folhas de papel. Olhou para baixo: fotografias tiradas de jornais, ampliadas para o tamanho real. Os buracos dos olhos tinham sido cortados. Reconheceu Ronald Reagan, Margaret Thatcher, o papa João Paulo II, a rainha…

Talvez fossem preparativos para uma festa. As máscaras não pareciam muito convincentes.

Foi até o armário embutido no fundo do cômodo. O diário com a capa de revista adolescente estava na escuridão, sob o tampo inferior, ali dentro. Ela abriu a porta do armário.

— Olá, Polly — disse o homem dentro do armário.

Usava uma máscara, como faziam os outros. Máscara de animal: a dele era de um cachorro grande e cinzento.

— Olá. — Ela não sabia o que mais dizer. — Eu… Esqueci meu diário.

— Eu sei. Eu o estava lendo.

Ele ergueu o diário. Não era como o sujeito da máscara de coelho, nem como a mulher da máscara de gato, mas tudo que Polly sentira a respeito deles, aquela sensação *errada*, era mais intensa nele.

— Quer que eu o devolva?

— Sim, por favor — respondeu a menina ao homem de máscara canina.

Sentia-se magoada e invadida: aquele sujeito estava lendo o diário dela. No entanto, o queria de volta.

— Sabe o que precisa fazer para recuperá-lo?

Polly negou com um meneio de cabeça.

— Pergunte-me que horas são.

Ela abriu a boca. Estava seca. Lambeu os lábios e murmurou:

— Que horas são?

— E o meu nome. Diga o meu nome. Sou o Senhor Lobo.

— Que horas são, Senhor Lobo? — perguntou Polly.

A lembrança de uma antiga brincadeira veio à sua cabeça.

O Senhor Lobo sorriu (mas como uma máscara podia sorrir?) e escancarou a boca para exibir fileiras e fileiras de dentes afiadíssimos.

— Hora do jantar — respondeu.

Quando ele avançou em sua direção, Polly começou a gritar, mas a gritaria não durou muito.

V

A TARDIS REPOUSAVA num gramado, demasiadamente pequeno para ser um parque, demasiadamente irregular para ser uma praça, no meio da cidade, e o Doutor estava sentado do lado de fora, em uma espreguiçadeira, vagando pela própria memória.

O Doutor tinha uma memória notável. O problema é que eram lembranças demais. Ele vivera onze vidas (ou mais: havia outra vida, não é mesmo? A respeito dessa, ele se esforçava ao máximo para nunca pensar) e tinha uma maneira diferente de se lembrar das coisas em cada vida.

A pior parte de ter a idade avançada dele, fosse qual fosse (e já fazia tempo que abandonara as tentativas de acompanhar a contagem de alguma maneira que outra pessoa conseguisse entender), era que, às vezes, as coisas não lhe vinham à cabeça exatamente quando deveriam.

Máscaras. Isso era uma parte. E o Kin. Isso era outra parte.

E o tempo.

Era uma questão de tempo. Sim, era isso…

Uma história antiga. Anterior à sua época, disso ele tinha certeza. Era algo que ouvira quando menino. Tentou se lembrar das histórias que lhe contaram quando pequeno, em Gallifrey, antes de ser levado à Academia dos Senhores do Tempo e sua vida mudar para sempre.

Amy estava voltando de um passeio pela cidade.

— Maximelos e os três Ogrons! — gritou ele.

— O que tem eles?

— Um deles era violento demais, o outro, idiota demais, e um era na medida certa.

— Por que isso é relevante?

Ele mexeu nos cabelos, distante.

— Bem, provavelmente não é nada relevante. Estou apenas tentando me lembrar de uma história da infância.

— Por quê?

— Não faço ideia. Não consigo lembrar.

— Você é uma pessoa muito frustrante.

— Sim. Provavelmente sou — concordou o Doutor, contente.

Pendurou um aviso na frente da TARDIS. Dizia:

ALGUMA COISA MISTERIOSAMENTE ERRADA?
BASTA BATER! NENHUM PROBLEMA É PEQUENO DEMAIS.

— Se o mistério não vier a nós, então vamos atrás dele. Não, espere. Ao contrário. E fiz uma redecoração interna, para não assustar as pessoas. O que descobriu?

— Duas coisas — disse ela. — Primeiro, o príncipe Charles. Encontrei com ele na banca de jornal.

— Tem certeza de que era ele?

Amy pensou.

— Bem, parecia o príncipe Charles. Mas muito mais jovem. E o jornaleiro perguntou a ele se já tinha escolhido um nome para o próximo Bebê Real. Eu sugeri Rory.

— Príncipe Charles na banca de jornal. Certo. O que mais?

— Não há casas à venda. Caminhei por todas as ruas da cidade. Nenhuma placa de VENDE-SE. Há pessoas acampadas nos arredores da cidade, em barracas. Muita gente indo embora em busca de um lugar para morar, pois não há nada por aqui. É simplesmente estranho.

— Sim.

Estava quase chegando à resposta. Amy abriu a porta da TARDIS. Olhou dentro.

— Doutor… está do mesmo tamanho que o lado de fora.

Ele ficou radiante e a levou em uma extensa visita ao seu novo escritório, que consistiu em entrar pela porta e fazer um gesto amplo com o braço direito. A maior parte do espaço era ocupada por uma escrivaninha e, sobre ela, um telefone à moda antiga e uma máquina de escrever. Havia uma parede ao fundo. Amy experimentou empurrar a parede com as mãos (era difícil fazer isso de olhos abertos, mas fácil quando ela os fechava), então fechou os olhos e atravessou a parede com a cabeça. Agora via a sala de controle da TARDIS, toda feita de cobre e vidro. Deu um passo para trás, voltando ao pequeno escritório.

— É um holograma?

— Mais ou menos.

Ouviu-se uma batida hesitante na porta da TARDIS. O Doutor a abriu.

— Com licença. O aviso na porta.

O homem parecia perturbado. O cabelo estava ficando ralo. Olhou para o pequeno cômodo, ocupado principalmente por uma escrivaninha, e não fez menção de entrar.

— Sim! Olá! Entre! — disse o Doutor. — Nenhum problema é pequeno demais!

— Hã. Meu nome é Reg Browning. É minha filha, Polly. Ela deveria estar nos esperando no quarto do hotel. Mas não está lá.

— Sou o Doutor. Esta é Amy. Já avisou a polícia?

— Vocês não são a polícia? Pensei que fossem.

— Por quê?

— Estão em uma cabine policial. Eu não sabia que elas estavam de volta.

— Para alguns de nós, elas nunca se foram — disse o jovem alto de gravata-borboleta. — O que aconteceu quando falou com a polícia?

— Disseram que ficariam de olho para tentar encontrá-la. Mas, sinceramente,

eles pareciam um pouco preocupados com outro assunto. O sargento de plantão disse que a concessão de aluguel da delegacia tinha vencido de maneira um pouco inesperada, e estavam procurando um lugar para onde ir. Disse que toda a situação do aluguel fora um golpe para eles.

— Como é Polly? Ela poderia estar na casa de amigos? — indagou Amy.

— Já procurei os amigos dela. Ninguém a viu. No momento, estamos no Rose Hotel, em Wednesbury Street.

— Visitando a cidade?

O sr. Browning contou a eles a respeito do sujeito de máscara de coelho que viera à sua porta na semana anterior para comprar a casa por um valor muito acima do pedido, pagando em dinheiro. Contou a eles da mulher usando máscara de gato que tinha vindo assumir a posse da casa…

— Ah. Certo. Bem, isso explica tudo — disse o Doutor, como se realmente explicasse.

— É mesmo? — indagou o sr. Browning. — Sabe onde Polly está?

O Doutor balançou a cabeça.

— Sr. Browning. Reg. Existe alguma possibilidade de ela ter voltado para a sua casa?

O homem deu de ombros.

— Sim, é possível. Acha que…?

Nesse momento, o jovem alto e a escocesa ruiva o empurraram para fora do caminho, bateram a porta da cabine policial e correram pelo jardim.

VI

AMY ACOMPANHAVA O Doutor, fazendo perguntas enquanto corriam, ambos ofegantes.

— Acha que ela está na casa?

— Infelizmente, sim. Sim. Tenho uma espécie de ideia. Ouça, Amy, não permita que ninguém a convença a perguntar a *eles* que horas são. E, se perguntarem, não responda. É mais seguro.

— Está falando sério?

— Infelizmente, sim. E cuidado com as máscaras.

— Certo. E esses alienígenas com que estamos lidando são perigosos? Usam máscaras e perguntam que horas são?

— Soa como a descrição deles. Sim. Mas o meu pessoal cuidou deles há muito tempo. É quase inconcebível…

Pararam de correr quando chegaram a Claversham Row.

— E, se for quem estou pensando, o que penso que isso… que eles… que isso é… só existe uma coisa razoável a fazer.

— O quê?

— Fugir — disse o Doutor, enquanto tocava a campainha.

Um momento de silêncio, e então a porta se abriu e uma menina ergueu o olhar na direção deles. Não devia ter mais de onze anos, e usava tranças no cabelo.

— Olá. Meu nome é Polly Browning. Como vocês se chamam?

— Polly! — exclamou Amy. — Seus pais estão morrendo de preocupação com você.

— Só voltei para buscar o meu diário. Estava sob uma tábua solta do piso do meu antigo quarto.

— Seus pais procuraram por você o dia todo! — disse Amy.

Ela se perguntava por que o Doutor não dizia nada.

A menina olhou para o relógio de pulso.

— Estranho. O relógio diz que estou aqui faz cinco minutos. Cheguei às dez da manhã.

Amy sabia que a tarde já tinha avançado, e perguntou:

— Que horas são agora?

Polly ergueu o olhar, extasiada. Dessa vez, Amy reparou em algo estranho na expressão da menina. Algo inexpressivo. Algo quase semelhante a uma máscara…

— Hora de vocês entrarem na minha casa — respondeu a menina.

A mulher piscou. Pareceu-lhe que, sem terem se mexido, ela e o Doutor tivessem ido parar no hall de entrada. A menina se encontrava na escada de frente para eles. Seu rosto estava na mesma altura que o dos adultos.

— O que você é? — indagou Amy.

— Somos o Kin — disse a menina que não era uma menina.

A voz era mais grave, sombria, gutural. Amy teve a impressão de ser algo agachado, imenso, que usava uma máscara de papel com o rosto de uma menina rabiscado de qualquer jeito. Ela não entendia como se enganara pensando que se tratasse de um rosto real.

— Já ouvi falar de vocês — disse o Doutor. — Meu povo pensou que fossem…

— Uma abominação — falou a coisa agachada com a máscara de papel. — E uma infração de todas as leis do tempo. Eles nos isolaram do restante da Criação. Mas eu escapei, e assim, escapamos. E estamos prontos para recomeçar. Já começamos a comprar este mundo…

— Estão reciclando dinheiro através do tempo — disse o Doutor. — Comprando este mundo com ele, começando com esta casa, a cidade…

— Doutor? O que está acontecendo? Será que dá para explicar alguma coisa? — perguntou Amy.

— Posso explicar tudo — disse o Doutor. — E, na verdade, preferia não poder. Eles vieram aqui para tomar a Terra. Vão se tornar a população do planeta.

— Ah, não, Doutor — disse a imensa criatura agachada com a máscara de papel. — Você não entendeu. Não é por isso que estamos tomando o planeta. Vamos tomar o planeta e deixar a humanidade se extinguir simplesmente para atrai-lo até aqui, agora.

O Doutor agarrou a mão de Amy e gritou:

— Corra!

Rumou para a porta da frente…

…e se viu no alto das escadas. Chamou por Amy, mas não houve resposta. Algo roçou em seu rosto: algo que quase parecia pele de animal. Ele a afastou com um gesto.

Havia uma porta aberta, e ele caminhou em sua direção.

— *O-lá*, — disse a pessoa no cômodo, com uma voz feminina aspirada. — Estou *muito* feliz por você ter vindo, Doutor.

Era Margaret Thatcher, primeira-ministra da Grã-Bretanha.

— *Sabe* quem somos, querido? Seria *uma pena* se não soubesse.

— O Kin — respondeu o Doutor. — Uma população que consiste em uma criatura, mas capaz de se locomover pelo tempo tão fácil e instintivamente

quanto os humanos são capazes de atravessar a rua. Havia apenas um espécime. Porém, você povoava o lugar, deslocando-se para a frente e para trás no tempo, até que houvesse centenas de você, e então milhares e milhões, todos interagindo em diferentes momentos de sua própria linha do tempo. E isso continua até a estrutura local do tempo entrar em colapso, como madeira podre. Você precisa de outras entidades, ao menos no início, para que elas lhe perguntem que horas são, criando a sobreposição quântica que lhe permite ancorar-se a um ponto do espaço-tempo.

— Muito *bem* — disse a sra. Thatcher. — *Sabe* o que os Senhores do Tempo disseram quando engoliram nosso mundo? Disseram que como *cada um* de nós era o Kin em um momento diferente do tempo, matar qualquer um de nós seria equivalente a cometer um ato de genocídio contra nossa espécie inteira. Você não pode *me* matar, pois, ao me matar, estará matando a *todos* nós.

— Você sabe que sou o último Senhor do Tempo?

— Ah, *sim*, querido.

— Vejamos. Vocês pegam o dinheiro na prensa conforme a moeda é criada, compram coisas com ele, voltam momentos mais tarde. Reciclam o dinheiro no tempo. E as máscaras… Imagino que ampliem o campo de convencimento. As pessoas vão se mostrar muito mais dispostas a vender coisas se acreditarem que o líder de seu país está pedindo, pessoalmente… e então vocês vão ter finalmente comprado o planeta inteiro. Vão matar os humanos?

— Não há *necessidade*, querido. Vamos até fazer reservas para eles: Groenlândia, Sibéria, Antártida… mas elas *vão* se extinguir, independentemente disso. Vários bilhões de pessoas vivendo em lugares onde alguns milhares delas mal poderiam se sustentar. Bem, querido… *não vai ser bonito*.

A sra. Thatcher se mexeu. O Doutor se concentrou em vê-la como realmente era. Fechou os olhos. Abriu-os para ver uma figura corpulenta usando uma máscara malfeita em preto e branco, com uma fotografia de Margaret Thatcher.

O Doutor estendeu a mão e tirou a máscara do Kin.

Ele era capaz de enxergar beleza onde os humanos não conseguiam. Encontrava alegria em todas as criaturas. No entanto, o rosto do Kin era difícil de contemplar.

— Você… enoja a si próprio — disse o Doutor. — Caramba. É por isso que usa máscaras. Não gosta do seu rosto, não é?

O Kin nada disse. O rosto, se poderíamos chamá-lo assim, se retorceu em caretas.

— Onde está Amy? — perguntou o Doutor.

— Excedente na demanda — disse outra voz, semelhante, vinda de trás dele. Um homem esguio, usando máscara de coelho. — Nós a deixamos ir. Só precisamos de você, Doutor. A prisão que os Senhores do Tempo fizeram para nós foi um tormento, porque ficamos detidos ali e reduzidos a apenas um. Você também é apenas um do seu tipo. E vai ficar nesta casa para sempre.

O Doutor foi de cômodo em cômodo, examinando os arredores com atenção. As paredes da casa eram macias e cobertas com uma leve camada de pelos. E estes se moviam, lentamente, para dentro e para fora, como se estivessem…

— Respirando. É um quarto vivo, literalmente.

— Devolvam-me Amy. Saiam daqui. Vou encontrar algum lugar onde vão conseguir viver. Mas não podem continuar voltando de novo e de novo no tempo. Isso cria uma tremenda bagunça.

— E quando isso acontece, recomeçamos tudo, em algum outro lugar — disse a mulher com máscara de gato, nas escadas. — Ficará preso aqui até sua vida se esgotar. Vai envelhecer aqui, se regenerar aqui, morrer aqui, de novo e de novo. Sua prisão não vai acabar antes do fim do último Senhor do Tempo.

— Acham mesmo que podem me prender assim tão fácil? — perguntou o Doutor.

Sempre era bom dar a impressão de estar no controle, não importa quanto ele estivesse preocupado com a possibilidade de ficar encalhado ali para sempre.

— Rápido! Doutor! Aqui embaixo! — Era a voz de Amy.

Desceu as escadas de três em três degraus, indo na direção de onde a voz dela viera: a porta da frente.

— Doutor!

— Estou aqui.

Ele mexeu na maçaneta. A porta estava trancada. Ele então sacou a chave de fenda, e aplicou o raio sônico à fechadura.

Fez-se um barulho e a porta se abriu: a súbita luz do dia era cegante. O Doutor viu, extasiado, a amiga, e uma grande cabine policial azul. Não sabia ao certo qual das duas queria abraçar primeiro.

— Por que não entrou? — perguntou a Amy, enquanto abria a porta da

TARDIS.

— Não encontrei a chave. Devo tê-la derrubado enquanto estavam me perseguindo. Para onde vamos agora?

— Algum lugar seguro. Bem, um lugar mais seguro do que este. — Fechou a porta. — Alguma sugestão?

Amy se deteve no começo da escada da sala de controle e olhou ao redor daquele mundo de cobre reluzente, o pilar de vidro que sustentava os controles da TARDIS, as portas.

— Incrível, não é? — disse o Doutor. — Nunca me canso de olhar para esta velha amiga.

— Sim, a velha amiga — falou Amy. — Acho que deveríamos ir até a aurora dos tempos, Doutor. O passado mais distante que pudermos alcançar. Não vão conseguir nos encontrar lá, e poderemos pensar no que fazer a seguir.

Ela olhava por cima dos ombros do Doutor, observando as mãos dele mexendo nos controles, como se estivesse determinada a não esquecer nada que ele fizesse. A TARDIS não estava mais em 1984.

— A aurora dos tempos? Muito inteligente, Amy Pond. É uma época em que nunca estivemos antes. Um lugar ao qual normalmente não conseguimos chegar. Ainda bem que tenho isto.

Ele mostrou a rebimboca tremelicante e, então, prendeu-a ao painel da TARDIS, usando garras de jacaré e o que parecia ser um pedaço de barbante.

— Pronto — disse, orgulhoso. — Veja só.

— Sim — falou Amy. — Escapamos da armadilha do Kin.

Os motores da TARDIS começaram a ranger, e o cômodo inteiro passou a tremer e chacoalhar.

— Que barulho é esse?

— Estamos rumando a um lugar para o qual a TARDIS não foi projetada para ir. Um lugar para onde ela não ousaria viajar sem o impulso extra e a bolha temporal que a rebimboca tremelicante está proporcionando. O barulho são os motores se queixando. É como subir uma colina íngreme num carro velho. Talvez precisemos de mais alguns minutos até chegar lá. Ainda assim, vai gostar quando chegarmos: a aurora dos tempos. Excelente sugestão.

— Tenho certeza de que vou gostar — disse Amy, com um sorriso. — Deve ter sido ótima a sensação de escapar da prisão do Kin, Doutor.

— Essa é a parte engraçada. Você me pergunta da fuga da prisão do Kin. Aquela casa. E, bem, realmente escapei, usando apenas a chave de fenda sônica na maçaneta, coisa que me pareceu um tanto conveniente. Mas e se a armadilha não fosse a casa? E se o Kin não quisesse um Senhor do Tempo para torturar e matar? E se quisesse algo mais importante? E se quisesse a TARDIS?

— Por que o Kin desejaria a TARDIS? — questionou Amy.

O Doutor olhou para Amy. Olhou-a com clareza, sem se deixar influenciar pelo ódio ou pela ilusão.

— O Kin não consegue viajar muito longe no tempo. Não com facilidade. E fazer o que fazem é muito demorado e exige esforço. O Kin teria que viajar no tempo para trás e para a frente quinze milhões de vezes só para povoar Londres. E se o Kin pudesse se mover por todo o espaço-tempo? E se voltasse ao início do Universo e começasse sua existência por lá? Ele poderia povoar tudo. Não haveria seres inteligentes em todo o *continuum* espaço-tempo que não pertencessem ao Kin. Uma entidade preencheria o Universo, sem deixar espaço para mais nada. Você consegue imaginar?

— Sim — disse ela, lambendo os beiços. — Consigo, sim.

— Bastaria entrar na TARDIS e ter nos controles um Senhor do Tempo, e o Universo se tornaria todo seu para brincar.

— Sim, sim — disse Amy, sorrindo abertamente. — Assim será.

— Estamos quase chegando — disse o Doutor. — A aurora dos tempos. Por favor, diga-me que Amy está bem, onde quer que esteja.

— Por que eu lhe diria isso? — perguntou o Kin com a máscara de Amy Pond. — Não é verdade.

VII

AMY OUVIU O Doutor correndo escada abaixo. Ouviu uma voz que parecia estranhamente familiar, então ouviu um som que encheu seu peito de desespero: o *vworp vworp* cada vez mais baixo da TARDIS ao partir.

A porta se abriu, naquele momento, e ela entrou no hall do andar de baixo.

— Ele fugiu sem você — disse uma voz profunda. — Como é a sensação de

ser abandonada?

— O Doutor não abandona seus amigos — disse Amy à coisa nas sombras.

— Abandona, sim. Obviamente, foi o que ele fez nesse caso. Pode esperar quanto quiser, mas ele jamais vai voltar — disse a coisa, saindo das sombras e chegando à meia-luz.

Era imensa. Tinha forma humanoide, mas também um pouco animal (*lupina*, pensou Amy Pond, dando um passo para trás, afastando-se da coisa). Usava uma máscara, uma máscara de madeira pouco convincente, que parecia ter sido feita para representar um cachorro bravo, ou talvez um lobo.

— O Doutor está levando alguém que ele imagina ser você para um passeio na TARDIS. E, em alguns instantes, a realidade vai se reescrever. Os Senhores do Tempo reduziram o Kin a uma entidade solitária isolada do restante da Criação. Assim, é justo que um Senhor do Tempo nos devolva ao nosso lugar de direito na ordem das coisas: tudo o mais vai me servir, ou será incorporado por mim, ou me servirá de alimento. Pergunte-me que horas são, Amy Pond.

— Por quê?

Havia mais do Kin agora, figuras sombrias. Uma mulher com rosto de gato nas escadas. Uma menina no canto. O homem com cabeça de coelho atrás dela disse:

— Porque lhe proporcionará uma morte limpa. Um jeito fácil de partir. Em poucos momentos, você não terá sequer existido.

— Pergunte — disse a figura com máscara de lobo diante dela. — Diga: “Que horas são, Senhor Lobo?”

Em resposta, Amy Pond ergueu as mãos e arrancou a máscara de lobo do rosto da coisa imensa, e viu o Kin.

Olhos humanos não foram feitos para ver o Kin. A bagunça rastejante, retorcida e espasmódica que era o rosto daquilo era algo assustador: as máscaras serviam tanto para proteger a si quanto aos demais.

Amy Pond encarou o rosto do Kin.

— Se vai me matar, mate logo. Mas não acredito que o Doutor tenha me abandonado. E não vou perguntar que horas são.

— Que pena — disse o Kin, através de um rosto digno de pesadelos.

E avançou contra ela.

* * *

OS MOTORES DA Tardis rangeram uma única vez e então se calaram.

— Chegamos — disse o Kin.

Sua máscara de Amy Pond era agora apenas um rabisco imitando o rosto de uma menina.

— Chegamos ao início de tudo, pois é onde você quer estar. Mas estou preparado para fazer isso de outra maneira. Posso encontrar uma solução para vocês. Para todos vocês — disse o Doutor.

— Abra a porta — grunhiu o Kin.

O Doutor abriu a porta. Os ventos que sopravam ao redor da TARDIS o empurraram para trás.

O Kin se posicionou diante da porta da TARDIS.

— Tão escuro.

— Estamos no início de tudo. Antes da luz.

— Vou adentrar o vazio — disse o Kin. — E você vai me perguntar "Que horas são?", e direi a mim mesmo, a você, a toda a Criação: *Hora do Kin governar, ocupar, invadir. Hora do Universo se tornar apenas eu, somente eu, restando só o que me apetecer devorar. Hora do primeiro e último reinado do Kin, mundo sem fim, através de todo o tempo*.

— Eu não faria isso. Se fosse você. Ainda pode mudar de ideia.

O Kin deixou a máscara de Amy Pond cair no chão da TARDIS.

Deu um impulso e saiu pela porta da cabine policial azul rumo ao Vazio.

— Doutor — chamou. O rosto era uma massa retorcida de vermes. — Pergunte-me que horas são.

— Vou fazer ainda melhor. Posso lhe *dizer* exatamente que horas são. Não são horas. É Hora Nenhuma. Estamos um microssegundo antes do Big Bang. Não estamos na Aurora do Tempo. Estamos antes da Aurora. Os Senhores do Tempo não gostavam de genocídio. Eu mesmo acho a ideia condenável. É o potencial que estamos eliminando. E se um dia houver um Dalek bom? E se… — Fez uma pausa. — O Espaço é grande. O Tempo, ainda maior. Eu os teria ajudado a encontrar um lugar onde seu povo pudesse viver. Entretanto, havia uma menina chamada Polly, que deixou o diário para trás. E vocês a mataram. Foi um erro.

— Você nem a conheceu — protestou a Raça, no Vazio.

— Era uma criança — disse o Doutor. — Potencial puro, como todas as crianças em toda parte. Sei tudo de que preciso saber. — A rebimboca tremelicante presa ao painel da TARDIS começou a fumegar e emitir faíscas. — Vocês estão sem tempo, literalmente. Porque o Tempo não começa antes do Big Bang. E se parte de uma criatura que habita o tempo for removida dele… bem, é como remover a si própria de tudo.

O Kin compreendeu. Compreendeu que, naquele momento, todo o Tempo e Espaço eram uma minúscula partícula, menor que um átomo, e até que um microssegundo se passasse, e a partícula explodisse, nada aconteceria. Nada poderia acontecer. E o Kin estava do lado errado desse microssegundo.

Isoladas do Tempo, todas as demais partes do Kin estavam deixando de existir. O Isto que era Eles sentiu uma onda de inexistência arrebatando-os.

No princípio (antes do princípio) era o verbo. E o verbo era “Doutor!”.

No entanto, a porta tinha se fechado, e a TARDIS tinha desaparecido, implacável. O Kin foi deixado sozinho, no vazio anterior à Criação.

Sozinho, para sempre, naquele momento, esperando o Tempo começar.

VIII

O JOVEM DE paletó caminhou pela casa no fim da Claversham Row. Bateu na porta, mas ninguém atendeu. Voltou para dentro da caixa azul, mexendo nos menores controles: sempre era mais fácil viajar mil anos do que viajar vinte e quatro horas.

Tentou de novo.

Sentia os fios do tempo se enredando e trançando. O tempo é complexo: afinal, nem tudo que aconteceu, aconteceu. Só os Senhores do Tempo o compreendiam, e mesmo eles o consideravam impossível de descrever.

A casa em Claversham Row tinha um imundo aviso de VENDE-SE no jardim.

Ele bateu à porta.

— Olá — disse. — Você deve ser Polly. Estou procurando Amy Pond.

A menina usava tranças no cabelo. Ergueu os olhos para o Doutor, desconfiada.

— Como sabe o meu nome? — indagou.

— Sou muito esperto — disse o Doutor, sério.

Polly deu de ombros. Voltou para dentro da casa, e o Doutor a seguiu. Ficou aliviado ao reparar que não havia pelos nas paredes.

Amy estava na cozinha, tomando chá com a sra. Browning. A emissora Radio Four tocava ao fundo. A sra. Browning contava a Amy a respeito do seu trabalho como enfermeira, e os horários em que tinha que fazer plantão, e Amy dizia que seu noivo era enfermeiro, e sabia como era aquela vida.

Elas ergueram os olhos, de repente, quando o Doutor entrou: o olhar parecia dizer “Você tem muito o que explicar”.

— Imaginei que estaria aqui — falou o Doutor. — Se ao menos eu continuasse procurando.

* * *

DEIXARAM A CASA em Claversham Row: a cabine policial azul estava estacionada no final da rua, sob as nogueiras.

— Eu estava prestes a ser devorada por aquela criatura — declarou Amy —, mas no momento seguinte, estava na cozinha, conversando com a sra. Browning e escutando *The Archers*. Como fez isso?

— Sou muito esperto — falou o Doutor.

Era um excelente bordão, e ele estava determinado a usá-lo tanto quanto fosse possível.

— Vamos para casa. Dessa vez, Rory vai estar lá?

— Todo mundo vai estar lá. Até Rory — afirmou o Doutor.

Entraram na TARDIS. Ele já tinha removido do painel os restos pretos da rebimboca tremelicante: a TARDIS não poderia mais chegar ao momento antes do início do tempo, mas, levando-se tudo em consideração, aquele era um bom desfecho.

Ele estava determinado a levar Amy direto para casa (com um pequeno desvio pela Andaluzia, na época da cavalaria, onde, em uma pequena estalagem em Sevilha, ele provara o melhor gaspacho de todos).

O Doutor tinha certeza quase absoluta de que poderia encontrá-lo outra vez.

— Vamos direto para casa. Depois do almoço — completou. — E, durante o almoço, vou lhe contar a história de Maximelos e os três Ogrons.

Diamantes e pérolas: um conto de fadas

Era uma vez, há muito tempo, em uma época em que as árvores andavam e as estrelas dançavam, uma menina cuja mãe morreu, e uma nova mãe veio e se casou com o pai dela, trazendo consigo a própria filha. O pai logo seguiu a primeira esposa rumo ao túmulo, deixando a filha para trás.

A nova mãe não gostava da menina e a tratava mal, sempre favorecendo a própria filha, que era indolente e grosseira. Um dia, a madrasta deu à menina, que tinha apenas dezoito anos, vinte dólares para que lhe trouxesse drogas.

— Não pare no caminho — disse a madrasta.

Assim, a menina pegou a nota de vinte dólares e pôs uma maçã na bolsa, pois o caminho era longo, e saiu andando da casa até o final da rua, onde começava o lado perigoso da cidade.

Ela viu um cachorro amarrado a um poste, suando, desconfortável no calor.

— Pobrezinho — disse a menina, e deu-lhe água.

O elevador estava quebrado. O elevador de lá estava sempre quebrado. Depois de subir metade dos degraus da escada, ela viu uma prostituta de rosto inchado, que a encarou com olhos amarelos.

— Tome — disse a menina, e deu a maçã à prostituta.

Subiu até o andar do traficante e bateu na porta três vezes. O traficante abriu a porta e olhou para ela, sem dizer nada. A menina lhe mostrou a nota de vinte dólares, então disse:

— Veja o estado desse lugar. — E entrou no apartamento. — Você nunca faz faxina? Onde estão seus produtos de limpeza?

O traficante deu de ombros. Então, apontou para um armário. A menina o abriu e encontrou um esfregão e um trapo. Encheu de água a pia do banheiro e começou a fazer uma faxina.

Quando os cômodos estavam mais limpos, a menina disse:

— Me dá o bagulho da minha mãe.

Ele entrou no quarto e voltou com um saco plástico. A menina pôs o saco no bolso e desceu as escadas.

— Moça — interpelou a prostituta. — A maçã estava boa. Mas estou passando muito mal. Tem uma dose aí?

— É para minha mãe — disse a menina.

— Por favor?

— Pobrezinha.

A menina hesitou e, então, deu a ela o embrulho.

— Tenho certeza de que minha madrasta vai entender — falou a menina.

Ela deixou o prédio. Enquanto passava, o cachorro disse:

— Menina, você brilha como um diamante.

Ela chegou em casa. A madrasta esperava no cômodo da frente.

— Onde está? — perguntou a madrasta.

— Sinto muito — desculpou-se a menina.

Diamantes caíram de seus lábios, espalhando-se pelo chão.

A mãe bateu nela.

— Ai! — gritou a menina, um grito de dor vermelho como um rubi, e um rubi caiu de sua boca.

A madrasta ficou de joelhos e apanhou as joias.

— Bonitas. Você as roubou?

A menina negou com um meneio de cabeça, com medo de falar.

— Tem mais delas aí dentro?

A menina negou com um meneio de cabeça, com a boca bem fechada.

A madrasta pegou o braço macio da menina entre o indicador e o polegar e a beliscou com toda a força, apertando até as lágrimas correrem dos olhos da menina, mas ela nada disse. Assim, a madrasta a trancou no quarto sem janelas, para que não fugisse.

A mulher levou os diamantes e o rubi para a Loja de Penhores e Armas do Al, na esquina, onde Al deu a ela quinhentos dólares sem fazer perguntas.

Então mandou a outra filha lhe trazer drogas.

A menina era egoísta. Viu o cachorro ofegante no sol e, depois de se certificar de que o animal estava acorrentado e não poderia segui-la, chutou-o. Empurrou a prostituta nas escadas. Chegou ao apartamento do traficante e bateu na porta. O homem olhou para ela, que lhe deu a nota de vinte sem nada dizer.

Na descida, a prostituta nas escadas disse:

— Por favor…?

A menina, porém, nem diminuiu o passo.

— Vadia! — bradou a prostituta.

— Víbora — disse o cachorro, quando a menina passou por ele na calçada.

Voltando para casa, ela pegou as drogas e abriu a boca para dizer à mãe:

— Aqui está.

Um pequeno sapo, de cores vivas, escapou dos lábios dela. Saltou do seu braço para a parede, de onde as encarou, sem piscar os olhos.

— Meu Deus. Que coisa mais nojenta — reclamou a menina. E saíram outros cinco sapinhos coloridos e uma pequena serpente com listras vermelhas, pretas e amarelas. — Preta e vermelha. Será venenosa? — indagou a menina, cuspindo mais dois sapos coloridos, uma rã, uma pequena cobra-cega branca e um filhote de iguana.

Ela se afastou dos bichos.

A mãe, que não tinha medo de cobras nem de nada, chutou a serpente listrada, que mordeu sua perna. A mulher gritou e perdeu o equilíbrio, e a filha também começou a gritar, um grito alto e comprido que caiu dos lábios dela na forma de uma jiboia adulta e saudável.

A menina, a primeira menina, cujo nome era Amanda, ouviu os gritos e, em seguida, o silêncio, mas nada pôde fazer para descobrir o que estava acontecendo.

Bateu na porta. Ninguém abriu. Ninguém disse nada. Os únicos ruídos que ela ouvia eram de um rastejar, como se houvesse algo imenso e sem pernas atravessando o carpete.

Quando Amanda ficou com fome, faminta demais para descrever em palavras, começou a falar.

— Inviolada noiva de calmaria e paz. Filha do tempo vagaroso e do silêncio…

Ela falou, embora as palavras a sufocassem.

— A beleza é a verdade; a verdade é a beleza. É tudo o que há para saber, é tudo de que se precisa saber…

Uma última safira despencou no chão de madeira do quarto de Amanda.

O silêncio foi absoluto.

A volta do magro Duque branco

Era o monarca de tudo que seu olhar alcançava, mesmo quando, ao se apresentar ao terraço do palácio à noite para ouvir os relatórios, olhava para o céu, para os aglomerados e espirais de estrelas, amargos e reluzentes. Governava os mundos. Tentara por muito tempo governar bem, com sabedoria e ser um bom monarca, mas é difícil governar, e a sabedoria pode ser dolorosa. E ele descobrira ser impossível, ao governar, fazer apenas o bem, pois não se pode construir nada sem derrubar alguma coisa, e nem ele poderia se importar com cada vida, cada sonho, cada população de cada mundo.

Pouco a pouco, momento a momento, a cada pequena morte, ele deixou de se importar.

Não morreria, pois apenas os inferiores morriam, e ele não era inferior a ninguém.

O tempo passou. Um dia, nas profundezas das catacumbas, um homem com sangue no rosto olhou para o Duque e o acusou de ter se tornado um monstro. No instante seguinte, o homem não existia mais: era uma nota de rodapé em um livro de história.

O Duque pensou muito nessa conversa nos dias que se seguiram e, por fim, concordou:

— O traidor tinha razão. Tornei-me um monstro. Que coisa. Será que alguém tem como objetivo tornar-se um monstro?

Certa vez, muito tempo antes, houvera amantes, mas isso fora na aurora do Ducado. Agora, no crepúsculo do mundo, com todos os prazeres livremente disponíveis (mas não conseguimos valorizar aquilo que obtemos com facilidade) e sem necessidade de lidar com nenhuma questão sucessória (pois até a ideia de que outra pessoa poderia um dia suceder ao Duque beirava a blasfêmia), não havia mais amantes, assim como não havia mais desafios. Ele tinha a sensação de estar dormindo enquanto os olhos se mantinham abertos e os lábios articulavam palavras, mas não havia nada para despertá-lo.

O dia seguinte àquele em que o Duque percebera que se tornara um monstro

foi o Dia dos Floresceres Estranhos, celebrado com o uso das flores trazidas ao Palácio Ducal vindas de cada planeta e cada plano. Era um dia em que todos no Palácio Ducal, que ocupava um continente inteiro, ficavam tradicionalmente felizes, e no qual se livravam de suas preocupações e ideias sombrias. O Duque, no entanto, não estava contente.

— O que se pode fazer para alegrá-lo? — indagou o besouro de informação no ombro dele, que ficava ali para transmitir os caprichos e desejos de seu mestre a uma centena de centenas de mundos. — Basta dizer, Eminência, e impérios serão erguidos e derrubados para fazê-lo sorrir. Estrelas vão se acender em supernovas para entretê-lo.

— Talvez eu precise de um coração — disse o Duque.

— Farei com que uma centena de centenas de corações seja imediatamente removida, rasgada, arrancada, extraída, cortada ou retirada do peito de dez mil espécimes humanos perfeitos — disse o besouro de informação. — Como quer que sejam preparados? Devo alertar os chefs, os empalhadores, os cirurgiões ou os escultores?

— Preciso me importar com algo — explicou o Duque. — Preciso dar valor à vida. Preciso despertar.

O besouro zuniu e zumbiu em seu ombro; era capaz de acessar a sabedoria de dez mil mundos, mas não sabia aconselhar seu mestre quando ele se encontrava em tal ânimo e, por isso, permaneceu calado. Sua preocupação foi transmitida aos antecessores, os besouros e escaravelhos de informação mais antigos, agora adormecidos em caixas ornadas em uma centena de centenas de mundos, e os escaravelhos debateram entre si com pesar, pois, na vastidão do tempo, até isso já tinha ocorrido antes, e estavam preparados para lidar com a situação.

Uma sub-rotina da aurora dos mundos, há muito esquecida, foi posta em movimento. O Duque realizava o último ritual do Dia dos Floresceres Estranhos sem nenhuma expressão no rosto esguio, um homem vendo o mundo como era, sem dar a ele valor algum, quando uma pequena criatura alada flutuou dos botões onde se escondia.

— Eminência — sussurrou. — Minha senhora precisa do senhor. Por favor. É sua única esperança.

— Sua senhora? — indagou o Duque.

— A criatura vem do Além — zumbiu o besouro em seu ombro. — De um

dos lugares que não reconhece a Autoridade do Ducado, das terras além da vida e da morte, entre ser e não ser. Deve ter se escondido num botão de orquídea importado de outro mundo. Suas palavras são uma armadilha ou um embuste. Farei com que seja destruída.

— Não — ordenou o Duque. — Deixe estar.

Fez algo que há anos não fazia: acariciou o besouro com um magro dedo branco. Os olhos verdes ficaram pretos e o zumbido virou um silêncio perfeito.

Tomou a coisinha nas mãos em concha e caminhou em direção aos seus aposentos, enquanto ela lhe contava sobre sua nobre e sábia rainha, e dos gigantes, cada um mais belo que o outro, cada um maior e mais perigoso e mais monstruoso, mantendo sua rainha prisioneira.

E, enquanto a criatura falava, o Duque se lembrou dos dias em que um jovem das estrelas viera ao Mundo em busca de sua sorte (pois, naquela época, havia sortes por toda parte, esperando para serem encontradas); e, ao lembrar, descobriu que a juventude estava menos distante do que pensara. O besouro de informação jazia inerte sobre o ombro.

— Por que ela a enviou a mim? — perguntou à pequena criatura.

Porém, com a tarefa cumprida, a criatura não falou mais, e desapareceu tão instantânea e permanentemente quanto uma estrela extinta por ordem ducal.

O Duque entrou em seus aposentos e desativou o besouro de informação, depositando-o na caixa ao lado da cama. No estúdio, ordenou aos servos que lhe trouxessem uma caixa preta longa. Abriu-a sozinho e, com um toque, ativou seu conselheiro mestre. Este balançou o corpo, então encolheu-se nos ombros dele em forma de víbora, com o rabo de serpente encaixando no plugue neural na base do pescoço.

O Duque contou à serpente o que pretendia fazer.

— Não é sábio fazê-lo — disse o conselheiro mestre, que dispunha da inteligência e dos conselhos de todos os conselheiros ducais que o antecederam desde que se tem lembrança, após um rápido exame dos precedentes.

— Busco aventura, não sabedoria — respondeu o Duque.

O fantasma de um sorriso começou a brincar nos cantos de seus lábios, o primeiro sorriso que os servos viam em um longo tempo, mais do que eram capazes de se lembrar.

— Então, se não posso dissuadi-lo, leve um corcel de batalha — falou o

conselheiro.

Foi um bom conselho. O Duque desativou o conselheiro mestre e mandou buscar a chave para o estábulo dos corcéis de batalha. A chave não era tocada havia mil anos: estava com a corrente empoeirada.

Antes eram seis corcéis de batalha, um para cada um dos Senhores e das Senhoras do Anoitecer. Eram brilhantes, maravilhosos, invencíveis, e, quando o Duque foi obrigado a encerrar, com pesar, a carreira de cada um dos Governantes do Anoitecer, recusou-se a destruir seus corcéis de batalha. Em vez disso, recolheu-os onde não representassem perigo aos mundos.

O Duque apanhou a chave e tocou um arpejo de abertura. O portão se abriu, e um corcel de batalha negro como nanquim, como o carvão mais escuro, saiu trotando com graça felina. Ergueu a cabeça e encarou o mundo com olhos orgulhosos.

— Para onde vamos? — perguntou o corcel de batalha. — Combateremos o quê?

— Vamos ao Além. E quanto ao que combateremos… bem, resta saber o que será.

— Posso levá-lo a qualquer lugar. E matarei aqueles que tentarem feri-lo.

O Duque subiu nas costas do corcel de batalha, o metal frio cedendo como carne viva sob suas coxas, e impeliu o animal a avançar.

Um salto, e o corcel galopava pelas espumas e fluxos do subespaço: juntos, eles cavalgavam pela loucura entre os mundos. O Duque riu, então, onde nenhum homem podia ouvi-lo, enquanto trilhavam pelo subespaço, viajando para sempre no subtempo (que não é comparado aos segundos de vida de uma pessoa).

— Tenho a sensação de tratar-se de uma armadilha de algum tipo — disse o corcel de batalha enquanto o espaço entre as galáxias evaporava ao redor deles.

— Sim. Tenho certeza de que é.

— Já ouvi falar dessa Rainha, ou de algo como ela. Vive entre a vida e a morte, chamando guerreiros e heróis e poetas e sonhadores para sua destruição.

— É o que parece — disse o Duque.

— E quando voltarmos ao espaço real, imagino que haverá uma emboscada à nossa espera.

— Me parece bastante provável — concordou o Duque, conforme chegavam

ao seu destino, voltando à existência ao irromper do subespaço.

Os guardiões do lugar eram tão maravilhosos quanto a descrição no alerta da mensageira, além de igualmente ferozes, e estavam à espera.

— O que está fazendo? — perguntaram, aproximando-se para o ataque. — Não sabe que estrangeiros são proibidos aqui? Fique conosco. Deixe-nos amá-lo. Vamos devorá-lo com o nosso amor.

— Vim resgatar sua Rainha — informou-lhes o Duque.

— Resgatar a Rainha? — escarneceram. — Ela vai exigir sua cabeça em uma travessa antes mesmo de olhar para você. Muitos vieram até aqui para salvá-la. Suas cabeças repousam em travessas douradas no palácio dela. A sua será apenas a mais fresca.

Havia homens que pareciam anjos caídos e mulheres que pareciam demônios arrebatados. Havia pessoas tão maravilhosas que, caso fossem humanas, teriam se tornado o único foco de desejo do Duque, e se apertaram contra ele, pele contra carapaça e carne contra armadura, para sentirem sua frieza, e ele sentir o calor delas.

— Fique conosco. Deixe-nos amá-lo — sussurraram, aproximando-se com garras e dentes afiados.

— Não creio que seu amor há de se mostrar bom para mim — respondeu o Duque.

Uma das mulheres, de cabelo claro, com olhos de um azul peculiar e translúcido, lembrou-o de alguém há muito esquecida, uma amante que partira de sua vida tempos atrás. Encontrou seu nome na memória, e a teria chamado em voz alta, para ver se ela se voltaria, ver se o conhecia, mas o corcel de batalha reagiu com garras afiadas, e os claros olhos azuis se fecharam para sempre.

O corcel de batalha era rápido como uma pantera, e cada um dos guardiães tombou no chão, retorcendo o corpo e, então, ficando imóveis.

O Duque se viu diante do palácio da Rainha. Desceu do corcel de batalha para a terra fresca.

— A partir daqui, prosseguirei sozinho. Espere, e um dia retornarei — disse o Duque.

— Não acredito que retornará. Vou esperar até o fim do próprio tempo, se necessário. Ainda assim, temo pelo senhor.

O Duque tocou o aço negro da cabeça do corcel com os lábios e se despediu.

Seguiu adiante para resgatar a Rainha. Lembrou-se de um monstro que governara mundos e jamais morreria, e sorriu, pois não era mais aquele homem. Pela primeira vez desde a juventude, tinha algo a perder, e essa descoberta fez dele um jovem novamente. O coração começou a bater no peito enquanto caminhava pelo palácio vazio, e ele riu alto.

Ela estava à sua espera, no lugar onde as flores morrem. Era como ele a havia imaginado. A saia era simples e branca, as maçãs do rosto, proeminentes e muito escuras, o cabelo, comprido e da cor infinitamente escura da asa de um corvo.

— Estou aqui para resgatá-la — anunciou.

— Está aqui para resgatar a si mesmo — corrigiu ela.

Sua voz era quase um sussurro, como a brisa que agitava as flores mortas.

O Duque inclinou a cabeça, embora ela fosse tão alta quanto ele.

— Três perguntas — sussurrou a Rainha. — Responda-as corretamente, e tudo que deseja será seu. Fracasse, e sua cabeça repousará para sempre em uma travessa dourada.

A pele dela era marrom como as pétalas de rosa mortas. Os olhos eram do dourado-escuro do âmbar.

— Faça suas três perguntas — disse ele, com uma confiança que não sentia.

A Rainha estendeu um dedo e correu a ponta gentilmente pela bochecha dele. O Duque não se lembrava da última vez que alguém o tinha tocado sem permissão.

— O que é maior que o universo? — perguntou ela.

— O subespaço e o subtempo — respondeu o Duque. — Pois ambos incluem o universo, e também aquilo que não é o universo. Mas desconfio que busca uma resposta mais poética e menos precisa. Assim, digo que é a consciência, pois pode conter um universo, mas também imaginar coisas que jamais foram e que nunca hão de ser.

A Rainha nada disse.

— Está certo? Está errado? — indagou o Duque.

Quis, por um momento, sentir o sussurro de serpente do conselheiro mestre, descarregando em seu plugue neural a sabedoria acumulada pelos conselheiros com o passar dos anos, ou até o zumbido de seu besouro de informação.

— A segunda pergunta — disse a Rainha. — O que é maior que um rei?

— Obviamente, um duque. Pois todos os reis, papas, chanceleres,

imperatrizes e afins servem minha vontade e apenas minha vontade. No entanto, mais uma vez, desconfio que esteja em busca uma resposta que seja menos precisa e mais imaginativa. Novamente, a consciência é maior que um rei. E um duque. Pois, embora eu não seja inferior a ninguém, há quem possa imaginar um mundo em que haja algo superior a mim, e algo ainda superior a isso, e assim por diante. Não! Espere! Já sei a resposta. É a Grande Árvore: *Kether*, a Coroa, o conceito da monarquia. Isso é maior que qualquer rei.

A rainha olhou para o Duque com seus olhos de âmbar, e disse:

— A última pergunta. O que não pode jamais ser tomado de volta?

— Minha palavra. Embora, pensando bem, depois de dar minha palavra, às vezes as circunstâncias mudem e, às vezes, as próprias palavras mudem de maneiras infelizes ou inesperadas. De tempos em tempos, se as coisas chegam a esse ponto, minha palavra precisa ser modificada de acordo com a realidade. Eu diria a Morte, mas, na verdade, se tenho necessidade de alguém de que já me livrei, simplesmente ordeno sua reincorporação…

A Rainha parecia impaciente.

— Um beijo — disse o Duque.

Ela assentiu.

— Há esperança para você — sentenciou. — Acredita ser minha única esperança, mas, na verdade, eu sou a sua. As respostas foram todas erradas. No entanto, a última foi menos errada que o restante.

O Duque pensou na ideia de perder a cabeça para aquela mulher, e se viu menos perturbado por tal perspectiva do que o esperado.

Um vento soprou pelo jardim de flores mortas, e o Duque foi lembrado de fantasmas perfumados.

— Gostaria de saber a resposta? — perguntou ela.

— Respostas. Certamente.

— Só há uma resposta, que é a seguinte: o coração. O coração é maior que o universo, pois pode encontrar em si compaixão para tudo que existe, e o próprio universo não sente compaixão O coração é maior que um rei, pois um coração pode conhecer um rei por aquilo que ele é, e, ainda assim, amá-lo. E, depois de entregar o coração, é impossível tomá-lo de volta.

— Eu bem respondi um beijo — protestou o Duque.

— Não foi tão errada quanto as outras respostas.

O vento soprou mais forte e selvagem, e, por um instante, o ar se encheu de pétalas mortas. Então, o vento sumiu tão de repente quanto tinha surgido, e as pétalas soltas caíram no chão.

— Pois bem, fracassei na primeira tarefa que me designou. Porém, não creio que minha cabeça ficaria bem em uma travessa dourada — disse o Duque. — Nem sobre qualquer outro tipo de prato. Dê-me uma tarefa, uma missão, algo que eu possa cumprir para mostrar que sou digno. Deixe-me resgatá-la deste lugar.

— Nunca sou eu quem precisa ser resgatada. Seus conselheiros e escaravelhos e programas não o querem mais. Eles o enviaram aqui, como fizeram com aqueles que o precederam, muito tempo atrás, porque é melhor que você desapareça por vontade própria do que ser assassinado por eles enquanto dorme. E menos perigoso. — Tomou a mão dele nas suas. — Venha.

Caminharam para longe do jardim de flores mortas, passando pelas fontes de luz, projetando seu brilho no vazio, chegando a uma cidadela de canção, onde vozes perfeitas aguardavam em cada esquina, suspirando, entoando, cantarolando e ecoando, embora ninguém estivesse ali para cantar.

Além da cidadela, havia apenas brumas.

— Ali — apontou a Rainha. — Chegamos ao fim de tudo, onde nada existe além do que criamos, por ato de nossa vontade ou de nosso desespero. Aqui, neste lugar, posso falar livremente. Somos apenas nós, agora. — Ela olhou nos olhos dele. — Você não precisa morrer. Pode permanecer comigo. Vai ficar feliz em finalmente encontrar alegria, um coração, e o valor da existência. E eu vou amá-lo.

O Duque lançou a ela um olhar intrigado, com um brilho de raiva.

— Pedi para me importar. Pedi algo com que pudesse me importar. Pedi um coração.

— E eles lhe deram tudo que pediu. Contudo, não pode ser o monarca deles e ter essas coisas. Por isso, não pode voltar.

— Eu… pedi a eles que fizessem isso acontecer — disse o Duque.

Ele não parecia com raiva, não mais. As brumas no limiar daquele lugar eram pálidas e feriam os olhos do Duque quando ele as encarava muito profundamente ou por tempo demais.

O chão começou a sacudir, como se estivesse sob os passos de um gigante.

— Alguma coisa é verdadeira aqui? Há algo permanente? — indagou o Duque.

— Tudo é verdadeiro. Aí vem o gigante. E ele vai matá-lo, a não ser que você o derrote.

— Quantas vezes já passou por isso? Quantas cabeças acabaram em travessas douradas?

— Nenhuma cabeça jamais foi parar em uma travessa dourada. Não sou programada para matá-los. Lutam por mim e me conquistam e ficam comigo, até fecharem os olhos pela última vez. Ficam satisfeitos em permanecer, ou então eu os satisfaço. Mas você… Você precisa do seu descontentamento, não?

Ele hesitou. Então, confirmou com um gesto da cabeça.

Ela colocou os braços ao redor dele e o beijou, lentamente e com doçura. O beijo, uma vez dado, não podia ser retomado.

— E agora, vou enfrentar o gigante e salvá-la?

— É o que acontece.

Olhou para ela. Olhou para si, para a armadura entalhada, para as armas.

— Não sou um covarde. Nunca fugi de uma luta. Não posso voltar, mas não ficarei satisfeito em permanecer neste lugar com você. Assim, esperarei aqui e deixarei o gigante me matar.

Ela parecia alarmada.

— Fique comigo. Fique.

O Duque olhou para trás, para a brancura vazia, e perguntou:

— O que jaz lá fora? O que há além da bruma?

— Você fugiria? Deixaria-me aqui?

— Vou caminhar. E não vou fugir. Porém, vou caminhar naquela direção. Eu queria um coração. O que há do outro lado da bruma?

Ela balançou a cabeça.

— Além da bruma fica *Malkuth*: o Reino. Mas ele não existe, a não ser que o crie. Passa a existir conforme você o produz. Se ousar avançar rumo à bruma, construirá um mundo ou deixará de existir por completo. E pode fazê-lo. Não sei o que vai acontecer, a não ser o seguinte: se caminhar para longe de mim, jamais poderá voltar.

Ele ainda ouvia uma batida, mas não tinha mais certeza de se tratar dos passos de um gigante. Parecia mais o bater, bater, bater do seu próprio coração.

Voltou-se na direção da neblina, antes que pudesse mudar de ideia, e caminhou rumo ao nada, sentindo o frio e a umidade na pele. A cada passo, ele sentia que se tornava menos. Os plugues neurais deixaram de funcionar, sem oferecer nenhuma informação nova, até o nome e o status dele também se perderem.

Não sabia ao certo se estava procurando um lugar ou se o estava criando. Mas lembrou-se da pele escura e dos olhos cor de âmbar dela. Lembrou-se das estrelas. (Decidiu que haveria estrelas no lugar para onde ia. É preciso que elas existam.)

Seguiu em frente. Suspeitou que antes vestia uma armadura, mas sentiu a neblina úmida no rosto, no pescoço, e arrepiou-se dentro do casaco fino contra o frio ar da noite.

Tropeçou, o pé resvalando no meio-fio.

Então, endireitou as costas, e olhou para as luzes dos postes em meio à neblina. Um carro passou perto (perto demais) e sumiu na distância, pintando a neblina de vermelho com suas luzes traseiras.

Minha antiga mansão, pensou, com carinho, e a isso se seguiu um momento de pura confusão diante da ideia de Beckenham ser alguma antiga coisa sua. Tinha acabado de se mudar para lá. Era um lugar para usar como base. Um lugar de onde escapar. O objetivo era esse, não era?

Entretanto, a ideia de um homem fugindo (um lorde ou um duque, talvez, pensou, gostando da sensação que causava em sua mente) pairou e perdurou em sua consciência, como o início de uma canção.

— Prefiro compor uma canção de alguma coisa do que governar o mundo — disse em voz alta, sentindo o sabor das palavras na boca.

Apoiou o estojo do violão na parede, pôs a mão no bolso do casaco, encontrou um pequeno lápis e um caderno barato e escreveu. Esperava encontrar logo uma palavra de duas sílabas para a *alguma coisa*.

Então, abriu caminho pelo pub. A atmosfera aconchegante e etílica o recebeu quando entrou. O ruído baixo e queixoso de uma conversa de bar. Alguém chamou seu nome, e ele respondeu acenando com uma mão branca, apontando para o relógio de pulso e, em seguida, para a escada. A fumaça de cigarro dava ao ar uma leve tonalidade azul. Ele tossiu uma vez do fundo do peito, e sentiu vontade de fumar também.

Subia a escada coberta com um carpete vermelho todo puído, segurando o estojo do violão como uma arma, e o que quer que estivesse em sua cabeça antes de virar a esquina de High Street evaporava a cada passo. Fez uma pausa no corredor escuro antes de abrir a porta para o cômodo do andar de cima do pub. O burburinho das conversas e o tilintar dos copos indicavam a presença de algumas pessoas já trabalhando e esperando. Alguém afinava um violão.

Monstro?, pensou o jovem. *Tem duas sílabas*.

Revirou a palavra muitas vezes na consciência antes de decidir que era capaz de encontrar algo melhor, algo maior, algo mais condizente com o mundo que ele pretendia conquistar, e, com um arrependimento apenas momentâneo, abandonou-a para sempre. E entrou.

Terminações femininas

Minha querida,

Comecemos formalmente esta carta, este prelúdio para um encontro, com uma declaração à moda antiga: eu te amo. Você não me conhece. (Embora já tenha me visto, sorrido para mim, colocado moedas na palma da minha mão.) Eu a conheço. (Mas não tão bem quanto gostaria. Quero estar lá quando seus olhos se abrirem pela manhã, para que você me veja e sorria. Seria o mais próximo do Paraíso, com certeza?) Assim, declaro-me a você agora, com a caneta no papel. Declaro mais uma vez: eu te amo.

Escrevo isso na sua língua, no seu idioma, uma língua que também falo. Tenho um bom domínio. Alguns anos atrás, estive na Inglaterra e na Escócia. Passei um verão inteiro de pé em Covent Garden, com exceção do mês em que fiquei em Edimburgo, por causa do festival de arte. Entre as pessoas que puseram dinheiro na minha caixinha estavam o sr. Kevin Spacey, o ator, e o sr. Jerry Springer, o astro da tevê americana, que estava em Edimburgo para assistir a uma ópera sobre sua vida.

Adiei a escrita desta carta por tempo demais, embora quisesse escrevê-la e a tivesse escrito muitas vezes na cabeça. Devo escrever sobre você? Sobre mim?

Primeiro você.

Adoro seu cabelo, comprido e ruivo. Na primeira vez que a vi, acreditei que fosse uma dançarina, e ainda acho que tem o corpo de uma. As pernas, a postura, a cabeça erguida e empinada. Foi o sorriso que me disse que você era estrangeira, antes mesmo de ouvi-la falar. Em meu país, explodimos em gargalhadas, como o sol que se revela e ilumina os campos antes de voltar para trás de uma nuvem, cedo demais. Os sorrisos são valiosos aqui, e raros. Mas você sorria o tempo todo, como se tudo que visse a agradasse. Sorriu na primeira vez que me viu, um sorriso ainda mais aberto que antes. Você sorriu e eu fiquei perdido, como uma criança pequena em uma grande floresta sem jamais encontrar o caminho de casa.

Aprendi ainda jovem que os olhos são demasiadamente reveladores. Na

minha profissão, alguns adotam os óculos escuros, ou mesmo (estes eu desprezo amargamente, rindo do seu amadorismo) máscaras que cobrem o rosto inteiro. De que serve uma máscara? Minha solução envolve lentes de contato teatrais, compradas de um site americano por pouco menos de quinhentos euros, que cobrem os olhos por completo. São de um cinza-escuro, é claro, e parecem pedra. Já ganhei mais de quinhentos euros com elas, já pagaram o próprio custo muitas vezes. Talvez você pense que, dada a minha profissão, eu seja pobre, mas estaria errada. De fato, acredito que se surpreenderia com quanto já acumulei. Minhas necessidades têm sido pequenas, e minha renda é sempre boa.

A não ser quando chove.

Às vezes, até quando chove. Os outros, como talvez já tenha observado, meu amor, se recolhem quando chove, abrem seus guarda-chuvas, saem correndo. Eu permaneço onde estou. Sempre. Simplesmente espero, imóvel. Tudo isso reforça a credibilidade da apresentação.

É uma apresentação, assim como no meu tempo de ator de teatro, de assistente de mágico, até em minha época de dançarino. (É por isso que conheço os corpos dos dançarinos). Sempre tive consciência dos indivíduos na plateia. Descobri isso com todos os atores e dançarinos, a não ser os míopes, para quem a plateia é um borrão. Minha visão é boa, apesar das lentes de contato.

“Viu o homem de bigode na terceira fila?”, dizíamos. “Está dirigindo olhares cheios de luxúria a Minou.” E Minou respondia: “Sim. Mas a mulher no corredor, que parece a chanceler alemã, está lutando contra o sono.” Se uma pessoa adormece, podemos perder a plateia inteira, e assim passávamos o resto da noite nos apresentando para uma mulher de meia-idade que desejava apenas sucumbir à sonolência.

Na segunda vez que você se aproximou de mim, chegou tão perto que pude sentir o cheiro do seu xampu. Era um perfume de flores e frutas. Imagino que a América seja um continente inteiro cheio de mulheres com cheiro de flores e frutas. Você conversava com um jovem da universidade. Estava se queixando das dificuldades do nosso idioma para um americano. “Entendo o que confere um gênero a homens e mulheres”, você dizia. “Mas o que faz uma cadeira ser feminina e um pombo ser masculino? Por que uma estátua deveria ter uma terminação feminina?”

O jovem, naquele momento, riu e apontou diretamente para mim. Porém, na

verdade, para quem está caminhando pela praça, é impossível descobrir algo a meu respeito. A toga parece mármore velho, manchado pela água, desgastado pelo tempo, coberto de líquens. A pele poderia ser de granito. Até eu me mover, sou pedra e bronze antigo, e não me mexo se não desejar. Simplesmente permaneço imóvel.

Algumas pessoas esperam na praça por tempo demais, mesmo na chuva, para ver o que farei. Não se sentem confortáveis sem saber, e só ficam satisfeitas depois de terem se assegurado que sou natural, e não artificial. É a incerteza que prende as pessoas, como um rato em uma armadilha.

Talvez eu esteja escrevendo demais a meu respeito. Sei que esta é uma carta de apresentação tanto quanto é uma carta de amor. Eu deveria escrever sobre você. Seu sorriso. Os olhos tão verdes. (Você não conhece a verdadeira cor dos meus olhos. Vou lhe dizer qual é. São castanhos.) Gosta de música clássica, mas também tem ABBA e Kid Loco no seu iPod nano. Não usa perfume. Suas roupas de baixo são, em geral, desgastadas e confortáveis, embora tenha um único conjunto de calcinha e sutiã com renda vermelha que usa em ocasiões especiais.

As pessoas me observam na praça, mas o olhar só é atraído pelo movimento. Aperfeiçoei o minúsculo movimento, tão pequeno que o transeunte mal consegue dizer se viu algo ou não. Como? Com frequência, as pessoas não enxergam aquilo que não se move. Os olhos enxergam sem ver, descartando. Tenho forma humana, mas não sou humano. Assim, para que me vejam, para fazer com que olhem para mim, para impedir que seus olhos deslizem direto por mim sem prestar atenção, sou obrigado a fazer movimentos mínimos para atrair seus olhares. Então, e somente então, elas me enxergam. Mas nem sempre entendem o que viram.

Penso em você como um código a ser decifrado, um enigma a ser solucionado, ou um quebra-cabeça a ser montado. Caminho por sua vida, mas permaneço imóvel no limiar da minha própria. Meus gestos (precisos, típicos de estátua) são frequentemente interpretados de maneira equivocada. Eu desejo você. Não duvido disso.

Você tem uma irmã mais nova. Ela tem uma conta no MySpace e uma conta no Facebook. Às vezes, conversamos trocando mensagens. Muitas vezes, as pessoas supõem que uma estátua medieval exista apenas no século XV. Não é verdade: tenho um quarto e um laptop. Uso senha no meu computador. Adoto

comportamentos seguros na informática. Sua senha é o seu primeiro nome. Isso não é seguro. Qualquer um pode ler seus e-mails, olhar suas fotos, reconstruir seus interesses a partir do seu histórico de navegação. Alguém interessado, que se importasse com isso, poderia passar incontáveis horas construindo um esquema complexo da sua vida, encontrando a correspondência entre as pessoas nas fotos e os nomes nos e-mails, por exemplo. Não seria difícil reconstruir uma vida a partir de um computador ou de mensagens de celular. Seria como preencher um jogo de palavras cruzadas.

Lembro quando admiti para mim mesmo que você tinha começado a me observar, olhando apenas para mim no caminho que passava pela praça. Você parava. Me admirava. Viu eu me mover uma vez, para uma criança, e disse a uma mulher que a acompanhava, alto o bastante para que pudesse ser ouvida, que talvez eu fosse uma estátua real. Recebo isso como o maior dos elogios. Tenho muitos estilos diferentes de movimento, é claro. (Posso me mover como uma engrenagem de relógio, em uma sequência de pequenos solavancos e pausas, posso me mover como um robô ou autômato. Posso me mover como uma estátua voltando à vida depois de passar centenas de anos como pedra.)

Ao alcance da minha audição, você falou muitas vezes na beleza dessa pequena cidade. Em como, para você, estar dentro da composição dos vitrais da antiga igreja era como estar aprisionada dentro de um caleidoscópio de joias. Era como estar no coração do sol. Além disso, estava preocupada com a doença da sua mãe.

Quando era estudante de graduação, trabalhou como cozinheira, e as pontas dos seus dedos são cobertas de marcas e cicatrizes de milhares de pequenos cortes de faca.

Amo você, e é meu amor que me impele a saber tudo a seu respeito. Quanto mais sei, mais próximo de você me torno. Você planejava vir ao meu país com um jovem, mas ele partiu seu coração, e, ainda assim, você veio aqui para irritá-lo, e, ainda assim, sorriu. Fecho meus olhos e posso vê-la sorrindo. Fecho meus olhos e vejo-a em meio a uma revoada de pombos, atravessando a passos largos a praça da cidade. As mulheres deste país não dão passos largos. Elas se movem com timidez, a não ser que sejam dançarinas. E, quando dorme, seus cílios são como asas de borboleta. A maneira como sua bochecha toca o travesseiro. Seu jeito de sonhar.

Sonho com dragões. Quando era pequeno, no lar, disseram-me que havia um dragão sob a cidade velha. Imaginei o dragão retorcido feito a fumaça preta sob os edifícios, habitando as fissuras entre os porões, insubstancial, mas sempre presente. É assim que penso no dragão, e é assim que penso no passado, agora. Um dragão preto feito de fumaça. Na minha apresentação, fui comido pelo dragão e me tornei parte do passado. Tenho, na verdade, setecentos anos. Os reis vêm e vão. Exércitos chegam e são absorvidos ou voltam para casa, deixando apenas edifícios danificados, viúvas e filhos bastardos atrás de si, mas as estátuas permanecem, e o dragão de fumaça, e o passado.

Digo isso, embora a estátua que eu imite não seja dessa cidade. Fica diante de uma igreja no sul da Itália, onde acreditam que representa a irmã de João Batista, ou um lorde local que fez uma grande doação à igreja para celebrar o fato de não ter sucumbido à peste ou o anjo da morte.

Eu imaginei você de uma pureza perfeita, meu amor, pura como eu, mas certa vez descobri que a calcinha de renda vermelha estava no fundo do cesto de roupa suja e, ao examiná-la com atenção, pude verificar que você tinha, sem dúvida, abandonado a castidade na noite anterior. Só você sabe com quem, pois não comentou o incidente em suas cartas para casa nem fez alusão a isso em seu diário on-line.

Um dia, uma menina me observou, voltou-se para a mãe e disse: “Por que ela está tão infeliz?” Traduzo para você, é claro. A menina estava se referindo a mim como estátua e, por isso, usou a terminação feminina. “Por que você acha que ela está infeliz?”, a mãe perguntou. A menina então respondeu: “Que outro motivo as pessoas teriam para se tornarem estátuas?” Com um sorriso, a mãe disse: “Talvez ela seja infeliz no amor.”

Não estava infeliz no amor. Estava preparado para esperar até que tudo estivesse certo, algo muito diferente.

Há tempo. Sempre há tempo. Essa é a dádiva que eu trouxe da existência como estátua (uma das dádivas, devo dizer).

Você passou por mim, olhou para mim e sorriu, e passou andando por mim, e em outras vezes mal reparou em mim como algo diferente de um objeto. É de fato notável quão pouco você e os demais humanos reparam em algo que permanece completamente imóvel. Acordou durante a noite, foi ao banheiro, urinou, voltou para a cama, dormiu de novo, em paz. Não repararia em algo

completamente imóvel, não é? Algo nas sombras?

Se pudesse, eu teria feito o papel desta carta endereçada a você a partir do meu corpo. Pensei em misturar meu sangue ou minha saliva à tinta, mas não. É possível exagerar nas demonstrações, embora grandes amores exijam grandes gestos, não? Estou desacostumado com os grandes gestos. Tenho mais treino nos gestos minúsculos. Em uma ocasião, fiz um menino gritar, simplesmente sorrindo para ele quando tinha se convencido de que eu era feito de mármore. É o menor dos gestos que jamais será esquecido.

Eu te amo, eu te quero, preciso de você, sou seu assim como você é minha. Pronto. Declarei meu amor por você.

Logo, espero, você saberá disso por conta própria. E então nunca nos separaremos. Terá chegado a hora, em um instante, de virar-se, guardar a carta. Estou com você, mesmo agora, nesses antigos apartamentos com tapetes iranianos nas paredes.

Você passou andando por mim vezes demais.

Chega.

Estou aqui com você. Estou aqui agora.

Quando guardar a carta. Quando se virar e olhar para o outro lado desse velho cômodo, varrendo-o com os olhos, aliviada, com alegria ou até terror…

Então, vou me mover. Um gesto mínimo. E, finalmente, você vai me ver.

Respeitando as formalidades

Como sabe, não fui convidada para o batismo. Deixe isso para lá, você diz.
Mas são as pequenas formalidades que mantêm o mundo girando.
Cada uma das minhas doze irmãs recebeu um convite, gravado, e entregue
Por um serviçal. Pensei que talvez meu serviçal tivesse se perdido.

Poucos convites chegam a mim aqui. As pessoas não deixam mais cartões de visita.
E, mesmo quando o faziam, eu lhes dizia que não estava em casa,
Deplorando a falta de modos dessas gerações mais novas.
Eles comem de boca aberta. Interrompem os outros.

Os bons modos são tudo, e as formalidades. Quando perdemos isso
Perdemos tudo. Sem eles, poderíamos perfeitamente estar mortos.
Coisas simplórias e inúteis. Aos jovens deveríamos ensinar um ofício, seja lenhador ou tecelão,
Aprendendo seu lugar e nele permanecendo. Ser visto, não ouvido. Ser silencioso.

Minha irmã mais nova está sempre atrasada, e a tudo interrompe. Já eu exijo pontualidade.
Disse a ela que nada de bom virá dos atrasos. Disse a ela,
Quando ainda estávamos bem, quando ela ainda ouvia. Ela riu.
Alguém poderia dizer que eu não devia ter aparecido sem ser convidada,
Mas é preciso ensinar lições às pessoas. Sem isso, ninguém jamais vai aprender.
As pessoas são sonhos, estranheza e falta de jeito. Furam seus dedos,
Sangram e roncam e babam. A boa educação é silenciosa como um túmulo,
Imóvel, rosas sem espinhos. Ou lírios brancos. As pessoas precisam aprender.

Inevitavelmente, minha irmã chegou atrasada. A pontualidade é a boa educação dos príncipes,
Isso, e convidar todas as madrinhas em potencial para o batismo.
Disseram ter pensado que eu estava morta. Talvez esteja. Não consigo mais lembrar.
Ainda assim, era preciso respeitar as formalidades.

Eu teria tornado o futuro dela tão organizado e educado. Dezoito é idade suficiente. Mais que suficiente.
Depois disso, a vida vira uma bagunça. Amores e corações são coisas muito confusas.
Batismos são ocasiões agitadas, e barulhentas e rancorosas,
Tão ruins quanto casamentos. Convites se perdem. Haveria discussões envolvendo precedência e presentes.

Teriam me convidado para o funeral.

A Bela e a Adormecida

Segundo o voo dos corvos, aquele era o reino mais próximo ao da rainha, mas nem os corvos o sobrevoavam. A alta cadeia de montanhas que servia como fronteira entre os dois reinos desencorajava tanto corvos quanto pessoas, e era considerada intransponível.

Mais de um comerciante empreendedor, em ambos os reinos, contratara moradores para buscar uma passagem nas montanhas — passagem que, se existisse, tornaria muito rico o homem ou a mulher que a controlasse. As sedas de Dorimar chegariam a Kanselaire em semanas ou meses, e não anos. Porém, não havia passagem a ser encontrada e, assim, embora os dois reinos dividissem uma fronteira, ninguém atravessava de um lugar para o outro.

Até os anões, resistentes, audazes e compostos de mágica tanto quanto de carne e osso, eram incapazes de transpor a cordilheira.

Mas isso não era um problema para os anões. Eles não caminhavam sobre ela. Passavam por baixo.

* * *

MESMO EM UM grupo de três, os anões percorriam as trilhas escuras sob as montanhas com a mesma agilidade de um viajante solitário:

— Rápido! Rápido! — clamava o anão que vinha por último. — Temos que comprar para ela as melhores sedas em Dorimar. Se não nos apressarmos, talvez as melhores peças sejam vendidas, obrigando-nos a comprar tecidos inferiores.

— Já sabemos! Já sabemos! — disse o anão à frente da fila. — E compraremos também uma caixa para transportar os tecidos, para que permaneçam perfeitamente limpos e protegidos da poeira.

O anão do meio nada disse. Segurava com força sua gema, sem perdê-la nem deixá-la cair, concentrando-se apenas nisso e em nada mais. A gema era um rubi do tamanho de um ovo de galinha, arrancada de uma pedra. Valeria um reino

inteiro depois de polido e trabalhado, e poderia facilmente ser trocado pelas melhores sedas de Dorimar.

Os anões não pensariam em presentear a jovem rainha com algo que eles mesmos tivessem escavado da terra. Seria fácil demais, corriqueiro demais. Para os anões, é a distância que confere magia a um presente.

* * *

A RAINHA DESPERTOU cedo naquela manhã.

— Daqui a uma semana — anunciou em voz alta. — Daqui a uma semana vou me casar.

Aquilo parecia ao mesmo tempo improvável e extremamente definitivo. Ela se perguntava qual seria a sensação de ser uma mulher casada. Concluiu que seria o fim da sua vida, caso a vida fosse o tempo das nossas escolhas. Dali a uma semana, ela não teria mais escolhas. Reinaria sobre seu povo. Teria filhos. Talvez morresse no parto, talvez morresse com idade avançada ou em uma batalha. No entanto, o percurso até sua morte, a cada batida do coração, seria inevitável.

Ela ouvia os carpinteiros nos campinas em frente ao castelo, construindo os assentos destinados àqueles que viriam assistir à cerimônia. Cada martelada soava como a batida surda de um imenso coração.

* * *

OS TRÊS ANÕES saíram às pressas de um buraco na margem do rio e subiram cambaleantes no prado, um, dois, três. Escalaram a lateral de uma escarpa de granito, alongaram-se, esticaram as pernas, pularam e alongaram-se de novo. Então correram em direção ao norte, rumo ao conjunto de construções baixas que formava o vilarejo de Giff — mais especificamente, à estalagem local.

O dono da estalagem era amigo deles: tinham lhe trazido uma garrafa de vinho Kanselaire (de um vermelho profundo, doce e saboroso, bem diferente dos vinhos pungentes e claros daquela região), como sempre faziam. Ele os alimentava, os aconselhava e os mandava seguir o seu caminho.

O estalajadeiro, de peito tão largo quanto seus barris, barba tão cerrada e ruiva quanto a cauda de uma raposa, estava no bar. Era manhã e, nas visitas anteriores dos anões naquele horário, o ambiente estivera vazio, mas agora devia haver trinta pessoas ali, e nenhuma parecia feliz.

Os anões, que esperavam fazer uma visita discreta a um bar vazio, viram-se alvo dos olhares de todos.

— Mestre Foxen — disse o anão mais alto ao estalajadeiro.

— Garotos — cumprimentou o estalajadeiro, que achava que os anões eram meninos, embora tivessem quatro, talvez cinco vezes sua idade. — Sei que vocês viajam pelas passagens das montanhas. Precisamos sair daqui.

— O que está havendo? — perguntou o menor dos anões.

— Sono! — reclamou o bêbado perto da janela.

— Peste! — anunciou uma mulher bem-vestida.

— Desgraça! — explicou um funileiro, com as panelas batendo enquanto falava. — A desgraça está a caminho!

— Viajamos rumo à capital — disse o anão mais alto, que não ultrapassava uma criança em altura e não tinha barba. — A peste está na capital?

— Não é peste — salientou o bêbado perto da janela, de barba comprida e grisalha, com manchas amareladas de cerveja e vinho. — É o sono, estou dizendo.

— Como o sono pode ser uma peste? — indagou o anão menor, que tampouco usava barba.

— Uma bruxa! — disse o bêbado.

— Uma fada malvada — corrigiu um homem de rosto rechonchudo.

— Era uma feiticeira, pelo que ouvi — contribuiu a garota do caneco.

— Seja lá o que for, ela não foi convidada para a celebração de um nascimento — acrescentou o bêbado.

— Bobagem — disse o funileiro. — Ela teria amaldiçoado a princesa mesmo se tivesse sido convidada para a festa do dia do batismo. Era uma dessas bruxas da floresta, confinada às margens do reino mil anos atrás, uma gente ruim. Amaldiçoou a bebê ao nascer, determinando que, ao completar dezoito anos, a menina picaria o dedo e dormiria para sempre.

O homem de rosto rechonchudo limpou a testa. Estava suando, embora não fizesse calor, e acrescentou:

— Pelo que ouvi, ela ia morrer, mas outra fada, dessa vez uma fada boa, converteu a sentença de morte mágica em sono. Um sono mágico.

— Bem, ela picou o dedo em alguma coisa. E adormeceu. E os demais no castelo (o senhor e sua mulher, o açougueiro, o padeiro, a leiteira, a dama de companhia) adormeceram, assim como ela. Nenhum deles envelheceu um dia desde que fecharam seus olhos — explicou o bêbado.

— Havia rosas. Rosas que cresciam ao redor do castelo — observou a menina do caneco. — E a floresta foi ficando mais densa, até se tornar impenetrável. Isso foi há quanto tempo, cem anos?

— Sessenta. Talvez oitenta — disse uma mulher que não falara até então. — Sei disso porque minha tia Letitia se lembrava de quando aconteceu, quando era menina, e ela não tinha mais de setenta quando morreu da maldita disenteria, e, no fim do verão, completam-se apenas cinco anos desde que isso aconteceu.

— …e homens corajosos — prosseguia a garota do caneco. — Sim, e mulheres corajosas também, dizem, tentaram viajar à floresta de Acaire, até o castelo que ocupa seu centro, na tentativa de despertar a princesa e, ao fazê-lo, despertar também todos os adormecidos, mas cada um deles terminou sua vida perdido na floresta, assassinado por bandidos ou empalado nos espinhos das roseiras que envolvem o castelo…

— Como se pode despertá-la? — indagou o anão médio, cuja mão ainda segurava a pedra, pois pensava no essencial.

— O método de sempre. Conforme dizem as lendas — respondeu a garota do caneco, ruborizando.

— O quê? Uma bacia de água gelada no rosto e um grito de *Bom dia, flor do dia*? — ironizou o anão mais alto.

— Um beijo — corrigiu o bêbado. — Mas ninguém jamais chegou tão perto. Faz sessenta anos que tentam. Dizem que a bruxa…

— Fada — disse o homem gordo.

— Feiticeira — corrigiu a garota do caneco.

— Seja o que for, continua lá — disse o bêbado. — É o que dizem. Se conseguirem chegar tão perto. Se vencerem as rosas, ela estará esperando. É tão antiga quanto as colinas, má como uma serpente, pura maldade, magia e morte.

O menor dos anões inclinou a cabeça para o lado antes de perguntar:

— Então, há uma mulher dormindo no castelo, e talvez uma bruxa ou fada

com ela. E de onde veio a peste?

— Começou ano passado, no norte, além da capital — disse o homem de rosto rechonchudo. — Soube pela primeira vez por viajantes vindos de Stede, que fica perto da floresta de Acaire.

— As pessoas nas cidades caíram no sono — falou a garota do caneco.

— Muita gente adormece — disse o anão mais alto.

Os anões raramente dormem: no máximo, duas vezes por ano, durante semanas, mas ele já tinha dormido o bastante em sua longa vida a ponto de não considerar o sono nada especial ou incomum.

— Elas caem no sono de repente, não importa o que estiverem fazendo, e não despertam mais — explicou o bêbado. — Olhem para nós. Fugimos das cidades para vir para cá. Temos irmãos e irmãs, esposas e filhos, todos dormindo em suas casas e cabanas ou no trabalho. Todos nós.

— Está avançando cada vez mais rápido — disse a mulher magra e ruiva que ainda não tinha falado nada. — Agora o sono já cobre quase meia légua por dia.

— Chegará aqui amanhã — explicou o bêbado, dando um trago no caneco e pedindo ao dono da estalagem que o enchesse de novo. — Não há para onde fugir. Amanhã, tudo aqui adormecerá. Alguns de nós decidiram se refugiar na embriaguez antes que o sono nos acometa.

— O que há para se temer no sono? — perguntou o menor dos anões. — É apenas sono. Todos nós dormimos.

— Veja com seus próprios olhos — disse o bêbado. Inclinou a cabeça para trás e bebeu quanto pôde da caneca. Em seguida, voltou a olhar para eles, sem foco, como se estivesse surpreso por ainda encontrá-los ali. — Vão, vão. Vejam. — Tomou o restante da bebida e apoiou a cabeça na mesa.

Os três foram averiguar.

* * *

— DORMINDO? — PERGUNTOU a rainha. — Expliquem-se. Como assim, dormindo?

O anão subiu na mesa para poder olhá-la nos olhos.

— Dormindo — repetiu. — Às vezes, encolhidos no chão. Às vezes, de pé. Dormem nas oficinas, segurando suas ferramentas ou sentados nos bancos de

ordenhar. Os animais dormem nos campos. Até os pássaros dormem. Estavam nas árvores, ou mortos e destroçados nos campos por terem despencado do céu.

A rainha usava um vestido de casamento, mais branco que a neve. Ao redor dela, atendentes, damas de honra, alfaiates e chapeleiros se reuniam, agitados.

— E por que vocês três não adormeceram também?

O anão deu de ombros. Tinha uma barba castanha que sempre fizera a rainha pensar que havia um porco-espinho furioso preso à parte inferior do rosto dele.

— Anões são criaturas mágicas. Esse sono também é mágico. Confesso que senti sono.

— E então?

Ela era a rainha, e o estava interrogando como se estivessem sozinhos. As atendentes começaram a remover seu vestido, tirando cada peça, dobrando-a e guardando-a para que os últimos laços e fitas pudessem ser afixados, tornando-o perfeito.

O dia seguinte era a data do casamento da rainha. Tudo precisava estar perfeito.

— Quando voltamos à Estalagem do Foxen, estavam todos dormindo, cada um deles. A zona de alcance do encanto está se expandindo algumas léguas todos os dias.

As montanhas que separavam os dois reinos eram impossivelmente altas, mas não extensas. A rainha sabia contar os quilômetros de distância. Passou uma mão branca pelos cabelos pretos como asas de corvo, e tinha uma expressão bastante séria.

— O que acha? — perguntou ao anão. — Se eu fosse até lá. Acha que eu também adormeceria, como os outros?

Ele coçou o traseiro, sem reparar.

— A senhora dormiu por um ano — respondeu. — E então despertou novamente, como se nada tivesse acontecido. Se algum dos grandalhões pode ficar acordado lá, é a senhora.

Do lado de fora, os habitantes da cidade penduravam bandeiras nas ruas e decoravam suas portas e janelas com flores brancas. A prataria fora polida, as crianças foram encaminhadas para banheiras de água morna em meio à birra (ao filho mais velho sempre era reservado o primeiro mergulho, a água mais limpa e quente), e, então, eram esfregadas com panos ásperos até ficarem com os rostos

vermelhos e meio arranhados. Eram depois mergulhadas na água, e as áreas atrás das orelhas também eram lavadas.

— Infelizmente, acho que não haverá casamento amanhã — disse a rainha.

Ela pediu um mapa do reino, identificou os vilarejos mais próximos às montanhas, enviou mensageiros para mandar os habitantes deixarem suas casas e rumarem para a costa se não quiserem incorrer em seu desagrado real.

Chamou o primeiro-ministro e o informou que ele seria o responsável pelo reino durante sua ausência, e deveria se esforçar ao máximo para não perdê-lo nem despedaçá-lo.

Chamou o noivo e disse a ele para não ficar tão contrariado, que os dois ainda se casariam, mesmo ele sendo apenas um príncipe e ela, uma rainha, e o tocou sob o belo queixo e o beijou até fazê-lo sorrir.

Pediu a camisa de malha de aço.

Pediu a espada.

Pediu provisões e pediu seu cavalo, e então galopou para longe do palácio, rumo ao leste.

* * *

PASSOU-SE UM DIA inteiro de viagem antes que ela visse o formato das montanhas que formavam a fronteira do seu reino, fantasmagóricas e distantes como nuvens no céu.

Os anões a esperavam na última estalagem no pé das montanhas. Eles a conduziram às profundezas dos túneis, pois era assim que os anões viajavam. Ela já tinha vivido com eles, quando era pouco mais que uma menina, e não sentia medo.

Os anões não falavam com ela enquanto caminhavam pelas trilhas profundas, a não ser para avisar, em mais de uma ocasião:

— Cuidado com a cabeça.

* * *

— JÁ REPARARAM EM algo curioso? — questionou o mais baixo dos anões.

Os anões tinham nomes, mas aos seres humanos não era permitido aprendê-los, pois tais coisas eram sagradas.

A rainha tinha um nome, mas todos a chamavam apenas de Vossa Majestade. Os nomes são escassos nesta história.

— Reparei em muitas coisas curiosas — disse o mais alto dos anões.

Os três estavam na estalagem do Mestre Foxen.

— Já repararam que, mesmo entre todos os adormecidos, há algo que não dorme?

— Não — disse o anão do meio, coçando a barba. — Cada um deles fica exatamente como o deixamos. Cabeça baixa, cochilando, respirando tão pouco que quase não perturbam as teias de aranha que agora os cobrem…

— As aranhas que tecem essas teias não dormem — disse o anão mais alto.

Era verdade. Dedicadas aranhas tinham estendido suas teias do dedo ao rosto, da barba à mesa. Havia uma modesta teia no profundo decote da garota do caneco. Havia uma teia espessa que manchava de cinza a barba do bêbado. As teias balançavam ao sabor da corrente de ar que entrava pela porta aberta.

— Me pergunto se vão morrer de fome ou se há alguma fonte mágica de energia que confere a eles a capacidade de dormir por muito tempo — falou um dos anões.

— Creio que seja algo assim — disse a rainha. — Se, como diz, o feitiço original foi feito por uma bruxa, setenta anos atrás, e aqueles que lá estão dormem até hoje, como o Barba-Ruiva sob esta colina, então é óbvio não tiveram fome, não envelheceram nem morreram.

Os anões assentiram.

— É muito sábia. Sempre foi muito sábia — disse um deles.

A rainha fez um som de horror e surpresa.

— Aquele homem, ele olhou para mim — falou, apontando.

Era o homem de rosto rechonchudo. Ele se movera lentamente, rasgando as teias, virando o rosto para ficar de frente para ela. Tinha de fato olhado para a rainha, mas não abrira os olhos.

— Há pessoas que se mexem dormindo — disse o menor dos anões.

— Sim. É verdade. Mas não desse jeito. Foi lento demais, prolongado demais, *intencional* demais — explicou a rainha.

— Ou talvez seja apenas sua imaginação — respondeu um dos anões.

O restante das cabeças adormecidas naquele lugar se moveu lentamente, de maneira prolongada, como se tivesse a intenção de se mover. Agora, cada um dos rostos adormecidos estava voltado para a rainha.

— Não foi sua imaginação — confirmou o mesmo anão de barba castanha. — Mas estão apenas olhando para a senhora de olhos fechados. Não é ruim.

Os lábios dos adormecidos se moveram em uníssono. Nenhuma voz, apenas o sussurro da respiração passando por lábios dormentes.

— Por acaso, eles disseram o que penso que disseram? — indagou o anão mais baixo.

— Disseram: “Mamãe. É meu aniversário” — disse a rainha, arrepiando-se.

* * *

NÃO USARAM MONTARIA. Os cavalos pelos quais passavam estavam todos dormindo, de pé nos campos, e não podiam ser despertados.

A rainha caminhava rápido. Os anões andavam duas vezes mais rápido que o normal, para acompanhar o ritmo.

A rainha se flagrou bocejando.

— Incline-se na minha direção — disse o anão mais alto. Ela o fez. O anão a estapeou no rosto. — Melhor ficar acordada — disse, animado.

— Eu apenas bocejei — reclamou a rainha.

— Quanto tempo você acha que falta até o castelo? — perguntou o anão mais baixo à rainha.

— Se me lembro corretamente das lendas e dos mapas, a floresta de Acaire fica a cerca de vinte e três léguas daqui. Três dias de caminhada. Preciso dormir esta noite, não posso caminhar por mais três dias.

— Então, durma. Nós a despertaremos ao nascer do sol.

Naquela noite, ela foi dormir sobre um monte de feno, num campo, com os anões ao seu redor, indagando se ela acordaria para ver outra manhã.

* * *

O CASTELO NA floresta de Acaire era uma coisa cinzenta e maciça, coberto de

roseiras que subiam por suas paredes. Elas caíam no fosso e se prolongavam quase até a altura da torre mais alta. A cada ano, as roseiras cresciam mais: próximo à pedra das paredes do castelo havia apenas ramos secos e mortos, com velhos espinhos afiados como lâminas. À distância de cinco metros, as plantas eram verdes e as rosas floresciam em cachos densos. As rosas trepadeiras, vivas e mortas, eram um esqueleto marrom, salpicado de cor, que tornava a rigidez das formas cinzentas menos precisa.

As árvores da floresta de Acaire eram muito próximas umas das outras, e o chão da mata era escuro. Um século antes, a floresta existia apenas no nome: era um campo de caça, um parque real, lar de cervos e javalis selvagens e incontáveis pássaros. Agora, era um emaranhado denso de plantas, e as antigas trilhas que a cortavam foram esquecidas e cobertas pela vegetação.

* * *

NA TORRE, A menina de cabelo louro dormia.

Todos no castelo dormiam. Cada um deles dormia profundamente, com exceção de uma pessoa.

O cabelo da velha era grisalho, com mechas brancas, e tão ralo que dava para ver o couro cabeludo. Ela caminhava com dificuldade e raiva pelo castelo, apoiada na velha bengala, como se movida apenas pelo ódio, batendo portas, falando sozinha enquanto andava.

— Subindo as malditas escadas e passando pelo maldito cozinheiro, o que pensa que está cozinhando agora, hein, seu molengão, não há nada em suas panelas além de pó e mais pó, e tudo que você faz é roncar.

Ela chegou ao jardim da cozinha, bem-cuidado. A velha colheu rapúncios e rúcula e tirou um grande nabo do chão.

Oitenta anos antes, o palácio tivera quinhentas galinhas; o pombal abrigara centenas de gordas pombas brancas; os coelhos corriam, de rabo claro, pela grama verde da praça dentro dos muros do castelo; e os peixes nadavam no fosso e no lago: carpas, trutas e pargos. Restavam agora apenas três galinhas. Todos os peixes adormecidos foram recolhidos com redes e levados para fora da água. Não havia mais coelhos nem pombos.

Ela matara seu primeiro cavalo sessenta anos atrás, comendo o máximo que

pôde antes de a carne ficar cor de arco-íris e a carcaça começar a feder, coberta de moscas varejeiras e larvas. Agora, só abatia os mamíferos maiores no meio do inverno, quando nada apodrecia e ela podia cortar e secar pedaços congelados do cadáver do animal até o degelo da primavera.

A velha passou por uma mãe adormecida com um bebê cochilando ao peito. Espanou o pó deles, sem pensar no que fazia, verificando se a boca dormente do bebê permanecia presa ao mamilo.

Comeu em silêncio sua refeição de nabos e verduras.

* * *

ERA A PRIMEIRA grande cidade à qual chegavam. Os portões eram altos, grossos e impenetráveis, mas estavam escancarados.

Os três anões preferiam contornar as cidades, pois não se sentiam à vontade dentro delas, desconfiando das casas e das ruas por não serem naturais, mas todos seguiram sua rainha.

Uma vez na cidade, a grande quantidade de pessoas os deixou incomodados. Havia cavaleiros adormecidos sobre cavalos dormentes; cocheiros adormecidos em carruagens paradas dentro das quais os passageiros cochilavam; crianças dormentes agarradas às bolas, aos aros e aos barbantes de seus peões; floristas dormindo diante de suas bancadas de flores marrons, secas e apodrecidas; até peixeiros adormecidos ao lado de lajes de mármore. As lajes estavam cobertas com restos de peixes fedorentos, cheios de larvas. O movimento retorcido das larvas foi o único movimento e ruído que a rainha e os anões encontraram.

— Não deveríamos estar aqui — resmungou o anão de barba castanha e espevitada.

— Essa é a rota mais curta — disse a rainha. — E também nos leva à ponte. Os outros caminhos nos levariam a cruzar o rio em algum ponto raso.

O temperamento da rainha era sereno. Ela dormia à noite e acordava de manhã; a doença do sono não a tocara.

O remexer das larvas e, de tempos em tempos, os leves roncos e movimentos dos adormecidos eram tudo que eles ouviam conforme abriam caminho pela cidade. E, então, uma criança pequena, dormindo num degrau, disse em alto e bom som:

— Estão tecendo alguma coisa? Posso ver?

— Ouviram isso? — perguntou a rainha.

O mais alto dos anões falou:

— Vejam! Os adormecidos estão andando!

Ele estava enganado. Não estavam andando.

No entanto, os adormecidos estavam de pé. Devagar, punham-se de pé e davam passos hesitantes, estranhos, dormentes. Eram sonâmbulos, deixando atrás de si um rastro de teias de aranha parecidas com gaze. Teias eram constantemente tecidas.

— Quantas pessoas vivem numa cidade? Humanos, quero dizer — perguntou o menor dos anões.

— Depende — disse a rainha. — Em nosso reino, não devem ser mais de vinte, talvez trinta mil habitantes. Esta parece ser maior que as nossas cidades. Eu diria cinquenta mil pessoas. Ou mais. Por quê?

— Porque parece que todas estão vindo atrás de nós.

Pessoas adormecidas são lentas. Tropeçam, perdem o equilíbrio, caminham feito crianças atravessando rios de unguento, como velhos cujos pés ficam presos na lama espessa e molhada.

Os adormecidos avançaram na direção dos anões e da rainha. Para os anões não era difícil correr mais rápido que eles, assim como a rainha não tinha dificuldade em avançar mais velozmente. Porém, ainda assim, eram muitos. Cada rua que passavam estava cheia de adormecidos envoltos em teias, com os olhos fechados ou os olhos abertos e voltados para cima, mostrando apenas o branco, todos avançando a passos pesados e sonolentos.

A rainha se virou e correu por um beco. Os anões correram atrás dela.

— Não há honra nisso — disse um anão. — Devemos ficar e lutar.

— Não há honra em combater um oponente que nem mesmo sabe que estamos aqui — falou a rainha, ofegante. — Não há honra em lutar com alguém que sonha com pescarias, com jardins ou com amantes mortos há muito.

— O que fariam se nos apanhassem? — indagou o anão ao lado dela.

— Quer descobrir? — perguntou a rainha.

— Não — reconheceu o anão.

Correram, correram e correram, e não pararam de correr até terem deixado a cidade pelos portões mais afastados, cruzando a ponte que ligava as margens do

rio.

* * *

A VELHA JÁ não ia na torre mais alta havia doze anos. Era uma subida trabalhosa, e cada passo parecia cobrar um preço de seus joelhos e quadris. Subiu pela escadaria de pedra em espiral, e cada pequeno degrau era vencido com agonia. Não havia corrimão, nada que pudesse facilitar o trabalho. Às vezes, ela se apoiava na bengala para recuperar o fôlego, e então continuava.

Também usava a bengala contra as teias de aranha: teias densas que pendiam de toda parte e cobriam as escadas, e a velha as desfazia agitando a bengala, rasgando as teias e fazendo as aranhas debandarem para as paredes.

A subida era longa e árdua, mas finalmente ela chegou ao cômodo no alto da torre.

Não havia nada naquele quarto circular além de uma roca e um banquinho ao lado da estreita janela e uma cama no centro. A cama era opulenta: tecidos carmesins e dourados eram visíveis sob o véu empoeirado que a cobria e protegia do mundo sua ocupante adormecida.

A roca jazia no chão, ao lado do banco, onde caíra quase oitenta anos antes.

A velha empurrou o véu com a bengala, e o pó encheu o ar. Olhou para a mulher adormecida na cama.

O cabelo da menina era do amarelo dourado visto nas flores do campo. Os lábios eram da cor das rosas que subiam pelos muros do castelo. Fazia muito tempo que não via a luz do sol, mas sua pele era tenra, sem apresentar palidez nem fraqueza de saúde.

O peito se erguia e baixava, quase imperceptivelmente, na penumbra.

A velha se abaixou e apanhou a roca. Falou, em voz alta:

— Se eu atravessasse seu coração com esta agulha, não seria mais tão bela, não é? Hein? É ou não é?

Caminhou na direção da adormecida, que trajava um vestido branco empoeirado. Então, abaixou a mão.

— Não, não posso fazer isso. Como eu queria que os deuses me ajudassem a fazê-lo!

Todos os seus sentidos estavam enfraquecendo com a idade, mas ela pensou

ter ouvido vozes vindo da floresta. Havia muitas décadas que ela os via chegar, os príncipes e heróis, e perecer, empalados nos espinhos da roseira, mas fazia um bom tempo desde a última vez que alguém, fosse herói ou não, conseguira chegar até o castelo.

— Hum — disse ela em voz alta, mas quem poderia ouvi-la? — Mesmo que venham, vão morrer aos gritos nos espinhos pulsantes. Não há nada que possam fazer, nem eles nem ninguém. Absolutamente nada.

* * *

UM LENHADOR, ADORMECIDO ao lado do tronco de uma árvore derrubada meio século antes, e agora arqueada, abriu a boca enquanto a rainha e os anões passavam e disse:

— Minha nossa! Deve ter sido um presente de dia de batismo muito incomum!

Três bandidos dormiam com os membros tortos no meio do que restava da trilha, como se o sono os tivesse atingido enquanto se escondiam numa árvore, fazendo-os despencar no chão abaixo, sem acordar. Quando passaram por eles, os ladrões disseram em uníssono, sem despertar:

— Vai me trazer rosas?

Um deles, um homem imenso, gordo como um urso no outono, agarrou o tornozelo da rainha quando ela se aproximou. O menor dos anões nem hesitou: cortou fora a mão usando o machado curto, e a rainha abriu os dedos do homem, um por um, até a mão cair nas folhas decompostas no chão.

— Traga-me rosas — disseram os três bandidos enquanto dormiam, com uma só voz, enquanto o sangue jorrava sem parar no chão saindo do punho cortado do homem gordo. — Ficaria tão feliz se me trouxesse rosas.

* * *

SENTIRAM O CASTELO muito antes de o verem: sentiram como uma onda de sono que os afastava. Se caminhassem na direção dele, a cabeça ficava enevoada, a consciência se partia, seus espíritos caíam, os pensamentos nublavam. No

momento em que se voltavam para a direção oposta, despertavam para o mundo, sentiam-se mais espertos, mais sãos, mais sábios.

A rainha e os anões avançaram cada vez mais fundo na neblina mental.

Às vezes, um anão bocejava e tropeçava. Toda vez, os demais anões o pegavam pelos braços e o faziam seguir em frente, com esforço, falando com ele até sua consciência retornar.

A rainha ficava acordada, embora soubesse que a floresta estivesse cheia de pessoas que não poderiam estar ali. Caminhavam ao seu lado pela trilha. Às vezes, falavam com ela.

— Vamos agora debater como a diplomacia é afetada pelas questões da filosofia natural — disse o pai dela.

— Minhas irmãs governaram o mundo — falou a madrasta, arrastando os sapatos de ferro pela trilha da floresta. Eles tinham um monótono brilho laranja, mas nenhuma das folhas secas queimava quando tocadas pelos sapatos. — Os mortais se levantaram contra nós e nos renegaram. E por isso esperamos, nas frestas, em lugares onde não podem nos ver. E agora eles me adoram. Até você, minha enteada. Até você me adora.

— Você é tão bonita — disse a mãe, que morrera havia muito tempo. — Como uma rosa carmesim caída na neve.

Às vezes, os lobos corriam ao lado deles, batendo a poeira e as folhas do chão da floresta, embora a passagem dos lobos não perturbasse as imensas teias que pendiam como véus pela trilha. Além disso, eventualmente os lobos corriam entre os troncos das árvores e se perdiam na escuridão.

A rainha gostava dos lobos, e ficou triste quando um dos anões começou a gritar, dizendo que as aranhas eram maiores que porcos, e os lobos sumiram da cabeça dela e do mundo. (Não era verdade. Eram apenas aranhas de tamanho comum, acostumadas a tecer suas teias sem serem perturbadas pelo tempo e pelos viajantes.)

* * *

A PONTE LEVADIÇA que cruzava o fosso estava abaixada, e eles a atravessaram, embora tudo desse a impressão de os estar afastando dali. Entretanto, não puderam entrar no castelo: grossos espinhos bloqueavam o portão, além de

novos ramos cobertos de rosas.

A rainha viu os restos de homens nos espinhos: esqueletos de armadura e esqueletos sem armadura. Alguns dos esqueletos tinham chegado alto na lateral do castelo, e a rainha se perguntou se teriam escalado, buscando uma entrada e morrido ali, ou se morreram no chão e tinham sido carregados para cima conforme a roseira crescia.

Não foi possível chegar a uma conclusão. As duas alternativas eram plausíveis.

E, então, seu mundo se tornou quente e confortável, e ela teve a certeza de que fechar os olhos por uns poucos momentos não faria mal. Quem se importaria?

— Socorro — pediu a rainha.

O anão de barba castanha puxou um espinho da roseira mais perto de si e, com ele, espetou com força o polegar dela, tirando-o em seguida. Uma gota de sangue escuro pingou nas pedras da entrada.

— Ai! — exclamou a rainha. — Obrigada!

Olharam para a densa barreira de espinhos, os anões e a rainha. Ela estendeu a mão, apanhou uma rosa do galho mais próximo, e a prendeu no cabelo.

— Podemos cavar um túnel e entrar. Passar sob o fosso e subir pelos alicerces. Só vai levar uns dois dias — sugeriram os anões.

A rainha pensou. Seu polegar doía, e a dor a deixava satisfeita.

— Isto começou aqui há cerca de oitenta anos. Teve início bem devagar. Só se espalhou recentemente. E está se espalhando cada vez mais rápido. Não sabemos se os adormecidos podem ser despertados. Não sabemos de nada, e talvez não tenhamos dois dias.

Ela olhou para o denso emaranhado de espinhos, vivos e mortos, décadas de plantas secas e mortas, com os espinhos tão afiados na morte quanto jamais tinham sido quando vivos. Caminhou ao longo da muralha até chegar a um esqueleto, e puxou o tecido podre de seus ombros, tateando-o enquanto o fazia. Sim, estava seco. Serviria como bom ateador.

— Quem está com a pederneira? — perguntou ela.

* * *

Os VELHOS ESPINHOS arderam num fogo rápido e quente. Em quinze minutos, labaredas laranjas serpenteavam rumo ao céu: por um momento, pareceram engolir a construção, e então desapareceram, deixando apenas a pedra enegrecida. Os espinhos restantes, aqueles fortes o suficiente para suportar o calor, foram facilmente cortados pela espada da rainha, levados para longe e jogados no fosso.

Os quatro viajantes entraram no castelo.

A velha olhou pela janela estreita na direção das chamas abaixo. A fumaça entrou pela janela, mas a torre mais alta estava fora do alcance das rosas e do fogo. Sabia que o castelo estava sob ataque, e teria se escondido no quarto da torre se tivesse onde se esconder, se a adormecida não estivesse na cama.

Ela praguejou e começou a descer com dificuldade os degraus, um de cada vez. Queria ir até as fortificações, onde poderia chegar ao lado mais distante da construção, aos porões. Poderia se esconder ali. Conhecia o lugar melhor do que ninguém. Era lenta, mas astuta, e sabia esperar. Isso ela sabia fazer.

Ouviu as vozes subindo pela escada.

— Por aqui!

— Aqui em cima!

— É pior assim. Vamos! Rápido!

Então ela deu meia-volta e se esforçou para subir às pressas, mas as pernas não se moviam na mesma rapidez de antes. Foi alcançada quando chegava ao alto da escada, três homens que batiam na altura dos quadris dela, seguidos de perto por uma jovem usando roupas sujas de viagem, com o cabelo mais preto que a velha já vira.

— Peguem-na — ordenou a jovem, num tom imperativo casual.

Os homenzinhos tomaram a bengala dela.

— A velha é mais forte do que parece — disse um deles, com a cabeça ainda zumbindo por causa da pancada que recebera da bengala antes de tomá-la.

Eles a trouxeram de volta ao cômodo circular da torre.

— E o fogo? — disse a idosa, que há décadas não falava com alguém que pudesse responder. — Morreu alguém no fogo? Viram o rei ou a rainha?

A jovem deu de ombros.

— Acho que não. Os adormecidos por quem passamos estavam todos do lado de dentro, e as paredes são grossas. Quem é você?

Nomes. Nomes. A velha estreitou os olhos, então balançou a cabeça. Ela era ela mesma, e o nome que recebera ao nascer tinha sido devorado pelo tempo e pela falta de uso.

— Onde está a princesa?

A velha apenas a encarou.

— E por que você está acordada?

Ela nada disse. Falaram com urgência entre si, os homenzinhos e a rainha.

— É uma bruxa? Há algo de mágico a respeito dela, mas não creio que seja obra da própria.

— Fiquem de olho nela — disse a rainha. — Se for uma bruxa, aquela bengala pode ser importante. Não a deixem recuperá-la.

— É a minha bengala — disse a velha. — Acho que pertencia ao meu pai. Mas ele não vai mais usá-la.

A rainha a ignorou. Caminhou até a cama, abriu o véu de seda. O rosto da adormecida os encarava, inexpressivo.

— Então foi aqui que começou — disse um dos homenzinhos.

— No aniversário dela — disse outro.

— Bem, alguém precisa fazer as honras — completou o terceiro.

— Deixem isso comigo — disse a rainha, doce.

Abaixou o rosto até a altura da mulher. Tocou os lábios rosados dela com seus próprios lábios carmesim, beijando a adormecida longamente.

* * *

— FUNCIONOU? — PERGUNTOU um anão.

— Não sei. Mas me compadeço dela, pobrezinha. Desperdiçando a vida dormindo — disse a rainha.

— Você dormiu um ano por causa do mesmo feitiço do sono — falou o anão. — Não morreu de fome. Não apodreceu.

O corpo na cama se agitou, como se estivesse em um pesadelo do qual lutava para despertar.

A rainha a ignorou. Ela reparara em algo no chão ao lado da cama. Abaixou-se e apanhou o objeto.

— Vejam só. Isto sim tem cheiro de magia — apontou ela.

— A magia está em tudo aqui — concordou o anão menor.

— Não, *isto* aqui — disse a rainha. Mostrou a ele a roca de madeira, com a metade inferior envolta em linha. — *Isto* tem cheiro de magia.

— Foi aqui, neste quarto — disse a velha, de repente. — Eu era apenas uma garota. Nunca tinha ido tão longe antes, mas subi todos os degraus, e subi e subi a espiral até chegar ao quarto mais alto. Vi aquela cama, a mesma que estão vendo, embora não tivesse ninguém nela. Havia apenas uma velha, sentada no banco, transformando a lã em linha com sua roca. Nunca tinha visto uma roca antes. Ela perguntou se eu gostaria de usá-la um pouco. Tomou a lã em sua mão e me deu a roca para que segurasse. E então, pressionou meu polegar contra a ponta da agulha até o sangue correr, e tocou as gotas de sangue com o fio de linha. E depois ela disse…

Uma voz a interrompeu. Era uma voz jovem, uma voz de menina, mas ainda densa por causa do sono.

— Eu disse: “Agora tiro de você seu sono, menina, assim como tiro de você a capacidade de me fazer mal no sono, pois alguém precisa ficar acordado enquanto durmo. Sua família, seus amigos, seu mundo, tudo vai dormir também.” E, assim, me deitei na cama, e dormi, e eles dormiram, e enquanto cada um deles dormia, roubei um pouco da vida deles, um pouco dos seus sonhos, e enquanto dormia eu recuperava minha juventude, minha beleza e meu poder. Dormi e me fortaleci. Desfiz os estragos do tempo e construí para mim um mundo de escravos adormecidos.

Estava sentada na cama. Parecia tão bonita e tão, tão jovem.

A rainha olhou para a menina, e viu aquilo que estava procurando: o mesmo olhar que vira na expressão da madrasta, e soube que tipo de criatura era aquela menina.

— Fomos levados a crer que, quando você despertasse, o restante do mundo despertaria também — disse o anão mais alto.

— E por que acreditariam em algo do tipo? — indagou a menina de cabelos dourados, com jeito inocente de criança (mas os olhos dela, ah! Seus olhos eram muito velhos). — Gosto deles adormecidos. São mais… *solícitos*. — Ela fez uma pausa, e sorriu em seguida. — Mesmo agora, estão vindo atrás de vocês. Eu os chamei aqui.

— É uma torre alta — disse a rainha. — E os adormecidos não se movem

depressa. Ainda temos algum tempo para conversar, Vossa Escuridão.

— Quem é você? Por que conversaríamos? Como sabe se dirigir a mim dessa maneira? — A menina desceu da cama e se espreguiçou com deleite, estendendo cada dedo antes de corrê-los pelo cabelo dourado. Sorriu, e foi como se o sol brilhasse naquele quarto escuro. — Os pequeninos vão ficar onde estão agora. Não gosto deles. E você, menina. Vai dormir também.

— Não — disse a rainha.

Ela ergueu a roca. A linha que a envolvia estava preta pela passagem do tempo.

Os anões pararam onde estavam, se inclinaram e fecharam os olhos.

A rainha disse:

— É sempre assim com o seu tipo. Precisam da juventude e precisam da beleza. Já esgotou ambas há muito tempo, e agora encontra maneiras cada vez mais complexas de obtê-las. E sempre deseja poder.

Estavam de frente uma para a outra agora, e a menina de cabelos dourados parecia muito mais jovem que a rainha.

— Por que simplesmente não dorme? — questionou a menina, e sorriu sem malícia, exatamente como sorria a madrasta da rainha quando queria algo.

Ouviu-se um barulho nas escadas, atrás deles, ao longe.

— Dormi durante um ano em um caixão de vidro. E a mulher que me colocou lá era muito mais poderosa e perigosa do que você jamais será.

— Mais poderosa do que eu? — A garota parecia se divertir. — Tenho um milhão de adormecidos sob meu controle. A cada instante do meu sono, tornei-me mais poderosa, e o círculo de sonhos cresce mais e mais rápido a cada dia que passa. Tenho minha juventude… Tanta juventude! Tenho minha beleza. Nenhuma arma pode me ferir. Não há ninguém vivo mais poderoso do que eu.

Ela parou e olhou para a rainha.

— Você não é do nosso sangue — disse ela. — Mas tem parte das habilidades. — Ela sorriu, o sorriso de uma menina inocente que foi despertada em uma manhã de primavera. — Governar o mundo não vai ser fácil. Nem manter a ordem entre aquelas da Irmandade que tiverem sobrevivido até essa época tão degenerada. Vou precisar de alguém que seja meus olhos e ouvidos, que faça a justiça, que cuide das coisas quando eu estiver envolvida com outros assuntos. Ficarei no centro da teia. Você não governará comigo, mas ainda

governará se estiver subordinada a mim, e não será um pequeno reino, mas continentes.

Ela estendeu a mão e fez uma carícia na pele clara da rainha, que, na fraca luz daquele cômodo, parecia tão branca quanto a neve.

A rainha nada disse.

— Me amar. Todos vão me amar, e você, que me despertou, é quem deve me amar mais do que qualquer outra pessoa — afirmou a menina.

A rainha sentiu algo se agitando em seu coração. Lembrou-se então da madrasta. A madrasta gostava de ser adorada. Aprender a ser forte, a sentir as próprias emoções e não as dos demais, fora difícil; porém, depois de aprender o truque, era impossível esquecer. E ela não desejava governar continentes.

A garota sorriu para ela com olhos da cor do céu da manhã.

A rainha não sorriu. Estendeu a mão ao dizer:

— Tome. Isto não é meu.

Ela entregou a roca à velha ao seu lado. A velha ergueu o objeto, pensativa. Começou a desenrolar a linha com os dedos cheios de artrite.

— Essa é a minha vida — falou ela. — Essa linha é a minha vida…

— *Era* a sua vida. Você a deu a mim — corrigiu a menina, irritada. — E já durou tempo demais.

A ponta da agulha ainda era afiada depois de tantas décadas.

A velha, que um dia fora uma princesa, segurou a linha com força nas mãos, e empurrou a ponta da agulha contra o peito da menina de cabelos dourados.

A menina olhou para baixo e viu um fio de sangue vermelho escorrer do peito, tingindo de carmesim o vestido branco.

— Nenhuma arma pode me ferir — disse ela, e a voz da menina era petulante. — Não mais. Veja. Foi apenas um arranhão.

— Não é uma arma — falou a rainha, que compreendia o que havia acontecido. — É a sua própria magia. E um arranhão era tudo de que precisávamos.

O sangue da menina encharcou a linha que antes estivera envolta na roca, a linha que levava da roca à lã crua na mão da velha.

A menina olhou para o sangue que manchava o vestido, olhou para o sangue no fio e, confusa, disse apenas:

— Foi apenas um pequeno furo na pele, nada mais.

O barulho nas escadas ficava cada vez mais alto. Passos lentos, misturados e irregulares, como se uma centena de adormecidos subisse de olhos fechados pela escada de pedra em espiral.

O quarto era pequeno e não havia onde se esconder, e a janela do cômodo era uma estreita fenda nas pedras.

A velha, que não dormia havia muitas décadas, que um dia fora uma princesa, disse:

— Você me tomou os sonhos. Tomou meu sono. Agora já chega.

Era uma mulher muito velha: os dedos eram enrugados como as raízes de um espinheiro. O nariz era comprido, e as pálpebras, caídas, mas, naquele momento, havia na expressão dela algo que lembrava o olhar de uma pessoa jovem.

Ela oscilou, e então pareceu perder o equilíbrio, e teria caído no chão se a rainha não a tivesse apanhado primeiro.

A rainha carregou a velha até a cama, impressionada com quanto ela era leve, e a colocou na colcha vermelha. O peito da idosa se ergueu e abaixou.

O barulho nas escadas estava mais alto. Então, um silêncio, seguido subitamente por um burburinho, como uma centena de pessoas falando ao mesmo tempo, todas surpresas e bravas e confusas.

— Mas… — murmurou a linda menina, e agora não havia mais nada de belo ou feminino a respeito dela.

O rosto tombou e se tornou menos definido. Estendeu a mão na direção do anão menor e sacou o machado curto do cinto dele. Ela se atrapalhou com o machado, ergueu-o de maneira ameaçadora, com mãos enrugadas e gastas.

A rainha sacou sua espada (o fio da lâmina estava danificado e marcado pelos espinhos), mas, em vez de golpear, deu um passo para trás.

— Ouça! Estão acordando — disse ela. — Estão todos acordando. Conte-me mais uma vez a respeito da juventude que lhes roubou. Conte-me novamente da sua beleza e do seu poder. Conte-me de novo quanto era astuta, Vossa Escuridão.

Quando as pessoas chegaram ao quarto, viram uma velha adormecida na cama e viram a rainha, de pé, e ao lado dela os anões, que balançavam as cabeças ou as coçavam.

Viram também algo mais no chão: um punhado de ossos, um emaranhado de cabelos tão brancos quanto teias de aranha recém-tecidas e, por cima de tudo, uma poeira oleosa.

— Tomem conta dela — disse a rainha, apontando com a roca de madeira escura para a mulher na cama. — Ela salvou a vida de vocês.

Então, foi embora com os anões. Nenhuma das pessoas naquele quarto ou nos degraus ousou detê-los, sem entender o que havia acontecido.

* * *

A CERCA DE uma légua e meia do castelo, em uma clareira da floresta de Acaire, a rainha e os anões acenderam uma fogueira com gravetos secos e nela queimaram o fio e o tecido. O menor dos anões transformou a roca em fragmentos de madeira preta com o machado, e também queimaram esses pedaços. Eles soltaram uma fumaça irritante ao arderem, fazendo a rainha tossir, e o odor de magia ancestral pesou no ar.

Depois, enterraram os fragmentos carbonizados sob uma sorveira.

Já à noite, eles estavam nos arredores da mata e tinham chegado a uma trilha limpa. Era possível ver o vilarejo do outro lado da colina, a fumaça subindo das chaminés das casas.

— Então, se rumarmos para o oeste, podemos chegar às montanhas até o final da semana, e a senhora estará de volta ao palácio em Kanselaire em até dez dias — disse o anão de barba.

— Sim — concordou a rainha.

— E o seu casamento terá atrasado, mas vai ocorrer pouco depois da sua volta, e o povo vai celebrar, e haverá alegria irrestrita pelo reino.

— Sim — aquiesceu novamente a rainha.

Ela não falou mais, e se sentou no musgo sob um carvalho e provou a quietude, uma batida do coração de cada vez.

Há escolhas, pensou ela, depois de passar tempo o bastante sentada. *Sempre há escolhas.*

Ela fez sua escolha.

A rainha começou a andar, e os anões a seguiram.

— A senhora *sabe* que estamos indo para o leste, não é? — perguntou um dos anões.

— Ah, sim — respondeu a rainha.

— Então, tudo bem — disse o anão.

Caminharam para o leste, os quatro, afastando-se do pôr do sol e das terras que conheciam, em direção à noite.

Obra de bruxa

A bruxa era velha como o pé de lichia
Em uma casa cercada por cem relógios vivia
Vendia tempestades e tristezas e acalmava o mar
E sua vida em uma caixa mantinha.

A árvore era de todas a mais velha que lembro
O tronco fluía como um líquido. Era idade que pingava.
Mas seus frutos manchavam o verde em setembro
Escarlates como prostitutas, vermelhos como minha raiva.

Os relógios sussurravam o tempo que apanhavam
A contar e girar, soar e mastigar naquelas
    engrenagens
Ela os alimentava com minutos. Os mais velhos comiam anos.
Ela os temia e os amava, sua ninhada de relógios silvestres.

Vendeu-me uma tempestade quando era forte minha raiva
E meu ódio encheu o mundo de vulcões e gargalhadas
Observei os raios e o vento e sua canção que soprava
E minha loucura foi engolida pelo que aconteceu em seguida.

Ela me vendeu três tristezas envoltas em um trapo.
A primeira dei ao filho do meu inimigo.
A segunda, minha esposa transformou em caldo.
A terceira não foi usada, pois nos reconciliamos.

Ela vendia mares calmos às mulheres dos marujos
Atava os ventos com cordões de seda para que as tormentas ficassem ali detidas.

As mulheres em seus lares viveram muito mais felizes
Até os maridos voltarem, e testarem sua paciência.

A bruxa ocultou sua vida em uma caixa feita de barro,
Grande como um punho e sombria como um coração
Não havia ali nada além de tempo e silêncio e dor
Enquanto a bruxa observava as ondas com a sua dor e a sua arte.

(Mas ele nunca voltou. Ele nunca voltou…)

A bruxa era velha como o pé de lichia
Em uma casa cercada por cem relógios vivia
Vendia tempestades e tristezas e acalmava o mar
E sua vida em uma caixa mantinha.

Em *Relig Odhráin*

Quando São Columba desembarcou na ilha de Iona
Seu amigo Oran estava com ele
Embora alguns digam que São Oran aguardou
Nas sombras da ilha, esperando o desembarque do santo,
Acredito que vieram juntos, vieram da Irlanda, eram como irmãos
Assim eram o louro e corajoso Columba e o homem moreno que chamaram de Oran.

Ele era *odrán*, como a lontra, era o outro. Havia outros
E eles desembarcaram em Iona e disseram: “Vamos construir uma capela.”
Foi o que os santos fizeram ao desembarcar (*Oran*: sacerdote do sol ou fogo
Ou de *odhra*, que significa cabelo escuro). Mas a capela sempre desabava.
E Columba recebeu a resposta em um sonho ou uma revelação,
Dizendo que a construção precisava de Oran, precisava da morte nos alicerces.

Outros dizem que foi uma questão de doutrina, e os santos Oran e Columba
Estavam discutindo, como adoram fazer os irlandeses, a respeito do Paraíso,
Como a verdade foi há muito esquecida, resta-nos apenas suas ações
(Por suas ações os conhecereis): São Columba enterrou Oran
Ainda vivo, com terra ao seu redor, enterrado fundo, com terra sobre si.

Três dias depois eles voltaram aqui, monges atarracados com ferramentas e picaretas
E cavaram até São Oran, para que Columba o pudesse abraçar
Tocar seu rosto e se despedir. Morto há três dias. Eles afastaram a lama
Quando os olhos de São Oran piscaram e se abriram. Oran sorriu para São Columba.
Havia morrido, mas agora ressuscitava, e disse as palavras que os mortos

conhecem,
Em uma voz como o vento e a água.

Ele disse: “O Paraíso não está esperando pelos bons, puros e gentis
Não há castigo eterno, não há Inferno para os ímpios
E Deus não é como imaginamos…”
São Columba gritou: “Silêncio!”
E, para salvar os monges do erro, jogou pás de lama em São Oran
E o enterraram para sempre. E chamaram o lugar de São Oran.
No pátio desta igreja, reis da Escócia, reis da Noruega, todos foram enterrados
Na ilha de Iona.

Alguns dizem que foi um sacerdote druida da luz do sol que foi enterrado
Na terra da boa Iona apenas para segurar os alicerces da igreja,
Mas, para mim, isso é demasiadamente simples, e difama São Columba
(que gritou: “Terra! Joguem terra em Oran, detenham sua boca com lama nesse
instante,
Ou ele nos trará a perdição!”). Imaginam um assassinato
No qual um santo enterrou o outro vivo sob aquela santa capela.

Embora o nome de São Oran sobreviva,
Herege martirizado, seus ossos ainda mantêm unidas as pedras da capela,
E nos juntamos a eles, reis e príncipes, neste cemitério, nesta capela,
Pois é o nome de Oran que trazem. Ele é querido na sua danação
Pelas simples palavras que proferiu. Não há Inferno para afligir os pecadores.
Não há Paraíso para os abençoados. Deus não é como imaginamos.

E talvez ele seguisse pregando, pois morrera e ressuscitara,
Até ser silenciado, esmagado ou abafado pelo chão de Iona.
São Columba também foi enterrado na ilha de Iona
Décadas mais tarde. Mas exumaram seu corpo e o levaram
A Downpatrick, onde jaz enterrado com São Patrício e Santa Brígida.
Assim, o único santo na ilha de Iona é Oran.

Não procure naquele cemitério os reis de outrora, os poderosos,
Nem os arcebispos e suas riquezas. Eles são protegidos por Santo Oran,
Que vai se erguer do túmulo como a escuridão, como uma lontra,
Pois não vê mais o sol. Ele vai tocá-lo,
Vai sentir o seu gosto, vai deixar as suas palavras dentro de você.
(Deus não é como imaginamos. Nem o Inferno, nem o Paraíso.)

Então você vai deixá-lo e seu cemitério, e esquecer o terror da sombra,
Ao esfregar o pescoço, lembre-se apenas disso: ele morreu para nos salvar.
E São Columba o matou na ilha de Iona.

Cão negro

Dez línguas numa só cabeça a esperar
O pão uma delas foi buscar,
Para os vivos e os mortos alimentar.
CHARADA ANTIGA

I

No balcão do bar

DO LADO DE fora do pub chovia à beça.

Shadow ainda não estava plenamente convencido de que estava num pub. É verdade, havia um pequeno bar no fundo do salão, com garrafas na parte de trás e algumas daquelas imensas chopeiras com torneiras e alavancas, e havia várias mesas altas e pessoas bebendo, mas a sensação era como se fosse uma sala na casa de alguém. Os cães ajudavam a reforçar essa impressão. Shadow teve a sensação de que todos no pub estavam acompanhados de um cachorro, exceto ele.

— Que tipo de cachorros são? — perguntou, curioso.

Pareciam galgos para Shadow, porém menores e mais sãos, mais plácidos e menos agitados que os galgos que vira ao longo dos anos.

— São um cruzamento — disse o dono do pub, saindo de trás do balcão. Estava carregando um caneco de cerveja que tinha servido para si. — Os melhores cães. Cachorros de caçador. Rápidos, espertos, letais.

Ele se inclinou, fez um afago atrás das orelhas de um cachorro branco malhado de castanho. O animal se espreguiçou e se deleitou com o carinho nas orelhas. Não parecia ser particularmente letal, e Shadow fez este comentário.

O proprietário, cujo cabelo era uma bagunça grisalha e laranja, coçou a barba enquanto refletia.

— É aí que você se engana — respondeu. — Caminhei com o irmão deste aqui, semana passada, por Cumpsy Lane. Uma raposa lá, uma grande *reynard* ruiva, passou a cabeça pela cerca viva, não mais que vinte metros à nossa frente, e então, a olhos vistos, entrou saltitando na pista. Bem, Needles a viu e saiu correndo desesperado atrás dela. Em seguida, ele já estava com os dentes no pescoço da raposa, e basta uma mordida, uma sacudida com força, e acabou-se.

Shadow inspecionou Needles, um cachorro cinzento que dormia ao lado da lareira. Também parecia inofensivo.

— Que tipo de raça é a desse cruzamento? Um cruzamento de ingleses, não?

— Não chega a ser uma raça — disse uma mulher de cabelo branco sem cachorro que se apoiava numa mesa próxima. — São uma mistura de raças para aumentar a velocidade e a resistência. Lebréu, galgo-inglês, collie.

O homem ao lado dela ergueu um dedo e comentou, animado:

— É preciso entender que havia leis determinando quem podia ter cães puro-sangue. Os moradores locais não tinham essa autorização, mas podiam ter vira-latas. E os mestiços desse tipo são melhores e mais rápidos do que os cães com pedigree.

Empurrou os óculos no nariz com a ponta do indicador. Ele usava costeletas e tinha o cabelo ruivo salpicado de branco.

— Se quer minha opinião, qualquer vira-lata é melhor que um animal com pedigree — disse a mulher. — É por isso que os Estados Unidos são um país tão interessante. Cheio de vira-latas.

Shadow não sabia dizer ao certo a idade da mulher. O cabelo era branco, mas ela parecia mais jovem que seu cabelo.

— Na verdade, querida, creio que vai descobrir que os americanos são mais interessados em cachorros de raça do que os britânicos — disse o homem de costeletas, com a voz doce. — Conheci uma mulher do Clube de Canis Americanos e, para ser sincero, ela me assustou. Fiquei impressionado.

— Não estava falando de cachorros, Ollie. Estava falando de… Ora, deixa para lá — respondeu a mulher.

— O que está bebendo? — perguntou o proprietário.

Havia um papel escrito à mão afixado à parede do bar dizendo aos fregueses para não pedirem uma *lager* “pois um soco na cara costuma ofender”.

— O que há de bom entre as bebidas locais? — perguntou Shadow, que sabia

ser esta a coisa mais sábia a se dizer.

O dono e a mulher tinham várias sugestões de cervejas e sidras locais que consideravam boas. O homenzinho de costeletas os interrompeu para destacar que, na opinião dele, ser *bom* não significava evitar o mal, e sim algo mais positivo: tornar o mundo um lugar melhor. Então ele riu, para mostrar que estava apenas brincando e sabia que a conversa era apenas a respeito do que beber.

A cerveja que o senhorio serviu a Shadow era escura e muito amarga. Ele não sabia se tinha gostado.

— Qual é essa?

— Chama-se Cão Negro — respondeu a mulher. — Ouvi dizer que o nome tem a ver com a sensação que temos depois de tomar umas a mais.

— Como os temperamentos de Churchill — disse o homenzinho.

— Na verdade, o nome da cerveja tem a ver com um cachorro da região — falou uma mulher mais nova. Ela usava uma blusa verde-oliva e estava de pé, apoiada na parede. — Mas um cachorro semi-imaginário, não um real.

Shadow olhou para Needles e hesitou.

— Posso fazer carinho na cabeça dele? — perguntou, lembrando o destino da raposa.

— É claro que sim — disse a mulher de cabelos brancos. — Ele adora. Quem não gosta?

— Bem. Ele quase arrancou o dedo daquele chato de Glossop — informou o proprietário.

Havia em sua voz um misto de admiração e alerta.

— Acho que aquele homem tinha um cargo no governo local. E nunca vi problema num cachorro morder um *deles*. Ou um inspetor da receita — justificou a mulher.

A mulher de blusa verde se aproximou de Shadow. Não estava bebendo. Tinha cabelo escuro e curto, e uma safra de sardas distribuídas pelo nariz e pelas bochechas. Olhou para Shadow.

— Você não trabalha para o governo, não é?

— Sou uma espécie de turista — respondeu ele, negando com um gesto de cabeça.

Não era mentira. De qualquer modo, estava viajando.

— É canadense? — perguntou o homem das costeletas.

— Americano. Mas já estou na estrada há algum tempo.

— Então, não é um turista de verdade — interveio a mulher de cabelos brancos. — Os turistas chegam, procuram os pontos mais interessantes e vão embora.

Shadow deu de ombros, sorriu e se abaixou. Fez um carinho na nuca do vira-lata do proprietário.

— Você não é do tipo que gosta mais de cães, não é? — perguntou a mulher de cabelos escuros.

— Não sou do tipo que gosta mais de cães — confirmou Shadow.

Se fosse outro tipo de pessoa, alguém que comentasse a respeito do que se passava em sua cabeça, Shadow talvez tivesse contado a ela que sua esposa tivera cães quando era mais jovem, e às vezes chamava Shadow de *filhote* porque queria um cão que não poderia ter. Shadow, no entanto, guardava as coisas para si. Era uma das características que apreciava nos britânicos: mesmo quando queriam saber o que se passava no íntimo de alguém, eles não perguntavam. O mundo interior continuava sendo o mundo interior. Sua esposa morrera já havia três anos.

— Bem, eu acho que as pessoas se dividem entre as que gostam mais de cães e as que preferem gatos. Então, você está entre aquelas que preferem gatos? — disse o homem das costeletas.

Shadow pensou e respondeu:

— Não sei. Nunca tivemos bichos de estimação quando eu era menino, estávamos sempre de mudança. Mas…

— Menciono isso porque nosso anfitrião também tem um gato, que talvez você queira dar uma olhada — prosseguiu o homem.

— Costumava ficar aqui, mas nós o levamos para o quarto dos fundos — explicou o proprietário, de trás do balcão.

Shadow se perguntou como o sujeito conseguia acompanhar a conversa com tamanha facilidade ao mesmo tempo em que anotava os pedidos dos clientes e servia suas bebidas.

— O gato incomodava os cães? — perguntou Shadow.

Do lado de fora, a chuva dobrou de intensidade. O vento gemeu, assobiou e uivou. A lenha que ardia na pequena lareira tossiu e cuspiu.

— Não da maneira que você está pensando — falou o proprietário. — Nós o

encontramos quando abrimos a parede que separava os cômodos, quando tivemos que ampliar o bar. — O homem sorriu. — Venha ver.

Shadow o seguiu até a sala ao lado. O homem de costeletas e a mulher de cabelo branco os acompanharam, andando um pouco atrás.

Shadow virou-se e olhou para o bar. A mulher de cabelo escuro o observava e sorriu com afeto quando seus olhares se cruzaram.

O cômodo ao lado era mais iluminado, maior, e não dava tanto a impressão de ser a sala da casa de alguém. As pessoas se sentavam às mesas, comendo. A comida parecia boa e tinha aroma ainda melhor. O proprietário deixou Shadow entrar no fundo do local, chegando a uma caixa de vidro empoeirada.

— Aí está — disse o dono do pub, orgulhoso.

O gato era marrom e parecia, à primeira vista, ter sido construído a partir de tendões e agonia. Os buracos no lugar dos olhos estavam cheios de raiva e dor; a boca estava escancarada, como se a criatura estivesse miando alto quando foi transformada em couro.

— A prática de colocar animais nas paredes das construções é semelhante à prática de emparedar crianças vivas nos alicerces das casas para que permaneçam de pé — explicou o homem das costeletas, de trás deles. — Embora os gatos emparedados sempre me façam pensar nos gatos mumificados encontrados no templo de Bast em Bubastis, no Egito. Eram tantas toneladas de gatos mumificados que foram enviados à Inglaterra para serem moídos e usados como fertilizante barato para ser jogado nos campos. Os vitorianos também fizeram tinta com as múmias. Um tipo de marrom, acredito.

— É bem feio — disse Shadow. — Qual é a idade?

O proprietário coçou a bochecha.

— Calculamos que a parede onde ele estava foi erguida em algum momento entre 1300 e 1600. Está nos registros da paróquia. Não havia nada aqui em 1300, e havia uma casa em 1600. O registro entre as duas datas se perdeu.

O gato morto na caixa de vidro, sem pelos e de pele curtida, parecia observar a todos com seus olhos vazios de buraco negro.

Meus olhos sempre estão onde vaga meu povo, sussurrou uma voz no fundo da consciência de Shadow. Pensou, por um momento, nos campos fertilizados com os gatos mumificados moídos, e nas estranhas colheitas que devem ter proporcionado.

— *Eles o colocaram na lateral de uma casa velha* — disse o homem chamado Ollie. — *Ali ele viveu e ali ele morreu. E ninguém ficou feliz ou se entristeceu*. Eram emparedadas coisas de todo tipo, para garantir que tudo estivesse protegido e seguro. Às vezes, crianças. Animais. Nas igrejas, isso era algo corriqueiro.

A chuva fazia um ruído irregular na janela. Shadow agradeceu ao proprietário por mostrar-lhe o gato. Voltaram ao bar. A mulher de cabelo escuro não estava mais lá, o que o fez se arrepender por um instante. Ela parecia tão amigável. Shadow pagou uma rodada de drinques ao homem das costeletas, à mulher de cabelos brancos e ao senhorio.

O dono do pub se agachou atrás do balcão.

— Me chamam de Shadow. Shadow Moon.

O homem de costeletas juntou as mãos em deleite.

— Ah! Que maravilha. Tive um pastor-alemão chamado Shadow quando era menino. É o seu nome de verdade?

— É como me chamam.

— Sou Moira Callanish — apresentou-se a mulher de cabelos brancos. — Este é o meu companheiro, Oliver Bierce. Sabe de muitas coisas e, enquanto forem amigos, ele com certeza lhe dirá tudo o que sabe.

Os homens trocaram cumprimentos. Quando o senhorio voltou com os drinques, Shadow perguntou se o pub tinha um quarto para alugar. Ele pretendia caminhar mais naquela noite, mas a chuva não dava sinais de desistir. Shadow tinha bons sapatos para caminhar, e o casaco resistiria à água, mas não queria andar na chuva.

— Antes havia, mas meu filho voltou a morar aqui. Incentivo as pessoas a dormirem no celeiro, quando necessário, mas é o máximo que ofereço hoje em dia.

— Há algum quarto no vilarejo que eu possa alugar?

O proprietário negou com um gesto de cabeça.

— Está uma noite péssima. Mas Porsett fica a poucos quilômetros daqui, e eles têm um hotel de verdade por lá. Vou telefonar para Sandra e avisar que você vai para lá. Como é o seu nome?

— Shadow. Shadow Moon.

Moira olhou para Oliver e disse algo que soou como “órfãos abandonados?”,

e Oliver mordeu o lábio por um instante para, em seguida, acenar positivamente com a cabeça, entusiasmado.

— Gostaria de passar a noite conosco? O quarto extra é um tanto apertado, mas tem uma cama. E é quente. E seco.

— Eu adoraria — disse Shadow. — Posso pagar.

— Não seja bobo — retrucou Moira. — Será um prazer receber um hóspede.

II

A gaiola

OLIVER E MOIRA tinham guarda-chuvas. Oliver insistiu que fosse Shadow a segurar o guarda-chuva, destacando a diferença de altura entre eles e indicando que, sendo mais alto, Shadow teria mais chance de manter a chuva afastada de ambos.

O casal também trazia lanternas, que chamavam de tochas. A palavra fez Shadow pensar em aldeões de um filme de horror investindo contra o castelo na colina, e os raios e trovões contribuíram para a imagem. *Esta noite, criatura minha*, pensou ele, *vou lhe dar vida!* Deveria soar apenas cafona, mas, em vez disso, era perturbador. O gato morto o deixara com pensamentos estranhos.

As estradas estreitas entre os campos estavam encharcadas com a água da chuva.

— Em uma noite de tempo bom, nós simplesmente caminharíamos pelos campos — disse Moira, erguendo a voz para ser ouvida em meio à chuva. — Mas agora eles devem estar lamacentos e pantanosos, por isso vamos por Shuck's Lane. Olha, aquela árvore era usada em execuções, há muito tempo.

Ela apontou para uma figueira de tronco imenso na encruzilhada. Restavam apenas poucos galhos, destacando-se na noite como detalhes esquecidos.

— Moira vive aqui desde que tinha vinte anos — disse Oliver. — Vim de Londres, cerca de oito anos atrás. De Turnham Green. Passei as férias aqui, quando tinha catorze anos, e é impossível se esquecer do lugar.

— A terra entra em nosso sangue. Mais ou menos — complementou Moira.

— E o sangue entra na terra. De um jeito ou de outro. Tomemos como exemplo a árvore que servia como patíbulo. As pessoas eram deixadas ali penduradas em jaulas até não restar nada delas. O cabelo era usado nos ninhos de passarinhos, a carne era comida pelos corvos, até ficarem apenas os ossos limpos. Ou até surgir outro cadáver a ser exibido.

Shadow tinha alguma certeza do tipo de jaula a que eles estavam se referindo, mas perguntou mesmo assim. Perguntar nunca fazia mal, e Oliver era definitivamente o tipo de pessoa que gostava de saber detalhes peculiares e transmiti-los.

— Como uma imensa gaiola de ferro. Eram usadas para exibir os corpos dos criminosos executados, após o exercício da justiça. As gaiolas eram trancadas, de modo a impedir a família e os amigos de roubarem o corpo e dar-lhe um enterro cristão. Mantinha os transeuntes no lado certo da lei, embora duvide que tenha dissuadido alguém.

— Quem eles executavam?

— Qualquer um que tivesse azar. Trezentos anos atrás, havia mais de duzentos crimes para os quais estava prevista a pena capital. Incluindo viajar com ciganos por mais de um mês, roubar ovelhas; aliás, roubar qualquer coisa com valor superior a doze centavos; e escrever uma carta ameaçadora.

Talvez ele estivesse no início de uma longa lista, mas Moira o interrompeu.

— Oliver tem razão quanto à sentença de morte, mas apenas os assassinos eram colocados nas gaiolas por aqui. E os corpos eram deixados nas gaiolas por vinte anos, às vezes. Não havia muitos assassinos neste lugar. — E então, como se tentasse mudar de assunto para algo mais leve, disse: — Agora estamos caminhando por Shuck's Lane. Dizem que, numa noite de céu claro, com certeza muito diferente desta, podemos nos descobrir seguidos por Shuck Preto. É uma espécie de cão sobrenatural.

— Nunca o vimos, nem mesmo nas noites de céu claro — falou Oliver.

— O que é muito bom. Pois quem o vê… morre — explicou Moira.

— A não ser Sandra Wilberforce, que diz tê-lo visto e está cheia de saúde.

Shadow sorriu.

— O que o Shuck Preto faz com quem o vê?

— Não faz nada — respondeu o homem.

— Faz, sim. Ele nos segue até em casa — corrigiu Moira. — E então, pouco

tempo depois, a pessoa morre.

— Não parece muito assustador — disse Shadow. — A não ser pela parte da morte.

Chegaram ao fim da rua. A água da chuva corria feito um riacho sobre as pesadas botas de caminhar de Shadow.

— Como vocês se conheceram?

Esta costumava ser uma pergunta segura, quando se estava com casais.

— No pub. Eu estava lá passando as férias, na verdade — respondeu Oliver.

— Eu estava comprometida quando o conheci. Tivemos um caso breve e tórrido, e então fugimos juntos. Algo inesperado para nós.

Não pareciam ser o tipo de pessoas que fogem juntas, pensou Shadow. Mas, até aí, todas as pessoas eram esquisitas. Ele sabia que deveria dizer algo.

— Eu era casado. Minha esposa morreu num acidente de carro.

— Sinto muito — disse Moira.

— Acontece — falou Shadow.

— Quando chegarmos em casa, vou preparar *whisky macs* para todos nós. É uma mistura de uísque com vinho de gengibre e água quente. E vou tomar um banho fervendo. Caso contrário, posso pegar uma gripe de matar — completou Moira.

Shadow imaginou estender a mão e pegar uma gripe de matar, como se fosse uma bola de beisebol, e sentiu um arrepio.

A chuva voltou a ganhar força, e um súbito jorro de luz fez o mundo arder ao redor deles: cada rocha cinzenta no muro de pedra, cada folha de grama, cada poça e cada árvore foi iluminada à perfeição, e então engolida por uma escuridão mais profunda, deixando imagens remanescentes nos olhos de Shadow, temporariamente cegados por já estarem acostumados à noite.

— Viu aquilo? — indagou Oliver. — Coisa mais maldita.

O trovão ribombou, e Shadow esperou o som morrer para tentar falar novamente.

— Não vi nada — respondeu.

Outra piscada, menos brilhante, e Shadow pensou ter visto algo se afastando deles em um campo distante.

— Aquilo? — perguntou.

— É um jumento — explicou Moira. — Só um jumento.

Oliver parou para dizer:

— Não deveríamos ter voltado para casa assim. Deveríamos ter pego um táxi. Foi um erro.

— Ollie, agora falta pouco. E é apenas chuva. Você não é feito de açúcar, querido.

Outro lampejo, tão brilhante que quase os cegou. Não havia nada para ver nos campos.

Escuridão. Shadow se voltou para Oliver, mas o homenzinho não estava mais ao seu lado. Sua lanterna estava no chão. Shadow piscou, na esperança de obrigar sua visão noturna a retornar. O homem havia caído, desabado na grama molhada na lateral da pista.

— Ollie? — Moira se agachou ao lado dele, com o guarda-chuva próximo. Iluminou o rosto do parceiro com a lanterna. Então olhou para Shadow. — Não podemos deixá-lo aqui — disse ela, soando confusa e preocupada. — Está chovendo forte.

Shadow pôs no bolso a lanterna de Oliver, entregou seu guarda-chuva a Moira e apanhou o homem no colo. Ele não parecia ser pesado, e Shadow era grande.

— É longe?

— Não. Na verdade, não. Estamos quase em casa.

Caminharam em silêncio, passando pelo pátio de uma igreja no limiar do gramado de um vilarejo, e entraram no vilarejo. Shadow via luzes nas casas de pedra cinzenta que beiravam a única rua. Moira fez uma curva, na direção de uma casa mais afastada, e Shadow a seguiu. Ela segurou a porta dos fundos para ele entrar.

A cozinha era grande e quente, e havia um sofá meio coberto com revistas apoiado numa parede. Havia vigas baixas na cozinha, e Shadow teve que abaixar a cabeça. Ele tirou o casaco de Oliver e deixou-o cair. Uma poça se formou no chão de madeira. Então, colocou o homem no sofá.

Moira encheu a chaleira.

— Devemos chamar uma ambulância?

Ela negou com um aceno.

— Esse tipo de coisa costuma acontecer? Ele cai no chão e desmaia?

Moira estava ocupada apanhando canecas numa prateleira.

— Já aconteceu antes. Mas não costuma durar tanto. Ele tem narcolepsia, e se algo o surpreende ou o assusta, pode acontecer de ele desabar desse jeito. Logo vai voltar a si. Vai querer chá. Nada de *whisky mac* esta noite, não para ele. Às vezes, ele fica um pouco confuso e não sabe onde está, e, às vezes, acompanha tudo o que aconteceu enquanto estava fora do ar. E detesta que tratemos isso como um grande problema. Ponha sua mochila ao lado do fogão.

A chaleira apitou. Moira transferiu a água fumegante para um recipiente menor.

— Ele vai querer uma xícara de chá de verdade. Vou tomar de camomila, acho, ou não conseguirei dormir esta noite. Acalma os nervos. E você?

— Bebo chá, claro — disse Shadow.

Tinha caminhado mais de trinta quilômetros naquele dia, e seria fácil encontrar o sono. Pensou em Moira. Ela parecia perfeitamente de posse das próprias emoções diante da incapacidade do parceiro, e imaginou quanto daquilo não seria o desejo de não demonstrar fraqueza diante de um desconhecido. Ele a admirou, embora considerasse tudo aquilo peculiar. Os ingleses eram estranhos. Mas ele entendia quem detestava que as coisas fossem "tratadas como problemas". Sim.

Oliver se mexeu no sofá. Moira estava ao seu lado com uma xícara de chá, e ajudou-o a se sentar. O homem bebericou o chá, um pouco atordoado.

— Ele me seguiu até em casa — disse, como se já estivesse em uma conversa.

— O que o seguiu, Ollie, querido? — perguntou ela, em um tom firme, porém preocupado.

— O cão — disse o homem no sofá, dando outro gole na bebida. — O cão negro.

III

Os cortes

EIS O QUE Shadow descobriu naquela noite, sentado à mesa da cozinha com

Moira e Oliver:

Descobriu que Oliver vivia infeliz e insatisfeito no emprego que tinha em Londres na agência de publicidade. Mudara-se para o vilarejo e solicitara uma aposentadoria extremamente precoce por razões médicas. Agora, a princípio por diversão e cada vez mais por dinheiro, ele consertava e reconstruía muros de pedra. Havia uma arte, explicou ele, e toda uma habilidade na construção desses muros. O exercício era ótimo, e, quando erguidos da maneira correta, ofereciam uma prática meditativa.

— Antes eram centenas de trabalhadores especializados em muros de pedra por aqui. Hoje em dia, mal se encontra uma dúzia que saiba o que está fazendo. Vê-se muros com reparos de cimento, ou com tijolos de concreto. É uma arte em extinção. Adoraria mostrar a você como se faz. É uma habilidade útil. Ao escolher a pedra, às vezes é necessário deixá-la nos dizer para onde ir. E, então, ela se torna imóvel. Seria impossível derrubar um muro desses com um tanque. É notável.

Descobriu que Oliver tinha ficado muito deprimido anos antes, pouco depois de se juntar a Moira, mas que vinha se sentindo melhor nos últimos anos. Ou, corrigiu ele, relativamente bem.

Descobriu que Moira era dona de uma fortuna que lhe dava independência, e os recursos de sua família permitiram que ela e as irmãs não precisassem trabalhar, mas que, antes de chegar aos trinta anos, ela fizera treinamento para ser professora. Não lecionava mais, mas era bastante ativa nos assuntos locais, e tinha feito uma bem-sucedida campanha para manter em funcionamento as linhas de ônibus da região.

Shadow descobriu, pelo que Oliver omitiu, que ele tinha medo de algo, muito medo, e, ao ser indagado quanto ao motivo de tanto medo e ao comentário que fizera sobre o cão negro o ter seguido, sua resposta foi um gaguejo evasivo. Descobriu que não devia mais fazer perguntas a Oliver.

Eis o que Oliver e Moira aprenderam a respeito de Shadow sentados à mesa da cozinha:

Nada de mais.

Shadow gostou deles. Não era um idiota; no passado, já tinha confiado em pessoas que o traíram, mas gostou daquele casal, gostou do cheiro da casa deles (parecia pão assando e cera de nogueira) e foi dormir naquela noite no quarto do

tamanho de uma caixa preocupado com o homenzinho de costeletas. E se aquilo que Shadow vira no campo *não fosse* um jumento? E se *fosse* um cachorro enorme? E então?

A chuva tinha parado quando Shadow acordou. Ele fez torradas na cozinha vazia. Moira chegou do jardim, deixando uma lufada de ar frio entrar pela porta dos fundos.

— Dormiu bem? — perguntou ela.

— Sim. Muito bem.

Sonhara que estava no zoológico. Via-se cercado de animais que não podia ver, fazendo barulhos de todo tipo, cada um em seu espaço. Ele era criança, andava com a mãe e sentia-se seguro e amado. Parou diante da jaula do leão, mas o que havia na jaula era uma esfinge, metade leão e metade mulher, com o rabo oscilando. A criatura sorriu para ele, e o sorriso era o sorriso da sua mãe. Ouviu sua voz, com sotaque, terna e felina.

Conhece-te.

Sei quem sou, disse Shadow no sonho, segurando as grades da jaula. Atrás das barras, havia o deserto. Dava para ver as pirâmides. Ele enxergava as sombras na areia.

Então, quem és, Shadow? Do que está fugindo? Para onde está correndo?

Quem é você?

E, assim, ele despertou, indagando por que fazia esta pergunta a si, e com saudades da mãe, que morrera vinte anos antes, quando ele era adolescente. Ainda se sentia estranhamente confortado, lembrando-se da sensação da mão dele nas mãos da mãe.

— Sinto dizer que Ollie não está se sentindo muito bem essa manhã.

— Que pena.

— Pois é. Bem, não há muito o que fazer.

— Agradeço bastante pelo quarto. Acho que é hora de ir.

— Pode dar uma olhada em algo para mim antes? — pediu ela.

Shadow respondeu com um meneio afirmativo e seguiu-a até o lado de fora da casa, dando a volta e chegando à lateral. Ela apontou para o canteiro de rosas.

— O que acha que é isto?

Shadow se abaixou.

— *A pegada de um gigantesco cão de caça* — disse ele. — Nas palavras do

dr. Watson.

— Sim, parece mesmo.

— Se houver um cão fantasmagórico por aqui, ele não deveria deixar pegadas. Ou deveria?

— Não sou muito versada nesses assuntos. Já tive uma amiga que saberia nos dizer. Mas ela… — Moira perdeu o fio da meada. Retomou com mais vivacidade: — Sabe, a sra. Camberley, que mora um pouco mais adiante, tem um dobermann. Uma coisinha ridícula.

Shadow não sabia se a coisinha ridícula era a sra. Camberley ou o cachorro.

Os acontecimentos da noite anterior começaram a parecer menos perturbadores e estranhos, mais lógicos. Que importância havia se um cachorro estranho os tinha seguido até em casa? Oliver ficara perturbado ou assustado e, com o choque, desabara num episódio de narcolepsia.

— Bem, vou aprontar um lanche para que leve no caminho — disse Moira. — Ovos cozidos. Esse tipo de coisa. Vai ficar contente por tê-los levado.

Entraram na casa. A mulher foi guardar alguma coisa, e parecia perturbada quando voltou.

— Oliver se trancou no banheiro.

Shadow não sabia ao certo o que dizer.

— Sabe do que eu gostaria? — continuou ela.

— Não.

— Gostaria que falasse com ele. Gostaria que ele abrisse a porta. Gostaria que ele falasse comigo. Posso ouvi-lo lá dentro. Posso ouvi-lo. Espero que não esteja se cortando de novo.

Shadow voltou ao corredor, pôs-se ao lado da porta do banheiro e chamou Oliver pelo nome.

— Pode me ouvir? Está tudo bem?

Nada. Nenhum som vindo de dentro.

Shadow olhou para a porta. Era de madeira maciça. A casa era antiga, de uma época em que as construções eram fortes e bem-feitas. Quando usou o banheiro, naquela manhã, Shadow reparou que a tranca era um ferrolho. Apoiou-se na maçaneta, empurrando-a para baixo, então golpeou a porta com o ombro. Ela cedeu com o barulho de madeira se partindo.

Já tinha visto um homem morrer na prisão, esfaqueado por causa de uma

discussão sem sentido. Lembrou-se de como o sangue formara uma poça ao redor do corpo do homem, jazendo no canto do pátio de exercícios. A imagem deixara Shadow perturbado, mas ele se obrigara a olhar e continuar olhando. Desviar os olhos teria sido uma espécie de desrespeito.

Oliver estava nu no chão do banheiro. O corpo era branco, e o peito e a virilha eram cobertos de pelos escuros e grossos. Segurava nas mãos a lâmina de um antigo aparelho de barbear. Tinha-a usado para cortar os braços, o peito acima dos mamilos, o interior das coxas e o pênis. Havia sangue espalhado pelo corpo, pelo chão de linóleo branco e preto, pela banheira branca esmaltada. Os olhos de Oliver estavam redondos e arregalados, como os de um pássaro. Olhava diretamente para Shadow, mas ele não tinha certeza se era visto.

— Ollie? — disse a voz de Moira, vinda do corredor.

Shadow percebeu que estava bloqueando o caminho e hesitou, sem saber se deveria ou não permitir que ela visse o que havia no chão.

Shadow apanhou uma toalha cor-de-rosa do pendurador e cobriu Oliver. Isso chamou a atenção do homenzinho. Ele piscou, como se visse Shadow pela primeira vez, e disse:

— O cão. É para o cão. Precisamos alimentá-lo, sabe. Estamos ficando amigos.

— Ah, meu Deus do céu! — exclamou Moira.

— Vou telefonar para a emergência.

— Não, por favor. Ele vai ficar bem em casa comigo. Não sei o que eu… por favor?

Shadow tirou Oliver do chão, envolto na toalha, carregou-o até o quarto como se fosse uma criança e o colocou na cama. Moira os seguiu. Ela apanhou um iPad que estava sobre a cama, tocou na tela, e uma música começou a tocar.

— Respire, Ollie — pediu ela. — Lembre-se disso. Respire. Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem.

— Não consigo respirar direito — murmurou Oliver, com a voz fraca. — Não consigo. Mas posso sentir meu coração. Posso sentir o coração batendo.

Moira apertou a mão dele e se sentou na cama, e Shadow os deixou sozinhos.

Quando ela entrou na cozinha, de mangas arregaçadas e as mãos com cheiro de creme antisséptico, Shadow estava sentado no sofá, lendo um guia de caminhadas locais.

— Como ele está?

A mulher deu de ombros.

— Você deveria procurar ajuda para ele.

— Sim. — Moira estava de pé na cozinha, olhando ao redor, como se não conseguisse decidir para qual lado se virar. — Você… quer dizer, precisa mesmo partir hoje? Tem algum compromisso?

— Não há ninguém me esperando. Em lugar nenhum.

Ela olhou para ele com um rosto que tinha ficado exausto no intervalo de uma hora.

— Na outra vez que isso aconteceu, precisamos de alguns dias, mas logo ele ficou bom. A depressão não dura muito. Então, eu estava me perguntando, será que você poderia… bem, ficar mais um pouco? Telefonei para minha irmã, mas ela está de mudança. E não posso lidar com isso sozinha. Não de novo. Mas não posso lhe pedir que fique, não se houver alguém à sua espera.

— Não há ninguém me esperando — repetiu Shadow. — E vou ficar mais um pouco. Mas acho que Oliver precisa da ajuda de um especialista.

— Sim, precisa mesmo — concordou Moira.

O dr. Scathelocke chegou no fim da tarde. Era amigo de Oliver e Moira. Shadow não sabia ao certo se os médicos do interior da Inglaterra ainda faziam visitas aos lares dos pacientes ou se aquela era uma visita com justificativa social. O doutor entrou no quarto e saiu vinte minutos depois.

Sentou-se à mesa da cozinha com Moira, e disse:

— É tudo bastante superficial. Como um pedido de ajuda. Para ser sincero, não há muito o que possamos fazer por ele num hospital além dos cuidados que podem ser administrados em casa, com os cortes e tudo o mais. Antes tínhamos uma dúzia de enfermeiros naquela ala. Agora, estão tentando fechá-la de vez. Devolver tudo à comunidade.

O dr. Scathelocke tinha o cabelo cor de areia e era tão alto quanto Shadow, porém mais magro. Shadow o achou parecido com o proprietário do pub, e se indagou se os dois seriam parentes. O doutor prescreveu várias receitas, e Moira as entregou a Shadow, com as chaves de um antigo Range Rover branco.

Shadow dirigiu até o vilarejo mais próximo, encontrou a farmácia de manipulação e esperou até que os remédios ficassem prontos. Permaneceu sem jeito no corredor iluminado demais, encarando, sem desviar o olhar, uma vitrine

com cremes bronzeadores, tristemente redundantes naquele verão frio e úmido.

— Você é o sr. Americano — disse uma voz de mulher vinda de trás dele.

Virou-se. Ela tinha cabelo curto e escuro e estava com a mesma blusa verde-oliva que usava no pub.

— Acho que sim.

— Estão falando por aí que você está ajudando Moira enquanto Ollie se recupera do mal-estar.

— Que rápido.

— As fofocas viajam mais rápido que a luz. Sou Cassie Burglass.

— Shadow Moon.

— Bom nome. Me dá arrepios. — Ela sorriu. — Quando tiver tempo, sugiro que vá conhecer a colina logo depois da vila. Siga a estrada até chegar a uma bifurcação, e então dobre à esquerda. Vai chegar a Wod's Hill. Vista incrível. Passeio aberto ao público. Basta seguir à esquerda, subindo, não tem como errar.

Sorriu para ele. Talvez fosse apenas amigável com um desconhecido.

— Não me surpreende que ainda esteja aqui — prosseguiu Cassie. — É difícil ir embora depois que o lugar crava as suas garras em nós. — Ela sorriu de novo, um sorriso terno, e olhou diretamente nos olhos dele, como se tentasse se decidir. — Acho que a sra. Patel terminou de preparar os remédios. Foi bom conversar com você, sr. Americano.

IV

O beijo

SHADOW AJUDOU MOIRA. Foi até a loja do vilarejo e trouxe os itens na lista de compras enquanto ela ficava em casa, escrevendo na mesa da cozinha ou vagando pelo corredor perto da porta do quarto. A mulher quase não falava. Ele usava o Range Rover branco para cuidar das pequenas tarefas do cotidiano, e via Oliver principalmente no corredor, arrastando-se até o banheiro e de volta ao quarto. O homem não falou com ele.

Tudo estava calmo na casa: Shadow imaginou o cão negro sentado no

telhado, bloqueando toda a luz do sol, toda a emoção, todo o sentimento e toda a verdade. Algo tinha abaixado o volume naquela casa, desbotando a cor em branco e preto. Desejou estar em outro lugar, mas não podia abandoná-los. Sentou-se na cama, olhando fixamente para a janela e a chuva que escorria pelo vidro, e sentiu os segundos da sua vida se esvaindo, para nunca mais voltarem.

Fazia um frio úmido, mas, no terceiro dia, o sol saiu. O mundo não esquentou, mas Shadow tentou se afastar da neblina cinzenta e decidiu visitar algumas das atrações da região. Caminhou até o vilarejo seguinte, atravessando campos, subindo trilhas e passando ao lado de um grande muro de pedra. Havia uma ponte sobre um estreito córrego que era pouco mais que uma tábua, e Shadow passou por cima do riacho com um salto fácil. Subindo a colina, havia árvores, carvalhos e espinheiros, figueiras e faias no pé do morro, e então as árvores se tornavam mais esparsas. Seguiu a trilha serpenteante, às vezes óbvia, outras nem tanto, até chegar a um local de descanso natural, como um pequeno prado, no alto da colina, então deu as costas para a montanha e viu os vales e picos distribuídos ao redor, todos em tons de verdes e cinzas, como ilustrações de um livro infantil.

Não estava sozinho ali em cima. Uma mulher de cabelo curto e escuro estava sentada na lateral da colina rabiscando algo, apoiada confortavelmente numa pedra cinzenta. Havia uma árvore atrás dela, que ajudava a protegê-la do vento. Usava uma blusa verde e calça jeans, e ele reconheceu Cassie Burglass antes de ver seu rosto.

Conforme ele se aproximava, ela se virou.

— O que acha? — perguntou, erguendo o caderno para a inspeção dele.

Era um desenho a lápis da encosta em traços firmes.

— Você é muito boa. É artista profissional?

— Brinco um pouco — disse ela.

Shadow já havia passado tempo o bastante conversando com os ingleses para saber que ou ela estava brincando, ou suas obras estariam expostas na National Gallery ou na Tate Modern.

— Você deve estar com frio — disse ele. — Está usando apenas uma blusa.

— Estou com frio. Mas, aqui em cima, estou acostumada a isso. Não me incomoda, na verdade. Como está Ollie?

— Ainda está se sentindo mal.

— Pobrezinho — disse ela, erguendo os olhos do papel para a encosta e voltando ao papel. — Mas tenho dificuldade em sentir pena de verdade dele.

— Por quê? Ele quase matou você de tédio com curiosidades e fatos interessantes?

Ela riu, uma pequena arfada no fundo da garganta.

— Deveria prestar mais atenção às fofocas do vilarejo. Quando Ollie e Moira se conheceram, ambos estavam com outras pessoas.

— Sei disso. Eles me contaram. — Shadow pensou por um momento. — Antes ele estava com você?

— Não. *Ela* estava. Estávamos juntas desde a faculdade. — Houve uma pausa. Ela fez uma sombra em algo, com o lápis rasurando o papel. — Vai tentar me beijar? — perguntou.

— Eu, hã. Eu… eh — gaguejou Shadow. Retomou com sinceridade: — Não tinha pensado nisso.

— Bem, devia ter pensado — disse ela, voltando-se para sorrir para ele. — Quer dizer, pedi que viesse aqui, e você veio, até Wod's Hill, só para me ver. — Ela voltou ao papel e ao desenho da colina. — Dizem que coisas sombrias foram feitas nessa colina. Coisas sombrias e sujas. E eu estava pensando em fazer algo sujo também. Com o hóspede de Moira.

— É algum tipo de plano de vingança?

— Não é nenhum plano. Só gosto de você. E não há aqui ninguém que ainda me queira. Não como mulher.

A última mulher que Shadow beijara tinha sido na Escócia. Pensou nela, e no que ela se tornara, no fim.

— Você é *real*, não é? — perguntou. — Quer dizer… é uma pessoa real. Quer dizer…

Ela deixou a prancheta de desenho na pedra e se levantou.

— Me beije e descubra.

Shadow hesitou. Ela suspirou e o beijou.

Fazia frio na encosta daquela colina, e os lábios de Cassie eram frios. A boca era muito macia. Quando sua língua tocou a dele, Shadow se afastou.

— Na verdade, eu nem conheço você — disse Shadow.

Ela se afastou também. Olhou em seu rosto e disse:

— Sabe, hoje em dia eu sonho apenas em conhecer alguém que olhe para

mim e me veja como realmente sou. Tinha desistido até você aparecer, sr. Americano, com seu nome engraçado. Mas você olhou para mim, e eu soube que tinha me visto. E isso é tudo que importa.

As mãos de Shadow a abraçaram, sentindo a maciez da blusa.

— Quanto tempo vai ficar por aqui? No vilarejo? — indagou ela.

— Mais alguns dias. Até Oliver se sentir melhor.

— Que pena. Não pode ficar para sempre?

— Desculpe, como?

— Não há por que se desculpar, doce homem. Está vendo aquela abertura ali?

Olhou para a encosta, mas não enxergou o que ela estava apontando. O lugar era coberto de arbustos, árvores baixas e muros de pedra meio desabados. Ela apontou para sua obra de arte, onde tinha desenhado uma forma sombria, como uma arcada, em meio a plantas na lateral da colina.

— Ali. Veja.

Ele olhou fixamente, e dessa vez viu na mesma hora.

— O que é? — perguntou Shadow.

— O Portal do Inferno — disse ela, tentando impressionar.

— Ah, tá.

Ela sorriu.

— É assim que o chamam por aqui. Na verdade, era um templo romano, acho, ou algo ainda mais antigo. Mas isso é tudo o que restou. Recomendo ver de perto, se gosta desse tipo de coisa. Mas é um pouco frustrante: apenas uma pequena passagem que volta à colina. Vivo esperando que algum arqueólogo venha para esses lados, escave o local e catalogue o que encontrar, mas nunca vem ninguém.

Shadow examinou o desenho dela.

— E o que sabe a respeito de grandes cães negros? — perguntou ele.

— Aquele de Shuck’s Lane? Dizem que *barghest*, o espírito canino, costumava vagar por aqui. Mas agora é só em Shuck’s Lane. Certa vez, o dr. Scathelocke me disse que fazia parte do folclore local. Os cães sem cabeça são tudo o que restou da Caçada Selvagem, que tinha como raiz a ideia dos lobos caçadores de Odin, Freki e Geri. Acho que é ainda mais antigo que isso. Memória das cavernas. Druidas. Aquilo que espreita na escuridão além do círculo de fogo, aguardando para nos despedaçar se nos afastarmos demais

sozinhos.

— Então, você já viu?

— Não. Pesquisei o assunto, mas nunca o vi. Minha fera local semi-imaginária. Você o viu?

— Acho que não. Talvez.

— Talvez você o tenha despertado quando veio para cá. Afinal, me despertou.

Ela ergueu as mãos, puxou a cabeça dele em sua direção e beijou-o novamente. Pegou a mão esquerda dele, tão maior que a sua, e a colocou sob a blusa.

— Cassie, minhas mãos estão frias — alertou.

— Bem, eu estou completamente fria. Não há *nada* além de frio aqui em cima. Apenas sorria e finja que sabe o que está fazendo.

Empurrou a mão esquerda de Shadow mais para cima, até a palma chegar à renda do sutiã, e ele sentiu, sob o tecido, a dureza do mamilo e o volume macio do seio dela.

Shadow começou a se entregar ao momento, sua hesitação, um misto de falta de jeito e incerteza. Não sabia ao certo como se sentia em relação àquela mulher, que, afinal, tinha um histórico com seus benfeitores. Shadow nunca gostava de se sentir usado; aquilo já acontecera muitas vezes antes. No entanto, sua mão esquerda estava tocando o seio dela e a mão direita se encaixava na nuca, e ele estava se inclinando e agora a boca dela tocava a sua, e ela se agarrava a ele com tanta força como se, pensou, quisesse ocupar o mesmo espaço em que ele estava. A boca tinha gosto de hortelã e pedra e grama e a fria brisa da tarde. Ele fechou os olhos e se permitiu aproveitar o beijo e a maneira com que seus corpos se moviam juntos.

Cassie parou. Em algum lugar perto deles, um gato miou. Shadow abriu os olhos.

— Meu Deus! — exclamou.

Estavam cercados de gatos. Gatos brancos e malhados, marrons e ruivos e pretos, de pelo longo e curto. Gatos de coleira bem alimentados e gatos de orelhas esfarrapadas e pelo sujo que pareciam viver em celeiros e no limiar da mata. Olhavam fixamente para Cassie e Shadow com olhos verdes e azuis e dourados, e não se mexiam. Apenas um ou outro rabo oscilando e algum par de olhos felinos piscando indicavam a Shadow que estavam vivos.

— Que estranho — observou ele.

Cassie deu um passo atrás. Shadow não estava mais a tocando.

— Não estão com você? — perguntou ela.

— Acho que não estão com ninguém. São gatos.

— Acho que estão com ciúmes. Olhe para eles. Não gostam de mim.

— Que… — Shadow ia dizer “bobagem”, mas não, parecia fazer sentido, de alguma maneira.

Houvera uma mulher que era uma deusa, em outro continente e há muitos e muitos anos, que tinha gostado dele à sua maneira. Lembrou-se de como eram afiadas suas unhas e como era áspera sua língua de gato.

Cassie olhou para Shadow com indiferença.

— Não sei quem você é, sr. Americano. Não mesmo. Não sei por que pode me olhar e me ver como realmente sou, nem por que posso conversar com você enquanto tenho tanta dificuldade para conversar com os outros. Mas posso. E, sabe, você parece calmo e normal por fora, mas é muito mais estranho que eu. E eu já sou estranha para caralho.

— Não vá embora.

— Diga a Ollie e Moira que me viu. Diga a eles que estarei esperando onde conversamos da última vez, caso tenham algo que queiram me dizer.

Ela recolheu a prancheta e os lápis e saiu andando com pressa, pisando com cuidado entre os gatos, que nem mesmo desviaram o olhar para ela, mantendo os olhos fixados em Shadow enquanto ela se afastava pelo gramado balançando ao vento e os gravetos esvoaçantes.

Shadow quis chamá-la de volta, mas, em vez disso, agachou-se e olhou para os gatos.

— O que está havendo? — perguntou. — Bast? Isso é coisa sua? Está muito longe de casa. E por que ainda se importa com quem eu beijo?

O encanto se desfez quando ele falou. Os gatos começaram a se mexer, olhar para o outro lado, levantar, tomar banho e se lamber com dedicação.

Uma gata malhada empurrou a cabeça contra a mão dele, insistentemente, exigindo atenção. Shadow fez uma carícia sem pensar, esfregando os nós dos dedos em sua testa.

Em um piscar de olhos, as garras de cimitarra do animal o atacaram, tirando sangue de seu antebraço. Então, ela ronronou, e se virou, e em questão de

segundos todo aquele grupo de gatos havia desaparecido na encosta da colina, escondendo-se atrás de pedras e mergulhando na vegetação.

V

Os vivos e os mortos

QUANDO SHADOW VOLTOU à casa, Oliver deixara o quarto e estava sentado na cozinha, agora mais quente, lendo um livro sobre arquitetura romana com uma caneca de chá ao seu lado. Estava vestido, e tinha barbeado o queixo e aparado a barba. Usava pijamas e um roupão xadrez por cima.

— Estou me sentindo um pouco melhor — disse ele quando viu Shadow. — Já teve isso? Depressão?

— Pensando bem, acho que sim. Quando minha esposa morreu. Fiquei indiferente a tudo. Nada teve significado por um bom tempo.

Oliver assentiu em resposta.

— É difícil. Às vezes, acho que o cão negro é real. Fico deitado na cama pensando na pintura de Fuseli, do pesadelo repousando sobre o peito da adormecida. Como Anubis. Ou será Set? Grande e preto. Quem era Set, afinal? Algum tipo de jumento?

— Nunca encontrei Set — disse Shadow. — Só nasci muito depois.

Oliver riu.

— Engraçado. E ainda dizem que vocês, americanos, não sabem ser irônicos. — Fez uma pausa. — Enfim. Já passou. Estou de pé. Pronto para enfrentar o mundo. — Bebericou o chá. — Sinto-me um pouco constrangido. Vou deixar para trás toda essa bobagem de Cão dos Baskerville.

— Não há razão para se sentir constrangido — disse Shadow, lembrando que os ingleses encontravam motivos para constrangimentos sempre que queriam.

— Bem. Foi tudo uma grande bobagem, de qualquer jeito. E de fato estou me sentindo bem mais confiante.

Shadow assentiu em resposta.

— Se está se sentindo melhor, acho que devo começar a rumar para o sul.

— Não há pressa. É sempre bom ter companhia. Moira e eu não saímos mais tanto quanto gostaríamos. Em geral, vamos no máximo até o pub. Não há muita animação aqui, sinto dizer.

Moira veio do jardim.

— Alguém viu minhas podadeiras? Estava com elas nas mãos. Eu perderia a cabeça se não estivesse grudada no pescoço.

Shadow negou com a cabeça, sem saber ao certo o que eram podadeiras. Pensou em contar ao casal a respeito dos gatos na colina, e como os animais tinham se comportado, mas não conseguiu pensar em uma maneira de descrever quanto aquilo fora bizarro. Assim, em vez disso, sem pensar, ele falou:

— Encontrei Cassie Burglass em Wod's Hill. Ela me indicou o Portal do Inferno.

Os dois o encararam. Na cozinha, fez-se um silêncio estranho.

— Ela estava desenhando o Portal — continuou ele.

— Não entendi — disse Oliver, olhando para Shadow.

— Encontrei com ela por acaso algumas vezes desde que cheguei aqui — comentou Shadow.

— O quê? — O rosto de Moira estava pálido. — O que está dizendo? Mas o quê… Que merda é essa? Quem você pensa que é para vir aqui dizer essas coisas?

— Eu… não sou ninguém — disse Shadow. — Ela simplesmente começou a conversar comigo. Falou que você e ela já foram um casal.

A julgar por sua expressão, parecia que Moira queria bater nele.

— Ela se mudou depois que nos separamos. Não foi uma separação tranquila. Cassie ficou muito magoada. Comportou-se de maneira abominável. Então, simplesmente, foi embora do vilarejo certa noite. Nunca mais voltou.

— Não quero falar daquela mulher — murmurou Oliver. — Nem agora, nem nunca.

— Mas ela estava conosco no pub — destacou Shadow. — Naquela primeira noite. Vocês não pareciam se incomodar com a presença dela.

Moira apenas o encarou sem responder, como se ele tivesse dito algo num idioma que ela não compreendia. Oliver esfregou a testa com a mão.

— Não a vi — falou ele, sem acrescentar mais nada.

— Bem, quando a encontrei hoje, ela me pediu para mandar um oi. Disse que

estaria esperando, se algum de vocês quisesse conversar com ela.

— Não temos nada a dizer a ela. Absolutamente nada. — Os olhos de Moira estavam úmidos, mas ela não estava chorando. — Não acredito que aquela… Aquela mulher de merda voltou para as nossas vidas, depois de tudo que nos fez passar. — Moira xingava, sem ter muita experiência nisso.

Oliver fechou o livro.

— Sinto muito — disse. — Não estou me sentindo bem.

Saiu andando de volta ao quarto e fechou a porta atrás de si.

Moira apanhou a caneca de Oliver, quase automaticamente, e a levou até a pia, esvaziou-a e começou a lavá-la.

— Espero que esteja satisfeito — resmungou, limpando a caneca com uma escova plástica de cerdas brancas como se tentasse apagar a imagem do chalé de Beatrix Potter da louça. — Ele estava voltando a si.

— Não sabia que isso o perturbaria tanto — informou Shadow.

Sentiu-se culpado ao dizer isso. Sabia da existência de uma história anterior entre Cassie e seus anfitriões. Poderia ter ficado em silêncio, afinal. O silêncio é sempre mais seguro.

Moira secou a caneca com uma toalha verde e branca. As manchas brancas da toalha eram ilustrações de ovelhas, e a parte verde era a grama. Ela mordeu o lábio inferior, e as lágrimas que se acumulavam em seus olhos escorreram pelas bochechas.

— Ela falou algo a meu respeito?

— Apenas que vocês já estiveram juntas.

Moira assentiu em resposta e usou a toalha para limpar as lágrimas do jovem rosto envelhecido.

— Ela não suportou quando eu e Ollie começamos a namorar. Depois que me mudei, ela simplesmente largou a pintura, trancou o apartamento e foi para Londres. — Moira expirou vigorosamente pelo nariz. — Ainda assim. Não posso reclamar. Nós fazemos nossas próprias camas. E Ollie é um *bom* homem. O cão negro é coisa da cabeça dele. Minha mãe teve depressão. É difícil.

— Piorei a situação toda. É melhor eu ir.

— Vá amanhã. Não o estou expulsando, querido. Não foi culpa sua ter encontrado aquela mulher, foi? — Seus ombros estavam caídos. — Aí estão. Sobre a geladeira. — Ela apanhou algo que parecia uma tesoura de jardim bem

pequena. — Podadeiras. Para as roseiras, principalmente.

— Vai falar com ele?

— Não. Conversar com Ollie a respeito de Cassie nunca termina bem. E, do jeito que ele está, talvez isso o empurre ainda mais para um estado sombrio. Vou apenas deixar passar.

Shadow comeu sozinho no pub naquela noite, enquanto o gato na caixa de vidro o observava. Não viu nenhum conhecido. Conversou um pouco com o proprietário a respeito de como estava gostando do tempo passado no vilarejo. Voltou a pé até a casa de Moira, passando pela velha figueira, a árvore da gaiola, entrando por Shuck's Lane. Não viu nada se mexendo nos campos ao luar: nem cachorro, nem jumento.

Todas as luzes da casa estavam apagadas. Foi até o quarto tão silenciosamente quanto conseguiu, guardou todas as suas coisas na mochila antes de ir dormir. Partiria cedo, e sabia disso.

Ficou deitado na cama do quarto apertado, observando o luar. Lembrou-se de estar no pub com Cassie Burglass ao seu lado. Pensou na conversa com o proprietário, na conversa na primeira noite e no gato na caixa de vidro, e, ao ponderar sobre tudo isso, a vontade de dormir evaporou. Estava totalmente desperto na pequena cama.

Shadow sabia se movimentar em silêncio quando necessário. Saiu da cama, vestiu a roupa e, carregando as botas, abriu a janela, esgueirou-se pelo parapeito e deixou-se cair, sem fazer barulho nenhum, no canteiro de flores abaixo. Pôs-se de pé e calçou as botas, amarrando os cadarços na penumbra. Faltavam muitos dias para a lua cheia, mas o luar era suficiente para formar sombras.

Shadow se prostrou numa sombra perto de uma parede e esperou ali.

Indagou-se sobre a sanidade dos seus atos. Parecia bem provável que estivesse enganado, que sua memória estivesse lhe pregando peças, ou a memória de outra pessoa. Era tudo muito improvável, mas ele já conhecera o improvável e, se estivesse enganado, perderia o quê? Algumas horas de sono?

Observou uma raposa correndo pelo gramado, viu um orgulhoso gato branco espreitar e matar um pequeno roedor, e muitos outros gatos percorrerem o caminho do muro do jardim. Observou uma doninha se esgueirar de sombra em sombra no canteiro de flores. As constelações se moviam em lenta procissão pelo céu.

A porta da frente se abriu, e dela saiu um vulto. Shadow esperava que fosse Moira, mas era Oliver, vestindo pijamas e, por cima, o grosso roupão xadrez. Usava galochas e tinha uma aparência realmente ridícula, como um inválido de um filme em preto e branco, ou o personagem de uma peça. Não havia cor no mundo iluminado pelo luar.

Oliver puxou a porta da frente até ouvi-la fechar, e então caminhou na direção da rua, mas andando pela grama em vez de ir pela trilha de cascalho. Não olhou para trás e nem mesmo para os lados. Saiu andando pela rua, e Shadow esperou até que ele quase sumisse de vista antes de começar a segui-lo. Sabia aonde Oliver estava indo, tinha que ser.

Shadow parou de se questionar. Estava convencido de para onde ambos estavam indo, tinha a certeza de uma pessoa num sonho. Nem ficou surpreso quando, no meio da subida de Wod's Hill, encontrou Oliver sentado num toco de árvore, à sua espera. O céu estava clareando um pouco a leste.

— O Portal do Inferno — disse o homenzinho. — Até onde sei, sempre o chamaram assim. Há muitos e muitos anos.

Os dois caminharam juntos pela trilha. Havia algo de cômico na figura de Oliver usando aquele roupão, o pijama listrado e as imensas galochas pretas. O coração de Shadow saltava dentro do peito.

— Como a trouxe até aqui? — indagou Shadow.

— Cassie? Não trouxe. Foi ideia dela nos encontrarmos aqui na colina. Ela adorava vir aqui pintar. Dá para ver tão longe no horizonte. Além disso, a colina é sagrada, e ela sempre adorou isso. Não era santa para os cristãos, é claro. Pelo contrário. Era só para a antiga religião.

— Druidas? — perguntou Shadow.

Não sabia ao certo quais outras religiões antigas existiam na Inglaterra.

— Pode ser. Sem dúvida é possível, mas acho que é anterior aos druidas. Não chega a ter um nome. É apenas aquilo que as pessoas da região praticam, por baixo do que quer que seja que acreditem. Druidas, nórdicos, católicos, protestantes, não importa. É apenas aquilo que dizem praticar. É a religião antiga que faz a colheita crescer e deixa seu pau duro e garante que ninguém construa uma maldita estrada atravessando uma região de notável beleza natural. O Portal continua de pé, a colina continua aí e o lugar também. Já faz muito mais que dois mil anos. Não é bom se meter com algo tão poderoso.

— Moira não sabe, não é? Ela acha que Cassie se mudou.

O céu continuava a clarear ao leste, mas ainda era noite, salpicada com algumas estrelas reluzentes no céu roxo-escuro a oeste.

— Era o que ela *precisava* pensar. Quer dizer, o que mais ela pensaria? Talvez fosse diferente se a polícia se interessasse… Mas não houve nenhum… Bem. Eles se protegem. A colina. O Portal.

Estavam chegando ao pequeno prado na encosta da colina. Passaram pela pedra onde Shadow vira Cassie desenhando. Caminharam na direção da colina.

— O cão negro está em Shuck's Lane — disse Oliver. — Não acho que seja de fato um cachorro. Mas está aqui há um bom tempo. — Tirou uma pequena lanterna de LED do bolso do roupão. — Você conversou mesmo com Cassie?

— Conversei. E eu até a beijei.

— Que estranho.

— Encontrei com ela pela primeira vez no pub, na noite em que conheci Moira e você. Foi isso que me fez começar a decifrar tudo. Hoje, Moira falou como se não visse Cassie há anos. Ficou perplexa quando perguntei. Mas Cassie estava bem atrás de mim naquela primeira noite, e falou com a gente. Essa noite, perguntei no pub se Cassie havia passado por lá, e ninguém sabia de quem eu estava falando. Todos vocês se conhecem. Foi a única coisa que deu sentido a tudo. Deu sentido ao que ela disse. Tudo.

Oliver estava quase no lugar que Cassie tinha chamado de Portal do Inferno.

— Pensei que seria tão simples. Eu a entregaria à colina, e ela nos deixaria em paz. Deixaria Moira em paz. Como ela poderia ter beijado você?

Shadow nada disse.

— Chegamos — informou Oliver.

Havia uma cavidade na lateral da colina, como um pequeno corredor dando a volta. Talvez um dia, muito tempo atrás, tivesse uma estrutura construída ali, mas a colina sofrera erosão, e as pedras voltaram à colina da qual tinham sido tiradas.

— Há quem pense que isso seja adoração ao demônio — comentou Oliver. — E acho que estão enganados. Mas, pensando bem, o deus de um pode ser o diabo do outro. Certo?

Entrou pela passagem, e Shadow o seguiu.

— Quanta besteira — falou uma voz feminina. — Mas você sempre falou

merda demais, Ollie, seu cagão de cueca freada.

Oliver não se moveu nem reagiu. Apenas disse:

— Ela está aqui. Na parede. Foi onde eu a deixei.

Apontou a lanterna para a parede, na pequena passagem na lateral da colina. Inspecionou com cuidado o muro de pedra, como se procurasse por algo que pudesse reconhecer, então emitiu um grunhido, confirmando que tinha encontrado o que procurava. Oliver tirou do bolso uma ferramenta compacta de metal, ergueu a mão o máximo que pôde e derrubou uma pedra, usando-a como alavanca. Então, começou a tirar pedras da parede, numa sequência determinada, cada pedra abrindo um espaço que permitia a remoção de outra, alternando entre pedras maiores e menores.

— Me ajude aqui. Vamos.

Shadow sabia o que veria atrás da parede, mas tirou as pedras, colocando-as no chão, uma por uma.

Sentiu um cheiro, que ficava cada vez mais forte conforme o buraco aumentava, um fedor de coisa velha, apodrecida e embolorada. Cheiro de sanduíche de carne estragada. Primeiro Shadow viu o rosto, e mal pode identificar ali um semblante: as bochechas estavam afundadas, os olhos tinham desaparecido, a pele era um couro escuro e, se um dia houvera sardas nela, era impossível determinar; mas o cabelo era de Cassie Burglass, curto e preto, e, à luz da lanterna, ele viu que aquela coisa morta usava uma blusa verde e a calça jeans com que a vira.

— É engraçado. Eu sabia que ela ainda estava aqui — falou Oliver. — Mas tinha que vê-la. Com tudo que você disse. Eu tinha que vê-la. Para comprovar que continuava aqui.

— Mate ele — ordenou a voz de mulher. — Acerte-o com uma pedra, Shadow. Ele me matou. Agora vai matar você.

— Vai me matar? — perguntou Shadow.

— Bem, sim, é claro — disse o homenzinho, com sua voz razoável. — Quer dizer, você sabe a respeito de Cassie. E, depois que sumir, poderei enfim esquecer tudo isso, de uma vez por todas.

— Esquecer?

— Perdoar *e* esquecer. Mas é difícil. Não é fácil perdoar a si mesmo, mas tenho certeza de que posso esquecer. Pronto. Acho que já temos espaço o

bastante para você. Vai ser um pouco apertado, na verdade.

Shadow olhou para o homenzinho e disse:

— Apenas por curiosidade, como vai me obrigar a entrar aí? Não está armado. E tenho o dobro do seu tamanho, Ollie. Eu poderia simplesmente quebrar seu pescoço, sabe?

— Não sou burro. E tampouco sou mau. Não sou um homem que esteja terrivelmente bem, mas isso não é nem lá, nem cá, na verdade. Fiz o que fiz porque tive ciúmes, não por estar doente. Mas não teria chegado aqui em cima sozinho. Sabe, este é o templo do Cão Negro. Esses lugares foram os primeiros templos. Antes de locais como os círculos de pedra e coisas semelhantes, eles estavam aqui, esperando, e foram adorados, receberam sacrifícios, foram temidos e satisfeitos. Os *shucks* pretos e os *barghests*, espíritos caninos e cães sem cabeça. Estavam aqui e continuam montando guarda.

— Bata nele com uma pedra — disse a voz de Cassie. — Agora, Shadow, *por favor*.

A passagem onde estavam entrava um pouco sob a superfície da colina, uma caverna com paredes de pedra construída pelo homem. Não parecia um templo antigo. Não parecia um portal para o inferno. O céu de antes do amanhecer emoldurou Oliver. Com sua voz sempre gentil e educada, ele falou:

— Ele está em mim. E eu estou nele.

O cão negro se assomou na entrada, impedindo o caminho para fora, e Shadow sabia que, fosse o que fosse, aquela criatura com certeza não era um cão de verdade. Os olhos chegavam a brilhar com uma luminescência que fez Shadow se lembrar de criaturas marinhas apodrecendo. Em termos de dimensões físicas e caráter ameaçador, aquilo era para um lobo o que um tigre é para o lince: carnívoro puro, uma criatura feita de perigo e ameaça. Era mais alta que Oliver e olhava fixamente para Shadow, rosnando, um tremor profundo no peito. Então, saltou.

Shadow ergueu o braço para proteger o pescoço, e a criatura cravou os dentes em sua carne, logo abaixo do cotovelo. A dor era lancinante. Ele sabia que precisava reagir, mas estava caindo de joelhos, incapaz de pensar com clareza, incapaz de se concentrar em nada além do medo de que a criatura fosse se alimentar dele, medo que estivesse esmagando o osso do seu antebraço.

Em algum nível profundo, suspeitou que o medo fosse criado pelo cachorro:

que ele próprio, Shadow, não sentia um medo incapacitante como aquele. Não de verdade. Mas não importava. Quando a criatura soltou o braço, ele chorava, e seu corpo todo tremia.

— Entre ali, Shadow. Passe pelo vão da parede — ordenou Ollie. — Vamos, rápido. Ou farei com que ele mastigue seu rosto.

O braço de Shadow sangrava, mas ele se levantou e entrou pelo buraco sem discutir. Se ficasse lá fora, com a fera, logo estaria morto, e seria uma morte horrível. Tinha tanta certeza disso quanto do nascer do sol no dia seguinte.

— Bem, é verdade — disse a voz de Cassie na sua cabeça. — O sol vai nascer. Mas, se não der um jeito nessa merda, você jamais vai vê-lo nascer de novo.

Mal havia espaço para ele e o corpo de Cassie no buraco atrás da parede. Tinha visto a expressão de dor e fúria no rosto dela, como o rosto do gato na caixa de vidro, e então compreendeu que a mulher também fora enterrada viva.

Oliver apanhou uma pedra do chão e a colocou na parede, no buraco.

— Minha teoria — disse ele, posicionando outra pedra — diz que este é um lobo pré-histórico. Mas é maior do que o *Canis dirus* jamais foi. Talvez seja o monstro dos nossos sonhos, quando nos encolhíamos em cavernas. Talvez fosse apenas um lobo, mas éramos menores, pequenos hominídeos que jamais conseguiriam correr rápido o bastante para fugir.

Shadow se apoiou na parede de pedra às suas costas. Apertou o braço esquerdo com a mão direita para tentar conter o sangramento.

— Aqui é Wod’s Hill — disse Shadow. — E aquele é o cachorro de Wod. No seu lugar, eu não duvidaria dele.

— Não importa.

Mais pedras foram colocadas sobre outras pedras.

— Ollie, a fera vai matar você. Já está dentro de você. Isso não é bom.

— O velho Shuck não vai me machucar. O velho Shuck me ama. Cassie está na parede — disse Oliver, deixando uma pedra cair sobre as demais. — Agora, você está na parede com ela. Ninguém está esperando por você. Ninguém vai procurar você. Ninguém vai chorar por você. Ninguém vai sentir sua falta.

Shadow sabia que havia ali, naquele pequeno buraco, três entidades, não duas, embora jamais pudesse explicar como tinha consciência daquilo. Havia Cassie Burglass, em corpo (decomposto, ressecado e ainda fedendo a podridão) e

em alma, e havia também algo mais, algo que se enroscava em suas pernas e batia o traseiro contra sua mão machucada. Uma voz lhe falou, vinda de algum lugar próximo. Ele conhecia a voz, embora o sotaque fosse estranho.

Era a voz que um gato teria, se o gato fosse uma mulher: expressiva, sombria, musical. A voz disse: *Você não deveria estar aqui, Shadow. Precisa parar, e precisa agir. Está permitindo que o resto do mundo tome as decisões em seu nome.*

Shadow disse em voz alta:

— Não está sendo muito justa, Bast.

— Por favor, fique quieto — disse Oliver, com doçura. — Estou falando sério.

As pedras na parede eram substituídas com rapidez e eficiência. Já chegavam à altura do peito de Shadow.

Mrriau. Não, é? Docinho, você não faz ideia. Não faz ideia de quem é, do que é e nem do que isso significa. Se ele emparedar você aqui para que morra nessa colina, seu templo vai durar para sempre… E, seja qual for a mistura de crenças dos habitantes locais, vai agir em favor deles e produzirá magia. No entanto, o sol continuará se pondo, e os céus vão ficar cinzentos. Tudo ficará de luto, sem saber o motivo desse luto. O mundo vai ficar pior: para as pessoas, para os gatos, para os lembrados, para os esquecidos. Você morreu e voltou. Você é importante, Shadow, e não pode encontrar sua morte aqui, um triste sacrifício escondido na encosta de uma colina.

— E o que sugere que eu faça? — sussurrou ele.

Lute. A Fera é um produto da mente. O poder dela vem de você, Shadow. Você está perto, e ela se tornou mais real. Real o bastante para possuir Oliver. Real o bastante para feri-lo.

— A mim?

— Acha que fantasmas podem falar com qualquer um? — indagou a voz de Cassie Burglass na escuridão, com urgência. — Somos mariposas. E você é a chama.

— O que devo fazer? — perguntou Shadow. — O monstro feriu meu braço. Quase rasgou minha garganta.

Ora, meu doce. É apenas uma criatura das sombras. Um cachorro da noite. Não passa de um chacal anabolizado.

— É real — disse Shadow enquanto as últimas pedras eram colocadas no lugar.

— Você tem mesmo medo do cachorro do seu pai? — disse uma voz de mulher.

Shadow não sabia se era a voz de uma deusa ou de um fantasma.

Mas sabia a resposta. Sim. Sim, ele tinha medo.

O braço esquerdo era apenas dor, inutilizado, e a mão direita estava grudenta e suja de sangue. Estava enterrado vivo num buraco entre a parede e a pedra. Mas, por enquanto, estava vivo.

— Dê um jeito nessa merda — reclamou Cassie. — Fiz tudo o que podia. Agora, é a sua vez.

Ele se apoiou nas pedras atrás da parede e ergueu os pés. Então, deu impulso com os dois pés calçados nas botas, com toda a força. Caminhara tantos quilômetros nos meses mais recentes. Era um homem grande, e mais forte que a maioria. Colocou toda a energia que tinha naquele coice.

A parede explodiu.

A Fera foi para cima dele, o cão negro do desespero, mas, dessa vez, Shadow estava preparado. Dessa vez, era ele o agressor. Agarrou a criatura.

Não serei o cachorro do meu pai.

Com a mão direita, manteve fechada a mandíbula do animal. Encarou seus olhos verdes. Não acreditava nem um pouco que a fera fosse um cachorro.

É dia, disse Shadow ao cão, usando a consciência, não a boca. *Fuja. Seja o que for, fuja. Volte à sua gaiola, volte ao seu túmulo, pequeno cão fantasma. Tudo o que pode fazer é nos deprimir, encher o mundo com sombras e ilusões. A época em que você corria com a matilha selvagem ou caçava humanos amedrontados já acabou. Não sei se é ou não o cachorro do meu pai. Mas sabe de uma coisa? Não me importo.*

Com isso, Shadow respirou fundo e soltou o focinho do cão.

O cachorro não atacou. Fez um ruído, um ganido abafado e perplexo vindo do fundo da garganta que era quase um choro.

— Vá para casa — disse Shadow, em voz alta.

O cão hesitou. Shadow pensou por um instante que tivesse vencido, que estivesse em segurança, que o cão simplesmente iria embora. No entanto, a criatura abaixou a cabeça, eriçou os pelos do pescoço e arreganhou os dentes.

Shadow entendeu que ela não sairia dali até que ele estivesse morto.

O corredor na encosta da montanha estava se enchendo de luz: o sol nascente o inundou com raios. Shadow se perguntou se as pessoas que o tinham construído, havia tantos anos, teriam alinhado o templo ao nascer do sol. Deu um passo para o lado, tropeçou em algo e caiu no chão, desajeitado.

Oliver jazia na grama ao lado de Shadow, desmaiado. Tinha tropeçado na perna de Oliver. Seus olhos estavam fechados; um rugido parecia vir do fundo de sua garganta, e Shadow ouviu o mesmo barulho, amplificado e triunfante, vindo da besta negra que preenchia a boca do templo.

Shadow estava caído e ferido, e sabia que era um homem morto.

Algo macio tocou seu rosto, graciosamente.

Outra coisa tocou sua mão, de leve. Ele olhou para o lado, e compreendeu. Compreendeu por que Bast estivera com ele naquele lugar, e compreendeu quem a tinha trazido.

Eles tinham sido moídos e espalhados naqueles campos havia mais de cem anos, roubados da terra ao redor do templo de Bast e Beni Hasan. Toneladas e toneladas deles, milhares de gatos mumificados, cada um deles uma pequena representação da divindade, cada gato um ato de adoração preservado para uma eternidade.

Estavam ali, naquele espaço, ao lado dele: marrons, cor de areia e cinzentos, gatos com manchas de leopardo e gatos com listras de tigre, selvagens, ágeis e ancestrais. Não eram os gatos locais que Bast enviara para cuidar dele no dia anterior. Eram os antecessores daqueles gatos, dos nossos gatos modernos, vindos do Egito, do delta do Nilo, milhares de anos atrás, levados até ali para fazer as coisas crescerem.

Ronronavam e grunhiam, mas não miavam.

O cão negro rosnou mais alto, mas não fazia menção de atacar. Shadow se forçou a se sentar.

— Pensei ter mandado você para casa, Shuck — disse ele.

O cachorro não se moveu. Shadow abriu a mão direita e gesticulou. Era um gesto de impaciência, de quem despacha. *Acabe logo com isso*.

Os gatos saltaram com facilidade, como se numa coreografia. Caíram sobre a fera, cada um deles feito uma mola tencionada de garras e unhas, tão afiadas quanto tinham sido em vida. Garras finas como alfinetes se cravaram nas laterais

da imensa besta, atacando seus olhos. A fera respondeu com mordidas bruscas, furiosas, empurrando-se contra a parede, derrubando mais pedras na tentativa de afastá-los, sem sucesso. Dentes furiosos se afundavam em orelhas, focinho, rabo e patas.

A fera ganiu e rugiu, então emitiu um som que, para Shadow, seria um grito se viesse de uma garganta humana.

Shadow nunca soube ao certo o que ocorreu em seguida. Observou o cão negro aproximar o focinho da boca de Oliver e fazer força. Poderia jurar que a criatura *entrou* em Oliver, como um urso entrando num rio.

Oliver se debateu com violência na areia.

O grito perdeu força, e a fera sumiu, e a luz do sol encheu o espaço na colina.

Shadow sentiu o corpo tremendo. Tinha a sensação de ter despertado de um sonho; as emoções o inundavam, como a luz do sol: medo, repulsa, pesar e mágoa, uma mágoa profunda.

Havia também raiva. Oliver tentara matá-lo, sabia disso, e Shadow estava pensando com clareza pela primeira vez em dias.

Uma voz masculina gritou:

— Espere aí! Estão todos bem?

Um latido alto, e um vira-lata se aproximou correndo, cheirou Shadow, com as costas voltadas para a parede, cheirou Oliver Bierce, inconsciente no chão, e os restos de Cassie Burglass.

O vulto de um homem encheu a abertura para o mundo exterior, uma silhueta recortada em papel cinza contra o sol nascente.

— Needles! Quieto! — disse ele.

O cachorro voltou para o lado do homem.

— Ouvi gritos. Bem, não posso jurar que eram os gritos de uma pessoa. Mas ouvi. Foram vocês? — perguntou o homem.

E então ele viu o corpo, e parou.

— Cacete, mas que porra é essa?

— O nome dela era Cassie Burglass — disse Shadow.

— A ex-namorada de Moira? — perguntou o homem.

Shadow o conhecia como proprietário do pub, não lembrava se um dia soubera do nome dele.

— Nossa Senhora! Pensei que estivesse em Londres.

Shadow se sentiu mal.

O dono do pub se ajoelhou ao lado de Oliver.

— O coração continua batendo. O que aconteceu com ele?

— Não sei ao certo. Gritou quando viu o corpo… Você deve tê-lo ouvido. Então ele desabou no chão. E seu cachorro chegou.

O homem olhou para Shadow, preocupado.

— E você? Olha só o seu estado! O que houve, homem?

— Oliver me pediu para subir aqui com ele. Disse que precisava tirar um peso enorme do peito. — Shadow olhou para a parede em cada lado do corredor. Havia outras partes que pareciam ter sido reconstruídas. Ele imaginava o que encontrariam atrás delas se alguma fosse aberta. — Oliver me pediu ajuda para abrir uma parede. Ajudei. Ele me derrubou ao cair. Me pegou de surpresa.

— Chegou a dizer por que fez isso?

— Ciúmes. Apenas ciúmes de Moira e Cassie, mesmo depois de Moira ter deixado Cassie para ficar com ele.

O homem expirou, balançou a cabeça.

— Maldição! — exclamou. — A última pessoa de quem eu esperaria algo assim. Needles! Quieto! — Sacou um celular do bolso, ligou para a polícia. Então pediu licença. — Tenho um monte de animais caçados dos quais preciso me livrar antes que a polícia chegue — explicou.

Shadow se levantou e inspecionou os braços atentamente. A blusa e o casaco estavam rasgados no braço esquerdo, como se tivessem sido dilacerados por imensos dentes, mas a pele estava intacta. Não havia sangue nas roupas ou nas mãos.

Indagou-se qual teria sido a aparência do próprio cadáver, se o cão negro o tivesse matado.

O fantasma de Cassie estava bem ali ao seu lado, olhando para o próprio corpo, meio caído pelo buraco na parede. As unhas e as pontas dos dedos do cadáver tinham ferimentos, observou Shadow, como se tivesse tentado deslocar aquelas pedras durante todo o tempo que levou até morrer.

— Veja só — disse ela, olhando para si. — Pobrezinha. Como um gato numa caixa de vidro. — Então voltou-se para Shadow. — Eu não estava interessada em você. Nem um pouco. Não me arrependo. Só precisava chamar sua atenção.

— Eu sei. Apenas gostaria de tê-la conhecido quando estava viva.

Poderíamos ter sido amigos.

— Aposto que sim. Foi difícil lá dentro. É bom deixar tudo para trás. E sinto muito, sr. Americano. Tente não me odiar.

Os olhos de Shadow estavam se enchendo d'água. Limpou-os na camisa. Quando os abriu de novo, estava sozinho na passagem subterrânea.

— Não a odeio — disse ele.

Sentiu uma mão apertando a sua. Saiu, rumo à luz do sol da manhã, respirou fundo e se arrepiou, ouvindo sirenes distantes.

Dois homens chegaram e levaram Oliver em uma maca, descendo a colina até a estrada, de onde uma ambulância o levou, com a sirene ligada para alertar eventuais ovelhas na pista que seria melhor voltarem para o limiar da grama.

Uma policial chegou enquanto a ambulância desaparecia na distância, acompanhada por um oficial mais jovem. Conheciam o proprietário do pub, e Shadow não ficou surpreso ao descobrir que também era um Scathelocke, e ambos ficaram impressionados com os restos de Cassie, a ponto de o jovem oficial deixar a passagem e ir vomitar nas samambaias.

Se algum deles tivesse pensado em inspecionar os outros buracos tapados com pedras na passagem, buscando provas de crimes cometidos séculos antes, conseguiram abafar a ideia, e Shadow não faria essa sugestão.

Deu a eles um breve depoimento, e então os acompanhou até a delegacia local, onde prestou um depoimento mais detalhado a um oficial sério e barbado. O homem parecia preocupado principalmente com a disponibilidade de uma caneca de café instantâneo para Shadow, para que ele, como turista americano, não ficasse com uma impressão ruim do interior da Inglaterra.

— As coisas não costumam ser assim por aqui. É tudo muito calmo. Lugar adorável. Não quero que pense que somos todos assim.

Shadow o assegurou de que não pensava nada daquilo.

VI

A charada

MOIRA ESTAVA ESPERANDO por ele quando saiu da delegacia. Ao seu lado havia uma mulher de pouco mais de sessenta anos, que parecia estar à vontade, confortadora, o tipo de pessoa que queremos conosco em um momento de crise.

— Shadow, esta é Doreen. Minha irmã.

Doreen apertou a mão dele, explicando que sentia muito por não ter podido vir antes na semana passada, mas estava de mudança.

— Doreen é juíza do tribunal regional — explicou Moira.

Shadow tinha dificuldade em imaginar aquela mulher como juíza.

— Estão esperando até que Ollie acorde — falou Moira. — Então vão acusá-lo de assassinato.

Ela disse isso de maneira pensativa, mas da mesma maneira que perguntaria a Shadow onde ele acha que ela deveria plantar as bocas-de-lobo.

— E o que pretende fazer?

Ela coçou o nariz antes de responder:

— Estou chocada. Não sei mais o que estou fazendo. Penso nos anos mais recentes. Pobre Cassie, pobrezinha. Ela jamais imaginou que houvesse alguma maldade nele.

— Nunca gostei dele — disse Doreen, fungando. — Muito cheio dos fatos para o meu gosto, e não sabia a hora de ficar quieto. Sempre falando e falando. Como se tentasse acobertar algo.

— Sua mochila e as roupas limpas estão no carro de Doreen — informou Moira. — Pensei em lhe oferecer uma carona, se precisar. Ou, se preferir continuar sem rumo, pode caminhar.

— Obrigado — disse Shadow.

Sabia que jamais seria bem-vindo na casinha dela, não mais.

Moira disse com urgência, com raiva, como se fosse tudo o que queria saber:

— Você disse que viu Cassie. Você *disse*, ontem. Foi isso que fez Ollie perder o juízo de vez. Me magoou tanto. Por que disse que a viu, se ela está morta? Era *impossível* que a tivesse visto.

Shadow estava se indagando sobre isso enquanto prestava depoimento à polícia.

— Não sei explicar — disse. — Não acredito em fantasmas. Talvez fosse um habitante local pregando alguma peça em um estrangeiro.

Moira o encarou com ferozes olhos castanhos, como se tentasse acreditar

nele, mas não conseguisse dar o último salto da fé. A irmã segurou sua mão.

— “Há mais entre o céu e a terra, Horácio.” Acho melhor ficarmos nisso.

Moira olhou para Shadow, incrédula, furiosa, por bastante tempo, até que, por fim, respirou fundo e disse:

— Sim. Sim, acho melhor.

Ficaram em silêncio no carro. Shadow queria se desculpar com Moira, dizer algo que melhorasse um pouco as coisas.

Passaram pela árvore da gaiola.

— *Dez línguas numa só cabeça a esperar* — recitou Doreen, numa voz um pouco mais alta e formal que o tom usado até então. — *O pão uma delas foi buscar, para os vivos e os mortos alimentar*. São versos de uma antiga charada escrita sobre essa esquina, e aquela árvore.

— O que significam?

— Uma corruíra fez seu ninho dentro do crânio de um cadáver engaiolado, entrando e saindo pela boca dele para alimentar os filhotes. Em meio à morte, a vida continua.

Shadow pensou um pouco no assunto, então disse a ela que, provavelmente, continuava.

Outubro de 2014
Flórida/Nova York/Paris

Créditos

“Introdução”, copyright © 2014 by Neil Gaiman.

“Fazendo uma cadeira”, copyright © 2011 by Neil Gaiman. Lançado originalmente sob o título “Making a Chair”, no CD *An Evening with Neil Gaiman and Amanda Palmer*. Biting Dog Press limited edition, Broadsheets, 2011.

“Um labirinto lunar”, copyright © 2013 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “A Lunar Labyrinth”, na coletânea *Shadows of the New Sun: Stories in Honor of Gene Wolfe*.

“Detalhes de Cassandra”, copyright © 2010 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “The Thing About Cassandra”, na coletânea *Songs of Love and Death*.

“Às profundezas de um mar sem sol”, copyright © 2013 by Neil Gaiman. Publicado originalmente on-line no jornal *The Guardian* sob o título “Down to a Sunless Sea”.

“A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras”, copyright © 2010 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “The Truth Is a Cave in the Black Mountains”, na coletânea *Stories*.

Nota do editor: No conto “A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras” o tradutor optou por manter o termo *border reaver* em inglês, por não haver palavra correspondente na língua portuguesa. *Border Reaver* era o nome dado aos salteadores da fronteira entre Escócia e Inglaterra nos séculos XIII a XVII. Esses ladrões agiam na região entre os dois países sem se importar com a nacionalidade de suas vítimas.

“Minha última senhoria”, copyright © 2010 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “My Last Landlady”, na coletânea *Off the Coastal Path: Dark Poems of the Seaside*.

“História de aventura”, copyright © 2012 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “Adventury Story”, na coletânea *McSweeney’s Edição #40*.

“Laranja” copyright, © 2008 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “Orange”, na coletânea *The Starry Rift*.

“Um calendário de contos”, copyright © 2013 by Neil Gaiman. Publicado originalmente on-line sob o título *A Calendar of Tales*.

“Caso de morte e mel”, copyright © 2011 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “The Case of Death and Honey”, na coletânea *A Study in Sherlock: Stories Inspired by the Holmes Canon*.

“O homem que esqueceu Ray Bradbury”, copyright © 2012 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “The Man Who Forgot Ray Bradbury”, na coletânea *Shadow Show: All-New Stories in Celebration of Ray Bradbury*.

“Jerusalém”, copyright © 2007 by Neil Gaiman. Transmitido pela primeira vez pela BBC Radio 4. Publicado originalmente sob o título “Jerusalem”, na coletânea *A Little Gold Book of Ghastly Stuff*.

“Xique-xique Chocalhos”, copyright © 2013 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “Click-Clack the Rattlebag”, na coletânea *Impossible Monsters*.

“Invocação da indiferença”, copyright © 2009 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “An Invocation of Incuriosity”, na coletânea *Songs of the Dying Earth*.

“‘E vou chorar, como Alexandre’”, copyright © 2011 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título “‘And Weep, Like Alexander’”, na coletânea *Fables from the Fountain*.

“Hora nenhuma”, copyright © 2013 by Neil Gaiman e BBC Worldwide Limited. Publicado originalmente na coletânea *Doctor Who: 11 Doctors, 11 Stories*, por Puffin. BBC, DOCTOR WHO (marca registrada,

logomarca e produtos derivados), TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (marca registrada, logomarca e produtos derivados) são marcas registradas da British Broadcasting Corporation e seu uso foi autorizado. Logomarca da BBC © BBC, 1996. Logomarca do *Doctor Who* © BBC, 2012. Autorizado por BBC Worldwide. Todos os direitos reservados.

"Diamantes e pérolas: um conto de fadas", copyright © 2009 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título "Diamonds and Pearls", na coletânea *Who Killed Amanda Palmer: A Collection of Photographic Evidence*.

"A volta do magro Duque branco", copyright © 2004 e 2014 by Neil Gaiman. Uma parte da história foi publicada originalmente em *V Magazine* sob o título "The Return of the Thin White Duke".

"Terminações femininas", copyright © 2007 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título "Feminine Endings", na coletânea *Four Letter Word: New Love Letters*.

"Respeitando as formalidades", copyright © 2009 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título "Observing the Formalities", na coletânea *Troll's Eye View: A Book of Villainous Tales*.

"A Bela e a Adormecida", copyright © 2013 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título "The Sleeper and the Spindle", na coletânea *Rags and Bones: New Twists on Timeless Tales*.

"Obra de bruxa", copyright © 2012 by Neil Gaiman. Publicado originalmente sob o título "Witch Work", na coletânea *Under My Hat: Tales from the Cauldron.*

"Em *Relig Odhráin*", copyright © 2011 by Neil Gaiman. Publicado originalmente como edição limitada.

"Cão negro", copyright © 2015 by Neil Gaiman. Original para esta coletânea.

Sobre o autor



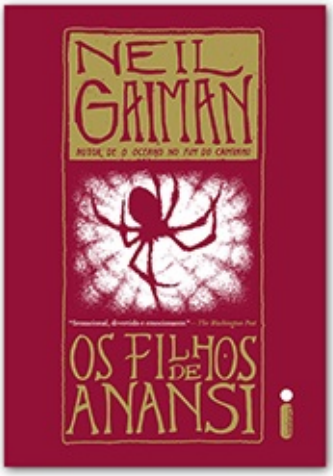
© Kimberly Butler/ One Love Productions

NEIL GAIMAN é considerado um dos dez maiores escritores pós-modernos vivos. Tem mais de vinte livros publicados e já foi agraciado com inúmeros prêmios, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Iniciou a carreira literária com a aclamada série de quadrinhos *Sandman* e, depois, seguiu para a ficção, publicando obras memoráveis como Deuses americanos. Nasceu em Hampshire, Inglaterra, e hoje mora nos Estados Unidos. Pela Intrínseca, publicou também *O oceano no fim do caminho, Faça boa arte, A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras, João & Maria, Os filhos de Anansi* e *Lugar Nenhum*.

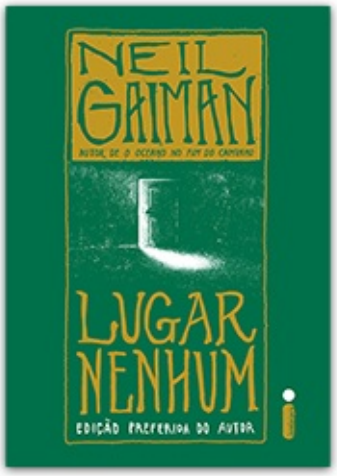
Conheça outros títulos do autor



O oceano no fim do caminho



Os filhos de Anansi



Lugar Nenhum



Faça boa arte



A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

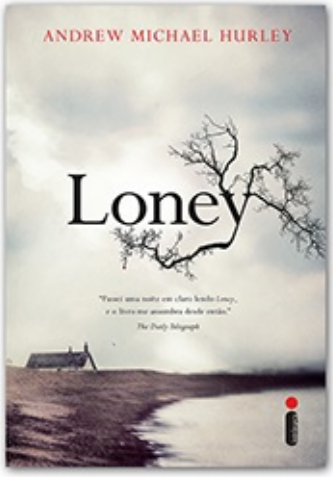


João e Maria

Leia também



Caixa de pássaros
Josh Malerman



Loney
Andrew Michael Hurley